This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 859,058

30307
Enc. 30.
3 vols.

OBRAS

DO

DR. LUIZ DE CASTRO

COM UM PREFACIO

POR

LUIZ DE CASTRO, FILHO

TOMO I

NARRATIVAS

LISBOA

TYP. DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

RUA DA ROSA, 309

1889

152

OBRAS

DO

DR. LUIZ DE CASTRO

COM UM PREFACIO

DE

LUIZ DE CASTRO, FILHO

TOMO I

NARRATIVAS

LISBOA

TYP. DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

309, Rua da Rosa, 309

1889

563

574245 176

PREFACIO

Publicando as obras de meu pae tive apenas por fim prestar homenagem filial. Pensei que o livro era a melhor forma de perpetuar o nome d'aquelle que foi o meu melhor guia na estrada da vida e que sob a sua apparencia de philosopho indifferente escondia um coração de ouro. Não deve pois o critico julgar com severidade, producções, cuja maior parte foi escripta para o jornal e que no pensamento do escriptor nunca fôra destinada para a forma severa e cuidadosa do livro.

A presente publicação não está completa.

Julguei inutil transcrever todos os artigos que meu pae escreveu, mesmo porque seria tarefa difficil. Todavia, o que vae publicado é sufficiente para provar quão erronea é a opinião d'aquelles que pensão que o redactor-chefe do *Jornal do Commercio* não foi um grande trabalhador.

Aproveito a occasião para agradecer do fundo d'alma todos os testemunhos de sympathia que os meus collegas da imprensa e os amigos prestárão á memoria de meu querido pae. Foi um lenitivo ao golpe profundo que me feriu tão inesperadamente.

Luiz de Castro.

A FILHA DE AFFONSO III

OU

A CONQUISTA DO ALGARVE

ROMANCE

I

A BRUXA

Cahia em torrentes a chuva. Através das negras e pesadas nuvens, que pejavão os ares, não alcançava a vista o scintillar d'uma unica estrella; escura ia a noite, escura como breu. Bramia o vendaval, açoutando as ramas das arvores, uivava pelos pinheiros, assobiava pelas gargantas da montanha. Dos cimos da serra de Monchique se despenhão as aguas, correndo impetuosas pelas quebradas, e bramindo, ao precipitarem-se de rochedo em rochedo, fórmão com o soprar dos ventos uma harmonia selvagem, medonha.

Por um desfiladeiro da serrania cavalgão dois vultos. O caminho é ingreme e escorregadio, e os ca-

[1] Revista Popular (1859-1860).

vallos avanção a custo, patinhando na agua, com contínuo e monotono plache, plache, e marchando mais pelo tino, do que pelo que enxérgão. Ronca o trovão, e os relampagos, que fuzilão amiudados, só deixão vêr arvores enormes d'um e d'outro lado dos dois cavalleiros, acima das quaes se erguem aqui e alli colossaes massas de rocha, que ameação desprender-se das suas bases, e rolar para o abysmo, esmagando quanto se lhes offerecer deante.

Ao clarão mais vivo d'um d'esses relampagos alguma cousa se descortina dos dois nocturnos viajantes. Ambos vão envoltos em amplos capotes negros, e as cabeças lhes resguardão turbantes. Um é alto e robusto, o outro, que pela estatura não representa mais de dezeseis annos, cavalga um pouco mais atraz, mas tão perto e tão chegado, que a cabeça do cavallo roça pela coxa do cavalleiro da frente. Era evidentemente um pagem, que acompanhava o seu senhor.

— Pavorosa vae a noite, disse dos dois o que ia mais atraz.

— Grande novidade me dás, Diogo, lhe tornou o outro.

— Ah! Sr. dom cavalleiro, bem sei o respeito que vos é devido, mas agora que ninguem nos vê, se quizesseis permittir que eu cavalgasse a vosso lado! Vou tão cego, que receio perder-vos no escuro!

— Queres que te leve pela mão, criança? Não vês que tão estreita é a vereda, que mal pode passar um homem?

— É que realmente, não me sinto bom.

— Diogo, terás tu medo?

— Sr. D. Garcia, eu sou d'uma raça que não tem medo... a mouros, nem a castelhanos. Mas esses sentem o ferro, a espada acha arnezes, por onde cortar, e carnes, que retalhar. Os espiritos porém...

— Os espiritos? E onde os vês?

— Onde os vejo? Por ahi, por essas arvores, por cima d'esses penhascos. Não um só, mas centos e centos.

— Ora, adeus, illusões do medo!

— Illusões! Oh! Vêde! Vêde!

Um trovão roncou com medonho estampido, estallando sobre as cabeças dos dois viandantes. O relampago illuminou vivamente todos os arredores, e um raio atravessou os ares de norte a sul, fugaz e brilhante como uma serpente de fogo. E cousa pasmosa, ao fulgor d'aquelle relampago, viu-se povoada toda a solidão. Por entre os gigantescos troncos seculares, por sobre as denegridas penhas, apparecêrão vultos extranhos, em trajos mais extranhos ainda. Cobrião toda a encosta, coroavão todas as eminencias. Estavão dispostos por diversos grupos, de trajares diversos, mas trajares d'outras eras.

Quasi todos tinhão as cabeças nuas, e despidos os braços e as pernas; uns cobrião de ferro a fronte e o peito, outros vestião apenas tunicas ou saias de tecido leve, a outros pendião-lhes das espáduas pelles de animaes bravios. Erão differentes povos que recordavão differentes tempos. Erão talvez os antigos senhores, ou successivos dominadores d'aquelle solo, d'aquellas montanhas. Erão os espiritos dos Celtas, dos Lusitanos, dos Romanos, dos Alanos, dos Suevos, que descançando a esquerda no escudo posto em terra, e apoiando a direita no conto da lança, contemplavão silenciosos, immoveis, aquelles dois descendentes seus, que tão atrevidos percorrião os impervios atalhos da serrania a horas em que o senhorio dos ermos volvia de juro a seus antigos donos.

O pagem segurou-se no arção da sella, para não cahir, e ou o clarão de enxofre cobriu de pallor falso o rosto do cavalleiro, ou elle enfiou, e o sangue lhe refluiu ao coração. Os cavallos estacárão, quiçá cegos pelo brilho da luz repentina, quiçá aterrados pela visão dos espectros.

O cavalleiro acreditava em apparições, acreditava na ingerencia dos espiritos nas cousas d'este mundo, e no poder do demonio, nem poderia deixar de fazel-o n'uma épocha em que ninguem era superior a taes crenças. Mas valente até á temeridade, como

erão tambem os guerreiros d'aquellas eras, endurecidos no contínuo batalhar de duas raças rivaes, reputava cobardia tremer até ante qualquer potencia sobre-natural, que não fôsse o Deus dos exercitos. Se pois no proprio momento não pôde de todo eximir-se d'um sentimento, que injustiça fôra chamar medo, em breve volveu a si e chamou :

— Diogo!

— Senhor, que quereis ?

— Avante! Segue-me!

— O cavallo recusa dar um passo mais.

— Pois fica ahi, que não careço eu de fracos, que me acompanhem.

Era mais o pagem do que o cavallo, (ainda que bem cançado ia este), que recusava seguir, mas apenas sentiu o cavalleiro pôr-se novamente em marcha, cravou logo as esporas na cavalgadura, e collocou-se o mais perto que pôde de seu amo. Comtudo nas veias corria-lhe sangue nobre, sangue de soldado, e aquella palavra fraco, quasi lhe fez esquecer os phantasmas.

— Sr. D. Garcia, não me tendes visto ir ás mãos com o inimigo?

— Tenho, e mais do que uma vez.

— E vistes-me já fugir deante de gente viva ?

— Não, antes te tens portado com esforço talvez superior a teus verdes annos.

— Porque então me chamaes fraco?

— Porque se outras vezes tens sido quasi um homem, hoje te mostras menos do que uma criança.

— Ah! Senhor, os mais destemidos recuão ante os espiritos infernaes. Que partido pode haver contra elles?

— Diogo, seja qual fôr o inimigo, ha sempre pelo menos o partido de morrer.

— Mas morrer ás mãos do diabo! Tambem não tendes medo d'elle?

— Não, emquanto Deus fôr o meu escudo.

— Deus! Isso ha de ser, se Deus quizer saber de nós. Ainda agora ia fazer o signal da cruz, e levando o dedo pollegar á testa, encontrei este maldicto turbante, e nem pude proferir a sagrada fórmula.

— Que importão vestes! Se as minhas são de mouro, o meu coração é de christão.

— Sim, o vosso coração é de christão, mas correis atraz d'uma moura.

— Pagem, esqueces quem és, e quem sou.

— Ah! Senhor, é que os espectros me transtornão as idéas. D'esta vez sempre os vistes, não?

— Nem eu sei! É tão incerta a luz do relampago a reflectir no branco musgo das oliveiras, nas negras cavidades dos carvalhos e na luzida rama dos pinheiros, que não ousarei affirmar se foi illusão ou realidade.

— Como podeis duvidar ainda? São almas do outro mundo, que andão penando por estas brenhas, e que talvez hoje mesmo nos contarão no seu numero.

Calárão os dois e fôrão seguindo sua peregrinação difficil e trabalhosa. Um passo dado em falso pelos ginetes podia arrastal-os ao abysmo, despenhal-os no precipicio. Com o ruido das aguas e sibillar dos ventos misturavão-se os uivos dos lobos e os roncos dos ursos. De repente, ao dobrar uma volta, veiu um clarão avermelhado ferir-lhes a vista. Quando o caminhante perdido por invias montanhas n'uma noite procellosa descobre uma luz, que lhe indica a proximidade d'uma pousada, ou pelo menos a vizinhança d'um ente humano, sua alma se alegra, e com as esperanças lhe renascem as fôrças: mas aquelle fulgor arroxeado tinha o que quer que era de sinistro, que apertava e confrangia o coração, longe de contental-o.

— Temos já perto a albergaria, Diogo, despe os receios.

— Ou tudo me engana, tornou o pagem, ou é alli o antro da bruxa de Monchique.

— E que importa? Dormiremos por isso menos ao abrigo do vento e da chuva?

— Não sei, mas parece-me que antes quizera caminhar toda a noite por esses montes, do que entrar alli, mormente a esta hora.

— Sempre serás criança ?

— Não tereis occasião de tornar a chamar-me fraco. O meu dever é seguir-vos, e seguir-vos-hei aonde quer que vades.

Partia o clarão, que os dois havião visto, dentre enormes rochedos, que entreabrindo-se na frente, deixavão uma fenda, e formavão a como entrada de pavorosa caverna. A essa entrada acorrentados de um e outro lado estavão dois canzarrões negros, d'esses que passavão então por serem de raça atravessada de lobo e de cadella, deixada para esse fim de noite no bosque amarrada a uma arvore. Á approximação dos cavallos soltárão os dois animaes furiosos latidos, e atravessando-se no meio da entrada da caverna, de todo lhe fechárão a passagem.

Uma voz roufenha, mas ao mesmo tempo assobiada e penetrante gritou de dentro: Moab! Talmud! e os brutos calárão-se repentinamente, mas nem por isso se arredárão do posto, nem franqueárão o ingresso.

— Quem anda por ahi? perguntou a mesma voz, apenas reinou o silencio.

— Dois caminhantes perdidos na serra, pedem agazalho, respondeu o cavalleiro.

— Aqui não é pousada de peregrinos, segui á vante.

— Bruxa, quem está aqui, é um cavalleiro, mais

affeito a entrar á fôrça, onde lhe não franqueião a entrada, do que a deixar-se despedir com palavras insolentes. Retira os teus cães, se queres que elles continuem a guardar-te o covil.

— E por que me chamas bruxa? Vens acaso consultar-me?

— Talvez.

— Então o caso é outro; podes entrar. Moab, Talmud, arreda!

E os animaes, como obedecendo a um poder irresistivel, desde logo se afastárão para os dois lados, e cosendo-se com a terra, e escondendo as cabeças entre as enormes patas, deixárão patente a garganta da caverna.[1]

Comprido e cheio de anfractuosidades era a especie de passadiço coberto, que dava entrada para aquelle tenebroso antro. O cavalleiro penetrou n'elle e uma chusma de aves nocturnas, que se occultavão nas cavidades da abobada, agitárão as azas, e levantárão ominoso ruido, soltando agudos guinchos. A gruta estava núa e despida de alfaias. N'um canto ardia um fogo assaz vivo, sobre o qual estava posta uma trempe de ferro, sustentando um caldeirão. Ao lado estava deitado um enorme gatarrão preto, cujos olhos redondos reluzião como carbunculos.

Sobre umas pelles de lobo meio sentado meio re-

costado se via um homem. Seu rosto era amarello, o nariz ligeiramente curvo, os cabellos negros e escorridos, os olhos brilhantes. A cabeça cobria-lh'a um barrete rodeado de pelles, e o corpo uma especie de samarra negra. Representava os seus cincoenta annos.

Perto da lareira, sentada n'uma tripeça, estava uma velha, curvada sobre um bordão, que parecia servir-lhe de apoio. Suas enrugadas faces erão de pergaminho, e as mãos, de pelle e musculos apenas, erão transparentes e diaphanas, os olhos extremamente pequenos, porém vivissimos. A barba e o alto da testa muito proeminentes, davão uma forma de lua em quarto crescente áquella cabeça, envôlta n'uma touca alvissima. Os vestidos erão tambem brancos de neve, contrastando com o sombrio do local.

— Ha onde recolher os meus cavallos? perguntou o cavalleiro.

— Zabedul, disse a velha para o vulto deitado, vae accommodar os cavallos.

O homem ergueu-se, sem proferir palavra, tomou do chão uma lanterna, accendeu-a e sahiu. Topando fora o pagem, disse-lhe: Vinde, e foi guiando adeante até uma especie de alpendre natural formado pela propria rocha. Foi-o seguindo o pagem, e fez entrar os cavallos n'aquelle recinto, que era vasto,

bem que a entrada fôsse estreita, e perfeitamente sêcco.

—Deixae ahi os cavallos, que encontrarão feno para comer, e vinde cear, disse o homem, a quem a velha chamára Zabedul.

—O meu posto é ao pé dos cavallos, nem os deixo sós, nem quero cear... ceia de bruxa, accrescentou o pagem baixinho.

—Como quizerdes, retorquiu o outro, e ia sahir.

—Olá, bom homem, deixae-me a luz, lhe gritou o pagem.

Zabedul depoz a lanterna no chão, e retirou-se. Com traves e paus, que por alli achou, tratou o pagem de tapar a entrada, para acautelar-se dos lobos e dos homens, e não sem ter examinado primeiramente todos os recantos, para assegurar-se de que não poderia ser surprehendido por alguma parte e de ter chegado para os cavallos todo o feno, que achou, deitou-se, e bem depressa veiu o somno fechar lhe as palpebras, e povoar-lhe a mente de alegres sonhos. Elle era tão joven ainda!

Entretanto ficára o cavalleiro a sós com a velha.

—Bruxa, tu que lês no passado, no presente e no futuro, como em um livro aberto, dize-me quem sou, para que eu tenha fé em ti.

—Senão tinhas fé em mim, que viestes aqui bus-

car? tornou a feiticeira com um tom, que não era de todo despido de dignidade.

— Pois bem, acertes ou erres, dize-me a minha sorte.

— A tua sorte? E que tem a sciencia que vêr com a tua sorte? Acaso deixará de seguir o trilho, que lhe está traçado, porque tu vives, ou porque tu morres? Gôtta perdida no oceano da humanidade, julgas tu que a tua sorte o fará encher ou vasar? O teu destino jaz no teu proprio seio. Imaginas tu que eu tenha consumido os annos da minha vida a folhear os livros dos magos, reseccado as minhas faces sobre os crysoes a fundir metaes e preparar philtros, e queimado os olhos a devassar os segredos das estrellas, só para poder responder-te, quando viesses perguntar-me pela tua sorte? Interroga-me sobre os destinos da tua patria, e talvez eu te responda.

— Bem podes ter razão, respondeu o cavalleiro um tanto turbado por tão insolita linguagem. Os destinos da patria, por quem todos os dias jogo a vida, me devem ser bem mais caros, do que os proprios: mostra-m'os e ser-te-hei grato.

— Vem, disse a velha, erguendo-se.

Erguendo-se, disse, porque ella principiou de mover-se, mas a estatura não cresceu: ella caminhava curvada sob o pêso dos annos, e arrimada ao bordão. Marchou direita a um canto mais escuro, que havia na caverna, e por elle se sumiu, acenando ao

cavalleiro, para que a seguisse. Assim o fez este e, penetrando afoito pela profundeza, por onde desapparecêra a feiticeira, foi caminhando pelas trevas a palpar as paredes, até que uma voz lhe gritou: Pára, e elle parou.

Por alguns instantes permaneceu immovel na mais intensa escuridão. De repente illuminou-se o recinto: era uma caverna quasi perfeitamente redonda, como o interior do zimborio d'um templo. No centro e dentro d'uma vasilha de ferro ardia uma agua milagrosa, cuja chamma azulada espargia pela gruta uma claridade baça, como a lampada dos sepulcros.

Junto d'aquella chamma estava a feiticeira de pé e erguida, como se repentinamente remoçára. Havia largado o bordão, n'uma mão segurava uma faca reluzente e na outra um gallo preto. Logo cortou a cabeça á ave, que não soltou um só pio, aparou-lhe o sangue n'uma taça, e quando este deixou de correr e cessárão as ultimas convulsões do animal, arrojou o cadaver á chamma. Não se sentiu o cheiro de pennas queimadas, nem de carnes calcinadas, mas um perfume como o do incenso ou da mirrha da Arabia. O gallo ia desapparecendo gradualmente como consumindo-se, e desfazendo-se em nuvens ligeiras, pardacentas e aromatisadas, que invadião todo o espaço. Assim que da ave se não vírão mais restos, tomou a feiticeira a taça, em que guardára o

sangue e derramou-o sobre a chamma, que chiou e expirou no mesmo instante.

Outra vez reinárão as trevas, mas breve tempo durárão. De novo se illuminou frouxamente a caverna, sem que se visse d'onde partia a luz. A gruta parecia haver-se aberto pelo fundo: por alli se avistavão dilatadas campinas, montes e valles, mas todas as formas erão vagas e indistinctas, como entrevistas através d'um sonho.

No meio d'aquelles campos extranho espectaculo se offereceu á vista. Enorme leão alli jazia deitado, e com uma pata não se sabia bem se protegia, se soffreava uma ave, que parecia recemnascida. Buscava esta com o bico solapar os alicerces d'uma mesquita, que perto se erguia, e tanto fez que lh'os descarnou de todo. Mas a pata do leão peava visivelmente os movimentos e a livre acção da ave, que comtudo ia crescendo e robustecendo-se, ao passo que minava os fundamentos do templo musulmano, como nutrindo-se da terra, que escavava. Crescendo-lhe com as fôrças os brios, tão rijo cravou a ave o bico na pata do leão, que este rugindo de dôr a retirou, deixando livre a prêsa, que segurava. Então arremeçando-se á mesquita, brevemente a fez a ave baquear, e foi pousar sobre os destroços, que em todas as direcções alastravão o campo.

A ave principiou a crescer, a crescer, e as suas

azas a alargarem-se, e a abarcarem cada vez mais espaço. E o campo ia tambem extendendo-se e vião-se já mares, ilhas, reinos. A ave tudo cobria com suas azas, e á sombra d'ellas sulcavão nautas o oceano, e assentavão-se reis sobre seus thronos.

Mas veiu o vento do deserto a soprar rijo e ardente, como o halito d'uma fornalha abrazada; e a ave curvou-se para deixar passar o vendaval, e o turbilhão de areia, que elle impellia adeante de si. Então o leão, que nunca da ave despregara os olhos, aproveitou o momento, e saltando-lhe no dorso, enterrou-lhe as garras, e filou-a segura. Debalde se debatia a victima e o seu sangue corria, mas a fera não largava a prêsa. Entretanto, vindo não se viu d'onde, ia crescendo ao lado um leopardo; com os olhos parecia animar a ave, e com uma pata alçada de unhas penetrantes ameaçar o leão, mas de longe. De repente cae uma torre sobre a cauda do leão, que voltando-se obrigado pela dôr, afrouxa um pouco na fôrça do amplexo, com que subjugava a ave. Agita-se esta violentamente, e com um esfôrço desesperado arroja de sobre si a fera.

Então respira mais livremente, sacode as pennas e tenta desferir o vôo. Mas o leopardo deixa-lhe cahir sobre uma aza a pata, com que ameaçava o leão, prende-a fortemente á terra, e começa de arrancar-lhe as guias. Logo como surgidos do chão

apparecem do lado opposto uma chusma de animaes, a depennar a outra aza. Entres elles vae avultando um enorme gallo, que crescido já e gigantesco busca com o bico e com as unhas arrastar comsigo a ave, como para devoral-a; mas do outro lado tira por ella não menos forte o leopardo, e rasgada, ensanguentada, respirando a custo, e quasi sem vida, inclina-se a misera já para a esquerda, já para a direita, prestes a ser prêsa do mais forte.

Entretanto encurtão-se os horisontes: do paiz immensuravel, que a nobre ave cobria com suas azas desmarcadas, já apenas se descortinão aqui e alli alguns pontos obscuros e mal distinctos disseminados pela vasta superficie. Um nevoeiro espesso vae cerrando-se cada vez mais até que tudo são trevas.

Pasmo e absorto assistira o cavalleiro áquella visão extranha, de que nem tudo lhe era dado comprehender. Com ella se lhe expandira o coração, e com ella se lhe apertára no peito. Tudo havia passado já, e tudo lhe era presente ainda. O que os olhos corporaes havião visto na ordem successiva do tempo, vião-no agora os olhos d'alma, como um espelho magico reune n'um ponto só os traços todos d'um immenso panoramma. Permanecia elle perdido em vago scismar, quando uma voz lhe bradou: Vem. Ergueu elle a vista; na mão uma lanterna, alli estava a feiticeira, envôlta toda em vestes alvis-

simas, como elle a vira, mas não já curvada sobre o seu bastão, porém já erguida e direita, era quasi majestoso o seu porte, bem que mediana a estatura. O rosto comtudo era ainda o mesmo, enrugado, amarello e resequido, as mãos tanto ou mais transparentes.

Através d'uma galeria comprida, baixa e tortuosa, a foi seguindo o cavalleiro, até que voltando uma esquina, quasi o cegou o brilho repentino de muitas luzes. Não era já uma caverna, mas um rico aposento de palacio de fadas. As paredes e o chão estavão alcatifados de soberbos tapetes com desenhos orientaes; cortinas de damasco parecião encobrir passagens secretas. Do tecto pendião numerosas lampadas, que reflectidas do luxo de espelhos dourados, inaudito e desconhecido n'aquella épocha, multiplicavão-se até ao infinito. Não parecia uma estancia, mas uma série de camaras encantadas, que para todos os lados se extendião em innumeravel multidão. Riquissimas erão as alfaias, cobertas de brocado e custosas sedas, mas, cousa singular, em parte nenhuma se via o menor pedaço de madeira, tudo era marfim, bronze, prata, e até ouro, e cousa mais singular ainda, não havia um só traste, que tivesse mais de tres pés, capricho ou designio que obrigára o artista a dar-lhes extranhas formas, para equilibral-os.

A feiticeira sentou-se. O cavalleiro contemplava aquellas nunca vistas maravilhas, sem saber onde estava. N'aquelles tempos de guerras e combates e de contínuo pelejar, nem nos paços dos reis se encontravão os luxuosos atavios da molleza. Pelo menos nos christãos; nos musulmanos era talvez outro o caso, mas por isso vião tambem os degenerados netos dos companheiros de Tarik e de Musa de dia para dia contrahirem-se-lhes as fronteiras. O luxo do guerreiro era o rijo da armadura e a fina têmpera da espada: n'aquella atmosphera embalsamada de volupia e delicias, respirava o cavalleiro mais opprimido, do que entre nuvens de poeira no tumultuar da batalha.

— D. Garcia de Sousa, disse a feiticeira com voz clara e quasi solemne, christão, que occultas a tua fé sob as vestes do sarraceno, para ir vindimar na vinha alheia, que pretendes de mim ainda?

— Desde logo t'o disse: saber a minha sorte, ou antes a d'este amor insoffrido, que me ferve aqui no peito, sem me deixar descanço nem repouso.

— A sorte d'um homem é por demais leve na balança dos destinos, para que eu d'ella me occupe. Mas, se te não respondo, vae responder-te o oraculo.

A feiticeira arrancou da cabeça um cabello branco e fino, tão fino que mal se percebia; d'uma extremidade lhe prendeu um annel lizo e sem pedra, que

tirou do dedo, e pela outra o pendurou n'um ferrinho delgado, que sahia da parede. Depois tomando um vaso meio de agua, o collocou de modo, que o annel pendente ficasse dentro d'elle, mas sem tocar na agua.

— Este annel vae responder-te ao que desejares saber, disse para D. Garcia a feiticeira. Batendo uma vez de encontro ao vaso, indicará elle a affirmativa, batendo duas, a negativa.

O cavalleiro approximou-se; a feiticeira pondo as mãos em cima da mesa e perto do vaso, principiou a fazer girar no dedo um annel, em que brilhava uma pedra desconhecida, de modo que esta ora apparecia, ora se escondia na parte anterior da mão. Parecia distrahida e inteiramente alheia ao que se passava.

— Ama-me a moura? perguntou o cavalleiro.

O annel principiou de oscillar brandamente ganhando no balanço cada vez maior impulso, até que de encontro á parede interna do vaso foi ferir um som claro, vibrante, argentino. Entre ancias mortaes esperava o cavalleiro segundo golpe, mas ao passo que o magico annel, afrouxando na oscillação voltava ao estado de quietação, se lhe alegrava a alma, e indizivel jubilo quasi lhe fez estalar no peito o coração. Já mais seguro, continuou interrogando:

— Lograrei vêl-a?

De novo se poz o annel em movimento, primeiro lento, mas cada vez mais forte, até que no vaso retiniu um som.

— Roubal-a? insistiu mais vivamente o cavalleiro.

O annel, que oscillava ainda, bateu na parede interna do vaso, mas repercutido, foi de encontro ao outro lado ferir segundo golpe, porém sêcco, dissonante, como quando com a ponta d'um ferro se arranha um vidro. Ao cavalleiro se enregelou o sangue, e um calafrio o percorreu todo.

— Jámais a possuirei pois? tornou tristemente o amante.

O annel fez ouvir um som.

— Mas como?

— Esqueces, atalhou a feiticeira, que o oraculo só pode responder-te sim ou não. Pergunta-lhe se ella será tua esposa.

— Será minha esposa? perguntou quasi timidamente o cavalleiro, e entre esperança e receio se lhe ficou batendo o coração.

O annel agitou-se, e logo um som harmonioso, angelico, um som, porém suave e dôce como o tanger da frauta ao longe em noite de verão, veiu penetrando pelos ouvidos encantados do cavalleiro, derramar-lhe na alma delicioso gôso de ineffavel contentamento.

— E quando?

—Basta, interrompeu a feiticeira. Se o destino nos revela ás vezes os termos finaes, reserva sempre para si a escolha do caminho, que a elle nos leva. Se queres vêr mais, olha.

E tomou de sobre a mesa o vaso, contra o qual batia o annel. Fitou por alguns momentos a agua, que elle continha, entregou-o ao cavalleiro, dizendo-lhe que olhasse para dentro, e n'um brazeiro, que ardia a um canto, foi derramar uns pós mysteriosos. Crespas nuvens azuladas principiárão a erguer-se da chamma, encaracolando-se em espiras, e espargindo pelo recinto um aroma inebriante.

O cavalleiro olhou para dentro do vaso, e viu o redemoinhar de batalhas e o rijo embate de esquadrões armados; depois o assaltar de castellos e cidades, o jogar dos vaivens, o alluir de torres, o baquear de muralhas; depois o fulgor do festim, o vulto austero d'um guerreiro, com uma cruz vermelha sobre o peito e um manto branco a arrastar-lhe quatro palmos, e a sua moura trajando galas; e depois um espectro a arrebatar-lh'a; e depois um deserto; e depois a figura majestosa d'um rei, e uma dama ajoelhando-lhe aos pés, e uma corôa de conde a cahir-lhe das mãos; e depois... e depois o ar, cada vez mais carregado de perfumes, o toldou de todo: elle volveu os olhos em roda, como buscando uma sahida, por onde salvar-se, mas nenhuma

vendo, deixou-se cahir sobre as almofadas, que brandamente estofadas, como que o estavão attrahindo a si, e bem depressa somno invencivel e profundo o enlaçou com braços de ferro.

Mal adormeceu o cavalleiro, entrou o homem da samarra negra.

— Ah, minha mãe, disse, com a presença d'um Nazareno vieste profanar estas estancias, onde os rabbinos celebrão os seus ajuntamentos, onde o povo de Deus vem adorar o seu Creador, segundo a santa lei de Moysés. Porque o não introduziste na synagoga?

— Zabedul, Zabedul, lembra-te que o Senhor disse: Honra teu pae e tua mãe, para que vivas longos dias sobre a terra. Porque vens tomar-me contas de meus actos? Não sabes tu que por mais que valhas entre teus irmãos; por mais que te acatem os levitas e os velhos do templo, serás sempre nas minhas mãos um globo de vidro, que me basta apertar, para quebral-o?

— Eu me curvo aos teus preceitos, porque és minha mãe e a inspirada do Senhor. Mas porque has de proteger tu sempre os christãos, que constantemente nos vexão?

— E porque trabalhas tu pelos filhos de Agar?

— Porque o seu jugo é mais suave; porque elles nos deixão em paz, contentes com que lhes paguemos os tributos, ou antes as suas extorsões. Não foi para

forrarem-se á oppressão intoleravel dos discipulos do crucificado, que outr'ora os filhos de Abrahão, de Isaac e de Jacob, aplanárão aos Ismaelitas o caminho das Hespanhas, e entregárão nas suas mãos cidades e castellos?

— Loucura, vaidade! exclamou a velha. Quem mostrou aos Agarenos os trilhos d'esses paizes foi o anjo do Senhor, do Deus de fortaleza, que marchou á sua frente com a espada flammejante. Mas não deu esta terra a esse povo para a habitar elle e os seus descendentes: e brevemente os rechaçará para os seus desertos da Africa. A lua mauritana já se vae sumindo dos horisontes, e não tarda que a voz do Muezzim se não ouça mais em terras de Hespanha. O Senhor assim o decretou, e luctar com Elle é impiedade, é demencia.

— Comtudo, minha mãe, já me permittiste vingar nos Nazarenos as affrontas do nosso povo.

— Christão ou mouro, nazareno ou musulmano, todas são raças maldictas, que o Senhor Deus exterminará um dia. D'elles podes vingar-te, mas não quando fôrem instrumentos dos designios do céo, que o mortal não deve contrariar.

— E aquelle, que alli dorme?

— Gosa da minha hospitalidade.

— E sabes tu, mãe, qual a moura após quem elle corre?

— De mim nada se esconde.

— Sabes, que me pertence?

— Sei, mas nem por isso deixará de ser d'elle.

— Minha mãe, minha mãe, tu assim o queres?

— Não, mas os destinos dos reis e de quanto a elles se prende, estão inscriptos no céo com caracteres indeleveis, e ai, de quem tentar apagal-os!

— E não irá elle revelar o que viu? Não voltará com mão armada a penetrar outra vez aqui, e d'aqui mais ávante por essas abobadas e galerias até á santa synagoga? Não saberão os ávidos idólatras da cruz, que nas serras de Monchique, no coração d'essa bronca penedia, ergueu o povo fiel um simulacro do templo de Syão, onde deposita os magros thesouros, que pode occultar á insaciavel cobiça de seus oppressores!

— Nada receies; quando elle despertar na caverna da entrada, tudo reputará um sonho.

— O Senhor fique comtigo, minha mãe.

— Vae na paz do Deus de Israel, meu filho.

Zabedul sahiu, não sem ter primeiro lançado um olhar de furor concentrado e odio sanguinario sobre o christão. O som das suas alpercatas, chapeadas de ferro, echoou cada vez mais frouxo pelas galerias de granito, até que se perdeu na distancia.

A feiticeira ergueu-se, cruzou os braços, e ficou immovel, contemplando o mancebo adormecido. Ja-

zia este sereno e placido, seu rosto de varonil beleza estava como illuminado pela alegria da alma, e os labios entreabertos parecião murmurar meigas falas de amor.

— Dorme, dorme tranquillo, coração valente. Teu nobre orgulho desfere alto os vôos, e comtudo ainda nem tu proprio lhe sabes medir a altura. Dorme, dorme sem receio, que por ti vela a bruxa, — a pérra, a judia, como vós a chamaes, accrescentou a velha com amargo sorriso.

II

A ENTREVISTA

Não longe de Tavira, para o lado do poente, extende-se um valle ameno e deleitavel, a que pozerão nome das Antas. Encerrão-no pelo sul escarpados montes. Quem d'estes vence a difficil encosta, avista para todos os lados pedregosa serrania, que por declivios mais ou menos ingremes, mas todos asperos e fogosos, vae mergulhar as plantas nas salitrosas ondas do oceano. Ha porém um sitio, em que a serra, retrahindo-se, deixa entre o mar e as fraldas um pequeno espaço de terra plana, mas de encantado aspecto. D'um e outro lado prolonga a montanha dois braços pelo mar dentro, deixando entre elles uma garganta, por onde, quebrada a furia na penedia exterior, pene-

gueiros e chorões, cujos ramos pendentes sobre as aguas, n'ellas mergúlhão ás vezes, balançando-se com a corrente. Mais ao longe se extende até pegar na montanha um bosque de loureiros e oliveiras, d'entre as quaes assobia o melro suas melancholicas melodias, entrecortadas de tempos a tempos pelo grito agudo, mas distante, da pêga.

Meia sentada, meia reclinada se encostou a moura, mais alta e senhoril, sobre um divan de musgo, n'essa indefinivel postura de voluptuosidade e abandono, que a mãe das graças tão bem sabia tomar. Seus olhos pretos, mas cujo ardor lhes mitigava não sei que maviosa expressão de vago scismar, fitavão-se nas aguas, que corríão. Grandes erão elles e rasgados, comtudo tão espessa e longa era a franja avelludada, que os orlava, que quando a dona os não abria de todo, e ella raras vezes o fazia, via-se a luz brilhar através d'aquelle véo como o sol entre nuvens. E cousa mais rara n'um rosto tão alvo, as arcadas sobrancelhas tocavão uma na outra, ligadas entre si por um terceiro arco, menos vasto, mas assaz pronunciado.

Fitava pois a moura as aguas, que passavão, entretendo-se a seguir com a vista as folhas, que ella, arrancando-as a uma rosa com mão descuidada, arremeçava á corrente.

— Senhora, mui distrahida estás hoje, disse a

outra moura, que se lhe sentara aos pés. Não queres que falemos hoje *n'elle?*

—Falar n'elle? Ah, Fatima, por demais já falamos n'esse christão orgulhoso, que de mim não cura. Não é essa a nossa occupação de todos os dias? Oh, é uma vergonha!

—E que melhor podemos fazer n'este ermo, onde nos pozerão? Mas não, quando n'essas justas tão luzidas, que se celebrárão em Tavira, por occasião de se fazerem treguas com esse mestre de Santiago, que Allah confunda, veiu elle receber de tuas mãos o premio da victoria, bem se via que não era ante a filha do poderoso Aben Afan, do rei [1] de Sylves, que elle se curvava tão baixo, mas ante a formosa Zuleika, formosa como não ha outra, e cujos olhos, vivos e penetrantes como os da gazella, elle não ousava fitar. Se o ousasse, veria, que uns labios, que semelhão á romã, quando de madura entreabre a casca, parecião murmurar palavras, sem formarem um sôpro, e que o escarlate d'umas faces vencia a rosa sultana, por quem o rouxinol se perdeu de amores.

—E para que recordar-me assim um infiel, inimigo de Deus e do seu propheta, inimigo da nossa patria e da nossa raça?

[1] Assim o chamão as nossas chronicas.

— E que temos nós mulheres com o propheta, que nem nos dá logar no seu paraiso? Olha, senhora, nos paços de Sylves havia um escravo christão, que chamavão Rodrigo. Esse me instruiu em muitas cousas da sua terra e da sua lei. Alli as mulheres não são escravas, mas rainhas, e até parece que lhes erguem mesquitas, e que quando morrem vão direitas para o paraiso dos christãos, que deve ser melhor que o nosso. Trazia elle uma imagem de mulher sempre comsigo, e beijava-a e ajoelhava ante ella, e chamava-a rainha do céo. Olha, se o teu bem amado é christão e tu te quizeres fazer christã, por mim não vejo n'isso grande mal: até poderiamos sahir d'aqui.

— Não, Fatima, não posso soffrer-te tão insensatas falas. Entre nós e os christãos ha guerra de morte. Não querem elles expulsar-nos das nossas terras, da nossa patria, d'este bello torrão de Portugal? E se o conseguissem, se tivessemos de trocar estes bosques, estes montes, estes valles pelas áridas costas da Africa, que seria de mim? Não teria de renunciar até á vaga esperança de tornar a vel-o?

— Bosques, montes e valles, dizes tu; se dissesses Sylves, seus paços e seus folgares! Mas ámal-o então muito?

Zuleika não respondeu; seus labios como que se movêrão, mas debalde lhes quererião apanhar um

som. Houve um momento de silencio, depois a virgem encostou a cabeça, volveu os olhos em tôrno, e apurou o ouvido, como em busca d'alguma cousa, que offerecendo-lhe á conversação novo assumpto, lhe permittisse illudir a pergunta. O acaso singularmente a favoreceu.

— Corre, Fatima, ouço como tropear de cavallos e ruido de vozes. Vae vêr o que é.

A escrava ergueu-se d'um pulo, e ligeira como uma corça, desappareceu entre a folhagem, correndo em direcção á casa.

Zuleika quiz mergulhar-se de novo nas suas meditações, e saborear as delicias todas da tristeza, prazer amargo dos infelizes; mas a idéa de quem seria a inesperada visita, a distrahia, máu grado seu. Erão tão raros os hospedes n'aquella solidão! E quando o pae vinha vêl-a, ou chegava por mar, ou, se havia tomado o caminho de terra, sempre alguem o precedia, e antes que elle apparecesse, retinia por todo o valle o estrepido da sua comitiva. Pouco tempo, porém, durou a indecisão: Fatima não tardou em voltar.

— Senhora, um mensageiro do rei teu pae, pede falar-te.

— O rei achará sempre em sua filha uma escrava fiel e submissa ás suas ordens. Quem vier em seu nome, será sempre bem vindo.

[illegible] Alli a
[illegible] até p
[illegible] quand
[illegible] christão
[illegible] Maria elle um
[illegible] beijava-a
[illegible] minha do cé
[illegible] christão e tu te qu
[illegible] fazer [illegible] por mim não vejo n'isso gran
[illegible] até poderiamos sahir d'aqui.

Não Fatima, não posso soffrer-te tão insens
[illegible] Entre nós e os christãos ha guerra
[illegible] Não querem elles expulsar-nos das noss
[illegible] da nossa patria, d'este bello torrão de P
[illegible] conseguissem, se tivessemos de troc
[illegible] estes montes, estes valles pelas á
[illegible] Não te
[illegible] a vel-
[illegible] Mas anna
[illegible] como que
[illegible] ansiar u

por um
nente, é
nto, aqui

a temo
odiosa,
oldado:
nda de
pprendi
itar fa-
buço e
sei di-
vez o
da lhe
iso, e
ancar
biças-
m lo-
sup-

rigo
vida
rio.

Al-
nu-
ão

— O mensageiro tem uma singular parecença, disse sorrindo maliciosamente a escrava, e desappareceu correndo.

Breves instantes se passão e eil-a outra vez de volta com um joven mouro de gentil presença. A donzella o encarou e — seus olhos se baixárão, suas faces se tornárão da côr da purpura. O recemchegado se lhe atira aos pés:

— Sultana, disse, perdoa a um triste que não podendo viver sem ti, desde que uma vez te viu, vem por um momento só gosar da vista do seu idolo, e depois morrer contente.

— Insensato, respondeu Zuleika, tu merecias... Mas, ergue-te, ergue-te, podem vêr-te, e com a cabeça pagarias o temerario arrôjo. Fatima, vigia, que ninguem o surprehenda. A minha clemencia... mas as faces se lhe tornárão ainda mais incendidas, e a lingua lhe ficou prêsa.

— Socega, que eu velarei por elle — por vós, accrescentou em meia voz a escrava, retirando-se para desviar os importunos, e foi dizendo comsigo: Era assim que me falava Rodrigo.

— Perdoas-me pois? balbuciou o joven.

— Christão, ergue-te, eu t'o ordeno.

Elle ergueu-se.

— Imprudente, crês tu que são aqui as justas de Tavira? Não sabes que se n'um festim, em que os

christãos erão nossos hospedes, podeste por um instante approximar-te de mim impunemente, é crime de morte penetrar aqui n'este recinto, aqui onde habita a filha do rei de Sylves?

— De morte, dizes tu princeza? E acaso a temo eu? Não a prefiro mil vezes a uma vida odiosa, vivida longe de ti? Olha, sou um rude soldado: creado no tumulto dos campos, sob a tenda de guerra, entre o tumultuar das hostes, não apprendi a tornear phrases de galenteio, nem a enfeitar falas namoradas. O que sinto digo-o, sem rebuço e sem rodeios. Amo-te muito, muito, nem eu sei dizer quanto. Este sentimento, pela primeira vez o experimento, mas conheço que a minha vida lhe pertence. Possuir-te, seria para mim o paraiso, e comtudo, vês tu? eu, que não receava arrancar d'onde quer que a visse, uma prêsa, que cubiçasse, eu tenho-te a ti, aqui ao meu alcance, e em logar de tomar-te, curvo-me ante ti, prostro-me, supplico, tanto o amor nos faz cobardes.

— Cobarde, dizes tu? Ou tu não sabes o perigo que corres, nem por quão debil fio tens a vida prêsa, ou nunca homem houve mais temerario. Como descobriste, porém, este retiro!

— Vive nas serras, que separão as terras do Algarve das de Portugal uma mulher, se é que mulher é ella. Chamão-n'a a bruxa de Monchique. Não

sei que pacto formou com os espiritos — se com os genios bons ou máus, ignoro-o, mas o que é certo é, que a sua sciencia é mais que humana. Cançado de soffrer, não podendo domar no peito este dominio, que era mais forte do que eu, e que sem cessar me atormentava, desde que eu voltara ao solar de meus paes, ajustadas aqui as treguas entre o mestre e os mouros, vinha eu com este disfarce, indigno talvez d'um cavalleiro christão, mas que a necessidade me obrigara a tomar, vinha eu introduzir-me em Sylves na esperança de vêr-te. Ao passar a serra entrei na caverna da feiticeira. Toda a noite se passou em visões extranhas, pesadelos inexplicaveis. Pela manhã, porém, ao despedir-me, tomou-me a velha pela mão, conduziu-me para um penedo, e apontando para o sul, descreveu com palavras tão claras este sitio, que eu o vi então tão distinctamente como agora o estou vendo. Ordenou-me que me apresentasse como um mensageiro, que Aben Afan enviava a sua filha, ensinou-me a senha *Al-Sirat* [1], com a qual todas as velas [2] me deixárão passar, e disse-me que aqui te encontraria.

[1] A ponte mais estreita do que o fio d'uma navalha de barba, pela qual os musulmanos teem de passar, para entrarem no paraiso.

[2] Vigias, sentinellas.

— E singular, murmurou pensativa a moura.

— Não achas? E tão extranhas maravilhas não deverão obrigar-me a dar fé a todas as maravilhas da maga?

— Decerto.

— Pois bem, continuou timidamente D. Garcia, ella disse-me tambem, que tu me amavas.

— Mentiu! protestou com energia a virgem, e depois accrescentou com voz sumida: Mentiu!

O cavalleiro dobrou novamente o joelho, tomou entre as suas uma mão da donzella, que lh'a abandonou tremendo, sem ousar encaral-o.

— Zuleika, porque me não amas?

— Porque?... Vae-te! Oh, vae-te!

— Assim me bannes já da tua presença, a mim que vim de tão longe só para vêr-te?

— É que se te descobrem, matão-te, e eu morreria, disse ella sem pensar.

— Morrerias? A minha vida te é pois cara?

— Eu não o disse.

— Oh, não te desdigas! Se tu soubesses quanto o teu amor me faz feliz! Se podesseis ler aqui como te amo, como consagrarei toda a minha vida, toda a minh'alma á tua ventura!

— E de que pode servir-te a ti, a ti, christão e cavalleiro, o amor da moura?

— A moura se fará christã e será a esposa do

christão e do cavalleiro. Zuleika, vem, deixa estes sitios, onde em breve não haverá segurança para ti, pois o mestre de Santiago se apercebe de novo para a peleja, e Affonso III jurou não deixar até Almeria um mouro áquem mar. Vem, deixa a falsa lei de Mafoma, viverás nobre dama, honrada e acatada em terras de Portugal. Filha de rei sarraceno, serás esposa d'um fidalgo portuguez.

— Nunca, oh, nunca.

— Que te detem? Preferes compartir com tres ou quatro rivaes o serralho d'um mouro, a ser a minha esposa unica e adorada!

— Não, não, nunca tal se verá. Mas queres que deixe meu pae, de quem sou o unico thesouro, que me preza mais do que a sua cidade de Sylves, do que todo o seu reino e castellos?

— Teu pae viverá. O mestre me preza, eu impetrarei d'elle a vida e a liberdade do rei.

— Orgulhoso christão! Sylves ainda não cahiu. Faro, Tavira, Paderne, Loulé, Albufeira, Estambor e cem praças, cem castellos são ainda por nós. Apenas Cacella é vossa, e já dispondes da conquista do Algarve?

— Não te disse que Affonso III quer extender as suas fronteiras até ao mar do sul? Vem, vem, deixa-me salvar-te, salvar-te para ti e para mim, que sem isso não quero a vida.

— E o podera eu, se o quizera? Não vês que meu pae me poz aqui, para ter-me mais segura ainda do que na sua forte cidade? Numerosas escuitas vélão de dia e de noite sobre todos os montes. Se o inimigo se approximar por terra d'este sitio, que aliás bem poucos conhecem, ahi estão na bahia duas galeras sempre apparelhadas e promptas para a fuga: se vier por mar, ninguem me impedirá de fugir para terra. E tu querias illudir tantos olhos, frustrar tantos cuidados?

— E por que não? Olha, commigo trouxe um pagem; toma os seus vestidos, facil é o disfarce; segue-me: os teus guardas vírão chegar dois, e dois deixarão passar. Quanto ao pagem, é elle agil, destro e vigoroso, e affeito aos trilhos das montanhas, em que foi creado. Por entre esses caminhos e urzes achará caminho, e virá reunir-se a nós.

Sentiu a virgem um calafrio percorrer-lhe o corpo. A fuga inverosimil, louca, era comtudo possivel. A tentação era por demais forte; a virgem ia talvez ceder-lhe, ia talvez pelo amante esquecer pae, patria, religião, só esperava talvez para annuir, ser mais instada, quando Fatima voltou apressada.

— Não sei que novas ha na montanha, disse a escrava; mas descêrão alguns guardas e Hassan para aqui se dirige.

O cavalleiro afastou-se um pouco, cruzou os bra-

ços, baixou os olhos, e deixou-se ficar immovel em respeitosa distancia. Era tempo: Hassan, o chefe dos guardas da princeza, chegava n'aquelle momento.

— Senhora, disse elle, no valle das Antas, além dos montes pelejão musulmanos com infieis. Não sei o motivo do combate, mas segundo as ordens, que tenho, é do meu dever pedir-te, que com tuas escravas te passes para as galeras, aguardar o resultado. Salvo, porém, accrescentou elle, olhando de revés o falso mouro, se o mensageiro de Aben Afan traz instrucções em contrario.

— As ordens que trago, replicou este, são recomendar-te a severa observancia das tuas. Vela sobre a princeza, que com a tua cabeça respondes pela sua segurança. Uma vez, porém, que pelejão christãos e sarracenos, o meu dever de soldado é tomar parte na contenda. Senhora, permitte... que... e depois...

Mais queria dizer o cavalleiro, mas receando comprometter Zuleika, e instigado ao mesmo tempo pelos brios e dever de soldado, que o chamavão longe d'alli, permanecia immovel.

— Vae: lhe disse, despedindo, a moura, a quem não escapárão as vistas desconfiadas de Hassan, e que tremia pelo amante.

D. Garcia saudou, e apressado se dirigiu para a

casa, junto á qual lhe havião ficado pagem e cavallos.

— Vae fazer o teu officio, que eu farei o meu, murmurou o chefe dos guardas, lançando-lhe ainda um olhar. Depois voltando-se para a princeza:

— Senhora, prepara-te para embarcar, na incerteza do que poderá succeder, que eu vou fazer signal ao capitão das galeras, que tenha tudo prompto.

E sahiu. Mal déra costas, quando deante de Zuleika estava Zabedul, o homem da samarra preta e do barrete de pelles. Depoz no chão um cofre chapeado, que trazia, e abrindo os braços á formosa moura, disse-lhe:

— Zuleika, vem!

E Zuleika se precipitou n'elles. Com delgados labios descorados tocou o judeu a fronte da princeza, e deixou-lh'os n'ella impressos em signaes de fogo.

— Zuleika, minha bem amada, estou descontente comtigo.

— Em que pequei pois? perguntou tremendo a moura.

— Não conversavas, poucos momentos ha, com um christão,

— Christão elle?

— Sim, christão elle! E tu bem o sabias, que não é a primeira vez que o vês. Não te desenganarás nunca, que nada se me esconde?

— Perdão! balbuciou a infeliz donzella.

— Não sabes que a tua vida está nas minhas mãos, e que uma palavra minha basta, e a real filha de Aben Afan, passa a ser...

— O que quizeres. Não te hei dicto já tantas vezes, que estou prompta para seguir-te, para servir-te como escrava, logo que m'o ordenes?

— Está bom! Não é tempo ainda, tornou Zabedul, e depois de breve pausa, proseguiu assim:

— Mas sabes tu tambem, que a vida d'elle estava ainda agora nas minhas mãos?

Zuleika estremeceu.

— Sabes, continuou o judeu, que um grito, que eu dê, não alcança elle o cimo do monte, de que ainda está distante?

A moura tornou-se livida como um cadaver.

— Queres, que eu o deixe ir livre, queres salval-o?

— Que cumpre fazer? perguntou a donzella com voz timida, lançando a Zabedul olhos supplicantes, em que transluzião a esperança e a angustia que lhe luctavão na alma.

— Jura-me, tornou aquelle, jura-me aqui por Deus, que nos está vendo, pelas entranhas de tua

mãe, que não conheceste, jura-me, que quando eu em nome d'este juramento te intimar uma ordem, ainda que te custe a vida, ainda que te custe a felicidade n'este mundo, a cumprirás.

Involuntario terror gelou os membros da pobre moura. O coração se lhe apertou e quasi cessou de bater; os labios agitárão-se convulsamente e nem falavão nem erão mudos.

— Zuleika, proseguiu o judeu com voz mais branda, com um accento, que elle se esforçou por tornar terno, mas que semelhava o tom da mofa e do escarneo: Zuleika, que receias? Serei eu capaz de exigir jámais de ti, senão o teu proprio bem? Não sabes que te amo?

A infeliz não respondia. Como o álamo ao receber no pé o golpe do machado, estremece, e se vê o tremor subir-lhe em ondas pelo tronco até ao delgado cimo, assim a cada palavra se via tremer o corpo esbelto da moura.

— Bem. Não respondes? Não tenho tempo para perder. Morra elle, embora morras tu tambem.

E abriu a bôcca para gritar. Zuleika lh'a tapou com um gesto violento e precipitado, com um gesto, que a voz prendera-lh'a o terror nas fauces. Depois, recobrando a fala:

— Eu juro.

— Juras?

dos olhos da infeliz donzella. Ella escondeu o rosto no seio da fiel escrava, e a dôr calcada no peito, procurou expansão n'uma torrente de soluços.

— Aquelle homem é... é...

E o resto perdeu-se entre suspiros e ais, que cortavão a alma.

III

CONSPIRAÇÃO

Está em Cacella o mestre de Santiago, D. Payo Pires Correia, em Cacella, que elle trocou por Estombar e Alvor.

Fronteiro de Andaluzia em terras de Castella, contra os sarracenos, meditava elle uma invasão no Algarve, mas hesitava em arriscar-se com todas as fôrças da sua ordem em paiz desconhecido, quando aconselhando-se com Garcia Moniz, mercador portuguez, que commerciava com os mouros, e era pratico de todos os caminhos e atalhos, lhe forneceu este um plano de campanha, que devia assegurar a conquista d'aquelles reinos. Partindo de Aljustrel pássão os corredores do mestre pela torre de Ourique, e caminhando de noite, para não se-

rem presentidos do inimigo, chegão a Estombar, que tomão de surpresa.

Alegre com a nova d'esta primeira victoria, abala D. Payo com toda a sua gente, e passando avante da praça tomada, vae entre Silves e Lagos cahir sobre Alvor, que se lhe rende após curta resistencia. Assustados os mouros de o verem tão perto do cabo de S. Vicente, e no coração das suas terras, offerecêrão-lhe em troca das duas torres Cacella, onde melhor julgavão poder contel-o, com a vizinhança de Tavira a forte. Acceitou o mestre, mas se os infieis havião presumido mantel-o alli em respeito com a proximidade de suas fortalezas, bem se enganárão, pois que elle, deixando bem guarnecida a sua nova praça, se foi a cercar Paderne.

A imminencia do perigo fez calar os odios intestinos, e posto que inimigos entre si, reunírão-se os mouros de Tavira, Faro e outros logares para offerecer batalha ao christão, que fôrão aguardar no logar depois chamado do Desbarato. O mestre, passando por Loulé, foi dar de encotro a elles. Porfiada e mal ferida foi a peleja; milhares de mortos juncavão o chão, e ainda indecisa e sedenta de sangue pairava a victoria sobre os dous exercitos combatentes. De repente se vê fluctuar no cimo do proximo outeiro um pendão branco com cruz vermelha no centro. Cerca-o um punhado de guer-

reiros, um punhado apenas, mas todos cavalleiros portuguezes, que a fama das proezas de D. Payo attrahia ao Algarve, a compartir com elle os louros do triumpho, e a pelejar pela fé do crucificado. Capitaneia-os D. Garcia de Sousa. Como a torre, que se despenha da montanha, quando o sol de Março derrete os primeiros gelos, caem os esforçados campeões sobre o flanco dos mouros, que não resistem ao choque de tão rijas lanças, e lá vão em debandada acolher-se ao Furadouro, os que ainda com vida lógrão escapar. D. Payo abraça D. Garcia como seu libertador, e de encontro ás férreas couraças batem mais apressados dous leaes corações portuguezes.

Fica o mestre de Santiago senhor do campo e da victoria; tão cara porém lhe custara esta, tanto sangue christão havia corrido, que elle não se atrevendo a seguir ávante, retrocedera. Mas junto de Almargem lá o espera nova chusma de mouros, que acossada e debilitada como vinha, a julgão facil prêsa. Os turbantes dos infieis em innumeravel multidão cobrem toda a campina, extendem-se pelas collinas circumvizinhas. O mestre não é dos que esmorecem á vista do inimigo: dá rijo n'elles e trava-se o combate. Mas o braço tambem se cança de ferir, as fileiras dos sarracenos jamais rareião, e o seu numero basta para suffocar os christãos com o pêso de

sua massa compacta. Não podendo romper os esquadrões inimigos, retira-se D. Payo ao expirar do dia com sua hoste para o cimo d'um monte, onde era mais facil a defesa, e que d'ahi se ficou chamando Cabeço do Mestre. Os mouros receando que cheguem reforços aos christãos, e todos cortados do ferro d'aquelles, que havião julgado despojo seguro, abálão de noite; e o mestre que se preparava para sustentar o assalto dos contrarios, e com os seus vender caras as vidas, vendo ao romper d'alva limpo o campo e francos os caminhos, recolhe-se a Cacella.

Era porém chegado o tempo do Alacir, em que os mouros séccão suas passas e fructas, pelo que pedírão tréguas. Concedeu-as gostoso o mestre, que carecia de fôlego, para refazer suas fôrças, e aperceber-se para novos combates, e celebrárão-se ellas em Tavira com justas e folganças, a que assístirão os mouros de todas as cidades, e até o rei de Silves com sua formosa filha, a encantadora Zuleika.

Nos paços de Cacella extingui-se a ultima luz. Seu vulto negro, flanqueado de torres e cortado de ameias, erguendo-se sobre o viso do outeiro, se desenha no sombrio céo da noite, como um phantasma enorme. Em tôrno tudo é mudo, e silenciosas jazem suas salas e galerias. Em seus nobres aposentos dorme

o mestre de Santiago, esquecendo por momentos as fadigas da guerra e os cuidados do governo.

Envôlto em comprida e negra capa, que lhe occulta o rosto, e por entre cujas dobras se escapa de tempos a tempos o raio frouxo d'uma lanterna sumida, desce um homem os degraus da escada de caracol, que leva aos subterraneos do castello. Descido o ultimo d'esses degraus toma o vulto por um corredor baixo, estreito, tortuoso e humido até uma porta chapeada de ferro, e semi-escondida n'uma anfractuosidade do muro, de modo que quem não soubesse da sua existencia, passara e não a percebera. O homem abriu essa porta, desceu mais alguns degraus, seguiu por outro corredor mais estreito e baixo que o primeiro, e aberta uma segunda porta achou-se n'um recinto quadrado e abobadado, de mediana capacidade. D'um lado se encostava a abobada á rocha viva, mas do outro era facil de vêr, que ella se prolongava mais além do muro, que fechava aquelle espaço, deixando entre o seu cimo e a chave uma aberta estreita, cortada ao meio por um varão de ferro. O pavimento era de terra, humido e escorregadio. Havia alli tres homens, que egualmente envoltos em capas escuras conversavão ao clarão d'um facho cravado n'uma fenda da muralha.

—Deus vos salve, irmãos, disse o recemchegado, desembuçando-se e depondo no chão a lanterna.

—Saude, D. Alonzo de Aguilar, respondeu um dos que alli estavão, desembuçando-se egualmente. Os demais abrírão tambem as capas, mostrando o rosto, e saudando com a mão.

D. Alonzo, commendador da ordem de Santiago, era um homem alto, magro, labios desdenhosos, nariz proeminente e ligeiramente curvo, sobrancelhas bastas e arcadas, olhos penetrantes, a cabeça quasi calva.

—Cavalleiros, disse elle, muito ha já que nós, fidalgos castelhanos, nos vêmos menosprezados e preteridos, desde que temos um mestre portuguez. É tempo que isto cesse, e vae cessar. Recebi hoje as ultimas ordens d'el-rei.

—Estamos promptos a cumpril-as, respondeu por todos um dos ouvintes.

—El-rei sabe que D. Payo, embora seu vassallo como mestre d'uma ordem, que tem a séde em terras de Castella, é Portuguez d'alma e coração, como o é de nascimento, e que não é para seu amo que elle faz a conquista do Algarve, mas para Affonso III, a quem já mandou aviso, que venha receber as chaves de Cacella, que elle lhe quer entregar com todas as praças e castellos, que ainda tomar aos mouros. O Algarve porém pertence á corôa de Castella por antigo ajuste com o rei de Portugal, e ainda que assim não fôsse, nós o conquistamos com nos-

sas armas e nosso sangue, é nosso. Antes pois que se consumma a traição, cumpre que o mestre morra.

—Morra! clamárão todos, levando a mão aos punhaes que trazião no cinto.

—Sim, morra, proseguiu o commendador, mas não ás nossas mãos. El-rei não o consente. Morrerá ás mãos dos mouros, a quem o entregaremos, e com elle morrerão alguns dos Portuguezes, que elle mais preza, e que mais perigosos são á ordem. Eis o meu plano em que me secundareis. Em nome de nosso senhor e rei vol-o ordeno.

—Obedeceremos.

—Darei traça como induzir D. Payo a ir caçar com os seus Portuguezes em terras de infieis; apenas partirem iremos nós a Tavira, e alli instigaremos os mouros a aproveitarem o ensejo e a terminarem a guerra de um só golpe, cortando na pessoa do general a cabeça e o braço do exercito inimigo. O mestre é valente, e os que hão de acompanhal-o tambem não fraquejão de prompto, mas a onda de sarracenos, que faremos rolar sobre elles, os submergirá com o proprio volume. Aprestae-vos pois para me acompanhar, sede attentos ao meu menor acêno, e sobretudo discreção e obediencia cega. Jurae.

—Nós o juramos.

—Agora retirae-vos. Á sahida separaes-vos, e que ninguem vos presinta.

Envolvêrão-se os tres cuidadosamente em seus mantos, um tomou o facho, e dispunhão-se a sahir por uma porta estreita praticada no muro por sobre o qual se prolongava a abobada.

—Apenas tocardes o primeiro degrau da escadaria, recommendou ainda D. Alonzo, apagae o facho. O seu clarão poderia trahir-vos, e, palpando, bem podeis achar o caminho.

Inclinárão-se elles em signal de assentimento e sahírão.

O commendador ficou só. Cruzou os braços, fitou a lanterna, que ardia no chão, e sua alma se engolfou em pensamentos ambiciosos.

—Amanhã pois morrerá o mestre e o seu conselho intimo! O mestre? O mestre não, por que o mestre então serei eu, mas D. Payo. Se com elle podessem tambem morrer esses tres instrumentos da minha exaltação! Com elles ficaria sepultado o segredo d'esta conspiração. Ninguem no mundo saberia, que eu proprio o entreguei nas mãos dos mouros, e lhe cavei a sepultura. Ninguem diria, que, livrando a ordem d'um máu mestre e o reino d'um vassallo fementido, privei ao mesmo tempo a christandade d'um valente campeador. Ninguem poderia pensar que eu obro mais por interesse proprio, do

que pelo amor da patria. Oh! cumpre, que elles môrrão.

E tomando resolutamente a luz, sahiu, voltando pelo mesmo caminho com precauções eguaes ás que levara.

N'um dos aposentos do paço sentada n'uma poltrona de couro está uma dama, e bem joven e formosa é ella. Apoiava a mão direita n'um braço da poltrona, e firmando o cotovello no outro, deixava pender sobre a esquerda a fronte, annuviada de cuidados. Trajava uma como tunica resolta de seda azul clara, e sobreposto um corpinho de velludo branco, guarnecido de arminho, que lhe descia até aos joelhos. O enorme espaldar da cadeira se ergue muito acima da cabeça da môça. O quadro é de madeira preta como ebano e torneado, e o couro amarellado todo cheio de lavores está cravado n'elle com uma profusão de pregos de cabeça dourada. Termina o encôsto um globo com uma cruz sobreposta, tudo da mesma madeira, e no cimo dos dois lados do espaldar, cujas extremidades superiores ficão muito abaixo d'aquelle globo, estão duas almofadinhas de velludo escarlate, d'onde pende larga franja de seda da mesma côr. Os braços da poltrona são direitos, e cada um tem no centro da parte de cima uma almofada d'um palmo de comprimento, e tambem de velludo escarlate.

Nos logares, onde devião presumir as janellas, cahião até ao chão pesadas cortinas de damasco amarello, occultando-as completamente. Completavão o adôrno do aposento alguns tamboretes, uma harpa encostada á parede, e uma mesa grande em madeira e lavor egual á poltrona, e sobre a qual ardia uma lampada, que mal allumiava a camara forrada de damasco carmezim de ramagens colossaes, deixando entrever sentada a um canto outra mulher, que pelo vestir parecia aia da que se reclinava na cadeira de espaldar.

De repente se abre uma porta, e aos pés da dama está um homem.

—D. Pedro, erguei-vos.

—E para que erguer-me? Oh! Mathilde, minha vida, meu amor, deixa-me aqui ajoelhado ante ti contemplar teu rosto angelico, inebriar-me de delicias no fulgor de teus olhos, onde minha alma vae crestar as azas como a mariposa a adejar em tôrno da luz, cujo brilho a cega.

E o cavalleiro tomou-lhe a mão, que ella forcejava para retirar, e quasi á fôrça a levou aos labios, imprimindo-lh'os ardentes e abrazados com um signal de fogo.

—Escutae, D. Pedro, que o que tenho de dizer-vos é mui sério, e por isso vos fiz aqui vir. A minha mocidade, a minha fama, a minha ventura, tudo

hei sacrificado a um amor louco, impossivel, sem esperança. Comtudo, que me importara isso se me amasseis!

—Se te amasse... dizes?... Pois podes duvidal-o?

—Sim, duvido.

—Duvídas do meu amor, dos meus juramentos, da minha honra?

—Sim, duvido. D. Pedro Rodrigues, commendador mór de Santiago, vós me enganaes.

D. Pedro ergueu-se d'um salto.

—D. Mathilde de Aguilar, eu nunca enganei ninguem.

—Nem os vossos votos?

O commendador mór baixou os olhos e não respondeu. A dama proseguiu.

—Conheceis a filha do alcaide de Aljustrel, D. Guterres d'Alarcão?

—Conheço.

—Amail-a?

—Não.

—Nunca a amastes?

—Nunca.

—D. Guterres deve chegar ámanhã a Cacella.

—Ignoro-o.

—Sua filha o acompanha.

—Não sei.

—Comtudo, dizem que ella vem tão somente por vêr-vos.

—Ah, Mathilde! Quem te refere esses embustes é que te engana.

—Pode ser; mas não quero que vejaes a filha do Alcaide.

—Não a verei.

—Não basta. Sei que a vossa palavra de cavalleiro é inviolavel e sagrada, mas em materia de amores, crêem os homens, que não ligão os juramentos.

—És injusta, Mathilde, injusta para commigo e para comtigo; para commigo, que suppões capaz de violar a fé jurada, e para comtigo, por que desconheces o poder dos teus encantos.

—Nos meus encantos, é que menos me fio. Mas não importa; D. Guterres só o dia de ámanhã passará em Cacella: cumpre que sejaes ausente.

—Sel-o-hei.

—Mas onde?

—Onde te aprouver.

—Escutae. Ouço dizer, que além de Tavira n'um valle chamado das Antas ha muitas garças reaes, e que em nenhum outro logar d'estas cercanias ellas se encôntrão. Pois bem, já que tanto me gabaes a excellencia de vossas aves de caça, de vossos falcões e açores, ide soltal-os n'aquelle valle, e trazei-me á noite uma garça real.

—Mais do que uma te trarei.

—D. Pedro, adeus, disse a dama, saudando-o com a mão, como despedindo-o, mas elle tomou-lh'a vivamente, e lançando-se-lhe outra vez aos pés:

—Mathilde, por que essas injustas suspeitas? Já me não amas?

—Se não vos amasse teria ciumes?

—Mas quem é, que com taes enredos vem perturbar a nossa felicidade?

—Quem talvez mais do que vós me preza.

—Amar-te mais do que eu? Impossivel. Oh, não o creias! Mais do que eu, que não tenho um pensamento, que teu não seja? Do que eu, para quem tu és a luz, a vida, o ar, que respiro? Do que eu, que te amo mais, do que uma mãe pode amar seu filho? Olha! Este amor, que sinto ferver-me na alma, que ora me dilata o coração de jubilo e alegria, que parece querer estourar-me no peito, ora m'o confrange e aperta de receio e angustia, que temo se me suma, este amor grande, insoffrido, omnipotente, incommensuravel como o oceano, que nos cerca, infinito como o céo, que nos cobre, este amor, nem eu mesmo sei exprimir-t'o. Parece-me que quizera estreitar-te em meus braços, apertar-te contra o seio tanto, tanto, até fazer-te entrar d'entro em mim, entranhar-te toda no meu ser, absorver na minha a tua alma, e comtudo sinto que depois de haver-te

assim confundido commigo, fundido na minha propria existencia a tua, ficaria ainda um vácuo, se eu, extendendo os braços, não tornasse a encontrar-te para de novo unir-te a mim, de novo fazer-te entrar em meu peito.

O mancebo calou. Fitou na dama olhares abrazados, faiscantes de amor e de desejos, e parecia prestes a tomal-a nos braços, a prendel-a n'elles em intimo amplexo, e a collar-lhe sobre a bôcca rubicunda seus labios tumidos de cubiça. Mas não ousando tanto, apertou-lhe com fôrça a mão, pôl-a sobre o coração, como para aplacar-lhe as pulsações furiosas, e do coração a levou aos labios, e dos lavios ao coração, uma vez e outra e outra.

Mathilde lhe abandonava a mão, que não tinha fôrças para retirar, mas de repente, fazendo a si propria violencia:

—D. Pedro, disse, é tempo, que nos separemos; adeus.

—Já?

—Não tarda o dia. Lembrae-vos do que promettestes; amae-me, sede discreto, e sobretudo sede fiel; e... accrescentou ella, baixando os olhos, córando, e apertando ligeiramente a mão, em que a sua repousava ainda, e... contae com o meu amor.

E ergueu-se. Elle imitou-lhe o movimento e ap-

proximando os labios da frente da moça, perguntou-lhe quasi timidamente:

—Não me darás um penhor do teu affecto?

—Penhores não careço dal-os, e premios só após longos serviços e repetidas provações se concedem. Entretanto toma um signal.

Desprendeu do cabello uma fita de velludo preto, em cujas pontas se vião bordadas com pontas de aço as iniciaes P. M. e entregou-a ao cavalleiro. Este, tomando-a, beijou-a primeiro e depois occultou-a no seio, mais ufano com aquella singella prenda, do que se em batalha campal houvesse com a propria mão tomado os estandartes de quatro reis mouros.

—Tu o ordenas, e por obedecer-te, retiro-me, mas minha alma e meu coração ficão comtigo.

—Ficão sob boa guarda, replicou Mathilde, sorrindo.

D. Pedro sahiu. D. Alonzo, que n'aquelle momento voltava do subterraneo o viu ao atravessar a galeria, e encobriu-se com um pilar. Ao deixal-o passar, um sorriso de escarneo pairou nos labios do castelhano e comtudo era do aposento da filha que elle tinha visto sahir o outro. A ambição e o odio fazião calar n'aquelle coração orgulhoso todo o outro sentimento.

D. Alonzo seguiu depois o seu caminho; e abrin-

do a porta da sua camara, entrou e sentou-se. Poucos momentos erão passados, quando deante d'elle se apresentou a mulher, que havia estado no aposento de Mathilde.

—Fala, Joanna, lhe disse o commendador.

—Senhor, respondeu aquella, tudo vae á medida dos vossos desejos e vossas ordens fôrão fielmente cumpridas.

—Refere-me tudo.

—D. Mathilde, acreditando nos pretendidos amores do commendador mór...

—De D. Pedro Rodrigues, dize antes.

—Como for do vosso agrado. Acreditando pois nos amores de D. Pedro Rodrigues com a filha do alcaide de Aljustrel, não quiz que elle sequer a entrevisse ámanhã por occasião da sua vinda a Cacella, e ordenou-lhe que se ausentasse.

—Mas indicou-lhe tambem o logar, para onde devia ir?

—Eu tudo havia previsto e disposto d'antemão, segundo as vossas ordens. Havia feito vêr a Mathilde, que para ser certa que o commendador... que D. Pedro a não illudia, era preciso que elle trouxesse um signal seguro do logar, para onde ella o mandava, e lembrei-lhe as garças reaes, que só ha no valle das Antas. Ella pois exigiu d'elle que lhe trouxesse uma d'estas aves.

—E elle?

—Prometteu trazer-lhe mais do que uma.

—Assististe a toda a conversação entre minha filha e o commendador?

—Sim, senhor.

—Não os deixaste um só momento?

—Não, senhor.

—Não perdeste uma unica palavra?

—Nenhuma.

—E nada mais se passou, que devas referir-me?

—Nada, tudo o mais fôrão protestos de amor e devaneios de namorados.

—Frioleiras! Bem, estou satisfeito comtigo. Podes retirar-te.

IV

A CAÇADA

Vem rompendo o dia 9 de julho de 1242, mas o sol não é nado ainda. Na sala d'armas do paço de Cacella está o commendador mór D. Pedro Rodrigues, e com elle D. Mem do Valle, Durão Vaz, D. Alvaro Garcia, Estevão Vaz, e Beltrão de Caya, todos Portuguezes, todos cavalleiros de Santiago. Aguardavão o mestre, e eil-o que entra acompanhado de D. Alonzo de Aguilar.

A elle se dirige D. Pedro e assim lhe fala.

—D. Payo, nosso veneravel mestre, descanção as armas no remanço das treguas, mas os brios do soldado recusão-se a absoluto repouso. Os nervos se nos emperrão por falta de uso, e trôpegos das pernas se nos estão tornando os cavallos á míngua de

exercicio. Eu e estes nobres cavalleiros vimos pois pedir-vos vénia, para irmos soltar nossas aves ahi por esses valles e respirar um pouco de ar livre.

— E para que lado pertendeis dirigir-vos?

— Vamos ao valle das Antas caçar garças reaes.

— Não, D. Pedro, imprudente é o vosso intento. Perfidos são os mouros e desleaes, e em terras d'elles correrião risco as vossas vidas. Sois poucos para resistir-lhes, e muitos pela falta, que fazeis á ordem e á Christandade.

— E porque tanto havemos de arrecear-nos dos mouros, replicou D. Pedro, que não ousemos pôr o pé fora de casa? Se elles o perceberem, hão de desprezar-nos com razão. Não vêm elles proprios aqui a Cacella, confiados na guarda dos tratados? E ao que elles se atrevem, não nos abalançaremos nós?

— Gente sem fé e descrida é aquella, e o que ella pode fazer impunemente, segura da vossa palavra, não o podemos nós, sem grave imprudencia e indiscreção, descançando nos seus juramentos.

— Mas se não devemos fiar na lealdade dos mouros, alguma fé podemos ter nos nossos braços. Para segurança iremos apercebidos para a paz e para a guerra: somos seis, todos cavalleiros e Portuguezes, e não hão de ser vinte nem trinta sarracenos, que comnosco se hão de atrever.

— Apesar de tudo, insistiu o mestre, tanto pelo

vosso merito pessoal, como pelo amor, que a todos vos tenho, peço-vos que desistaes d'um intento em que nada agouro, que bom seja.

—D. Payo, desculpae, atalhou D. Alonzo de Aguilar, mas nem me parece que possaes negar a estes cavalleiros o seu honesto pedido, d'uma innocente e util diversão, nem vejo n'ella mais do que um perigo. Se os mouros vivem cegos nas trevas de sua torpe religião, porque lhes faltão as luzes da redempção, nem por isso desconhecem a fé devida aos tratados e a santidade dos juramentos, e alguns hei conhecido entre elles, que em zeladores da sua honra e escravos da sua palavra, e em guardar as leis da guerra, o não cedem ao melhor cavalleiro christão.

—Qual então esse perigo, que enxergaes, D. Alonzo? perguntou o mestre.

—Ha um e grande, replicou aquelle. Estes fidalgos são jovens, fogosos, imprudentes. Uma palavra mal interpretada, um gesto, uma acção, um nada, pode provocar uma rixa; os mouros julgarão as tréguas quebradas pela nossa parte, quererão tomar represalias, seguir-se-ha um conflicto, e então ninguem pode prever as consequencias.

—Por isso mesmo os estou dissuadindo do intento, observou o mestre.

—Perdoae, D. Payo, continuou o Castelhano, mas

ha um meio de tudo conciliar, sem desgostar tão valentes freires. Mandae com elles uma pessoa de auctoridade, que elles respeitem e acatem, e que os contenha, se porventura a natural bravura e o fogo da mocidade os tornar desmedidos.

— Quem? perguntou o mestre.

— Vós, disse D. Mem do Valle, vinde vós comnosco, mestre, que com auctoridade sobre nós nenhum outro queremos.

– Sim, vinde, rogou D. Pedro Rodrigues, e servir-vos-ha isso de distracção aos cuidados do governo.

— Os cuidados do governo distraem-se com outros cuidados, e não com folgares, observou gravemente o mestre.

— Tambem o arco sempre teso afrouxa, insistiu D. Pedro. Vinde, vinde comnosco, pelo caminho iremos praticando das cousas do nosso Portugal, e depois sereis juiz entre mim e D. Mem quanto á excellencia de nossas aves, sobre o que não estamos de accôrdo.

— Por certo, acudiu o outro, que o vosso açor, não vale o meu gerifalte.

O mestre parecia indeciso revolver na mente uma resolução.

— O alvedrio parece acertado, disse negligentemente D. Alonzo. É o unico meio de evitar impru-

dencias. Aqui nada podeis recear, D. Payo, que tudo está em socêgo, nem no campo tão pouco, que os sarracenos sem provocação não romperão as tréguas, além de que só o terror do vosso nome vale um exercito.

– Não em busca d'uma vã distracção, respondeu o mestre, mas por amor de vós, cavalleiros, vos acompanharei. Vou armar-me, e entretanto mandae sellar-me o meu alazão. Vós, D. Alonzo, ficareis aqui commandando na minha ausencia, e que todos vos obedeção, como a mim proprio. Conservae-me tudo em armas, os cavallos sellados e enfreados, e tende-vos a marchar ao primeiro aviso que de mim receberes.

– As vossas ordens serão fielmente cumpridas, respondeu o Castelhano inclinando-se.

O mestre sahiu, subindo aos seus aposentos, os Portuguezes descérão alegremente a escadaria, que levava ao pateo, e D. Alonzo tomou pela galeria, disfarçando a custo a alegria feroz, que lhe trasbordava da alma.

Cinco minutos depois partia o mestre com os seus a trote rasgado, caminho de Tavira, e um momento depois D. Alonzo de Aguilar com os tres, que com elle havião estado no subterraneo, a toda a brida na mesma direcção, mas por atalhos desviados.

Bordada d'um lado por extensa mas deserta charneca, vae a estrada costeando um monte coberto de mattas e penedia. Nem nas arvores píão as aves nem na montanha se cuvem as vozes dos animaes. Tudo é silencio. Com D. Pedro vae praticando o mestre, os outros trotão um pouco mais adeante. De repente, do lado do sêrro uma voz clara, sonora, pausada, profere solemne e distinctamente estas palavras.

— Mestre de Santiago, mestre de Santiago, aonde caminhas tão errado?

D. Payo volve os olhos na direcção, d'onde partira a voz. Sobre um rochedo, que se ergue acima do cume das arvores, que o rodeião, está uma mulher. Suas vestes fluctuantes são alvas de neve; da cabeça lhe cae um véo não menos branco a ondear ao sôpro do vento. O rosto pallido e descarnado lhe sulcão numerosas rugas. A mão, que extende para a cavalgada, é tão transparente, que através d'ella se julga vêr o azul carregado do céo. Parecia a sacerdotiza da selva.

— Quem és, e que me queres? perguntou o mestre.

— Em nome de Deus, do teu rei, e do teu dever de capitão approxima-te.

— E com que auctoridade te arrojas a impor-me ordens? tornou D. Payo livido de colera.

— Em nome do Altissimo, que faz dos céos o es-

cabello da sua grandeza, mestre de Santiago, eu te ordeno, deixa que sigão ávante os que te acompanhão, e tu, vem e escuta-me.

— Que! Julgas levar-me com tuas insolencias, velha bruxa?

— D. Payo Pires Correia, mestre de Santiago, vem e escuta-me.

Havia um não sei que de solemne e irresistivelmente imperativo na voz da velha da montanha: o mestre, máu grado seu, se sentia prestes a obedecer, e disse já com mais brandura:

—E se tens que dizer-me, porque não desces, ou falas d'ahi?

—Mestre de Santiago, ai de ti, ai da tua ordem, ai de Portugal, se não me escutas.

—Fala pois, que já te escuto.

A velha ergueu um braço, com um dedo apontou para o céo, e conservou-se muda e immovel. O braço não tremia, os olhos não pestanejavão. Só os vestidos fluctuavão impellidos pela briza. Era uma estatua fundida na rocha.

—Fala, bruxa, fala, que se me obrigas a subir ahi, porcerto te arrependerás.

A mesma mudez, a mesma immobilidade. Era uma estatua, com cujas roupas brincava o zephyro.

—Fala, fala, troou o mestre com voz mais forte e imperiosa.

A velha não proferiu uma palavra, não fez um movimento, e a vista conservou-se fixa. O mestre, aguilhoado pelo singular procedimento da velha, e sentindo ainda echoar-lhe nos ouvidos o som solemne das graves palavras, não sabia se continuasse o seu caminho, se subisse ao monte.

— Cavalleiros, disse elle afinal, segui ávante, que antes de chegardes ás Antas serei comvosco.

— Não, não vos deixaremos aqui só, D. Payo, respondeu D. Pedro.

Mas o mestre, perdida já a paciencia de vêr-se contrariado, e até certo ponto dominado pela mulher da montanha, não soffreu que alguem mais lhe resistisse, e com tom breve, sêcco e imperioso disse:

— D. Pedro, segui ávante, eu o quero, ordeno-o.

O commendador-mór mordeu os labios, cravou as esporas no cavallo, e seguido dos outros freires desappareceu a galope.

O mestre prendeu o cavallo a uma arvore, e subiu a pé e penosamente a encosta ingreme do monte até perto do penedo, em cima do qual se achava a velha.

— Falarás agora? disse elle para esta.

— Será d'um prudente cabo de guerra aventurar-se tão só por terras de inimigos? perguntou ella, sahindo da sua immobilidade.

— Era tomar-me contas de meus actos, que tu pretendias? disse D. Payo, e os olhos lhe faiscárão.

— Não, porém salvar-te, a ti e á ordem. Mestre de Santiago, após de ti corre a traição, já te passou adeante, e lá te espera para entregar-te aos mouros. Um Judas te vendeu, D. Payo Pires Correia.

— E quem t'o disse?

— Não m'o perguntes, disse a velha com tom solemne, e apontou para o céo.

— Que me aconselhas então tu, que tanto sabes?

— Volve a Cacella, mas volve já. Reune os teus freires, mas prefere os Portuguezes, não te fies nos Castelhanos. Corre com elles ás Antas: lá punirás a traição e vingarás os teus.

— E chegarei a tempo de salval-os? perguntou o mestre, que sem saber como se deixava arrastar pelas falas da velha e seus modos mysteriosos, quasi dando já crédito ás suas palavras.

— Não.

— Ah, perversa! E porque deixal-os seguir ávante?

— Ninguem foge ao seu destino. A sua hora extrema é chegada; nem ha no livro da vida mais paginas para elles. O seu sacrificio é necessario: a trôco d'elle te entregará o Senhor hoje Tavira.

— Tavira hoje mesmo será minha? perguntou o mestre, e o rôsto se lhe illuminou de subita alegria.

— Sim.

— Comtudo preferiria salval-os, accrescentou elle, annuviando-lhe os cuidados outra vez a fronte.

— O tempo urge; não percas um momento. Mestre de Santiago, corre aonde o dever te chama.

— E quem és tu, ente mysterioso? Lembra-te que se me illudes com mentidas falas...

— E que te importa quem sou? Comtudo se queres saber onde poderás achar-me, se te vires enganado, eu sou a bruxa de Monchique.

O mestre olhou, e já ninguem viu: a velha desapparecera sem deixar vestigios. Desceu D. Payo o monte, desprendeu o corcel, e saltou-lhe na sella. Estava o ginete atravessado na estrada, e o cavalleiro tinha nas mãos as rédeas, indeciso se volveria á esquerda, se á direita.

— Para alli me chama a amizade, para alli o dever. Se a bruxa mentiu, bem passareis sem mim, leaes irmãos d'armas; se falou verdade... passe antes de D. Payo o mestre de Santiago.

E volvendo repentinamente á esquerda, fez sentir as esporas ao nobre bruto, que a voar o levou caminho de Cacella. Chegado á praça pergunta por D. Alonzo de Aguilar. D. Alonzo de Aguilar era partido. Os freires e os cavalleiros — quasi todos erão idos a passear e a folgar com licença do commendador. Não importa. O mestre manda tocar os

clarins, deixa com os besteiros e os peões guarnecidas as portas e muralhas, e com toda a cavallaria, que poude reunir, e bem pouca era ella, eil-o ahi vae a galopar pela estrada de Tavira.

Na sala de honra dos paços, que deitão para a praça principal de Tavira, conversa D. Alonzo de Aguilar com Aben Falula, o senhor da cidade.

— Exaggerados são os vossos escrupulos, nobre senhor, está dizendo D. Alonzo; quando a sorte vos entrega nas mãos o terrivel D. Payo e os seus mais valentes cavalleiros, quando d'um golpe podeis esmagar a cabeça ao inimigo, quereis por uma louca generosidade deixar hoje a vida a quem ámanhã vos dará a morte?

— Que importa! responde o mouro. Os meus dias estão contados por Allah; quando elle me chamar, comparecerei; mas a nossa lei nos manda catar os foros da guerra, e guardar a fé até aos nossos inimigos.

— Mas D. Payo é traidor ao seu rei, que o exautorou, e poz-me a mim por cabo da sua hoste. É pois commigo, que deveis tratar: as tréguas, embora ajustadas com elle, sou eu agora, que sobre ellas entendo. Hei-vos porém agora por dispensado d'ellas n'este caso tão sómente. Entrego-vos um perjuro, que embora falso a seu senhor e rei, não é menos vosso inimigo. Foi elle que tantas vezes ha

feito fugir os vossos deante de si, foi elle que tantos milhares tem immolado de vossos irmãos, que ainda ha pouco vos tomou Estombar e Alvor, que no Desbarato e em Almargem...

— Basta, atalhou Aben Falula. Se elle é traidor ao seu rei, seu rei que o puna. Para comnosco tem sido sempre um inimigo franco e leal; como tal havemos de tratal-o.

Mas que tropel de ginetes vem soando? D. Pedro Rodrigues e os seus os cavalgão, atravessando a praça.

Das lojas do paço parte uma voz:

— Christãos! Perros Christãos!

Aben Falula não a ouviu, mas ouviu a resposta.

— Perros vós, mouros malditos! disse Mem do Valle, parando o cavallo, e volvendo em tôrno olhos furibundos. Como porém ninguem se offerecesse deante, picou, e fôrão todos seguindo a sua marcha.

Fulo de colera se tornou o senhor de Tavira. Confuso ruido de vozes e passos soa pela escadaria. Soldados e chefes mouros, que guardavão o paço, penetrão na sala, onde está Aben Falula. Entre elles se notão os tres companheiros de D. Alonzo.

— Os christãos vêm insultar-nos dentro de nossos proprios dominios. Armados atravessão a nossa cidade, e nos cospem injurias. Vingança! Vingança!

— Vingança! respondeu o vali. Tel-a-heis! Tocae

clarins! Rufae tambores! Reuni as tropas! E môrrão os christãos!

—Môrrão! retumbou pelas abobadas do paço um écho immenso, e bem depressa toda a cidade era em armas.

Entretanto cáção descuidados no valle das Antas os seis de Santiago. Sôltas desferírão suas aves atrevidos vôos e pairão nas alturas, aventando a caça. Com mil dictos agudos e chistosos e propositos de caçador, se entreteem os jovens. Mas que estrepito surdo, como de brados de guerra e tropel de gente em marcha, principia a ouvir-se do lado de Tavira? Occupados de seus prazeres não o notão ao principio os mancebos, mas cada vez se torna elle mais distincto, cada vez mais se approxima.

—Escutae! bradou D. Pedro Rodrigues.

Eil-os que chegão. Ahi vêm os mouros em innumeravel multidão, e tremendo Allah soou pela planicie, repetido pelos échos dos outeiros e montes circumvizinhos. Á frente vem Aben Falula, e a seu lado, calada a viseira, vergonha eterna, um cavalleiro christão.

—Irmãos e companheiros, disse D. Pedro, o mouro fementido, rompendo desleal as tréguas, vem atacar-nos, e julga fazer de nós facil prêsa. Mas, por Deus, que se engana, que do lado nos pendem

nossos montantes e do arção as fachas de guerra. Cavalleiros, a elles! Por Santiago, e ávante!

E arremette com o inimigo. Os outros o seguem.

— Christãos, rendei-vos! brada Aben Falula.

D. Pedro nem responder-lhe se digna, mas tomando nas duas mãos o terrivel machado de dous gumes, ergueu-o alto no ar, e está prestes a descarregar o golpe. Espantado com o rapido brilho da lethal arma, atira o cavallo do mouro um furioso galão, e furtando o seu senhor a uma morte certa, vôa desenfreado pela campina. O cavalleiro da viseira cahida perde-se entre a turba, que o seguia.

Arde o combate. Os de Santiago mais parecem aggressores do que aggredidos; investem os sarracenos, e entre a densa multidão não se perde um golpe. Separados, para terem mais livres os movimentos, mas assaz proximos, para mutuamente se soccorrerem em caso de necessidade, combatem os christãos. Cachopos isolados, contra os quaes vem furioso mas imponente quebrar-se o mar, rugindo de raiva e desfazendo-se em escuma, taes parecem os seis, mas a escuma d'aquelle mar encapellado é sangue, que espadana a cada golpe dos montantes portuguezes, e que jorrando inunda a terra.

Mas quem é aquelle ancião, cujas venerandas barbas alvejão aos raios do sol, e cujos cabellos prateados ondeão soltos ao vento na rapida carreira

que traz? Seu trajar não é de cavalleiro, nem lhe cobrem armas os ainda robustos membros. É Garcia Moniz, o honrado mercador portuguez, o mesmo que aconselhara o mestre de Santiago sobre a sua entrada no Algarve. Por alli passava casualmente a costumada récova, segundo seu trafico usual, e vendo alguns dos seus em tão grande apêrto, deixou creados e fazenda, para vêr se lhes valia com a grande auctoridade, que tinha sobre os mouros, pois de todos era querido e acatado.

— Valentes soldados do propheta, lhes brada elle, apenas chegou a distancia de poder ser ouvido, que fazeis? Assim quereis macular a vossa honra? Assim guardaes a lei...

A palavra lhe expirou nos labios. Um dos tres satellites de D. Alonzo, que mais perto se achava, vibrando certeiro um dardo, lh'o cravou no peito, receoso de que os mouros escutassem as razões prudentes. Mas Estevão Vaz o viu, e d'um golpe fendeu o craneo do traidor, abrindo-lhe até aos dentes a cabeça.

— Feri os cavallos, frecheiros, atirae aos ginetes, clamou uma voz entre os sarracenos. E o conselho tão vil e cobarde, que só um renegado das leis da cavallaria, só D. Alonzo d'Aguilar, poderia dal-o, foi abraçado por aquella gente, desesperada e envergonhada de vêr cahir dezenas dos seus ás mãos

de só seis cavalleiros. Em breve estava abatido o ultimo cavallo, e a pé combatião os christãos. Mas nem por isso fraquejão, e o numero sempre crescente de cadaveres mouriscos, cada vez difficulta mais aos vivos o combater.

Comtudo já de ferir vão cançando os braços aos de Santiago; seus montantes já volteão em menos rapidos giros, lá caem mais raros e demorados. Cada vez mais os carrega o pêso do inimigo.

— Cavalleiros! brada aos seus D. Pedro, busquemos com ramos, pedras e cadaveres, formar uma trincheira, por traz da qual possamos conter os mouros, até que chegue talvez o mestre. Quando não, combateremos por Christo emquanto nos restar uma gôtta de sangue, que já não são ellas muitas.

Uns sustentão o impeto do inimigo, e outros vão penosamente erguendo um fragil reducto, que lhes sirva de abrigo. Alli se recolhem os seis, todos com vida ainda, mas sangrando por numerosas feridas. Não cessa o mouro de acommettel-os, nem elles de pelejar.

Dos montes, que do lado do mar fechão aquelle valle, vem descendo a toda a brida um cavalleiro mouro. O corcel fragueiro galga os rochedos, e vence pulando os precipicios, descendo por aquelle despenhadeiro como um gamo a correr pela planicie. Atraz do cavalleiro galopa um pagem, e nem

menos seguro é seu cavallo, nem menos destro o guia. Já chega ao valle o mouro, já se mistura com os seus. Com os seus? Mas como?

—Real, real, por Santiago e Portugal! brada elle, e o alfange brilha no ar, e cae já da direita, já da esquerda, mas nunca desce, que não abata um mouro. Ampla estrada vem elle abrindo, deixando após si largo sulco de sangue, como o bufalo, que na rapida carreira atravessa uma seara madura. Já elle chega á trincheira dos christãos, já os de dèntro o reconhecem, e um brado de alegria o acolhe.

—D. Garcia de Sousa, lhe diz D. Pedro, d'onde quer que venhaes, não podieis chegar mais a tempo. Correi, voae, avisae o mestre do apêrto, em que nos achamos.

—Que! responde D. Garcia, tão pouco me prezaes, que só para mensageiro vos sirvo? A pelejar venho, a morrer comvosco, se tanto fôr mistér.

—Contra tão grande poder de mouros de pouco pode servir-nos um braço, ainda que valente e esforçado, como outro não ha mais esforçado e valente. Ide porém avisar o mestre, volvereis com elle e com os seus, e ainda achareis infieis de sobejo, para ferir.

—E porque serei eu o enviado?

—Sois o unico montado.

— Ahi está o meu cavallo. Tomae-o!

— Mal nos restão fôrças para suster-nos, e muito menos para cavalgar e abrir-nos caminho através de todo esse mundo de armas. A vós até o trajar vos protege, deixar-vos-hão passar como um dos seus, e em ultimo caso tendes um braço fresco e uma adaga de fina têmpera.

— Pois bem, mandarei o meu pagem. Diogo, oh! meu pobre Diogo, onde estará elle?

— Não percaes tempo em procural-o, nem missão é essa para pagem. Correi, correi, se não quereis que miseravelmente e sem vingança aqui morramos todos.

D. Garcia cravou as esporas no cavallo, e partiu direito sobre Tavira. Os mouros, que mais proximos estavão, arreda-os o rábido voltear do alfange, os outros deixão-o passar como amigo. Atravessa o cavalleiro a cidade e segue sobre Cacella. Lá se ouve galopar de cavallos, lá avista uma nuvem de poeira. É o mestre com os seus.

— Santiago! Santiago! brada o cavalleiro, e corre para elles. D. Payo se adeanta para reconhecel-o.

— D. Garcia de Sousa, é possivel! brada elle estupefacto.

— D. Payo, escasseia o tempo para explicações. Corramos, corramos, que seis valentes cavalleiros

lá estão batalhando com os mouros, e a custo se livrão da multidão de infieis.

— Ávante, Santiago, ávante! brada o mestre, e rodeando Tavira, elles ahi vão, correm, voão, e já chegão ao logar da peleja.

Em pé sobre a trincheira dos christãos está um unico cavalleiro. E D. Pedro Rodrigues. Vê elle vir o mestre, ergue o braço para saudal-o, agitando a espada, ai! infeliz, uma lança lhe penetra no peito e o derruba sem vida sobre os exangues companheiros.

— Ah! A bruxa falou verdade, pensou D. Payo, vendo-o cahir; é tarde para salval-os, mas não para vingal-os. E lança em riste, bradando: Santiago! Santiago! investe com os mouros. Seguem-o os seus como o furacão, que na passagem lança por terra quanto se lhe oppõe deante.

O primeiro que o mestre encontra é Aben Falula. Arreda, mouro, arreda! Mas o louco espera-o, e a lança christã, penetrando-lhe a rija couraça, o atravessa de lado a lado. Parte-se a hastea, mas que importa! Tem D. Payo o seu montante, que não quebra, nem embota, e ao vêl-o já os mouros não combatem. Gelado terror os assalta, e como um bando de aves aquaticas se dispersa, batendo as azas, ao approximar-se o caçador, assim fogem elles em todas as direcções. Mas entre os infieis

ha tambem um christão; embora traga a viseira calada, as armas o denuncião. O mestre o alcança, e não querendo manchar em sangue de traidor a fina espada, descarrega-lhe sobre o elmo a pesada manopla, e atordoado o derriba do cavallo. Depois chamando dois soldados:

—Tirae-lhe o morrião, para que todos lhe vejão o falso rôsto, e n'um galho d'aquella arvore enforcae-me o traidor.

Obedecem os soldados, mas ao verem as feições do cavalleiro:

—Senhor, senhor, bradão ao mestre, que já se afastava, é...

—Fôsse meu proprio pae, havia de morrer como villão e traidor.

Executa-se a sentença, e do ramo d'uma arvore, que ficava perto do logar, onde jazião as nobres victimas da ambição e da perfidia, se bamboleia um corpo. No decomposto rôsto reconhecem todos com pasmo as feições do commendador de Santiago, D. Alonzo de Aguilar.

Fogem mouros, perseguem-os christãos, e fugitivos e vencedores entrão de volta os muros da cidade. Senhor é de Tavira o mestre de Santiago. Occupa elle o alcáçar, deixa bem guarnecidas as torres e as portas da praça, e volve ás Antas a pagar o ultimo tributo aos bravos companheiros. Da

bôcca d'um mouro captivo soubera elle todo o correr da peleja e a morte de Garcia Moniz, mas debalde lhe procurou o cadaver, que nenhuns o encontrárão. Não importa! Na mesquita de Tavira, que tomou a invocação de Nossa Senhora, se erguem sete mausoleus, dos quaes um á memoria do honrado mercador. O que não receara morrer com cavalleiros, digno é de na morte repousar entre elles, e o mestre sabe honrar as cinzas do ancião.

Mal ferido no campo da batalha foi achado Diogo, o pagem de D. Garcia. Mãos grosseiras, porém piedosas, lhe curão as feridas, lhe estancão o sangue. Dos tres, que havião acompanhado D. Alonzo, dois se encontrárão mortos, do terceiro nunca mais se soube.

Tomada é Tavira, e sobre os louros da victoria descança o vencedor. Mas o coração de D. Garcia não lhe deixa repouso nem socêgo. Outra vez ahi vae cavalgando o mancebo a vencer a difficil encosta da montanha, e transpõe os denegridos pincaros, que lhe coroão o viso, e sobre os quaes já nenhum guarda vigia. Chegando ao cume vê o cavalleiro, já passada a garganta da enseada, vogar duas galeras, com prôa de oeste. Indizivel anciedade lhe opprime o peito, mais voando que correndo desce elle as vertentes do monte, e entrado na isolada casinha, acha-a deserta. Comtudo ainda

alli estão quentes os vestigios da sua amada, ainda o perfume da sua presença embalsama aquella atmosphera, e, embora a sós, lhe é dado passar a noite no santuario do amor.

No terrapleno da torre de vigia dos paços de Cacella, illuminado pelos ultimos raios do so. no occaso, está Mathilde. Alongando pela estrada de Tavira os olhos já turvos de tanto fitarem o espaço, vê ella vir um cavalleiro. Correndo á rédea sôlta, em breve entra elle no pateo.

— Corre, Joanna, dize áquelle soldado que venha falar-me. Talvez me traga novas...

Desce a aia. Cinco minutos, cinco seculos lhe parecérão elles, se passárão em mortaes angustias para a misera donzella. Afinal eis que assoma no terraço o mensageiro.

— Podeis dizer-me onde acharei D. Mathilde de Aguilar? perguntou elle.

— Tendes algo que dizer-lhe? torna esta; comprimindo com a mão o coração a latejar violento.

— Sim, tenho.

— A mim podeis dizel-o.

— Pois bem, e eu que assim o prefiro, pois não é de muito folgar o que tenho de contar-lhe, e mensageiro de más novas, sempre é mal vindo. Dizei-lhe pois, mas não lh'o digaes de chofre, que poderieis matal-a; comtudo vós, mulheres, melhor en-

tendeis d'essas delicadezas do que nós, rudes soldados. Dizei-lhe que D. Alonzo de Aguilar — o mestre o mandou enforcar por traidor, e que lá em baixo nas Antas encontrei a expirar um cavalleiro, que morrendo me deu para ella isto.

E apresentou, toda ensopada em sangue, uma fita de velludo preto, bordada com contas de aço.

Mathilde a toma, a cabeça lhe oura, as torres do castello, os telhados das casas, os longinquos montes, o firmamento, tudo lhe anda á roda, como em dansa infernal; ella ainda quer segurar-se das ameias, mas as mãos só encôntrão o vácuo, e precipitado de cincoenta braças de alto se lhe despedaça nas rochas o corpo, outr'ora tão gentil e mimoso, agora informe, ensanguentada massa.

A alma voou ao seio da Divindade.

V

SYLVES

No leito, onde porventura se reclinou já a donairosa moura, repousa D. Garcia. Pelas abertas portadas e janellas entra a lua, desenhando com vagas formas phantasticas os objectos em tôrno, e illuminando com pallido clarão as ramagens da tapeçaria. Brandamente agitadas pelo halito do norte projectão as arvores sobre o variegado pavimento suas movediças sombras. Onde não chegão os raios lunares, accendem e apagão alados pyrilampos a sua luz vagabunda.

Não é na morte de seus valentes amigos, nem nas feridas de seu pagem fiel, nem na tomada de Tavira, nem no triumpho dos christãos, nem em futuros combates, que pensa o cavalleiro. De amor

são seus pensamentos, o amor lhe prende os cuidados, no amor, em que traz engolfada a alma, bebe elle mil angustias presentes e algumas esperanças futuras. A moura lhe fugiu, ou antes arrebatárão-lh'a, mas não está perdida. Brevemente não haverá por todo o Algarve um logar fechado ás armas portuguezas — mas os mouros teem o mar aberto — se aquellas galeras? — É impossivel! Emquanto a forte Sylves erguer indomita a cerviz, não expatriará o rei a unica filha. Mas aonde a acolheria elle?

Achando um prazer amargo de apascentar o espirito de amorosas máguas, dulcissimo lhe parece o pungir da saudade; mas o dia foi quente e trabalhado, e se o corpo é de ferro, e de aço são os musculos, tambem o ferro se desgasta, e estala o aço; vence o cançaço, e as palpebras se fechão. As cogitações da vigilia, as continua o sonho.

Sobre uma eminencia d'ampla base, mas quasi impraticavel accesso campeia um castello roqueiro. Mouros o guarnecem. Disseminadas pelas fraldas do outeiro se extendem, como á sombra d'aquelle gigante, habitações, quintas e pomares. Lá em cima está a torre silenciosa em sombria majestade. Batendo os ares com as azas de azul e púrpura desce dos céos um anjo, e vae pousar-lhe na grimpa. Um mouro traiçoeiro que o espreitava, como o caçador

aguarda a prêsa, lançando-lhe uma corrente de ouro, o prende e subjuga. Debalde se agita o anjo, e prova as azas, não logra desprender-se da cadeia, que o agrilhôa. Mas aquellas feições, aquelle olhar tão meigo, e ao mesmo tempo tão altivo, aquella estatura tão flexivel como o vime — oh, é ella! É ella! Não ha que duvidar.

E perdido em ínvia matta, cortada de torrentes, cavada de abysmos, obstruida de rochedos, tudo vê o cavalleiro, e não atina com o caminho, por onde vá em soccorro do seu anjo. Debalde corre á esquerda, á direita, nenhures ha sahida; e o pobre anjo a debater-se inutilmente, e elle sempre na mesma distancia. O terror e a afflicção o gánhão, gélido suor lhe inunda os membros: inteira uma montanha lhe pesa sobre o peito. Comtudo parece-lhe que se elle soubesse ao menos o nome d'aquelle castello, facil lhe seria chegar; mas esse nome quem lh'o dirá? Oh! o nome, o nome, brada elle em ancias mortaes, e estorce-se no leito, e morde os labios, e cerra convulsivamente as mãos. O nome! O nome! clama, e uma voz clara e distincta lhe responde:

— Estombar!

O mancebo acorda. Com torrentes de luz já o sol está vivificando o universo. Cántão alegremente as avesinhas, nos calices das flôres brilhão trému-

las as gôttas de orvalho, e o ar está pejado de aromas e perfumes. O cavalleiro passa a mão pela fronte como para coordenar as idéas, que em confuso tropel lhe esvoação pela mente.

— Seria sonho ou realidade, delirio ou visão? Seja o que fôr, brevemente o saberemos.

E já sellado está o corcel, e já lançado pela encosta acima, vae galgando o cume.

As tréguas estão quebradas, os mouros as rompérão. Já em Tavira reune o mestre as suas fôrças, e caro pagarão elles a ousadia.

— D. Payo, não nos iremos a retomar Estombar?

— Não, D. Garcia, vamo'-nos a cercar Paderne.

— Comtudo bem me desejara eu agora em Estombar.

— Nem esse, nem castello mouro algum haverá brevemente em terras do Algarve, que nosso não seja, mas principiemos por Paderne. Razões tenho para isso.

— D. Payo, sabeis que muito vos prezo, e que por vós nenhum sacrificio me custará.

— Sei mais do que isso. Sei que junto ao Desbarato vos devi a victoria, e talvez a vida, não só a minha, que pouco vale, mas tambem a dos meus valentes freires, e da hoste christã. Se é pois um serviço, que de mim pretendeis, falae sem rebuço,

e, menos que m'o vedem os deveres de cabo, nada vos recusarei.

— Dae-me vinte cavalleiros, com que vá tomar Estombar.

— Paderne é forte, e bem guardada, nem me sobejão fôrças; comtudo dar-vos-hei quarenta.

— De tantos não careço.

— Mas eu é que antes quero dispensar quarenta por alguns dias, do que perder vinte para sempre; não consinto que vão menos.

— Acceito, e saberei agradecer-vol-o.

Segue o mestre para Paderne, e de caminho toma Salir e recobra Alvor.

Sombria vae a noite e tempestuosa, mas curtas são as noites de Julho na bella terra do Algarve: picae cavalleiros, que não tarda que venha o dia afugentar as trevas e mostrar aos mouros quão poucos os acommettem em tão forte castello.

— Pé em terra, cavalleiros, que nossos corceis não apprendérão ainda a escalar muralhas.

Occultos ficão na matta os cavallos sob a guarda dos pagens: cautelosos e calados marchão os cavalleiros, e subindo a encosta do outeiro por onde era mais escarpada, e por isso menos vigiada, chegão ao baixo da torre. Descuidada ou vencida da modorra da madrugada não os presentiu a vela.

— Silencio. Eu subirei primeiro. É a prerogativa do caudilho, disse D. Garcia.

Tomando então dois punhaes, os foi cravando de espaço em espaço pelos intersticios das pedras, e firmando no cabo ora um pé, ora outro, chegou ás ameias, e saltou á plataforma. Com a vida pagou a atalaia a negligencia propria. Outros pagárão a alheia. Desdobrando delgado cordel, atirou-o o cavalleiro aos companheiros, e por elle puxou para cima uma escada de corda, que prêsa no alto, subírão todos por ella.

Colhidos no somno, e cortados do terror, antes de haverem provado o ferro, rendem-se ou fogem os mouros, e o que intenta resistir, morre.

Tomado o castello, todo o percorre D. Garcia: não ha aposento, não ha recanto, não ha galeria, não ha subterraneo, que elle não perscrute. Zuleika, nenhures a encontra. Mentiu pois o sonho.

Cançado, ou antes desesperado da longa busca, depoz o cavalleiro o brandão que levava accêso para guiar-se na escuridão, e cruzando os braços, encostou-se ao muro d'um comprido corredor. Ao choque da férrea armadura deu a parede um som ôco, como se houvesse alli uma porta falsa. D. Garcia bateu com o guante de ferro no logar, e certo já de que effectivamente era uma porta encoberta, apoiou rijamente um hombro, e ella cedeu.

Ficou patente uma entrada estreita, e os primeiros degraus d'uma escada, que se perdia na profundidade. Nada mais se via.

Não hesitou o cavalleiro um momento, e tomando outra vez o facho, embrenhou-se por aquellas trevas, só, desacompanhado, e armado apenas da sua boa espada. Comprida foi a descida. No fim extendia-se um como caminho ou longa passagem estreita e baixa. Seguiu-a. Depois d'um quarto de hora de marcha alargou-se a vereda, mas o avançar tornou-se mais difficil. Por toda a parte alastravão o chão, destroços, ruinas, fragmentos de columnas e arcadas, das quaes algumas ainda não estavão derribadas de todo, e pedras faceadas e lavradas de mui variadas formas. E tudo aquillo estava meio sepultado em montes de areia e terra sôlta, que parecia haver-se desprendido das camadas superiores, que como milagre se mantinhão suspensas.

D. Garcia atravessou aquella massa informe de reliquias d'outras eras, e achou-se n'um espaçoso recinto, cujo pavimento, afóra algumas lages deslocadas, e pedras sôltas, que desprendendo-se d'aqui e d'alli, havião rolado ao acaso e jazião dispersas e espalhadas, estava desobstruido. Os passos do cavalleiro retumbárão sonoros. Ao frouxo clarão do facho ainda era possivel vêr fechar-se no alto a abo-

bada, apoiada em grossos pilares quadrados, que dividião em tres naves o edificio. Numerosas arcadas se cruzavão em todas as direcções, e corrião ao longo dos muros, fechando em ponta aguda. Ainda algumas fendas, que devião ter sido janellas estavão atravessadas por esteios de pedra redondos e delgados, que se cortavão em forma de cruz. Era facil de vêr que havia sido alli um templo christão, que abandonado talvez por occasião da conquista do solo pelos Arabes, tinha sido pouco a pouco coberto pela terra, que as enchurradas do inverno arrastavão das montanhas, amontoando-a no valle. Ainda se percebião os logares, onde tinhão sido os altares, e ainda nas lousas que forravão o chão, era possivel distinguir vestigios de caracteres já illegiveis, mas que attestavão, que alli dormião o derradeiro somno muitos dos que n'aquelle mesmo recinto havião entoado hymnos de graças ao Senhor, ou por Elle clamado nas suas angustias. Se isso não bastasse, mais do que um osso alli alvejava por entre as pedras denegridas, mais de um craneo, em que ardera o fogo divino da intelligencia, em que se havião gerado quem sabe quaes pensamentos, por alli jazia vazio, inerte e insensivel como tudo que o cercava.

E o silencio, o halito do sepulcro, reinava n'aquelle espaço. No templo do Deus vivo havia a

morte erguido o seu throno e firmado o seu imperio. Um raio de luz do céo alli não penetrava jámais; as avesinhas do dia não trinavão alli seus gorgeios, nem os agourentos passaros das trevas alli soltavão seus pios lugubres, nem os reptis, os vermes da terra por alli arrastavão sua infecta existencia, nem uma planta rasteira germinava n'aquelle solo. Poderia ouvir-se o respirar dos finados. Mas mesmo n'aquelle vácuo de vida se presentia a presença de Deus, que enche o universo. Falava d'Elle aquella altiva machina, aquella maravilhosa estructura, erguida para durar millenios e agora suspensa entre a vida e a morte, como um homem submerso em lethargia, que nem é cadaver, nem ente vivo; falavão d'Elle aquellas ossadas, a recordarem com o que erão o que havião sido; falava d'Elle aquelle silencio, que de tão profundo que era, se tornava sonoro [1].

E o cavalleiro ajoelhou. A alma como que lhe veiu á flôr dos labios, e o seu primeiro sentimento

[1] Quem se acha n'um logar, a que não chega o menor som, e por isso no meio do mais absoluto silencio, sente nos ouvidos uma especie de zumbido, que faz com que lhe pareça, que todos os objectos em tôrno, e até o proprio ar, sôa, como o prolongamento do tinir d'uma lamina de metal, algum tempo depois de tocada. É assim, que se pode ouvir o respirar dos finados. — *(Nota do auctor.)*

foi a propria pequenez e a grandeza da Divindade.

— Meu Deus, piedade! Talvez este amor por uma infiel offenda a Tua santa lei, mas não posso vencel-o. E elle mais forte do que eu. Aqui mesmo me persegue ante estas derrocadas aras, d'onde outr'ora subião a Ti milhares de preces, e hoje parte apenas o suspiro angustiado d'um coração opprimido, d'um misero transviado. Ainda assim ellas nos seus destroços testemunhão a Tua grandeza immutavel, a Tua eterna essencia. A alma quer voar ao céo; sobre as azas da fé, e a paixão a prende á terra com as cadeias dos sentidos. Perdão, meu Deus, perdão! Ella é Tua rival no meu tresloucado affecto, e é a Ti, que eu peço que m'a restituas. De quem me soccorreria, senão de Ti, de Quem a longanimidade é egual á omnipotencia. Comtudo sinto, que se tivesse de escolher entre Ti e ella, entre o inferno nos seus braços e o céo... talvez eu balançasse... talvez o demonio... Oh! impio, blasphemo que sou! Meu Deus, não me escutes, não escutes as vozes desvairadas d'um réprobo, em seus mais desvairados desejos; não me escutes, mas restitue-m'a! Ou dá-me a morte! Não me erga eu mais d'estas pedras a Ti sagradas, não saia eu mais d'este tumulo, que me cerca, se não tenho de tornar a vêl-a! Mas ella deixará seu dam-

nado culto, renegará o seu abominavel propheta. Eu a converterei a Teus divinos preceitos. Tu porás na minha bôcca a eloquencia dos Teus apostolos, e lhe darás a ella a graça, que lhe mova o coração e lhe abra os ouvidos. Do sangue espargido no Gólgotha tambem haverá para ella uma gôtta, e a moura se fará christã. Meu Deus, piedade!

O cavalleiro calou-se. Encontrados sentimentos travárão n'elle uma lucta desesperada, que lhe alquebrava as fôrças do corpo e subjugava as potencias da alma. O coração ora lhe batia rapido, apressado, como após violenta carreira, ora afrouxando nas pulsações, perdia-se, sumia-se, extinguia-se, como o d'um homem, que esvahido em sangue, solta os ultimos arrancos. De repente os labios se lhe abrírão, e como movidos por uma fôrça interior, espontanea, não sujeita á vontade, bradárão:

—Zuleika!

—Zuleika, repetiu o écho. Mas aquelle écho semelhava extranhamente a voz humana, mas uma voz fraca, debil, mal perceptivel, como o murmurio d'um moribundo.

O cavalleiro estremeceu, como se ouvira o chamar d'um phantasma, e prestou ouvidos.

—Zuleika! tornou ainda o écho. Mas não, o écho, não era, impossivel que o fôsse.

D. Garcia tomou o brandão accêso, arrancou a

espada, e dirigiu-se para um reconcavo por traz do arco cruzeiro, onde algumas pedras amontoadas parecião ser as ruinas dos umbraes d'uma porta, que alluisse, arrastando na queda a galeria abobadada, para que dava entrada. D'alli partira a voz.

— Quem vem lá? perguntou o cavalleiro.

— Allah! lhe respondérão.

D. Garcia approximou o brandão. Entre aquelle montão de pedras jazia extendido um homem seminú, como se açodado se houvera erguido do leito. As vestes alvas tinha-as todas manchadas de sangue, que frouxo lhe gottejava de numerosas feridas. N'uma mão apertava ainda o alfange. Ao lado ajoelhava um escravo negro. O cavalleiro condoeu-se do estado lastimoso, em que via um guerreiro, pois o rôsto, se não as armas, que outras não tinha além da que empunhava, bem demonstrava que o era.

— Quem és? lhe perguntou.

— Um homem, que jámais negou o seu nome, ainda quando esse nome devesse custar-lhe a vida. Sou Muley Achmet.

— Muley Achmet, o mais valente dos almoravides, o alcaide d'este castello!

— Eu o fui, quando Estombar era pelo rei de Sylves.

— E como aqui te achas?

— Este escravo que t'o diga. Eu esqueci que os olhos do alcaide são as unicas velas, que devem vigiar o castello.

O negro assim falou:

— Depois de ter feito por tres vezes a ronda das ameias e achado tudo álerta, recostara-se meu senhor um pouco, para provar algum repouso. Eu, seu servo fiel, dormia-lhe aos pés. De repente acordo ao estrépito de armas e clamor de vozes. Já meu senhor saltava do leito, mas apenas teve tempo de lançar mão do alfange, quando tropel de homens armados penetrou no aposento. Meu senhor defendeu-se emquanto poude, mas succumbindo ao numero, cahiu crivado de golpes, e os outros, deixando-o por morto, retirárão-se.

— Elle não te conta tudo com receio de irritar-te, atalhou Muley. Sem arnez nem escudo como me achava, não cahi, sem ter visto cahirem primeiro tres dos teus, cobertos de ferro como vínhão.

— Tivesses tu morto vinte, não terias menos segura a vida, ora que és meu prisioneiro. Prosegue, escravo.

Este continuou:

— Ou porque não reparassem em mim, ou porque me desprezassem como escravo, ninguem de mim curou. Eu porém presentindo alguns restos de vida em meu senhor, liguei-lhe as feridas como

pude, e para aqui o vim arrastando, na esperança de salval-o. Depul-o entre estas pedras, para vêr se voltava a si, porque minhas fôrças exgottadas me não permittião leval-o mais longe. Vendo o clarão d'uma luz, que para este logar se dirigia, procurei escondel-o melhor, e eu mesmo me agachei. Vós chegastes, senhor, ajoelhastes alli abaixo, mas quando proferistes em voz alta o nome da nossa princeza, meu senhor estremeceu, voltou a si, e repetiu o mesmo nome. Foi por isso que nos descobristes.

— Muley Achmet, disse D. Garcia, és meu prisioneiro, e tens direito a exigir de mim a cortezia devida a tão esforçado guerreiro, como todos te conhecem. Não é pois como senhor, que ordeno, mas peço-te como um cavalleiro pode rogar a outro. Faço mais, offereço-te sem resgate a liberdade, se me dizes... se sabes dizer-me onde está Zuleika.

A voz de D. Garcia ia gradualmente abaixando, até tornar-se quasi extincta ao pronunciar o nome querido.

O mouro fez um esfôrço sobrehumano. Ergueu-se quasi até ficar sentado, solevou um pouco a espada, mas as fôrças o trahírão, e elle cahiu novamente de costas. O escravo apressou-se em soccorrel-o, mas com um gesto elle o deteve. Após alguns instantes soltou-se-lhe a voz:

— Orgulhosos christãos! Não contentes com rou-

bar-nos nossas terras, castellos e cidades, quereis ainda nossas mulheres. Oh! a maldicção de Allah e do seu propheta caia sobre vós. E sobre mim, que não posso já manejar este ferro inutil, accrescentou arrojando, ou antes largando da mão a espada.

— Muley, sem razão te irritas. Zuleika...

— Zuleika é minha noiva, tornou o sarraceno.

Os dentes de D. Garcia batérão uns de encontro aos outros, como se intensa febre lh'os agitasse. Depois perguntou:

— E ella ama-te?

— Que te importa? respondeu Muley.

— Basta! És meu rival, e D. Garcia de Sousa nem assassina um rival indefeso, nem o encarcera quando a sorte da guerra lh'o entrega inerme. Vou mandar conduzir-te ao castello, e segurar estes subterraneos, que podem ter alguma entrada occulta, por onde se introduza o inimigo. Curarei tuas feridas, e se com favor de Deus conservares a vida, serás livre de partir quando e para onde te aprouver, sem condições nem resgate. Depois, se outra vez nos encontrarmos, guarda-te, que esta espada não te poupará mais.

— Nem a minha te acatará a ti, embora seu dono te deva a vida. Attenta o que fazes, que eu não acceito a liberdade para que sejamos amigos. En-

tre nós só pode haver guerra, guerra leal, mas de morte e a todo o transe.

— Nem eu al quero, emquanto amares Zuleika.

Passados alguns minutos era Muley Achmet transportado n'uma maca para o castello, onde o deitárão n'um leito, e lhe pensárão as feridas.

Alto vae já o sol; o infeliz cavalleiro não lhe sente os aprumados raios. Recostado ás ameias da mais alta torre, contempla elle silencioso o melancholico panorama. Melancholico, porque sua alma era triste, que bem risonho e alegre era elle a olhos sem paixão. Com a vista procura o cavalleiro penetrar no interior de todas aquellas habitações, que por entre laranjeiras e oliveiras, mal se divísão, e a si proprio pergunta se occulta em alguma d'ellas não jazeria a sua amada. Loucura, que a filha do rei de Sylves não ficaria assim á mercê do vencedor. Comtudo, quem sabe! Mas não é aquillo tudo seu senhorio? Não é elle agora o alcaide de Estombar, não lhe obedece tudo em tôrno? Que o impede, que se assegure da verdade, e que livre seu attribulado coração do pêso da incerteza? Talvez a realidade seja maior mal, mas não, antes esse.

— Desçamos, pensa elle. Não fique tres leguas em redondo um esconderijo, que me não seja patente.

Mas que nuvem de poeira é aquella, que se ergue no horisonte, e cada vez mais se approxima? Não se vê entre ella luzir de quando em quando o brilho de polidas armas? Não ha duvida, é um exercito, que se adeanta, e exercito de mouros é elle. Oh! Aben Afan, o rei de Sylves, não é homem, que deixe impunemente arrebatarem-lhe os seus castellos, e se não me engano é elle proprio, que marcha na vanguarda, aquelle cavalleiro refulgente de ouro, e brilhante de pedraria. Não busca elle sob humildes armas, escondendo a importancia da pessoa, evitar o tiro dos contrarios; não, elle se mostra tal qual é, e quem o ousar, que com elle se atreva.

—Ás armas, cavalleiros, ás armas, brada D. Garcia, e em breve vê em tôrno de si os seus bravos.

—O inimigo nos ataca, continua elle, porém mais do que a esperal-o estou affeito a acommettel-o. Saiamos-lhe ao encontro, e fique em duvida qual dos dois bandos é o aggressor.

—Que! tornou um, em quem a madureza dos annos fazia mais moderada a natural bravura. Não vêdes a multidão, que ahi vem? Se em campo os encontrassemos, não seria eu que havia de fugir, mas aqui temos outros deveres, que cumprir. Esta torre é do mestre de Santiago, e por ella havemos

de responder-lhe. Se lh'a conseguirmos guardar contra aquella chusma de infieis, bofé, que não faremos pouco.

— Vossas palavras são de guerreiro valente e experimentado, e as razões teem o pêso da auctoridade. Aprestemo'-nos para a defesa.

D. Garcia o disse, mas não accrescentou uma palavra para animar os seus: bem sabia que d'isso não carecião.

Acercão-se os mouros! Dispostos não vêm elles para muitas demoras, nem gástão tempo em intimar a entrega do forte, que sabião com quem tinhão de haver-se. Sem concederem repouso ás fadigas da marcha, ordenão as columnas, arremêção as fachinas, entúlhão os fossos, e encóstão as escadas. Mas debalde tentão a escalada, que os defensores são quarenta, mas esses quarenta são Portuguezes. Em vão atácão simultaneamente por todos os lados, para dividir as fôrças dos sitiados: aquelles quarenta braços chegão a toda a parte do vasto recinto, e quantos mais sobem, mais baqueão, despedaçando-se nas lages. Se algum logra firmar o pé dentro das ameias, não tarda, que a cabeça, voando-lhe dos hombros, volte ao meio dos assaltantes. Porfião, e porfião os mouros, mas as espadas dos christãos não se embotão, nem afrouxão os seus braços, e quantos mais sobem, mais caem

derribados. O sol já se escondeu ha muito, e as trevas vêm pôr termo á lucta.

Outra vez raia o dia. Ah, os mouros não dormírão, nem gastárão a noite em reparar as fôrças. Vêde aquellas machinas alli erguidas, que principião a cuspir pedras e a varrer as ameias. Terriveis armas de arremêsso, que levão longe uma morte ingloria, e tornão sem proveito o valor e a fôrça do braço. Sobre pesadas rodas avança lentamente ominoso engenho de grossos madeiros. Debalde chovem sobre elle os projectis, debalde lhe caem em cima gigantescos fragmentos de rocha, a sua superficie superior resguardada por enormes chapas e varões de ferro, a tudo resiste.

E a terrivel machina a avançar, a avançar sempre, lenta, mas constantemente. Lá transpõe os entulhados fossos, lá se encosta á porta principal do castello, e eil-a que principia a arder em labareda com inextinguivel chamma, nutrida por materias inflammaveis alli accumuladas. Já a madeira das grossas portadas começa a crepitar, já estourão os gonzos e sáltão os ferrolhos, e a entrada abobadada do castello se patenteia como a garganta do inferno, a vomitar flammas.

Agora todo o exercito se abala. Munido de escadas vem metade para tentar nova escalada, agora que as pedras, que chovem do campo, mal permit-

tem aos defensores assomar sobre o alto das muralhas, e a outra metade se arremeça contra a franqueada entrada, arredando os restos da machina, e mettendo-se por entre as labaredas. Mas por detraz d'estas, espada nua e olhos chammejantes, está D. Garcia, acompanhado de dez dos seus, emquanto os outros de sobre as ameias repellem os assaltantes. Os primeiros mouros mordem a terra, mas impossivel é resistir áquella onda viva. O impulso dos que vêm atraz, pesando sobre os da frente, os impelle para deante, ainda depois de mortos e cravados no ferro inimigo. Já não ha espaço para ferir, nem para o jôgo das armas, é uma hoste inteira a cahir sobre onze campeões, e combate-se encostando hombro contra hombro. Mais um momento, e o castello é entrado.

Mas não sôão no campo inimigo os clarins sarracenos? É o clangor das trombetas, tocando a retirar cada vez mais apressadas. Obedecem os mouros ao imperioso toque, e largão das mãos a já segura prêsa. Respírão os christãos, mas pasmão do successo. Será sonho, será um ardil de guerra? Não, ligeiros correm os infieis, e já por toda a planicie se não avista um só.

Pelos seus esculcas soubera o mestre, que partido era de Sylves Aben Afan com o grosso do seu exercito a recobrar Estombar.

—Toma-me embora o meu castello, que eu tomarei a tua cidade, pensou D. Payo, e deixando Paderne, se vae sobre Sylves.

Teve o rei aviso do movimento dos christãos, e abandonando tudo, só trata de acudir á sua capital e recolher-se a ella. Mas por mais que corra, entre elle e a cidade lá está já o mestre, cortando-lhe a entrada.

Rijo foi o embate. Deante da porta de Azaya se extende uma vasta campina, onde mais tarde se ergueu a egreja de Santa Maria dos Martyres. Alli se trava a peleja. Valente, bravo e destemido é o mouro, e o desespêro o aguilhôa. Na cidade tem elle as mulheres, os filhos, a fazenda, o lar domestico, a patria, e de tudo isso o separa o christão. «Allah! Allah!» brada elle, e investe furioso.

Foi terrivel o choque. Voão as lanças em estilhaços, falseião os broqueios, rompem-se os arnezes. De parte a parte corre o sangue. Os gritos dos feridos e moribundos misturão-se com os brados dos combatentes. Marchão os vivos sobre cadaveres e membros palpitantes, e espavoridos pelo campo correm corceis sem dono. D'um lado D. Payo e do outro Aben Afan fazem prodigios de valor, e ai do misero, que sua má estrella lhes conduz ao encontro. Finalmente avistão-se os dois contrarios.

—Eis-te emfim, christão maldito. Inimigo de

Allah e do seu propheta, roubador de nossas terras e mulheres; homem, que aborreces a paz e o repouso, possa a guerra, que sem cessar buscas, dar-te o merecido galardão.

E sopesando a lança arremeça-a com fôrça incrivel, e certeiro tiro. Zunindo atravessa o ferro os ares, e vae cravar-se no escudo do mestre. Arranca-o este, e vibrando-o a seu turno, o devolve a quem lh'o enviara, dizendo:

— Aben Afan, tu és digno de morrer ás mãos de D. Payo Pires Correia.

Curva-se o mouro sobre o pescoço do ginete, e sobre elle passa a lança que, enterrando-se no chão, desapparece até meio conto.

Desnudando a larga cimitarra, arremette Aben Afan com o mestre. Espera-o este a pé firme, e os golpes se succedem rapidos e tremendos. Nenhum dos dois fraqueia. Fraquejar D. Payo? Fôra impossivel, comtudo n'aquelle mouro acha elle um digno adversario, como nunca encontrara entre os que seguem a falsa lei do alcorão. Parte-se o alfange de encontro ao pesado montante do mestre, que desde logo mette a espada na baínha, incapaz de prevalecer-se da vantagem das armas contra tão bravo inimigo. Apeia-se este, e brandindo o punhal, o convida a um combate, braço a braço, peito a peito.

Mas que alvorôço é esse na retaguarda dos chris-

tãos? São os da cidade, que, vendo a peleja, saem para colher o inimigo entre dois combates. Grande foi a mortandade e muitos bravos alli cahírão para não mais se erguerem. Já os nossos principiavão a ceder, mas D. Payo o viu.

—Aben Afan, disse, aqui antes de cavalleiro, sou cabo de guerra, e cumpre-me ordenar a batalha. Luctaste com D. Payo e não fostes vencido, baste-vos essa gloria.

E picando o corcel arremeçou-se ao mais cru do conflicto.

—Soldados de Christo, cavalleiros de Santiago, já mouros vos mettem medo? Não vedes que o proprio inimigo nos abre as suas portas, para entregar-nos a cidade? Entremos pois, e se não ha ahi quem me siga, basto eu para tomar Sylves.

O mestre o diz, e arremeçando-se ao mais denso dos mouros, volteia o pesado montante em tão rapidos giros, que o olhar não o pode seguir. Mas o inimigo o sente, e cadaveres sem conta se vão amontoando d'um e outro lado do cavalleiro da cruz. Carregão com maior impeto os seus, e colhidos de subito terror fogem os mouros, demandando a cidade. Os de dentro lhes abrem uma porta baixa praticada na espessura da muralha, mas por onde entrarão sarracenos que não penetrem os de Santiago? D. Payo o é o primeiro a entrar na cidade seguido de poucos

dos mais destemidos, e um momento depois, abertas de par em par as portas de Sylves, offerecião franco accesso aos christãos.

Aben Afan tu o vistes, e como não te estalou de dôr o coração? Tua bella cidade tão forte, a perola do Algarve, é prêsa do inimigo, e a meia lua empallidece ao fulgor da cruz.

—Perca-se a corôa, perca-se o reino, perca-se tudo, mas salve eu minha filha, grita elle no paroxismo do desespêro, e abandonando a batalha antes de perdida, corre a toda a brida, rodeia a cidade, e entra por um postigo escuso, que leva ao alcáçar. Alli toma nos nervosos braços a gentil donzella, e collocando-a sobre o arção da sella, foge através dos campos em rapida carreira.

Foge, foge, que debalde foges.

Um trôço de cavallaria christã o persegue. Veloz e robusto é o arabe ginete, mas muito ha já corrido hoje, dobrado pêso leva, e seus musculos de aço principião a afrouxar. Já sente menos o estímulo da espora, e já lhe corresponde com menos vivos arrancos. Roncando-lhe sae do peito a respiração offegante: pouco mais poderá correr ainda.

Insoffrido de repouso deixara D. Garcia o castello de Estombar entregue a metade de seus cavalleiros, e com a outra metade sahira a explorar o que poderia ter motivado a subita retirada dos

mouros. O estrepito das armas e a vozeria e alarido dos combatentes o guiárão na direcção de Sylves.

Quem é aquelle cavalleiro todo luzente de ouro e pedraria, que em desesperada carreira foge perseguido por um bando de christãos? Á fé que é Aben Afan, que outro não pode ser elle. E aquella moura gentil que elle leva adeante de si sobre o arção da sella? Oh! É ella! É ella!

Vendo surgirem-lhe pela frente novos inimigos, encurta o mouro as rédeas ao cavallo.

—Zuleika, já para nós não ha salvação, Allah o não quer. Comtudo antes de cahires nas ávidas mãos dos nazarenos, mais te vale morrer ás de teu pae. Eras tu minha unica affeição na vida, e vae unir-nos a mesma sorte.

E tirando do cinto o punhal, ergue-o sobre a donzella, que gelada de mortal susto se conchega a elle, cruzando os braços sobre o peito, como para resguardal-o.

—Suspende! Suspende! brada D. Garcia pallido de terror. Foge, Aben Afan, foge, que livre és de fazel-o.

Com o braço fez ao outro bando perseguidor um signal meio supplicante meio ameaçador, para que se detivessem. Deixae fugir, quem da fuga confia a vida.

O mouro vendo que ninguem lhe toma o passo

crava novamente as esporas no corcel, arremeçando-o na direcção da serra. D. Garcia o vê fugir e com elle lhe parece que lhe foge a alma. Oh! têl-a tido alli tão perto, quasi ao seu alcance, e ir perdel-a de novo para não mais talvez tornar a vêl-a! Mas aquelle terrivel punhal alçado sobre o mimoso seio, cofre de amor e das graças! Não; antes sabel-a com vida, do que conquistal-a cadaver.

Longe vae já Aben Afan. Um rio se lhe offerece deante, mas o rei lhe conhece o váo, e a elle mette o cavallo. Impetuosa é a corrente, e cançado vae o nobre bruto, cançado a não poder mais. A fôrça da agua o arrebata, elle perde o pé, e perdidos são cavalleiro, moura e cavallo.

D. Garcia os viu desapparecer. Ah! Corre, extremoso amante, corre, que o rio quer desposar-te a noiva. Veloz caminha a morte no seio das aguas, e com ella lucta a tua amada.

Mas já elle chega, vestido, armado e coberto de ferro como vinha se arremeça á corrente. E com os robustos braços vae talhando as ondas, e pesquiza todas as curvas do rio, e devassa-lhe, mergulhando, o leito.

—Perdida! Perdida! lhe brama do fundo da alma o desespêro, já elle quer entregar-se á corrente, e abandonar a vida ao elemento, que lh'a despira de todo o encanto. Prêso nos ramos d'um salguei-

ro alveja um estofo: envidando as ultimas fôrças para alli se nada o cavalleiro, e oh! ventura, entre os braços sente o corpo da moura.

Subindo á margem, depõe-na brandamente sobre a relva. Cerrados estão os olhos d'ella, os labios são de côr de violeta, e o coração não palpita. Mas o amante não desespera. Deus não podia restituir-lhe duas vezes a sua amada, para duas vezes lh'a arrebatar, e agora para sempre irremediavelmente. Não poupa elle esforços, carinhos nem cuidados, nem fervorosas preces, e o céo piedoso restituiu-lhe uma alma, que já não era d'este mundo.

Zuleika abre de novo os olhos á luz do céo, no ar vivificador lhe dilata os pulmões. Ella respira, ella vive... para o amor e o prazer. Quem sabe!

O rei de Sylves nem vivo, nem morto alguem o encontrou mais.

VI

A BODA

Trinta dias ha já que Sylves é tomada. Aos mouros deixou o mestre as vidas e as fazendas, nem lhes impoz maiores tributos, do que pagavão antes. Depois se rendeu Paderne, mas ahi vingou elle em sangue sarraceno a morte de dois de seus mais prezados cavalleiros, mortos ante os muros da praça. A misera gente passou-se mais tarde para Albufeira, quando esta abriu as portas ás armas do mestre de Aviz, D. Lourenço Affonso.

Ámanhã parte o mestre de Santiago outra vez para as terras de Hespanha, onde novos combates o aguardão.

Tavira se veste de galas e louçanias, e pelas ruas divagão seus habitantes com musicas, bailes e des-

cantes. A egreja de Nossa Senhora, ainda ha pouco mesquita de infieis, ostenta todas as suas pompas, e sobre seus altares ardem mil tochas. Todo o clero alli está reunido, uma augusta cerimonia se prepara.

Ahi vem ella, a formosa Zuleika, outr'ora a filha do rei de Sylves, hoje desposada d'um cavalleiro christão. Nas aguas do baptismo vem ella lavar a mancha do peccado, e no céo exultão os anjos com a conquista d'aquella alma tão candida. Alli lhe puzerão o nome de Beatriz, que Beatriz se chamava a rainha de Portugal, bem que ausente, sua madrinha. Padrinho é o mais esforçado cavalleiro da christandade, é o proprio D. Payo Pires Correia, mestre de Santiago.

Não foi este comtudo o unico sacramento, que a recem-corversa recebeu em tão faustoso dia. Não vêdes alli D. Garcia de Sousa, como seu rôsto reflecte o jubilo, que lhe vae pela alma, como seus olhos brilhão de amor e desejo? Eil-o, que tomando-a pela mão, vae com ella ajoelhar ante o levita sagrado, eil-os que trocão reciprocamente os anneis nupciaes, eil-os que pronuncião as palavras sacrosantas mas tremendas, que com laço indissoluvel os prendem para sempre na terra. E o sacerdote implora as bençãos do céo sobre o par formoso e aventurado.

O alcáçar pernoita em festa. As quatro fachadas brilhão com o clarão de milhares de luzes, e as torres se erguem como columnas de fogo. Nos pateos e nas eminencias circumvizinhas ardem fogueiras de alegria, e a noite parece trocada em dia. Mas quem descreverá o borborinho, que vae por suas salas e galerias! Damas, cavalleiros, pagens e escudeiros, mouros e christãos! Aquelle redemoinhar das dansas, aquelle troar de sons de festival orchestra, aquelles cantares dos trovadores!

Encostado a um pilar, e envôlto em negra samarra, está um vulto. Seu rôsto amarello é de pergaminho, seus olhos de reptil percorrem a multidão, nos labios delgados lhe paira satanico sorriso. No meio da geral alegria ninguem repara n'aquelle aspecto de tristeza, n'aquella ave de ruim agouro, que parece piar desgraças.

E progride, progride sempre o tumultuar da festa; e á festa segue-se o banquete, com seus opiparos manjares, seus brindes, seus chistes folgazãos.

Uns sons brandos, melodiosos, suavissimos como o vibrar de harpas eoleas, vêm ferir os ouvidos dos alegres convivas. Sob a arcada da entrada está um vulto feminino; suas vestes são alvissimas, e de egual alvura o véo, que cercando-lhe a cabeça

lhe desce sobre o rôsto. Uma nuvem de branco estôfo vaporoso lhe envolve o corpo todo, deixando apenas livres uns braços delgadissimos e umas mãos transparentes, através das quaes se julga vêr a neve do vestido, e nas quaes sustenta uma cithara de marfim, cujas cordas parecem de ouro.

Casando com os sons do instrumento uma voz sêcca e rouquenha, que contrastava singularmente com a doçura d'aquelles, entoou o espectro um hymno lugubre, que não menos dissonava com a alegria do banquete:

Descuidado mortal, lembre-te a morte,
Que não tarda a colher-te.
Vil insecto do pó, o pó te lembre,
Em que tens de verter-te.

Alma gerada do teu Deus na mente,
Não te esqueças de Deus.
Nobre espirito para os céos creado,
Lembrem-te sempre os céos.

Da mulher filho, de miserias muitas
Se tece a vida do homem.
Máguas aos centos e milhões de dôres
A seiva lhe consomem.

De gosos poucos e infinitos males
Se compõe o viver.

E é o dia, se o ha, de riso,
Vespera do soffrer.

Tu tripudias no festim da vida,
Crendo eterno o viver:
Com sequiosos labios vaes sorvendo
A taça do prazer.

Ai! Desgraçado emquanto folgas ledo
Porque te julgas forte,
Com passo lento marcha, mas seguro,
Atraz de ti a morte.

Mas o seio do Senhor
É da salvação o porto;
Busca n'elle á tua dôr,
Oh, infeliz, o confôrto.

Que a sua mão piedosa
Nos off'rece o curativo
Á chaga mais dolorosa,
Ao soffrer sem lenitivo.

Cessou o canto e calárão-se os sons da cithara.

— Singular epithalamio! disse D. Jayme de Athayde. Toma, velha, toma um copo d'este vinho generoso para alegrar-te o humor sombrio.

Mas já ella alli não estava: vinda não se soube d'onde, desappareceu não se soube como. Ninguem a vira chegar, ninguem a vira partir. Môrno silen-

cio, e um como penoso sentimento de mal-estar a todos enleava.

— Que é isso, cavalleiros? bradou D. Payo. Dir-se-hia que a bruxa vos embruxou a todos. Dar-se-ha caso que ainda tenhaes medo de velhas! Por Santiago! É preciso que um velho vos convide á alegria? Ora vamos, enchei-me rasos esses copos, vivão os noivos, e leve o diabo todas as aves agourentas, bruxas e feiticeiras.

— Vivão os noivos! respondérão todos em côro, postos em pé, e virando os copos.

Quebrado estava o encanto. Dissipou-se a nuvem de tristeza, como vento norte desfaz a nevoa da manhã, e de novo retumbárão os brindes, brilhou o riso e voárão, cruzando-se, os motes.

E ao banquete succedeu outra vez a festa, as dansas, as musicas e os cantares. Não tem termos a alegria, nem limites o folgar.

Mas alta, mui alta vae já a noite, e os fatigados membros pedem repousar. Já a noiva se retirou ao seu camarim; sentada está ella em fôfas almofadas, e a seus pés a fiel Fatima. Praticão ambas de passados males, de venturas presentes, e esperanças futuras. Comtudo ha no passado tambem descuidados dias e venturosas horas, e brincos e risos infantis. Tudo isto acodia de tropel á mente n'aquelle momento solemne, em que os alegres enlevos da

donzella ião trocar-se pelos austeros deveres da esposa. De repente solta a noiva um grito, e a voz se lhe prende nas fauces. Deante d'ella está o homem da samarra negra.

— Zuleika, recordas-te do teu juramento? lhe pergunta Zabedul.

— Sempre o tenho presente, responde a infeliz em tom sumido.

— É chegada a hora de cumpril-o; manda sahir essa escrava.

Fatima, pasmada de terror e surpresa, encara sua senhora, como pedindo-lhe a explicação de tão insolito proceder.

— Retira-te, lhe diz esta trémula, e quasi sem mover os labios.

A escrava obedeceu.

— Zuleika, cumpre seguir-me.

— Seguir-vos? Meu Deus!

— Sim, seguir-me. Eu o exijo e tu o juraste: depende d'isso a minha vida.

— Oh! É impossivel.

— Deves-me obediencia cega, bem o sabes. Se hoje m'a negares, será a minha morte. Quererás assassinar-me?

— Não, oh, não!

— Vaes pois seguir-me?

— Piedade, senhor, piedade!

— Piedade? Merécel-a tu? Consultaste-me tu, aguardaste as minhas ordens, para receber o baptismo, e para dar a mão de esposa a um odioso nazareno?

A misera atirou-se aos pés do judeu.

— Fiz mal, lhe disse, mas perdoae-me, perdão, perdão! Acaso tornei a vêr-vos, sabia onde encontrar-vos? Podia eu adivinhar...

— Vaes seguir-me?

— Senhor, senhor, não me mateis. Não me mateis hoje, n'este dia, que eu julgava o mais ditoso da minha vida. Oh, se soubesseis como eu o amo, como na esperança d'este dia tenho vivido tantos outros, curtido tantas máguas!

E a mim o dizes?

— Que mal vos faz a minha ventura? Que vos hei feito, em que hei delinquido, para que me arrojeis á ignominia e á vergonha? Não é só o esposo, que me roubaes, é o desprêzo do mundo, que sobre mim lançaes, é a vergonha, que me daes por dote.

— Não queres pois seguir-me?

— Justos céos, que vae ser de mim! Oh, condoei-vos da minha dôr, da minha desesperação. Sei que vos pertenço, serei vossa serva, vossa escrava, sempre humilde e submissa, mas não me invejeis uma vida tranquilla e socegada.

— Queres seguir-me?

— Oh! Seguir-vos, seguir-vos, não tendes outra palavra para uma desgraçada, que roja aqui a vossos pés, implorando compaixão! Pois matae-me, matae-me já, e antes mil vezes a morte, do que arrancar-me de seus braços, deshonrada a seus olhos. Que pensará elle, pois que não quereis que vos chame...

— Silencio.

— Matae-me, matae-me pois.

— A tua morte já me não salvaria a vida. Se me não segues, estou perdido. Ainda recusarás?

— Perdão! Piedade! clamava a triste, e abraçava-lhe os joelhos, e rasos de lagrimas erguia para elle olhos supplicantes.

A porta abriu-se. Era D. Garcia de Sousa.

A infeliz esposa escondeu nas mãos a fronte, curvada sobre os joelhos. O judeu assumiu a mais humilde postura.

— Morte e inferno! Que significa isto? bradou o cavalleiro.

— Senhor D. cavalleiro, perdoae-me, lhe disse Zabedul. Venho reclamar esta mulher, que me pertence.

— Vil scelerado! Judeu maldito, tu ousas insultar-me? Reptil peçonhento, já este pé vae esmagar-te.

—Ah! Senhor, escutae-me, dignae-vos escutar-me por piedade, e por vosso bem.

Pallido de raiva e desfigurado, com os olhos chammejantes e as mãos convulsas, mal se continha D. Garcia, que não executasse a sua ameaça. Olhava alternadamente para a esposa, cuja confusão parecia denunciar um crime, e para o judeu, que não se atrevia a erguer os olhos, e perdia-se n'um mar de conjecturas. A dôr e a colera lhe luctavam no peito anciado, e o coração lhe pulava como um corcel esporeado.

—Senhor, continuou Zabedul, eu corri, voei, para poupar-vos uma vergonha...

—A mim uma vergonha! bramiu o cavalleiro, rangendo os dentes.

—Perdoae-me a expressão. Corri, voei, mas Deus não o quiz, cheguei tarde de mais; já o acto estava consummado. Que faria eu? Dirigir-me a vós em publico? Oh! Não, era impossivel. Aguardei pois que vos retirasseis a sós, não tanto para reclamar o meu direito, que eu de bom grado sacrificaria, se o comportasse a vossa dignidade e a vossa honra, mas para dizer-vos, que esta a quem destes hoje a mão de esposo, é indigna de vós.

Comprimidos soluços se escapárão do seio da desgraçada.

—Insensato! clamou D. Garcia, ainda o repetes?

— Senhor, antes de ser vossa, ella me pertencia.

— Oh! E' demais. Assim calumnías aquelle anjo de pureza? Pois bem, infame detractor, prova o que dizes, ou prepara-te para morrer, morrer da morte mais affrontosa, que uma justa vingança pôde jámais inventar.

— E se eu o provar, entregar-me-heis a desgraçada, e deixar-me-heis ir livremente?

— Seja.

— E basta-vos a sua confissão?

— Basta.

— Zuleika, disse o israelita com voz agitada, de indefinivel accento, ouves? O mui nobre cavalleiro D. Garcia quer saber se me pertences, e diz se tu o negares me fará morrer cruelmente. Não é verdade que és minha?

A triste não proferiu uma só palavra.

— Oh! raiva! Ella emmudece. Beatriz, fala, confunde este miseravel impostor. Ah! nem sei como ainda me contenho.

Nenhuma resposta.

— Beatriz, fala, eu o quero, ordeno-te.

— Justos céos! murmurou ella.

— Por Deus, Beatriz, uma resposta clara e positiva: sim ou não.

Ella ergueu-se. Seus olhos estavão já sêccos de lagrimas, seus labios tomárão uma espressão quasi

de desdem. Afastou do corpo os braços deixando-os pender para a terra, como offerecendo o peito aos golpes, forte na sua innocencia. Ia falar.

—Zuleika, atalhou Zabedul, confessa, olha que pões em risco a minha vida.

—Garcia, meu só, meu unico amor, perdôa áq..... e ia lançar-se nos braços do esposo.

—Arreda! bradou este. Responde, infame, pertences...

Os joelhos vergárão á miseranda; suas fôrças se quebrárão, ella cahiu desfeita, alquebrada, anniquilada, e ainda na queda murmurou:

— Pertenço.

—Desesperação e morte! uivou D. Garcia. Pertence... Pertence...

E cravando as unhas no peito, sahiu precipitado do aposento, louco, desesperado.

O judeu soltou uma gargalhada de demonio, como devem rir os condemnados no inferno, e lançando uma capa negra sobre o corpo inanimado da infeliz, tomou-a nos nervudos braços, e com fôrças que ninguem n'elle adivinhara, transportou-a lesto e ligeiro pela extensa escadaria até ao pateo. Alli cavalgou um vigoroso ginete, que o esperava, e com o seu precioso fardo desappareceu nas trevas da noite.

Por montes e valles, por extensas charnecas e

agras serranias conduziu o judeu a sua prêsa, até ao antro da bruxa, e alli a depoz mais morta do que viva.

— E' minha! bradou elle com expressão mais de raiva do que de contentamento.

— Infeliz, lavraste a sentença da tua condemnação, tornou a feiticeira.

— Que! Minha mãe, irás denunciar teu filho, conduzil-o á morte?

— Não eu, mas o Senhor, que já te julgou, e que te entregará nas mãos dos teus inimigos.

— Veremos! Quem virá descobril-a aqui? O unico, que poderia fazel-o, o unico que além de vós conhece o segredo, jaz sepultado no valle das Antas, e os mortos não voltão.

— Quem sabe.

— Não, minha mãe. Grande é a vossa sciencia, grande o vosso poder, mas não renovareis as maravilhas do pythoniza de Endor, e ainda que o podesseis, não o farieis porcerto contra mim.

— O senhor não carece do meu fragil braço para executar os seus immutaveis designios.

— A vingança é doce.

— E que te fez esta desgraçada?

— Na filha me vingo dos maleficios do pae. Se soubesseis como eu a amava, a formosa Gulbeyaz, que o villão rei nazareno me roubou... Oh! que

não me fôsse dado vingar-me no outro, n'esse Martim Affonso Chichorro, que tem sangue d'ella!

— Zabedul, a vingança é só minha, disse Jehovah.

— Se ella é um prazer divino, tambem quero proval-a.

— Basta, atalhou a bruxa com voz imperiosa. Toma essa, que hoje é tua victima, e talvez um dia seja tua juiza, e conduzamol-a para os aposentos internos.

Tomou Zabedul nos braços a donzella, e seguindo a velha foi depol-a na camara, onde havia estado D. Garcia.

— Retira-te, lhe disse a feiticeira, e elle obedeceu.

Então tomou esta as mimosas mãos da joven nas suas rugosas e descarnadas, e pouco a pouco a foi chamando á vida.

– Era pois um sonho? Ainda bem! Oh! era por demais horrivel.

— Não, minha filha, tornou a velha, não era um sonho. Reaes, e bem reaes são teus pesares, mas confia em Deus, que ainda verás dias venturosos.

— Perdida, perdida estou para sempre, elle já me não ama.

— Não, Leonor, os destinos dos reis estão escriptos no céo, e em tuas veias corre sangue real; ainda te aguarda na terra o teu quinhão de felicidade.

— Leonor? E quem é essa Leonor? Meu Deus, as idéas se me barálhão na mente; já a mim mesma me não comprehendo. Zuleika, Beatriz, Leonor, quem sou eu pois?

—Tu és... não tardará que o saibas.

—E dizes que elle ainda ha de amar-me, que me chamará sua esposa, que viveremos juntos?

—Eu o disse.

—Mas quando?

—Minha filha, o céo corre-nos ás vezes uma ponta do véo, que encobre o futuro, mas nunca o desvenda totalmente. A' sciencia não é dado devassar os arcanos do porvir, mas antever apenas um ponto luminoso cercado de trevas. Descortina o fim, a que tendemos, mas o modo de attingil-o, entre os innumeros caminhos, que a elle lévão, é o segredo, que a Providencia se reserva. Serás feliz, eu t'o afiança, porém mais não posso dizer-te. Entretanto aqui viverás tranquilla e socegada, nem o proprio Zabedul ousará impor-te a sua presença. Serás tratada como uma rainha, embora no teu reino não haja vassallos nem raie a luz do sol.

—E hei de aqui viver captiva e prisioneira, sem vêl-o, sem saber d'elle?

—Teu captiveiro não será longo. Possão as esperanças do futuro suavisar-te as máguas do presente.

VII

O NOVIÇO

Findárão os officios da meia noite, e todos dormem no convento da Arrabida (*). Só, na sua cella, sentado em um escabello de pinho, encostada a fronte sobre um braço, que se apoia n'uma mesa da mesma madeira, vela um frade. Ao lado está um leito, se tal nome merece uma tira estreita de cortiça, posta sobre dois bancos.

— E' pois ámanhã o almejado dia, em que pronunciarei o voto indissoluvel. Ámanhã aquelle, que no seculo se chamou D. Garcia de Sousa, se chamará frei... frei... que sei eu o nome, que me darão, e tambem que me importa! Podesse eu ao

(*) Relevem o anachronismo.

menos esquecel a! Podessem estes muros, que se erguem entre mim e o mundo alevantar-se tambem entre o presente e as memorias do passado!

«Tambem como eu a amei! Como no enlêvo d'este amor passava as horas do dia e da noite, e enganava as pungentes saudades da ausencia! E como este amor era em mim um culto, uma adoração, talvez uma idolatria! Por isso Deus me puniu. Eu cria-a pura como um anjo, santa como uma virgem do céo. E a ingrata... como tão infamemente me illudiu! O seu olhar era tão transparente, n'elle parecia retratar-se sua alma inteira; seu semblante, seu porte erão tão altivos, todo o seu ar respirava o orgulho da innocencia e da consciencia do proprio valor. Como pode tanta perversidade, tanta dissimulação aninhar-se no coração da mulher! E pensar que ella zombava de mim, de mim nobre e cavalleiro, e me deixava suspirar prostrado a seus pés, beijando a terra, em que suas plantas se havião impresso, emquanto um perro, um judeu, um homem ignobil... Maldicção! Maldicção!

«Mas não! Deus perdoou aos que o offendérão e tambem eu lhe perdôo a ella. Perdoar-lhe? Ai de mim! Se fôsse só perdoar-lhe! Mas é que apesar de ella me ter escarnecido, vilipendiado, infamado, apesar de me ter nodoado o nome, o nome

de meus avós até agora sem mancha, apesar de me ter obrigado a quebrar o escudo e a depor a espada, ainda sinto aqui, aqui debaixo d'este burel, d'estes cilicios, que me rásgão as carnes, ainda sinto, por mais que a mim proprio procure disfarçal-o, ainda sinto que a amo!

«Deus piedoso, tem dó de mim! (e lançou-se de joelhos deante do crucifixo.) Do fundo da minha abjecção a Ti levanto as mãos supplicantes. Apaga em mim este sentimento profano, este fogo impuro, que é um insulto aos Teus altares, ao Teu santuario. Deixa-me achar a paz n'este claustro, onde tantos outros têem encontrado o repouso e a tranquillidade. Ámanhã um voto sagrado, tremendo vae ligar-me para sempre ao serviço do Teu templo. Oh, n'esse momento purifica-me o coração, enchem'o todo do Teu amor, não fique n'elle logar para outro culto, pois que Tu és um Deus zeloso. Não permittas, que n'este santo recinto se commetta um sacrilegio; faze antes desabar sobre mim estas abobadas, sepulta-me debaixo das suas ruinas.»

O noviço ergueu-se, deu alguns passos pela estreita cella, e foi outra vez sentar-se, onde antes estava, tornando de novo a recostar na mão a fronte, que lhe ardia em febre.

— E onde estará ella agora? Para onde a conduziria o seductor infame? Talvez ambos se en-

treguem a seus adúlteros amores, e escarneção do pobre frade. Ah! Eu não devia talvez entregal-a! Não era minha esposa, não podia eu matar aquelle perro renegado, e depois quem saberia o que entre os dois se havia passado? Quem? Sabia-o eu, eu que jámais poderia esquecel-o, eu que nunca poderia transigir com a honra a ponto de conservar a meu lado como esposa uma mulher que havia pertencido a outro. E porque mereci eu este abysmo de desgraça, este tremedal de ignominia?

Calou-se e fitou os olhos no pavimento. Pouco a pouco se lhe fôrão cerrando as palpebras, e em desvairados sonhos continuou o curso dos seus desvairados pensamentos.

Tres golpes retumbárão rijos e sonoros á porta da cella. O noviço abriu os olhos. Era dia, e o sol dardejava seus raios matutinos através da miuda gelosia.

— Quem quer que sejaes, podeis entrar.

Abriu-se a porta, e sobre a soleira assomou um cavalleiro armado de todas as peças.

— Ah, sois vós, D. Martim Affonso?

— Eu proprio, D. Garcia, que venho buscar-vos, e que jurei levar-vos commigo.

— Levar-me comvosco? Desculpae-me, mas eu já não pertenço ao mundo. Julguei que viesseis assistir hoje á minha profissão.

— Deus me defenda! Sois mui joven ainda, para vos metterdes frade.

— Joven, dizeis vós? É que não sabeis ainda que n'esta terra se não vivem annos. Um dia, que digo eu? uma hora, um momento, nos faz ás vezes envelhecer, e máguas como eu as hei curtido, como as estou curtindo ainda, deixão o coração resequido, a alma morta, e o corpo alquebrado.

— Ora, bofé, cavalleiro, que não são vossas penas das que não têem cura. Olhae, fizestes mal em vos irdes apaixonar por uma moura... que não serei eu, que diga mal d'ellas, pois se meu pae é Affonso III, minha mãe era sarracena [1]. Mas emfim, mouras ou christãs, todas são mulheres, e todas juntas não valem um cabello da cabeça d'um fidalgo.

— Nunca amastes, D. Martim?

— Tenho amado muitas, ou eu não fôra filho de meu pae.

— O que quer dizer que não amastes nenhuma.

— Ao vosso modo talvez não. Se entendeis por amar metter-se um homem frade quando qualquer

[1] Houve mais (Affonso III) de uma mulher mourisca outro filho, que se chamou Martim Affonso Chichorro, de que descendem os fidalgos d'aquelle appellido. — *Chronica dos Reis de Portugal,* reformada pelo licenciado Duarte Nunes de Leão, 1677.

mulher nos engana, decerto que não. Se todos fizessem como vós, seria o mundo inteiro um vasto convento. A mim é que ainda nenhuma me enganou, porque lhes não dou tempo para isso. Antes que m'o fação, faço-o eu.

— Ah! D. Martim, que não sei se vos inveje, se vos lastime.

— Como vos aprouver, comtanto que agora venhaes commigo.

— Impossivel.

— Olhae, já meu pae partiu para o Algarve. Com el-rei foi o infante seu tio, o commendador-mór de Mértola com os seus freires spatharios; o mestre de Aviz com os de Calatrava, o valente Cunha, Egas Lourenço, Estevão Annes, o chanceller, Mem Soares de Mello, os filhos de Ruy Gomes de Briteiros e de Pedro Ourigues e muitos outros cavalleiros, não tantos, porém, como fôra para desejar, pois que o não permittiu o estado do reino, inquieto e abalado ainda pelas guerras civis, nem a pressa, com que se preparou a jornada, para colher de improviso os sarracenos. Vem tambem de Hespanha o mestre de Santiago, para ajudar na conquista e tomar parte nos louros da victoria. Eu conduzo a meu pae umas cem lanças, mas levar-lhe-hei um mimo, que elle muito mais prezará, levar-vos-hei a vós, D. Garcia de Sousa.

—Relevae, D. Martim, mas d'este claustro nunca mais sahirei.

—Mais precisão de cavalleiros do que de frades a fé e o reino.

—Cavalleiro já não sou.

—Na vossa bôcca essas palavras, D. Garcia? Pois que já não baterá debaixo d'esse burel um coração portuguez?

—Portuguez nasci, Portuguez sou, e Portuguez serei até morrer.

—Dizeis que sois Portuguez, e quando Portugal chama seus filhos ás armas, recusaes-lhe o vosso braço?

—Acho-me prêso aos altares.

—Ainda não, ainda não proferistes o voto irrevogavel. Olhae, D. Garcia, vinde commigo, cumpri primeiro o vosso dever de Portuguez e cavalleiro, ajudae a conquistar Faro, e quando em todo o reino não houver mais um inimigo, nem mouro nem christão, volvereis ao vosso claustro, retomareis o habito, e far-vos-heis monge, se ainda vos não houverdes curado.

—Revestir a armadura!

—Não vos pesará mais, do que vos pesava outr'ora. Cavalleiro, tomae a espada, o vosso rei vol-o roga, vol-o ordena, se preciso fôr, pela minha bôcca; christão, vinde pelejar pela fé de Christo, a re-

ligião o exige; Portuguez, armae-vos, a patria carece do vosso braço.

— Pois bem, cavalleiro, christão e Portuguez, eu cingirei ainda uma vez a espada e brandirei a lança no serviço do rei, da patria e da religião, e depois, se no campo da batalha não achar a morte, virei n'este claustro buscar a paz dentro dos muros d'este convento.

Na sala grande do castello de Salir, que fica entre Loulé e Almodovar, está Affonso III, o Bolonhez. Sentado no alto da sala n'uma cadeira de espaldar collocada sobre um estrado, veste elle os ornatos e insignias de rei; a fronte lhe cinge uma corôa, e dos hombros lhe pende o manto real. Ao lado direito, extendidos ao longo da sala estão com seus trajes de cerimonia os mestres, commendadores e cavalleiros das ordens militares, hospitaleiros, templarios, os de Aviz e os de Santiago do ramo de Portugal. Do lado esquerdo estão os grandes do reino, ricos homens, cavalleiros, fidalgos e infanções. Postos de pé sobre o estrado estão do lado direito do rei o infante D. Pedro, seu tio, e do esquerdo o chanceller D. Estevão Annes.

Arrastando o rico manto com a cruz da sua ordem, entra na sala o mestre de Santiago, D. Payo Pires Correia, seguido de todos os seus freires. Avança o mestre com passos solemnes e vagarosos

até ao estrado, e tomando uma almofada de velludo carmezim franjado de ouro, que ao lado lhe levavão, e sobre a qual se via um molho de chaves, ajoelha ante o rei, e apresentando-as a este, assim lhe fala:

— Senhor rei D. Affonso III de Portugal, em nome de D. Fernando III, rei de Castella e de Leão, vos offereço o senhorio do Algarve, e com elle as chaves de todas as cidades, villas e castellos tomados aos mouros ao poente do Guadiana, e por ellas vos rendo aqui preito e vassallagem, jurando guardar vossos foros, direitos e prerogativas, e servir-vos tanto na guerra como na paz leal e devidamente.

O rei, tomando as chaves com as proprias mãos e passando-as ao chanceller, respondeu:

— D. Payo Pires Correia, a homenagem, que me prestaes me é mui agradavel por ser de terras, que de direito pertencem á minha corôa e senhorio, e mais ainda pela pessoa, que m'a rende. Sois um vassallo leal, e um valente campeão da lei de Christo, e já que me entregaes vencido meio Algarve, espero que me ajudareis a haver o resto. D. Payo, erguei-vos.

— Este braço, tornou o mestre erguendo-se, e o d'estes nobres cavalleiros de Santiago, vêm pelejar por vós, e tenho fé em Deus, que brevemente

não haverá mouro em todo o Algarve, que se não vergue ao vosso mando. Mas a minha missão não é finda ainda. D. Fernando vos cede todas as cidades, villas e castellos por mim tomados, mas em memoria de que andárão na conquista armas castelhanas, e que de terras de Hespanha, onde é o mestrado da ordem de Santiago, partiu a expedição, exige que lhe fiqueis pagando quarenta lanças.

D. Affonso empallideceu, e pela assembléa sussurrou um murmurio surdo de indignação. Não se accommodavão aquelles altivos espiritos portuguezes com a idéa de pagar tributo.

— E se eu recusar? perguntou o rei.

— Se recusardes, guardará D. Fernando a sua conquista.

— E que fareis vós, D. Payo, vós Portuguez?

— Não vos entregarei as praças, que hei d'el-rei de Castella, mas lhe mandarei a elle aviso, que veja a quem as quer confiar, e a esse as entregarei. Depois, quite da minha palavra, não esquecerei que antes de ser mestre de Santiago já eu era Portuguez.

— Pois bem, disse pondo-se de pé D. Affonso, nunca jámais pagará Portugal tributo a Castella. Entregae essas cidades a quem vos aprouver, porque os Portuguezes saberão tão bem arrancal-as

das mãos dos Castelhanos, como as havião de tomar aos mouros. Que dizeis, cavalleiros?

—Que temos mais de quarenta lanças, para dar a Castella, mas ella que venha tomal-as pelo ferro, respondeu D. Mem Soares de Mello.

—O que ouvistes é a resposta de todos os Portuguezes, accrescentou D. Affonso III, tornando a sentar-se.

—Essa resposta, previu-a D. Fernando III, disse o mestre, cujo coração pulava de alegria e orgulho, bem que elle o disfarçasse. Desejando porém manter á face dos mouros a paz entre os principes christãos, sem quebra da propria dignidade, assim me falou: Vae, D. Payo, e se Portugal não quizer dar as quarenta lanças, que apresente um cavalleiro capaz de medir-se comtigo. Se tu venceres, elles que paguem o tributo, se fôres vencido, de tudo cedo, e que hajão os meus castellos livres e desonerados. Ora sus, Portuguezes, o partido é honroso, nem creio que haja entre vós quem se despreze de quebrar uma lança com D. Payo Pires Correia. Embora com armas de cortezia, não será um brinco o combate: eu farei o meu dever, e ainda que o golpe, que possa derribar o meu contrario, me atravesse o coração, não atraiçoarei aquelle, que em mim confiou.

—Que vos parece o partido? perguntou D. Affonso.

— O partido é bom, respondérão todos.

— Pois bem, Portugal acceita o partido, que lhe propõe Castella. D. Payo atirae a vossa luva.

O mestre collocou-se o mais perto, que poude do rei, sem subir ao estrado, e posto de ilharga, para não dar-lhe as costas, nem olhal-o de frente, como se tambem a elle se dirigisse o desafio, arremeçou o guante bem longe ao fundo da sala, e esperou.

Ninguem se moveu.

Valentes e destemidos erão todos aquelles guerreiros, nem algum d'elles recearia morrer, se de morrer se tratasse, mas levantar a luva de D. Payo como campeão de Portugal, e com a sua derrota impôr á patria um tributo, que pagar ao extrangeiro, nenhum d'elles teve esse arrôjo.

— Que! exclamou Affonso III impaciente. Já Portugal não tem um defensor? Pagae, pagae o tributo, e agradecei a Castella, não vir tambem tomar-vos as filhas e as mulheres.

Sessenta bravos arremettérão na direcção da luva, promptos a erguel-a.

— Suspendei! bradou D. Egas Lourenço. Senhor, continuou elle voltando-se para o rei, grave injustiça nos fazeis. A todos nos heis visto combater, dizei se já algum de nós deu jámais costas ao inimigo. Morrer ás mãos de D. Payo Pires Correia é sorte mais para invejar-se, do que para temer-se.

Mas quando não é a propria vida, que se arrisca, quando do resultado do combate pende a honra de Portugal, ninguem deve de leve presumir muito nas suas fôrças, tendo por adversario o mestre de Santiago.

— Não haverá pois no meu reino quem possa medir-se com o campeão de Castella?

— Só conheço um, tornou D. Egas, mas esse agora é frade.

— Ainda não! bradou alegre uma voz.

Na sala entrárão dois cavalleiros enlameados e cobertos de pó, como quem chegava de longa jornada: D. Martim Affonso Chichorro e D. Garcia de Sousa.

— O frade trocou a sotaina pelo arnez, o capello pelo elmo, e a mim deveis todos esses milagres, accrescentou D. Martim.

D. Garcia avançou, saudou o rei e depois os cavalleiros, e foi apertar a mão a D. Payo.

— Sabeis o que se passa, lhe perguntou este.

— Entrando, o ouvi.

— Temos pois de pelejar um contra o outro, nós que tantas vezes combatemos lado a lado.

— Ignoro, se era a mim, que se referia D. Egas Lourenço.

— E a qual outro? contestou este.

— O meu braço e a minha vida pertencem a

Deus, ao meu rei e á minha patria. Se quereis fiar de tão indigno cavalleiro a sorte de Portugal, e se D. Payo não desdenha de medir-se commigo, eu erguerei a luva.

— Não conheço no mundo mais galhardo cavalleiro, respondeu D. Payo, apertando-o nos braços.

— Em nome de Deus, disse Affonso III, erguei o guante de Castella, D. Garcia de Sousa, e Deus e Nossa Senhora da Conceição vos ajudem.

Preparada está a liça. Nas duas extremidades da estacada estão os dois mantenedores, D. Payo e D. Garcia: grossos como braços são os contos de suas lanças, mas os ferros não têem ponta. Em volta estão cavalleiros e soldados, o exercito inteiro assiste á tremenda lucta, em que todos têem interesse. N'um palanque elevado se assenta Affonso III.

É juiz do campo o mestre de Aviz e a seus lados estão o commendador-mór de Mértola e D. Egas Lourenço, arautos e reis d'armas. Ergue o juiz o braço direito, tres vezes tócão os clarins, e á terceira partem um contra o outro os dois campeões.

Rijo foi o encontro. Voárão em estilhaços as duas lanças, que parecião poder derribar muralhas, mas nenhum dos cavalleiros perdeu a sella. O cavallo de D. Garcia, porém, com a violencia do embate, abateu, e assentou em terra os quartos trazeiros.

Apeião os dois lidadores, e tirando das espadas, principia o mais renhido do combate. Ambos parecem eguaes em fôrças e destreza. Ferem fogo as adagas, entrechocando-se ou cahindo sobre os elmos e armaduras. Era bello e terrivel de vêr a lucta dos dois mais esforçados cavalleiros. Golpes como aquelles ninguem ainda os dera, e impossivel de terminar-se parecia a contenda, tão valentes erão os dois no ataque e na defesa.

Toma D. Payo nas mãos ambas o pesado montante, ergue-o acima da cabeça, e a arma terrivel a que ninguem havia resistido, cae sobre o elmo de D. Garcia. Estremeceu este, e para não ir a terra teve de firmar-se na espada, apoiando a ponta no chão; mas a lamina do montante partiu-se rente pelos copos, e atravessando o ar foi cahir a cem passos de distancia.

—Deus e vós todos, cavalleiros, me sois testemunhas, brada D. Payo, que como leal e bom mantenedor, hei combatido por el-rei de Castella, e os sarracenos sabem se era de boa têmpera o ferro d'aquella espada. Decidiu, porém, o céo, partindo a arma, que defendia os direitos de Fernando: sem quebra da honra me dou por vencido, e ao rei de Portugal entrego as cidades, villas e castellos do Algarve, para que os haja como seus proprios, livres de todo o fôro e vassallagem.

VIII

O MORTO VIVO

Em redor dos muros de Faro está acampado o exercito christão. Em dois combates dividira o rei as suas tropas. O que para si guardou extende-se do alcáçar até á porta depois dicta dos Freires. O do mestre de Santiago principia deante d'esta mesma porta e vae até á da villa; com elle estava D. Garcia de Sousa. Ao rico homem Pero Staço coube um lanço de muro até á torre, que mais tarde tomou o nome de João de Avoim, e a este outro lanço até ao combate do rei, com quem pelejavão tambem D. Fernão Lopez, prior do hospital de S. João, D. Lourenço Affonso, mestre de Aviz, Estevão Annes, chanceller-mór, D. João de Avinhão, Mem Soares, João Soares, Egas Coelho

e outros de menor nomeada, mas não menos valentes feitos.

Havia no alcáçar uma fusta, que lançada por um arco, aberto no muro, servia para em caso de necessidade ir avisar o Miramolim [1] de Marrocos, cuja era a cidade. Para cortar, porém, os soccorros, que por mar podião vir á praça sitiada, havia entrado no rio uma poderosa frota de naus forradas de couro de um lado, que atravessadas no canal offerecião o bordo assim empavezado ás galés, que podessem pretender forçar a entrada.

É noite, e duro se pelejou em todo o dia, vindo o sangue de christãos e sarracenos misturar-se nos fossos da cidade e engrossar-lhes as aguas. Recostado em leito de campanha está na sua tenda real Affonso III. Desde que sahira de Evora não despira elle mais a armadura.

Os cuidados do reino e da conquista o consérvão desvelado. Talvez que tambem lhe causassem insomnia memorias de Bolonha e do tempo, em que era apenas conde, e da fiel consorte, a infeliz Mathilde tantas vezes ultrajada, e do irmão, de quem em vida se constituira herdeiro. Fora vigíão as atalaias, mas com o rei ninguem está. Ninguem? Será sonho, ou realidade? Encostada ao panno do fundo

[1] Amir el-mumenin.

da tenda está uma figura gigantesca. Nús traz os nervudos braços e as musculosas pernas. Resguarda-lhe o peito uma simples couraça de ferro não polido, e a cabeça lhe cobre um morrião sem pluma nem pennacho. Sobre a curta espada, que lhe pende ao lado, traz lançado um surrão de pastor. No braço esquerdo enfiara um escudo quasi da altura do corpo, e com o direito se apoia n'uma lança, que mais parece um pinheiro arrancado da serra da Estrella.

Attonito considera o rei aquelle phantasma, mas illusão ou verdade, assim lhe fala o vulto:

— Affonso III de Portugal, ámanhã cahirá em tuas mãos o ultimo baluarte de poder inimigo no teu reino. Após trese seculos te concede emfim o céo inteira a herança, que me não foi dado deixar intacta e livre aos meus. Comtudo eu pelejei, luctei, combati como tu — mais do que tu talvez — mas o que não poude contra mim o ferro, o logrou o veneno. Pelo poente e meio dia não terás outros limites, senão os que te pozer o Oceano, até que teus filhos apprendão a avassallal-o, e reinarás sobre o mais bello torrão, que jámais habitárão homens. Mas pelo norte e oriente te aperta com braços de ferro um inimigo, mais que vizinho, cubiçoso de suffocar-te com seu mortal amplexo. Não ha de, porém, conseguil-o. Contra elle volta todas as tuas

fôrças. O mouro agonisante não pode já assoberbar-te: não o esmagues; como vassallo elle te será fiel, se por demais o não opprimires, nem, se Faro se te der a partido, queiras levar de viva fôrça: poupa os que hoje são teus contrarios e que ámanhã podem ser teus subditos, e poupa o sangue portuguez, que de todo carecerás, nem é elle muito. O que jurares, guarda-o, e lembre-te, que o primeiro dever d'um rei é a justiça.

— Quem és tu porém, singular conselheiro?

O phantasma desapparecera como uma nevoa se desfaz aos primeiros raios do sol, mas uma voz indistincta, como perdida na distancia, pareceu murmurar:

— Viriato.

Amanhecera. Retinia ainda aquelle som articulado apenas nos ouvidos de Affonso, quando vierão annunciar-lhe, que pedião falar-lhe dois nobres mouros descidos do alcáçar com mui pequeno sequito, o alcaide e almoxarife da cidade; mandou-os o rei entrar.

— Boas novas nos tragaes, Aben Barran.

— Boas ou más serão ellas, respondeu o mouro, conforme o resultado d'esta audiencia, que viemos pedir-vos.

— Em grande estima vos tenho, senhor alcaide, bem como a vós, Alvandro, e se o que vindes pro-

por-me, fôr compativel com o serviço de Deus e do meu reino, podeis já havel-o por concedido.

Inclinárão-se os dois, cruzando os braços sobre o peito, e proseguiu o alcaide:

—Creio, que não vos desaprazerá, o que vimos propor-vos. Senhor, longe está o Miramolim, nosso amo, e descuidado da sua boa cidade, nem nos envia soccorros, nem nos manda visitar, senão para cobrar os seus tributos. Sem d'elle havermos beneficio, pelejamos as suas guerras, derramando o nosso sangue, por quem nos não dá protecção. Se temos pois de servir a senhor, tanto nos faz que seja a vós como a elle, antes de vós haveremos paz e amparo contra todos, e d'elle só havemos encargos.

—Por Deus, exclamou o rei, que arrazoaes mui bem.

—Pagar-vos-hemos pois os tributos, que a elle pagavamos, e podeis todos os annos mandar um homem vosso cobral-os, que não vos faltaremos com elles.

—E nada mais? perguntou Affonso III.

—E que mais quereis?

—Quero Faro.

—Mas para que?

—Quero-a, porque é minha, porque em Portugal e no Algarve sou eu o unico senhor.

— Temos armas ainda, e sobéjão-nos provisões, nós nos defenderemos.

— Em boa hora. Ide, e tratae de bem vos precaver, porque hoje entrarei em Faro, e dada ou tomada, ha de ser minha.

— Pois bem, senhor, tornou mais brando o mouro, a nós doe-nos o sangue, que vae derramar-se e as vidas, que vão perder-se. Confiamos em vós, na vossa lealdade, e fé, que nos jurardes: nós vos entregaremos o alcáçar e pagaremos os tributos, deixae-nos a villa.

— Aben Barran, ainda por um momento alcaide de Faro pelo Miramolim de Marrocos, escutae as minhas ultimas palavras, e gravae-as bem na memoria, porque serão as derradeiras. Entregae-me Faro, que é minha, e sem condições, que as não soffre o rei de Portugal. Dir-vos-hei porém o que farei. Porei guarnição no alcáçar, e entrarei na villa eu e os meus quando muito bem nos aprouver. Dar-vos hei porém a governar os vossos, pagando-me os tributos. Deixo-vos uma mesquita para adorardes a Deus, segundo o rito do vosso propheta, e sobre a minha fé e palavra de rei vos garanto salvas vidas e fazendas. Agora, ide, deliberae, e se dentro de duas horas não houverdes mandado resposta, irei eu proprio buscal-a.

Cercados por mar e por terra, sem recursos e

ainda menos esperanças de havel-os, vião-se os mouros em grande apêrto. Por mais duras condições, que lhes impozessem, fôrça lhes era acceital-as. Murmurava já a soldadesca, a quem escasseavão as rações, acudia já frouxa e remissa ás armas, e ameaçava sublevar-se. Bem sabião os dois, que se voltassem á cidade, sem nada haverem conseguido, bem mal recebidos serião. Após breves instantes de recolhimento respondeu o alcaide:

— Rei dos nazarenos, confiamos na tua palavra, e se pouco é o que nos promettes, mais facil te será o cumpril-o. Nada mais temos que deliberar, vem, e te entregaremos o alcáçar.

Chama Affonso alguns dos seus, e acompanhado de sós dez cavalleiros segue os mouros.

Grande tumulto vae pelo arraial. Ninguem sabia do que se havia passado, apenas se via subir ao alcáçar o rei, mas como este não voltava, tudo era inquietação e desassocêgo. Alguem proferiu a palavra — traição — e esta voz pronunciada a principio baixinho e como a susto, foi correndo de bôcca em bôcca, engrossando cada vez mais, até tornar-se clamor geral. Correm todos ás armas, abala-se o exercito e vae acommetter a villa.

Do alto dos muros chovem settas incendiadas, pedras e dardos, mas nada pode deter os christãos, que julgão prisioneiro e em perigo o seu monarcha.

Avanção até á base das muralhas, e trazendo paus, ramos e materias inflammaveis encóstão tudo ás portas, prestes a largar-lhes fogo. Os gritos, o clangor dos instrumentos e o estrepito das armas atroão os ares. Parecia o batalhar de demonios.

Apparece então o rei e com o braço alçado impõe silencio a sitiados e sitiantes. Abrem-se as portas da villa, entrão os de fora em boa ordem; depõem os sarracenos as armas, e brevemente se confundem vencedores e vencidos. O que entretanto havia o rei passado no alcáçar, nem elle o disse, nem ninguem jámais o soube.

Em festival banquete celebra Affonso III com os seus o triumpho das armas christãs. Mas a tristeza, que lhe opprime a alma, não consente a D. Garcia tomar parte nos prazeres do festim. Pelas sombrias arcadas, que bórdão os pateos do alcáçar, passeia elle engolfado em pesares, e pensando no claustro do seu convento, a que brevemente espera acolher-se, como a porto seguro contra as tempestades da vida. Então pareceu-lhe ouvir, um como surdo gemido sahido d'uma fenda estreita aberta no pavimento e resguardada por dois grossos varões de ferro. O cavalleiro applica o ouvido, e agora mais distincto se repete o gemido, como subindo d'um sepulcro.

— Ha alguem lá em baixo? perguntou D. Garcia.

Uma voz sumida, extincta, trémula, entrecortada de suspiros, e mal intelligivel lhe respondeu:

— Esquecérão-se do pobre prêso... ha dois dias, que se me acabou o pão e a agua.

— E onde estaes, desgraçado?

— Que sei eu? Onde me mettérão.

— Mas por onde se pode ir aonde estaes? O alcáçar mudou de senhor, e eu desconheço os seus subterraneos.

— E são christãos seus novos donos?

— Christãos e Portuguezes.

— Bemdito seja Deus!

— Não vos recordaes, por onde para ahi vos levárão?

— Por uma sala, que ouvi chamar dos leões. Alli erguérão uma lage do lado esquerdo da fonte, fizerão-me descer comprida escada, atravessar corredores, até que chegámos aqui.

— Esperae um pouco, bom homem, e breve serei comvosco.

Procurou D. Garcia o logar indicado, e facil lhe foi reconhecer uma lage de marmore, que devia ser movediça, mas que suas fôrças não bastárão para solevar. Teve pois de chamar dois soldados, que com alavancas levantárão a pedra. Sahiu do aberto subterraneo uma baforada quente e nauseabunda e appareceu o alto d'uma escada, que se perdia na

escuridão. Munido d'um facho acceso desceu o cavalleiro, e prevendo obstaculos, que vencer, levou comsigo os soldados.

Effectivamente mais do que uma grade, que lhe tolhia a passagem, lhe foi preciso fazer saltar. Tres vezes voz em grita chamou pelo prêso, até que guiado pelos débeis gemidos d'este, penetrou na pavorosa estancia, que mais parecia servir-lhe de sepultura, do que de prisão.

Pesada e baixa abobada, de que se escapavão de espaço a espaço gôttas de agua gelada, se escorava sobre quatro grossas muralhas de tôscas pedras, a tressuar humidade. Terra balofa e escorregadia formava o pavimento, e por mal perceptivel fenda penetrava do alto tenuissimo raio de luz. Um sem numero de reptis nojentos povoavão aquelle covil infecto.

Sobre os poucos restos d'alguma palha já podre jazia um homem, ou antes um esqueleto ainda debilmente animado por uns resquicios de vida. Brancos erão os cabellos e branca a comprida barba, e o misero tiritava de frio, apesar de ir a estação no pino do estio. Rôta e dilacerada, mal lhe cobria a nudez uma especie de tunica de grosseiro panno, que parecia envolvel-o. Uma pedra e uma bilha de barro erão, além da palha, as unicas alfaias d'aquelle medonho antro.

Ao approximar-se o clarão do facho, que trazia o cavalleiro, tapou o velho com as mãos os olhos já desacostumados da claridade. D. Garcia o fitou attentamente, repassado de dó o coração, e aquellas feições desfiguradas e abatidas não lhe parecérão extranhas.

—Por Deus vivo, exclamou, que se o não soubesse morto no valle das Antas, me farieis lembrar o mercador Garcia Rodrigues.

—Assim me chamavão, quando eu vivia no mundo.

—Será possivel!

—Antes o não fôra! Oh, quão melhor me houvera sido a morte!

—Não, não, ainda vivereis feliz e honrado. Soou a hora da vossa redempção; vinde!

Fez o triste um esfôrço como para erguer-se, mas apenas conseguiu mover-se, e logo cahiu outra vez sobre as palhas.

—Tomae-o brandamente nos braços, ordenou o cavalleiro aos soldados. Primeiro que tudo tiremol-o d'aqui; e façamol-o respirar um pouco de ar vital.

Oito dias depois estava o mercador, já algum tanto restabelecido, mas ainda fraco, abatido e cadaverico, sentado n'um banco do jardim do alcáçar e conversava com D. Garcia de Sousa, contando-lhe a historia de seus infortunios.

—Mortalmente ferido por mão traiçoeira no valle das Antas, voltei a mim na humilde choça d'um mosarabe honrado, pois que ainda os ha, que perto d'alli residia. Depois que o mestre, levando tudo adeante de si, varrera de vivos o campo da batalha, me havião os meus creados encontrado entre os mortos, e presentindo-me ainda alguns restos de vida, me tinhão transportado para aquella choupana, onde á fôrça de cuidados lográrão para desgraça minha chamar-me á existencia. Dois mezes se havião passado e já eu sentia volverem-me as fôrças, e ensaiava os passos ainda débeis pelas immediações da pacifica habitação, quando succedeu passar por alli uma partida de mouros. Ou porque me suppozessem auctor de seus males, ou porque meramente quizessem vingar n'um christão a affronta recebida de christãos, amarrárão-me, e sem que os meus podessem valer-me, para aqui me trouxerão, onde me lançárão n'essa masmorra, em que aprouve ao céo que me encontrasseis.

—Muito alli deveis de haver soffrido!

—Oh! Nem m'o recordeis. Quando alli me deixárão a sós n'aquelle ar, que se não podia respirar, n'aquella humidade, que penetra até aos ossos, atirei-me sobre a palha, contando não mais me levantar, e pedindo sómente a Deus, que mandasse em breve a libertar-me o anjo da morte. Não

tardou porém, que eu sentisse uns corpos frios, gelados moverem-se-me pelas pernas, e depois pelas mãos, logo pelo rosto... Desesperado, louco, furioso, ergo-me de um pulo, brado por soccorro, como se alguem podesse ouvir-me, ou que ouvisse de mim se doesse, e buscando sahida por toda a parte, bato com a cabeça contra uma pedra aguda e saliente da parede, caio sem sentidos. Quando de novo dei accôrdo de mim, jazia sobre a palha, tinha a fronte ligada com pannos, e ao pé de mim estava o carcereiro. Era um velho, a quem o triste officio não empedernira ainda o coração. Consolou-me como pôde, deu-me uma bebida refrigerante, que me acalmou a febre, e ainda depois d'isso me levou por vezes, além do negro pão e da agua, algum alimento mais substancial, dizendo, que o fazia com risco da propria cabeça. Talvez a isso deva eu vêr hoje a luz do sol, essa luz tão suave, tão pura, tão vivificadora, e a que só quem d'ella se viu privado apprende a dar o valor todo. Pouco a pouco me fui habituando áquella mansão; a que se não acostumará o homem! Já os reptis me percorrião o corpo sem causarem-me asco ou nojo; chegavão-me até aos labios, e eu, se tinha fôrças, tirava-os, senão deixava-os passar, contentando-me com cerrar a bôcca. Devoravão-me o pão, que eu não tinha meios de livrar d'elles, e eu comia os restos. Este tremor, que

ainda estaes vendo agitar-me os membros, logo nos primeiros dias se apoderou de mim, para não mais me largar: comtudo eu tiritava, mas quasi não sentia frio, a tudo me ia tornando insensivel, só de vez em quando me atormentava a fome!

— Infeliz Garcia Rodrigues!

— E bem infeliz. Mas falemos tambem de vós, D. Garcia. Mui outro vos vejo, do que vos conheci outr'ora. Então ereis vós um guapo cavalleiro alegre e folgazão, agora estaes triste e pesaroso. Disserão-me que estaveis n'um convento antes de virdes á conquista de Faro, e que para lá tencionaveis volver.

— Assim é, e já me tarda retomar o capello e a cogulla.

— Tambem vós haveis pois soffrido muito?

— Se o soffrer da alma, mas um soffrer violento e contínuo sem folga nem esperança, se as máguas do coração, máguas, que nos envenenão a vida, nos mínão a existencia e nem de dia nem de noite nos deixão um momento de repouso, de esquecimento, se podem comparar com o requinte de padecimentos physicos, capazes de produzir a loucura ou a desesperação, hei eu soffrido tanto como vós.

— E d'onde a origem de vossos pesares? Não quereis confiar-me vossas penas?

— De que serve tocar na chaga sempre san-

grenta? Para recordar males, que não soffrem cura?

— Sempre é um lenitivo á dôr derramal-a no seio d'um amigo. Relevae este nome, porque, se sou um pobre mercador, e vós um nobre cavalleiro, a edade e as desgraças me auctorisam a dar-vol-o. Depois quem sabe? Hei visto tantos homens e tantas cousas, e apprendi que não ha n'este mundo destino, que não se mude.

— Fôra preciso apagar o que está feito, obrigar a volver atraz o tempo, que não pára, fazer com que o que succedeu não succedesse... Podereis tanto?

— Não porcerto, mas cousas ha no passado, que vistas a outra luz se tornão outras, successos a que nem sempre vêmos as causas, a que se ligão. São pois filhas de amor as vossas máguas?

— Mas de que amor! D'um amor, como jámais coube em peito de homem, como nem talvez saibão sentil-o os anjos. Imaginae, Garcia Rodrigues, que eu amava uma moura, amava-a com todas as veras do coração, com todas as fôrças da alma. Este amor era para mim a vida, era o ar, que respirava, era a luz, que me aclarava, era a minha fé, a minha religião, a minha crença, era tudo para mim. Eu amava com impia idolatria, amava como se ama Deus, e por isso Deus me puniu. E eu julgava-a pura, casta, immaculada, como um pensamento da infan-

cia, candida, como a neve, que cae das nuvens antes de haver tocado a terra. Tambem ella dizia que me amava com amor santo e sem peccado, e ante as áras do Senhor deu-me a mão de esposa, jurou fé e lealdade passada e futura. Longas e interminaveis me parecérão as horas do festim, e quando eu afinal, ébrio de amor e felicidade, repassado de desejos, fui procural-a ao seu camarim, encontrei-a — oh! que sinto ao recordal-o todas as furias do inferno raivarem-me no peito — encontrei-a ajoelhada ante um judeu condemnado, um homem vil e abjecto, um velho asqueroso, que teve a imprudencia de reclamal-a como sua. E não o matei, não o matei a elle, não a matei a ella!

— E quem era esse judeu?

— Hão de os meus labios manchar-se ainda uma vez com aquelle nome ignobil e odioso? Era Zabedul.

— Zabedul? E a moura?

— A moura, a filha do rei de Silves.

— Zuleika! Então não está perdido tudo, pois que a que passava por filha do rei de Sylves, reputava Zabedul por pae.

— Elle seu pae?

— Não, não o era, mas ella assim o cria.

— Meu Deus, que encontrados sentimentos me agitão agora! Insondavel mysterio! Seria ella innocente?

— Assim o creio, pois conheço aquella alma altiva e candida, terna e pura.

O cavalleiro atirou-se de joelhos, e postas as mãos:

— Deus de misericordia! Deus de bondade, dame que eu possa ainda amal-a sem affronta e sem vergonha, amal-a ainda um dia digna de mim, e toma a minha vida inteira em tributo d'essa ventura suprema.

— Sim, D. Garcia, tornou o mercador, diz-me aqui uma voz que sereis ainda feliz.

— Mas se ella não é filha do rei de Sylves, se não é filha do judeu, cuja é pois?

— Ignoro-o, mas o que sei vou contarvol-o. Tinha Aben Afan uma unica filha, que amava como a menina de seus olhos. A mãe era morta e o pae tinha de partir para a guerra em soccorro do emir de Granada. Não sei porque não quiz o rei deixar a tenra creança no seu alcáçar, e confiada á guarda da ama e de alguns servidores fieis e experimentados, a poz n'uma casinha retirada que ficava n'um deleitoso valle não longe da serra de Monchique. Quiz a desgraça um dia, que n'um momento de descuido, que nem sempre a maior vigilancia pode evitar, fôsse a infeliz menina devorada por um lobo. Passava eu por alli casualmente, e encontrei a pobre ama desfeita em pranto, chorando a morte da

creança e a propria, que o rei lh'a não pouparia, vingando a filha. O mal era irreparavel, mas doíme da triste velha e das angustias do pae, que eu sabia amar mais do que a vida aquelle penhor unico que lhe ficara d'um amor extremoso e desgraçado. Concorri para uma fraude piedosa, e Deus me perdoe, se fiz mal, que a intenção era boa. Ninguem de casa sabia ainda do tragico successo, e eu n'aquella manhã havia encontrado o judeu Zabedul á entrada do seu antro na serra, com uma creança nos braços, que por maravilhoso acaso se parecia singularmente com a perdida, e que elle me dissera haver achado abandonada n'uma ribanceira. Propuz á ama substituir a morta pela viva: o pae andava longe em terras de Hespanha, e quando voltasse facilmente attribuiria á mudança, que traz a edade em tão verdes annos, qualquer differença, que notasse nas feições da filha. Quanto a illudir os servos, ficava isso ao cuidado da velha. Acceitou esta e eu fui ter com o judeu, que não sem custo, pude resolver a entregar a creança. Correram os annos, e ninguem descobriu jámais o engano. A menina era já mimosa donzella, quando Zabedul, ameaçando a ama em revelar o embuste, exigiu d'ella, que fizesse com que a virgem o reconhecesse a elle como pae, e por tal o houvesse. Vencida do temor prestou-se a triste da velha a este novo enredo, e

facilmente deixou-se Zuleika convencer de que devia a vida ao judeu, embora passasse e devesse continuar a passar por filha do rei de Sylves. Pouco antes da sua morte me confessou a ama este novo erro, deploravál consequencia do primeiro, e morrendo deixou o segredo entregue unicamente a mim e ao outro.

—Mas que fim poderia ter Zabedul com este segundo embuste?

—Não o sei, nem posso imaginal-o.

—E porque não será elle realmente seu pae?

—Tambem o não sei de positivo, mas de uma alma tão negra e baixa não podia provir creatura tão perfeita. E se elle fôsse pae, porque não vos deixaria a filha, porque preferiria infamal-a aos olhos de todos?

—É preciso que eu o saiba. Garcia Rodrigues, aqui não careceis dos meus cuidados, e que carecesseis, e fôsseis vós meu proprio pae, egualmente vos deixaria. Adeus!

IX

D. LEONOR DE PORTUGAL

Surgiu o sol e seus raios matutinos dourão o cimo dos pinheiros, que corôão a serra de Monchique e que agitando ao bafejo da manhã a coma verde negra, sacodem o orvalho, que lhes brilha nos espinhos. Feridos de intensa luz alvejão os calvos rochedos, por entre a penedia das quebradas, de cêrro em cêrro se precipitão as torrentes, desfeitas em escuma, e longe, longe além das faldas da montanha se dilatão verdes campinas cobertas de figueiras e cortadas de fios de prata.

Deante da fenda da rocha que dá entrada para a caverna, que lhe serve de habitação, está sentado o judeu Zabedul. Sua alma vingativa, mas cobarde

e traiçoeira, só respira odio, na mente só lhe fervem pensamentos de rancor e de vingança. A infeliz Zuleika está já em seu poder, e bem desgraçada a logrou elle fazer, mas isso não lhe basta ainda. É preciso, que elle possa atormental-a cada dia, a cada hora, a cada instante, que lhe faça beber golo a golo até ás ultimas fezes o calix da amargura, que de contínuo lhe imbeba e com requinte de crueldade lhe vire e revire na ferida o punhal da vergonha e da desesperação, que lhe traspassa a alma de dôres violentas, insoffridas, cada vez mais atrozes, que veja a sua victima estorcer-se deante d'elle nas agonias do delirio, e apagar-se pouco a pouco entre prolongados tormentos aquella vida. Tal havia sido o seu sonhar de annos, e era tempo já de converter em realidade o sonho.

Mas que lhe havia feito a triste e mesquinha? Nada. Nada, elle proprio o confessara, era-lhe porém necessario um ente, com que entreter a sêde insaciavel de vingança e rancor, que o devorava, e por demais pusillanime para aferrar os dentes viperinos e cravar as unhas peçonhentas em quem com o pé o calcara na sua passagem, buscava uma fraca mulher, para pasto de seus ferozes instinctos. Comtudo o seu desejo satanico não estava satisfeito. Zuleika curtia dôres acerbas, mas elle não podia n'esse espectaculo apascentar os olhos; não

ousava approximar-se d'ella, nem sequer tornar a vêl-a. Vedava-lh'o a mãe, a mãe que elle odiava, mas que temia, e ante cuja alma forte, energica e rijamente temperada, se curvava a sua baixa, rasteira e dissimulada. Demais elle cria-a dotada de sciencia mais que humana e poder sobrenatural, e sabia que na synagoga era ella respeitada como um oraculo, e que para perdel-o a elle bastava um leve acêno d'ella.

Um unico partido lhe restava: era assassinar sua mãe. Assassinar sua mãe! E porque não? No abysmo de degradação em que havia cahido aquella alma, no lodaçal de vicio e ignominia, em que aquelle espirito se aprazia em revolver-se, no pestilento charco das mais vis paixões, em que chafurdava aquelle ente desgraçado, que de homem só conservava o nome e um resto da figura, não havia já graduação no crime. Da primeira vez que a infernal idéa se lhe apresentou á mente, repelliu-a elle espavorido. Mas ella voltou, e voltou tantas vezes, que já lhe não causava horror. Já elle proprio a chamava, já a afagava, já ella no escaldado cerebro se lhe ia pouco a pouco convertendo em plano, já o pensamento se occupava com os meios, com o modo, com a occasião, com as consequencias. Rebellar-se contra uma ordem expressa da mãe, não o ousava elle, mas espiar-lhe o somno,

chegar-se manso e manso como um tigre, feril-a no coração com golpe bem certeiro e rapido, para que ella não tivesse tempo de accordar, de fulminal-o com um olhar, anniquilal-o com uma palavra, isso parecia-lhe possivel.

Engolfado em seus tenebrosos pensamentos não sentira elle o ligeiro galopar de um cavallo. Detraz de um penhasco surde um cavalleiro, atira-se a terra, e com a rapidez do relampago lança uma mão ao pescoço do judeu, como receando que elle se lhe evaporasse como um sonho. Trémulo e gelado de susto se deixa Zabedul cahir de joelhos.

— Negregado judeu, onde tens Zuleika? pergunta D. Garcia de Sousa.

— Senhor, senhor, piedade.

— Fala, fala, ou esmago-te.

E com a mão de ferro apertava o cavalleiro ao judeu a omoplata contra a caixa do peito, que lhe rangião os ossos.

— Não posso... bradava este, abrindo a bôcca, como o peixe fora da agua, e mostrando com tregeitos, que lhe faltava o ar. Afrouxando um pouco a prêsa:

— Onde está Zuleika? insistiu D. Garcia.

— Senhor, não sei, não...

O cavalleiro cerrou-lhe o hombro com convulsivo apêrto. Torceu-se o judeu com a fôrça da dôr, e

deixando escapar um ai, apontou para a entrada da caverna. D. Garcia o tomou por um braço, e fazendo-o marchar a seu lado penetrou pelo escuro antro.

Na sala, onde outr'ora estivera o cavalleiro quando pela primeira vez visitára a bruxa, mortava agora sua infeliz esposa. Pallida, desfeita e abatida chorava ella as saudades da ausencia, e as máguas do perdido amor. Com lembranças de passadas venturas illudia as compridas horas da solidão, e entre suspiros e prantos lhe decorrião os dias e as noites, se é que dia e noite havia n'aquella estancia, em que não penetrava a luz do sol.

—Que te é aquella dama? perguntou D. Garcia ao judeu, que elle trazia mais arrastado do que conduzido.

Este não ousava responder.

—Fala, insistiu aquelle em tom que não permittia hesitar.

—É minha mulher, balbuciou Zabedul afinal como a susto.

—Villão ruim, julgas illudir-me ainda!

E apertou-lhe o braço com fôrça tal, que o pobre estorcendo-se de dôr soltou um gemido agudo. Esta insistencia e a propria presença do cavalleiro bem claramente estavão indicando, que alguma cousa havia elle descoberto. Não se atreveu pois o

judeu a persistir no seu dicto, e como se o temor lhe arrancasse a confissão, respondeu:

—E' minha filha.

Zuleika escondeu o rôsto nas mãos, não querendo mais vêr nem ouvir o que ia passar-se.

—Mentes, infame scelerado, mentes. Sabe que Garcia Rodrigues é vivo, e que tudo me contou.

Assim dizendo segurou o cavalleiro o judeu pelos dois braços, e sacudindo-o violentamente, como querendo despedaçal o, procurou fital-o de frente, mas debalde, porque este abaixava os olhos, fazia horriveis tregeitos, e abria a bôcca, faltando-lhe o ar. Ainda que quizesse responder, não o poderia.

—De quem é ella filha, responde ou morres.

—Senhor, senhor, não sei, achei-a pequenina, respondeu Zabedul, que com a reapparição de Garcia Rodrigues via tudo perdido, não lhe dando o terror tempo para reflectir.

—Mentes, mentes, fala ou... e o cavalleiro erguia o punho fechado prestes a esmigalhar o craneo do judeu.

Este de bom grado confessaria, para livrar-se d'aquella mão de ferro, mas a confissão era a morte.

—Por Deus, senhor dom cavalleiro, por quanto ha mais sagrado no céo e na terra, pelas cinzas de meu pae, por minha alma vos juro que o ignoro.

— Mentes, tu sabes onde a achaste, quando creança, roubaste-a porventura, fala, ou agora mesmo te envio a alma maldicta ás profundezas do inferno.

— Ai de mim desgraçado! Que posso eu dizer-vos, se nada sei. Juro...

— Miseravel! troou o cavalleiro e de um arremêsso atirou o judeu ao fundo da sala, onde foi cahir quebrado, semimorto. Depois voltando-se para a esposa:

— Beatriz, pobre esposa calumniada, ultrajada, vem a meus braços, vem!

Passando de um abysmo de dôr ao excesso da alegria ergueu-se ella... mas não poude dar um passo. Ourou-lhe a cabeça, o sangue lhe affluiu ao coração e rodaria por terra, se o cavalleiro não a sustivesse tão depressa, apertando-a de encontro ao peito.

O prazer não mata: prestes volveu ella a si.

— Beatriz, minha esposa, meu unico amor perdôa, se hei podido um instante duvidar de ti. Mas tambem porque confirmar o dicto d'aquelle reptil immundo! Sem isso nunca, nunca lhe daria eu crédito.

— Não era elle meu pae, e não ias tu matal-o, se eu negasse?

— Nobre creatura, que assim te immolavas por

ente tão abjecto. Quem, elle teu pae? Oh, era impossivel, desde quando se teria invertido por tal forma a natureza, que uma vibora gerasse uma pomba? Não, o honrado Garcia Rodrigues, que bem conheces, me referiu a historia da tua infancia.

— Sim, mas se não é meu pae, achou-me pobre creança abandonada por ahi por entre algumas urzes, onde teria sido pasto das feras do monte, se elle me não soccorresse. Sempre lhe devo a vida; perdôa-lhe por amor de mim.

— E estes dias, estes seculos de tormento, de desespêro, de indizivel tortura, que elle nos fez passar, quem nol-os pagará?

— Não está tudo isso compensado por este só momento de mais que humana ventura, em que nos tornamos a encontrar, em que nos volvemos a dizer que nos amamos, em que outra vez nos unimos, para não mais nos separarmos, pois que nunca mais nos separaremos, não é assim? E não enche essa felicidade suprema todo o teu coração? Ainda n'elle achas logar para o rancor, para o odio? Oh, sê generoso, perdôa, e Deus nos fará ditosos.

— Pois que o miseravel se suma, se suma para onde meus olhos nunca mais tornem a vêl-o.

Confuso murmurio de vozes soou no vestibulo da caverna. Cada vez mais se approximava o ruido e já distinctamente se ouvia bradar: D. Garcia!

D. Garcia! Entre aquellas vozes havia uma, que mais alto clamava, e cujo timbre fez estremecer o cavalleiro. Respondeu elle, e guiados por esse som se dirigírão os passos, até que na sala entrou um tropel de cavalleiros e á sua frente Affonso III.

—Quem diria, exclamou este entrando, que nas cerranias de Monchique, e no coração d'estas rochas, viria eu encontrar uma sala tão ricamente alfaiada, como a não tenho melhor nos meus paços reaes! mas por fim sempre é obra de bruxaria, não vejo senão tripeças. D. Garcia de Sousa, o honrado mercador Garcia Rodrigues, tudo me contou quanto se ha passado, pedindo-me que vos não deixasse só e desguardado n'esta caverna, onde não era segura a vossa vida. E como a sorte de tão valente cavalleiro me é sobremodo cara, vim eu proprio.

—Senhor, respondeu D. Garcia, inclinando-se respeitoso, é extrema bondade, que não vos merecia eu tanta solicitude.

—Julgaes que já me esqueci, que remiste Portugal de pagar tributo a Castella, ou que pelo menos lhe poupaste uma guerra?

—São serviços esses, que em si mesmo trazem o galardão, deixando-nos a consciencia de um dever cumprido. Comtudo nenhum risco corria eu aqui na habitação de uma pobre velha e de um miseravel judeu.

— Nem sempre este covil os abriga só a elles, e de gente descrida e soez não ha que fiar. Mas alli vejo vossa formosa esposa, que usando da minha prerogativa de rei, permittireis que abrace.

E o rei, transpondo o espaço, que o separava de Beatriz, abraçou-a com galantaria.

- Não, D. Garcia, accrescentou elle, nunca vos darei razão. Pois é possivel, que vendo estes olhos, o raiar celeste, que reflecte esse rôsto, a candura angelica derramada por este composto de graças, podesseis duvidar da sua pureza?

— Senhor, ninguem mais do que eu chora hoje o meu deploravel erro.

— Não basta; é preciso que com toda a vossa vida votada a servil-a e amal-a, apagueis o crime.

— Assim o promettendo, só prometto fazer a minha propria ventura.

— Mas não foi só a isto, que viemos. Onde está esse judeu maldicto?

Alguem apontou para o vulto, que jazia por terra.

— Levanta-te, perro.

O misero não se movia.

— Tambem para que? Assaz informados estamos dos seus crimes, não carecemos de ouvil-o. Levem-no: ahi mesmo á entrada do antro, que lhe servia de covil, se prepare a fogueira, e sem mais forma de juizo seja reduzido a cinzas.

Dois nervosos braços se apoderárão de Zabedul erguendo-o até meio corpo. Então este, vendo-se perdido, foi rojar-se aos pés do rei, implorando compaixão e piedade, com lagrimas e soluços, com vozes entrecortadas pela desesperação e pelo medo. O rei o empurrou com o pé e voltou o rôsto.

—Senhor rei, rogou Beatriz, abrindo pela primeira vez a voz deante de tão luzido cortejo, deixae-vos abrandar. Eu unirei as minhas humildes supplicas ás de um desgraçado, que talvez seja innocente. Perdoae-lhe, senhor, perdoae-lhe.

—Senhor, accrescentou D. Garcia, se unicamente em desaggravo meu o punis, já eu lhe perdoei, perdoae-lhe vós tambem.

—Não, respondeu Affonso III em tom solemne; a vós vos está bem perdoar, e até rogar por elle, mas a mim obriga-me o meu officio de rei a fazer justiça primeiro que tudo. Levem-no, e cumpra-se o que ordenado tenho.

Zabedul quiz tentar ainda um ultimo meio desesperado.

—E se eu revelar de quem ella é filha, clamou o triste, deixaes-me a vida?

—Não, respondeu o rei; morrer mereceste e morrer has de. Com a justiça não se mercadeja. Tu nos mentirias. Demais, que importa de quem ella é filha? Nobreza d'alma? Ella a tem. Fidalguia? Eu

lh'a posso dar, eleval-a a par dos primeiros do meu reino. Vae-te.

Então o desespêro e a certeza de não poder evitar a morte, derão um verniz de energia áquelle caracter vil e rasteiro. Ergueu-se, brilhárão-lhe os olhos de vibora, tomou uma attitude quasi digna, e alçando a voz, disse:

—Ah, maldictos vós todos, que...

—Açaimem-no, que o cão quer morder, bradou o rei.

Não poude o judeu proferir mais uma palavra. Puzeram-lhe uma mordaça e arrastado o levárão fora, apesar da resistencia desesperada que elle oppunha, debatendo-se como um possesso.

—Mas não era só com aquelle, que tinhamos que ajustar contas. Procurem-me por ahi a bruxa.

Mal acabava, quando de traz da tapessaria das paredes surdiu uma velha. Trajava alvissima roupagem, e branco véo lhe envolvia a cabeça. Seus braços erão delgadissimos, e as mãos transparentes como crystal.

—E' escusado, disse ella, nem presumaes que havieis de encontrar-me, se eu não quizera vir. Rei de Portugal, tu mataste meu filho, mas não fôste tu, foi o Senhor, que pelo teu braço o immolou, punindo suas iniquidades. Estava escripto que seus dias havião de extinguir-se hoje, nem sem a vonta-

de de Deus lhe cahiria um cabello da cabeça. Não te quero mal por isso, pobre instrumento de Jehovah.

—Bruxa insensata, sabes o que dizes, sabes a quem o dizes?

—Tanto ou mais do que tu. Não me interrompas, escuta-me, porque o que tenho a dizer-te muito te interessa. Affonso, lembras-te de D. Alda de Pennaguião?

Ao ouvir aquelle nome, uma nuvem de tristeza passou pela fronte do rei. Seu olhar altivo, severo, quasi feroz, tornou-se brando e melancholico, e se a sala não estivesse tão frouxamente allumiada, talvez nos olhos se lhe visse brilhar uma lagrima. Deixou pender a cabeça e não respondeu. A feiticeira proseguiu:

—Não te deu ella um fructo de vossos amores, uma menina linda como um anjo, a que pozerão o nome de Leonor?

—Que mouros ou judeus me roubárão, é verdade, retorquiu o rei, e do forte peito se lhe desprendeu um suspiro.

—Conheces esta joia? perguntou a velha, tirando do seio uma cruz feita de uma unica esmeralda, em cada uma de cujas pontas se via um rubi, talhado á guiza de meia lua.

—Essa cruz, exclamou o rei, era de minha filha,

bruxa maldicta, tu m'a roubaste; que fizeste d'ella? Onde está ella?

—Alli, respondeu a feiticeira, apontando para Beatriz.

Todos ficárão tranzidos de espanto. O rei ficou um instante como suspenso entre desejos e duvidas, mas o coração falou-lhe, e elle correu para a filha, estreitando-a nos braços.

—Minha filha tão chorada, minha Leonor!

—Meu pae, balbuciou esta, e os dois se tiverão longo tempo abraçados.

—Sim, proseguiu a bruxa, esta é tua filha, em cujos destinos quiz o Senhor symbolisar os d'esta bella terra de Portugal. Disputada por um judeu, um mouro e um christão, foi ella fiel ao christão e d'elle será. Mas a lucta não findou. O mouro vive ainda.

Passada a primeira explosão de ternura, a primeira effusão do coração, voltou a Affonso a consciencia da sua condição de rei, e carregando novamente o sobr'ôlho, dirigiu-se á velha e perguntou-lhe:

—E quem me havia roubado a filha?

—Zabedul.

—Não mentes?

—A bruxa de Monchique, que fala com os astros e escuta os espiritos do Senhor, jámais mentiu.

—E quem o levou a tanto arrôjo?

—A vingança. Affonso, teu coração vário não foi só a D. Alda, que se deu: amaste tambem a moura Gulbeyaz, e teu filho Martim Affonso Chichorro é prova de que ella não soube ou não quiz resistir-te. Mas não sabias, nem d'isso curáras, que o soubesses, que entregando-te assim a teus fugitivos amores, calcavas com teu pé de rei um verme da terra, que tambem tem aguilhão. Essa moura, antes de tu sequer a haveres visto, Zabedul a amava, amava-a com todas as fôrças da sua alma concentrada, só capaz de extremos, mas perdido era o seu affecto, que só d'elle zombavão. Tu triumphaste facilmente, onde elle debalde havia suspirado, e o pobre repellido e escarnecido jurou vingar-se. Contra ti não se atreveu, teu filho havido da sua amada não o poude colher ás mãos, roubou-te a filha de D. Alda, e fazendo-a desgraçada vingava n'ella as affrontas recebidas do pae.

—Já elle houve o premio de seus maleficios, e tu, que occultaste em teu antro a filha de Affonso III, que julgaste brincar impunemente com a cria arrebatada ao leão, tu, que foste pelo menos a sua cumplice, terás egual sorte. A mesma fogueira que lhe consumiu os ossos, irá devorar os teus.

A velha sentou-se n'um leito de repouso, que alli havia, e deixando que um sorriso de desdem

lhe entreabrisse os desbotados labios, respondeu:

—Pobre rei de Portugal, julgas que para morrer careço de tuas fogueiras, de teus algozes? Minha hora soou, e o Senhor me chama a Si, porque minha missão é cumprida sobre a terra, mas não será o teu braço, que me derribará. A minha vida extingue-se porque na lampada está consumido o oleo. O termo da minha existencia estava marcado para quando n'esta bella terra acabasse o dominio do mouro, e Portugal fôsse todo dos Portuguezes; e essa épocha é chegada. A Deus entrego o espirito e á terra estes mirrados ossos, cobertos apenas de resequida pelle. Comtudo nem sempre assim foi: tempo houve, em que fui joven e formosa, como a não havia mais bella entre as orgulhosas nazarenas! Então tinha eu nome, não era a bruxa de Monchique. Então fui eu amada, amada como poucas o hão sido, e o meu amante chamava-se Affonso II.

A velha reclinou a cabeça sobre a mão direita, encostou-se ás almofadas, fechou os olhos e pareceu adormeçer. Horrivel calafrio percorreu os ossos do filho de Affonso II, e suas faces tornárão-se pallidas como a morte.

—Fala, desgraçada, disse elle com voz trémula de terror, quem foi o pae de Zabedul?

A feiticeira permaneceu immovel. No auge da angustia, e tremendo que ella se finasse, levando á sepultura um segredo horrivel, receando ainda mais uma revelação, que o constituiria fratricida directo, a elle, a quem o irmão Sancho II já talvez haveria amaldiçoado, morrendo, tomou o rei o braço da velha, e agitando-o convulsivamente, com voz, em que se pintava a afflicção, perguntou:

— Fala, fala, por Deus, de quem era Zabedul filho?

— Do rabbi Ifrahim, murmurou ella, e seus membros se tornárão frios e hirtos. Sem um suspiro, sem uma convulsão havia ella entregue o espirito ao Creador.

Enorme pesadelo cahiu de sobre o coração de Affonso III, que respirou livremente.

Outra vez soou á entrada da caverna tropel e vozeria. Passos ferrados echoárão pelas abobadas da galeria, e no aposento se precipita um homem de armas, exclamando:

— Os infieis, senhor rei, os infieis!

— A elles, cavalleiros, bradou Affonso III, e arrancando a espada, corre para a bôcca do antro, acompanhado de todos.

D. Garcia apenas teve tempo de abraçar a esposa, e veloz os seguiu.

Galgando rapido a agra encosta, ahi vem subin-

do á rédea sôlta um grosso esquadrão de almogures, cujos brilhantes arnezes, resplandecem aos raios do sol. Coberto de armas negras, como os antigos guerreiros do Al-Sudan, avança um cavalleiro, que a não ser o turbante, dissereis christão. Negro é tambem o ginete, veloz e ossudo, que elle cavalga.

Já a chusma dos mouros esbarra no pequeno grupo dos christãos, que contra dez mal podem oppor um combatente, mas com elles estão Affonso III e D. Garcia de Sousa, que valem um exercito. Não se consomem palavras ociosas, não se trócão inuteis desafios: o negro chefe dos agarenos d'um golpe de larga cemitarra derriba ao approximar-se o primeiro cavalleiro christão, que se oppõe deante. Foi o signal. Trava-se a peleja, rija, ferrenha e mortal, sem dó nem misericordia. Os que caem não pedem quartel, que ninguem lhes concederia, e os que vivem passão a fazer mais mortos. Já os abutres da montanha pairão nas alturas, seguros dos despojos, que só os lobos lhes disputarão.

Opprimidos pelo pêso dos mouros, que os acommettem sem trégua nem descanço, apinhão-se os christãos á entrada da caverna, mas d'alli não ha movel-os, alli expirarão até ao ultimo, antes que um unico infiel logre abrir passagem. Debalde redóbrão de esfôrço os contrarios, para romper

aquella muralha de bronze, os cadaveres se amontoão deante d'elles, e os Portuguezes não cedem um passo. A estreiteza do logar, apertado pelas rochas, que de um e outro lado fórmão o como portico do antro, os favorece, não deixando pelejar ao mesmo tempo senão um numero limitado de mouros. Cumpre que uns môrrão, para que os outros lhes succedão.

Um homem baixo, vestido de burel côr de pinhão, a cabeça envôlta em amplo barrete negro, e longa barba a descer-lhe até á cinta, seguira os mouros, mas até alli se conservára afastado do logar da peleja. Este homem chegou-se agora ao cavalleiro negro, que commandava os sarracenos, e assim lhe soprou ao ouvido:

— Muley Achmet, em vão sacrificas a flôr dos teus soldados deante d'este estreito passo, que jámais lograrás forçar. Conheço quem o defende. Vou trahir o segredo de meus irmãos, mas não importa, a minha vingança é a de todos os israelitas. Zuleika está alli dentro, e deve estar só, pois todos os braços são poucos para a defesa. Mas a caverna tem outra entrada, e eu t'a mostrarei. Por alli entrarás, tomarás Zuleika e com ella fugirás. Entretanto sustentarão os teus a batalha, e quando fôr tempo, eu lhes direi que te sigão.

Muley Achmet, pois effectivamente era elle, en-

carregou o commando dos seus ao cheik, em quem mais confiava, e apartou-se rapidamente, seguido do judeu, sem que dos christãos ninguem o visse.

Deixada só, ficara Leonor em mortaes angustias. A seus ouvidos estrugião em sons confusos o estrepito da peleja e os brados dos combatentes. Se algum grito de agonia, dominando o estrondo, lhe chegava mais distincto, esse grito de afflicção podia ser o do pae ou do esposo. A misera ajoelhou e quiz rezar, mas as ancias, que a agitavão, a não deixavão formular uma oração, e o espirito atormentado, luctando por elevar-se ao céo, recahia sempre sobre a terra. Incapaz de pensar e quasi que de sentir, á fôrça de sentimento, recahira a triste n'uma especie de modorra, n'uma paralysação de sensações, em que a dôr, o receio, o medo pela sua propria violencia, lhe tinhão o coração suspenso, inerte e como que separado do resto do corpo.

Mas de repente está junto d'ella um guerreiro: negras são as suas armas, alta a sua estatura, bronzeado pelo sol da Africa o seu rôsto.

—Filha do rei de Sylves, o teu noivo te reclama, segue-me.

—Muley Achmet! balbuciou ella ao encaral-o.

—Tu bandeaste-te com os assassinos de teu pae, mas não importa, segue-me.

—Eu não sou filha do rei de Sylves, sou christã, filha e esposa de christãos.

O mouro não tinha tempo que perder; tomou nos robustos braços a mesquinha, que debalde se debatia como a rôla nas garras do açôr, estreitou-lhe a cabeça contra o peito, para impedil-a de gritar, e fugiu.

Com a ausencia do chefe agareno mudára a sorte da batalha. Os mouros, vendo cahir os seus um após outro, sem adeantarem um palmo de terreno, sem que os christãos fraquejassem um momento, sem que o braço d'estes cançasse de feril-os, havião recuado. Os Portuguezes, mais que valentes, temerarios, os havião seguido demasiado atrevidos para se conservarem na defensiva, aproveitando-se da vantagem do logar, e os dois bandos se baralhavão em campo aberto n'uma mole confusa, negra, ensanguentada, aqui e alli rôta um instante pela queda dos que succumbião, mas logo, outra vez, compacta, cheio o vacuo pelos que calcavão os cadaveres dos companheiros.

D. Garcia combatia a pé, que o corcel muito havia já que o perdera. Mas de repente, eil-o que se arremessa como um tigre sobre o mouro mais proximo. Derribal-o, saltar-lhe na sella do ginete, abrir com a formidavel espada larga vereda entre a turba dos sarracenos e precipitar-se a toda a brida pela

encosta abaixo, tudo foi obra de um momento. E' que elle de longe havia visto o cavalleiro negro lançar tambem o cavallo pela mesma encosta abaixo, e atravessado no arção levava um vulto feminino, cujas roupas fluctuantes — ah! não havia que enganar-se.

Breve conheceu o sarraceno que era perseguido, e mais rijos cravou os acicates no ventre do corcel já todo coberto de espuma. Deu este um furioso arranco, e de um pulo galgou um vallado, que lhe cortava o passo. Então principiou entre perseguidor e perseguido uma porfia desesperada.

O chão, desegual e accidentado, os dois corceis o embebem debaixo dos pés em rapida carreira. Parece que alguma potencia invisivel os impelle com mão poderosa por sobre os barrancos, os suspende ás bordas dos precipicios e por cima das pedras escorregadias das rapidas descidas, onde mil vezes deverião ter-se esbarrado. O cavallo do mouro leva pêso quasi dobrado, porém mais agil e possante do que o do christão, com a fôrça muscular compensa a desvantagem. Já por entre moutas de sarças, já sobre sôlto pedregulho, ou por charnecas cobertas de balsas de tôjo e cortadas de fosos, leva a carreira direito a um pinhal.

Por entre o denso arvoredo mal poderia penetrar o mouro com a sua prêsa atravessada deante,

sem despedaçar a misera donzella contra os galhos e troncos das arvores. Seguiu pois a orla da matta. Mas D. Garcia; a quem egual tropêço não impedia, embrenhou-se pelo bosque, tomando um atalho, que devia conduzil-o sobre o caminho, que levava Muley, cortando-lhe o passo. Egual se havia até então conservado sempre a distancia entre os dois cavalleiros, mas quando o christão no fim do trilho sahiu do bosque, e de novo se atirou atraz do mouro, não lhe levava já este duas braças de deanteira. Sentiu Muley após si o resfolegar do cavallo, o respirar offegante do cavalleiro, e mais forte esporeou o ginete, animando-o ao mesmo tempo com a voz e com os joelhos. Foi então que a corrida se tornou verdadeiramente um delirio, uma furia, uma insania. Duas braças apenas entre os dois, e essas duas braças não havia alargal-as nem encurtal-as. O terreno era egual e plano; outros mil vezes mais agros e quebrados havião os dois corceis já vencido sem risco, mas o acaso, ou antes a Providencia enredou n'um silvado os pés do de D. Garcia, e o cavallo e cavalleiro rodárão por terra. Depressa se ergue este de novo e obriga a erguer aquelle, mas quando outra vez cavalga já longe vae o mouro. Veloz corre o infiel por um descampado de rocha, que ferindo fogo resôa debaixo das ferradas patas do cavallo. De repente cessa o som, e o ginete e a

sua carga, tudo desapparece, some-se, como se o chão os houvesse tragado. Um grito de angustia se escapa do peito do cavalleiro christão, que se precipita na mesma direcção. Ao chegar ao sitio onde os de deante se havião perdido de vista, como se desfaz uma visão, o cavallo estaca repentinamente, empina-se, volteia rapido sobre as patas de traz, e tomando o freio nos dentes, vôa, que não corre, para longe d'alli, como se o terror lhe dera azas. É que elle vira a seus pés, e o cavalleiro tambem o vira, abrir-se como a guela do inferno o abysmo hediondo, insondavel, perpendicular, eriçado de negros penedos ponteagudos e farpados, como linguas de serpes, promptas a sorverem a victima, que se despenhasse, ao rolar para o sorvedouro sem fundo.

Cego vae o ginete na desenfreada corrida, cego de susto e horror, tão cego, que não longe vae esbarrar de encontro a um penhasco, erguido como um gigantesco marco milliario collocado pelas mãos do Creador no meio d'aquelle deserto. De novo cae o nobre bruto, fracturado o craneo, mas d'esta vez para não mais alevantar-se.

Atordoado pela queda alli jazeu alguns instantes o cavalleiro, mas não tarda que lhe volva o accôrdo. Erguendo-se louco, furioso, allucinado corre para o abysmo, talvez para n'elle precipitar-se após a es-

posa. Chega ás bordas do boqueirão horrivel, e pára como para mesurar-lhe a profundeza, mas que avistão seus olhos? Alguns pés abaixo da especie de soleira de granito, sobre que elle se achava, sentada n'um estreito taboleiro de relva, que se debruçava por cima do abysmo, — oh! não havia que duvidar, estava Leonor, a sua consorte bem amada. D'um salto se arremessa o cavalleiro para onde ella está, toma-a nos braços, aperta-a contra o coração, e não pode saciar-se de contemplal-a e estreital-a bem a si, receoso de que ella ainda lhe escape como um sonho, e mal podendo crer o que vê.

Cahindo sobre aquelle taboleiro, ao faltar-lhe o terreno debaixo dos pés, o cavallo do mouro se havia sustido, buscando firmar-se. Fôra um momento só e rapido como o pensamento; mas esse momento bastára para salvar Leonor. Convulsiva, desesperadamente ella se agarrara ao ramo de uma arvore, que a Providencia lhe depozera mesmo debaixo das mãos, e contra o qual quasi não esmigalhara a cabeça, e o terror lhe dera as fôrças que a natureza lhe negara, para suspender-se n'aquelle arrimo. Impellido pelo impeto da carreira, que trouxera, havia o ginete rolado para o medonho precipicio, arrastando comsigo o cavalleiro, que faltando-lhe o tempo ou o accôrdo para melhor a se-

gurar, deixára escapar-lhe d'entre os braços a sua prêsa. Uma torrente turva e intumescida com as copiosas chuvas das vesperas, espadanava no fundo d'aquella voragem, mugindo e espumando por entre a aspera penedia, que lhe formava o escabroso leito. Sorvêra esta o que das duas victimas até ella havia chegado e de envôlta com as raivosas aguas levava tudo pelas fraguas e catadupas da serrania, sabe Deus até onde. Um pouco de sangue, que tingia as saliencias dos penhascos, e alguns fragmentos de carnes esfarrapadas, dispersos pelas anfractuosidades do panno da rocha, era tudo quanto restava do valente Muley Achmet, do ultimo mouro, que em terras de Portugal luctou em campo aberto contra as triumphantes quinas, contra o glorioso pendão de Ourique.

Engolfado nas delicias da propria ventura, não esqueceu D. Garcia por muito tempo os mortaes cuidados, que devião agitar o peito de Affonso III. Era mistér voltar quanto antes aonde ficara o rei e o pae. Faltavão ginetes, mas não tinha o cavalleiro braços de ferro? Tomando n'elles a mimosa esposa, que debalde se offerecia para marchar a pé, principiou a percorrer agora em direcção opposta o caminho, que trouxera. Demasiado havia porém presumido das suas fôrças, que já começavão a abandonal-o, quando um acaso feliz lhe trouxe ao

encontro dois cavalleiros, enviados pelo rei em busca sua, e que lhe cedérão os ginetes.

Não se prolongara muito a lucta dos mouros depois da partida do seu bravo chefe. Desesperando da victoria, buscárão a salvação na fuga. Desassombrado do inimigo, não tardara D. Affonso a dar pela ausencia da filha. Bem vira elle D. Garcia precipitar-se para fora do combate pela encosta abaixo, mas porque assim corria e atraz de quem corria, ignorava-o até então. O seu coração de pae lhe adivinhou porém o mysterio, e no mesmo instante dispersou os seus cavalleiros para todas as direcções em soccorro da filha, e incerto para que lado tomasse, ficou só. Encostado a uma das paredes da rocha, que formavão a entrada da caverna, volvia em tôrno olhos inquietos, quando por uma avenida assomárão D. Garcia e D. Leonor.

Pouco e pouco se fôrão outra vez reunindo os cavalleiros.

Affonso III abraçou a filha, e passada a primeira effusão dos sentimentos, voltado para D. Garcia, assim lhe falou:

— Aqui confirmo a vossa união com minha filha e ratifico a sua alliança, já consagrada ante os altares, com o mais valente cavalleiro do meu reino. Esta joia preciosa da minha corôa, a minha Leonor, eu vol-a entrego, faço-vos conde, e em dote

vos dou de juro e herdade os senhorios de Paiva, Palião, Gouveio, Figueiró e Pedrógão com as commendas de Elvas e Messejana. Meus filhos, eu vos abençôo[1].

Ajoelhados ante o rei, recebérão os dois a sua benção.

FIM

[1] Houve mais (Affonso III) uma filha por nome D. Leonor de Portugal, que foi casada com o conde D. Garcia de Sousa que foi homem de grande estado (*Chronica dos reis de Portugal*, por Duarte Nunes de Leão, já citada).

O REI DO BRAZIL[1]

I

Vinha fechando a noite. No céo pardacento já uma ou outra estrella scintillava frouxa com esperanças remotas. O mar era calmo, mas temeroso mesmo no seu repousar como um leão que dorme. Ao longe se extendia a costa plana e alvejante a perder de vista no horisonte, entre a celeste abobada meio alumiada pelos restos do crepusculo e o oceano escuro, quasi negro.

Pela barra de Tobatinga, que na lingua do Gentio quer dizer *Rosto Branco*, pelos alvos areaes das suas praias, vínhão entrando, remadas a meia

[1] Revista Popular.

voga, sete canôas, tripuladas por Indios. No fundo de uma porém vinha deitado um homem branco. Quatro cordas passadas á roda do pescoço e do tronco, o prendião ás duas bordas, á proa e á ré do batel. Trazia arroxeado e intumescido o rosto, os membros inchados e nus inteiramente. Com seus despojos vínhão singularmente ataviados alguns dos selvagens. Enfiadas trazia um as calças, envergara outro o gibão, um se adornara com a véstia, outro vestia a camisa, um se encapellara o desabado chapéo, outro calçava as compridas botas.

Abicárão na areia as canôas, e saltou em terra a Indiada. Atadas sobre a praia e postas em sêcco as frageis embarcações, desamarrou o gentio o seu prisioneiro, levou-o em braços até debaixo de uma arvore, que a breve distancia se erguia solitaria e majestosa, e ligado ao tronco alli o deixou reclinado. Accendérão então os Indios grande fogueira e toda a noite se passou em algazarras e folias para elles, em ancias mortaes e agudas dôres para o misero prêso.

«Escravo, és o nosso manjar,» lhe bradavão elles de espaço a espaço, e como se receassem não ser assaz comprehendidos, com os alvos e afiados dentes mordião os braços, dando-lhe a entender o que d'elle farião.

Quinze leguas ao sul da Bahia demora a barra

de Tobatinga, que só dá entrada a canôas e bateis, e talvez por isso as houvessem preferido os Indios tendo passado deante da do morro de S. Paulo, seis leguas mais ao norte. Como duas e meia ao sul fica a de Boypeba, ou *Cobra espalmada*, pela semelhança, que com este animal tem o rio, que alli desagúa, nas voltas e diminuição do corpo, e sua grossura, tendo grande bôcca e cabeça na sua entrada, e o espalmado por não ter montes, que o cerquem muitas leguas da sua foz para cima. Fazem estas tres barras, Morro, Tobatinga e Boypeba, umas grandes rias ou abundancia de aguas de seis caudalosos rios, que correndo dos sertões e buscando a fonte de todos, que é o mar, como cinco leguas antes de chegar e elle, communicando-se uns com outros fazem uma circumferencia de doze leguas, deixando n'este meio as duas principaes ilhas, a do Morro ao norte, e a de Boypeba ao sul, e entrão todos no oceano por estas tres fozes.

Nas pontas ou cabeças, em que as duas ilhas começão a fazer costas, seis leguas por aquellas aguas dentro, n'este lago tem por assento a ilha do Cayrou, de figura espherica, levantada em moderado monte, em partes mais, em outras menos levantado, com meia legua de diametro por qualquer parte e duas de circumferencia. Para aqui remárão os Indios ao romper d'alva, que lhes ficava n'este lo-

gar a sua taba por nome Tibiuwa. Compunha-se ella de sete casas, mas em cada uma habitavão vinte a trinta familias, umas com outras aparentadas. Tinha cada uma d'estas seu logar para dormir e seu lar, mas divisões ou repartimentos não os havia. Cercavão as casas uma vasta área para onde davão as tres unicas portas, que cada uma tinha, e folhas de palmeira as cobrião. Rija e compacta estacada, construida de modo, que formava alternadamente dois lados de triangulo e quatro de quadrado, cercava a aldeia, e por fora d'esta corria outra palissada de postes fortes assaz separados uns dos outros para entre elles se poder passar. Á entrada algumas cabeças humanas alçadas em estacas, servião de gloria aos moradores, de terror aos inimigos.

Chegárão as canôas. Cavavão mandioca as mandiocas. «Aqui estou, para vos servir de pasto», obrigárão os apresadores o seu prisioneiro a gritar em lingua tupy, e ahi vem ao encontro dos recemchegados a população inteira, velhos, creanças, todos. Foi o captivo entregue ás mulheres, e estas que tanto no amor como na crueldade excedem sempre os homens, com os punhos cerrados o maltratárão e ás mãos cheias lhes arrancavão as barbas nomeando a cada murro e a cada puxão um dos seus mortos por intenção de quem era dado. Até as

creanças o atormentavão, que a isso as ensinavão, como a gata entrega aos filhinhos o rato semimorto para brinco e exercicio.

Com libações de kaawy se regalavão entretanto os homens, e logo trazendo a terreiro seus maracás, ou chocalhos feitos de cabaças, que lhes erão oraculos, mui reverentes lhes rendérão graças por não os haverem enganado, promettendo-lhes um prisioneiro branco. Coubera este aos dois irmãos Yba Rema e Yba Oçu, primeiros, que lhe havião lançado a mão, e vierão elles agora a dizer-lhe que seu tio Xerimbabo Tuguir dera no anno anterior um prisioneiro a Yba Oçu para matal-o e ter a gloria de dar com elle uma festa, sob condição porém de pagal-o com o primeiro captivo que fizesse, e era chegada a occasião do pagamento. Devia pois o prêso considerar-se como de Xerimbabo Tuguir, que teria a gloria de offerecer com elle um festim aos amigos. Explicado isto, accrescentárão os dois que ião as raparigas leval-o ao *aprasse*. O que isto de *aprasse* queria dizer, não o sabia o triste, mas que não podia ser cousa boa; bem o presumia.

Vierão com effeito as raparigas, e pelas cordas, que ainda o prendião, o conduzírão para a areia, onde cercado de todo o mulherio lhes serviu de joguete. Os tormentos por que o fizerão passar, im-

possivel é narral-os. Depois que d'este cruel passatempo se fartárão, levárão-no as mulheres para a porta do cacique da taba Caa Apekexinga, onde o sentárão sobre um banco de barro, amparando-o dos lados, para que não cahisse.

— É aqui, que me cumpre morrer? perguntou o misero.

— Ainda não, lhe respondérão as mulheres, e com um pedaço de vidro quebrado, encabado n'um pau, se puzerão a rapar-lhe as sobrancelhas e a barba.

Conduzido em seguida para defronte da porta do tabernaculo, onde se guardavão os maracás, alli á volta de cada perna lhe passárão um fio de guizos e na cabeça lhe puzerão um cocar quadrado de pennas direitas. Duas mulheres se lhe pozerão aos lados, e fechando um circulo em volta, ordenárão-lhe as outras que dansasse ao som da sua toada. Mal podia elle ter-se de pé, mas que não dansasse! E havia de seguir o compasso, e em cadencia fazer chocalhar os calcanhares. A esta dansa chamavão *aprasse*, e finda ella foi o prisioneiro entregue a seu dono Xerimbabo Tuguir.

Chegou afinal a hora do descanço, e o miserando captivo pôde repousar sobre um leito de folhas sêccas. Era talvez a sua ultima noite: o primeiro sol, que surgisse, veria quiçá erguer-se sobre elle

a terrivel *ywara pemme*, ou maça do sacrificio. Visões febris o agitávão, escaldando-lhe a mente, mas afinal o cançaço, a prostração lhe cerrárão as palpebras.

Após curto, agitado somno, despertou de sobresalto. Junto d'elle estava uma mulher joven ainda, coberta com a innocencia, que servia de cobertura a nossos primeiros paes no paraiso. Nos olhos d'ella não brilhava o fulgor sombrio de satanica alegria, que o prêso divisára nas que de dia o havião atormentado, antès o contemplava ella meiga, compassiva, quasi amorosa.

—São horas de morrer? perguntou o desgraçado, que só na morte tinha a idéa fixa.

—Não; algum tempo tens ainda de vida, respondeu a India.

— Que buscas, então?

—Eu sou Ceçá Raynha, das filhas de Xerimbabo Tuguir a que elle escolheu para dar-te por esposa emquanto se fazem os preparativos da festa.

— Dispenso.

—Entre as raparigas de Tibiuwa não passa Ceçá Raynha pela mais feia, nem a affrorta te merece Xerimbabo, que ha de tratar-te bem. Possue elle já um rapazinho, deixado por um prisioneiro, com que ha tres annos banqueteou os seus amigos; possuir dois seria bem grande gloria.

— E que sorte prepara elle a esse menino?

— Cria-se com os outros, mas, carne e sangue de inimigo, assim que não tem mais que crescer, estando bem gordo, mata-se e faz-se um *cunha-membira*, que é uma grande festa, em que cabe á mãe o primeiro boccado.

— Horror!

— Nem todas as mães comtudo deixão sacrificar os filhos, accrescentou a India como insinuando-se. Algumas, por amor do pae, lhes buscão meios de fugir para a tribu paterna.

— E que farias?

— Quem sabe! Eu, se pudesse, fugia comtigo.

Um relampago de esperança fez bater o coração do prisioneiro. Aquella India, que tão depressa o amara, e tão ingenuamente lh'o dizia, podia talvez salvar-lhe a vida. E elle olhou com mais attenção. Sem ser formosa, não deixava de possuir algumas graças aquella mulher das florestas. Alta, robusta, bem feita, erão regulares as feições, e exprimião uma como que bondade natural, que a braveza dos habitos, a ferocidade dos costumes da vida selvagem não havião podido perverter de todo. Do mais brilhante ébano eram cabellos e olhos, e a pelle bronzeada era lustrosa e macia, quasi transparente.

— E seria possivel a fuga? perguntou o prêso com voz mais meiga, fitando os olhos da India.

A doçura da voz, o brando do olhar, calárão profundamente na alma da rapariga, só costumada ao tom sêcco e imperioso, ao olhar severo e orgulhoso dos homens da sua tribu.

— É mui difficil, impossivel não é, respondeu ella.

— E promettes tentar os meios de fugirmos ambos?

— Pouco podem aqui as mulheres, mas eu farei o possivel por demorar o dia da tua morte, e entretanto veremos.

— Obrigado, Ceçá Raynha.

— E não me abandonarás depois?

— Não te abandonarei.

— D'onde te trouxerão?

— Da Bahia. Alli tenho dois engenhos e escravos muitos, e vivia abastado e feliz até que a mais negra das traições me entregou nas mãos dos teus.

— Conta-me isso.

— Meu nome é Sebastião de Pontes. Da esposa, que já Deus me levou, tenho uma unica filha, e com ella tencionava casar um orfão, que desde pequenino criei em casa, e dar-lhes quanto possuo. Este orfão chama-se Salvador Cuenco; eu amava-o como proprio filho, do que era meu era elle senhor, e do que me pertencia punha e dispunha como se seu já fôra. Approximava-se o dia das bo-

das, que devia fazer tres felizes, a elles como noivos, a mim como pae, que na sua felicidade se revia. Ha tres dias de manhã veiu Salvador dizer-me que n'uns montes a algumas leguas da nossa habitação, ainda em terras minhas, julgara descobrir umas minas de pedras preciosas, talvez diamantes, e assim que fôsse eu com elle para vêr, mas nenhum escravo levassemos, por convir o segredo ao negocio. Partimos os dois sós, e fez-se-nos noite no caminho. Não era a primeira vez que ella nos surprehendia nas mattas, depressa nos arranjámos e dormimos. Alta noite sinto que me estão amarrando de pés e mãos, accordo e vejo que era Salvador quem me amarrava. De espanto não achei a fala. Elle porém dando á pressa o ultimo nó, salta na sella, e a galope se embrenha por entre as arvores, soltando agudos silvos.

— Oh! que feio Pero aquelle, exclamou indignada a India.

— Tão atroz procedimento não podia eu comprehendel-o. Fiquei indeciso se seria sonho ou realidade: parecia-me vivo de mais aquelle e impossivel esta. Pouco a pouco me veiu o accôrdo, e então procurei desdar os laços, que me prendião. N'este empenho trabalhava, quando sobre mim cahiu o gentio, a quem o malvado sem duvida me vendera, e que depois de me ter descarregado muitos golpes

com seus arcos e paus, de que vinha armado, mais solidamente amarrado me arrastou ás canôas.

— Não desesperes, lhe disse, animando-o a India, que talvez ainda raie para ti o dia da liberdade.

Raiou effectivamente o dia, mas ainda de captiveiro, e a este seguírão-se outros seis semelhantes. Não se repetírão porém os martyrios, antes do melhor, que tínhão, repartírão os selvagens com o seu prisioneiro. O seu intento era evidentemente engordal-o, como se seva um animal destinado a servir de alimento.

A dois dias de jornada habitava na grande taba de Taquivir o famoso Monguba Bussu, verdadeiro régulo, a quem obedecião muitas hordas da tribu dos Guerens, a que pertencia a de Tibiuwa. Dava este uma esplendida e magnifica festa, que devia durar sete dias, em cada um dos quaes seria sacrificado um prisioneiro da ferocissima nação dos Aymorés, que tantos havia elle trazido vivos da ultima expedição, afóra innumeros, que mortos na peleja defumara e curara para ir comendo de espaço. Convidados para a festa, para ella partírão os Indios de Tibiuwa, levando mulheres e filhos em muitas canôas e tambem o seu prisioneiro, ou para maior segurança, pois que pouca gente ficava na taba, ou para o deixarem presencear a sorte, que dentro em pouco o aguardava.

Com a esperança havia voltado a Sebastião de Pontes a vontade de viver, e com esta as fôrças physicas, que de pouco comtudo podiam servir-lhe tão bem amarrado ia, e tão de perto guardado no fundo d'uma canôa.

Era noite quando chegárão a Taquivir, e os hospedes quizerão apresentar a Monguba Bussu o seu prisioneiro, fazendo-o gritar: Aqui estou eu, o escravo portuguez.

Sentada em circulo estava a digna assembléa preparando-se para a festa do dia seguinte, fazendo correr de mão em mão ou antes de bôcca em bôcca o enorme cangirão de *kaawy*. Pontes entendeu que nada perderia em lisonjear este régulo barbaro, cuja nomeada soara por toda a capitania da Bahia, e conhecendo-o pelo grande collar de dentes humanos, com que ornava o pescoço, dirigiu-se a elle, perguntando-lhe se não era o inclito Monguba Bussu. Foi affirmativa a resposta, e logo começou o prêso a celebrar-lhe as façanhas, e a exaltar-lhe a fama sobre a de todos os heroes da gentilidade. Vaidoso ergueu-se o selvagem, e inchado como um perú poz-se a marchar para cima e para baixo deante do portuguez, afim de deixal-o bem admirar-lhe o ar marcial e a majestade do porte e da estatura.

Depois sentou-se outra vez, e entregando com a

propria mão uma malga da sua fermentada bebida ao prisioneiro, perguntou-lhe:

— E o que dizem de mim os portuguezes? Acaso temem-me?

— No seu gado morto, nos seus escravos roubados, nas suas casas arrazadas, teem elles apprendido a conhecer-te e a respeitar-te, e o que de ti hão soffrido, os tem ensinado a temer-te de muito mais.

Sorriu-se satisfeito o anthropophago.

O outro dia era o primeiro da grande festa.

Tínhão as mulheres fabricado em grande numeró os seus vasos de barro, e preparado uma prodigiosa quantidade do seu licor, que chamavão *kaawy* e com admiravel industria tecido o *mussurana,* ou comprida corda de algodão, com que se ligava a victima. Prompta estava a maça do sacrificio, a *ywara-pemme* decorada de brilhantes pennas, ornada de fios de conchas, e coberta de um pó fino, composto de cascas de ovos côr de cinza, em que se havião gravado grosseiras figuras.

No meio da areia se havia erguido uma choça, em que estava o prisioneiro. De madrugada se lhe apresentárão á porta as seis velhas mais revelhas, que havia na taba. Mais de cem invernos deviam ter passado sobre aquelles corpos enrugados e resequidos como mumias, que alguma potencia infernal houvesse reanimado para presidirem áquelle

e traiçoeira, só respira odio, na mente só l[illegible]
vem pensamentos de rancor e de vingança. [illegible]
liz Zuleika está já em seu poder, e bem de[illegible]
da a logrou elle fazer, mas isso não lhe bas[illegible]
da. É preciso, que elle possa atormental-a cad[illegible]
a cada hora, a cada instante, que lhe faça [illegible]
golo a golo até ás ultimas fezes o calix da am[illegible]
ra, que de contínuo lhe imbeba e com requint[illegible]
crueldade lhe vire e revire na ferida o punh[illegible]
vergonha e da desesperação, que lhe traspa[illegible]
alma de dôres violentas, insoffridas, cada v[illegible]
atrozes, que veja a sua victima estorce[illegible]
d'elle nas agonias do delirio, e apagar[illegible]
pouco entre prolongados tormentos [illegible]
Tal havia sido o seu sonhar de annos, [illegible]
já de converter em realidade o sonho.

Mas que lhe havia feito a triste e [illegible]
Nada. Nada, elle proprio o confessara, [illegible]
rém necessario um ente, com que em[illegible]
insaciavel de vingança e rancor, que o [illegible]
por demais pusillanime para aferrar [illegible]
perinos e cravar as unhas peçonhen[illegible]
com o pé o calcara na sua passagem. [illegible]
fraca mulher, para pasto de seus fero[illegible]
Comtudo o seu desejo satanico não [illegible]
to. Zuleika curtia dôres acerbas, [illegible]
dia n'esse espectaculo apascentar [illegible]

dião a estes satanicos mysterios, entoárão um canto de morte, acompanhadas das outras, emquanto os homens passavão em volta do pescoço do prêso o laço da corda, cujas extremidades entregárão á rapariga, que tinha o captivo a seu cargo. Alludia o cantico ao pêso do laço: «Nós somos as que fazem estirar o pescoço do passaro,» grunhião as furias, e logo escarnecendo o prêso por não poder evadir-se: «Se fôras um papagaio, que nos devastasse os campos, bateras as azas e fugiras.»

Findo o canto, tomárão os homens as pontas da *mussurana*, e esticando-as para todos os lados, deixárão no meio o prisioneiro, que mostrando-se durante todas estas cerimonias tão prompto a soffrer a morte, como os outros a infligirem-lh'a, insultava-os dizendo-lhes quão valentemente havia pelejado, gritando a um que lhe matára o pae, a outro que lhe defumara o filho.

«Sacia-te agora do aspecto do sol, que não mais tens que vêl o,» lhe bradárão, pondo-lhe ao lado pedras e cacos, e dizendo-lhe que antes de morrer vingasse como pudesse a sua morte. Assim o fez, e posto que impedido em seus movimentos pelas cordas, que o segurávão, e posto que acobertados com seus escudos os sacrificadores, mais de um provou com grave damno a furia do valente arremêsso.

Exhauridos os projectis, accendeu-se deante do captivo a fogueira em que lhe assarião os membros.

Sahiu então uma mulher, trazendo a *ywara-pemme* á volta da qual desde o nascer da aurora tinha havido cantares e dansares, e cantando e dansando a trazia ella agora, brincando com ella aos olhos da victima. Tomada a maça, apresentou-a um homem ao rosto do prêso para que bem a visse.

Desce então á arena o matador, coberto de gomma e pennas, e acompanhado de quinze amigos escolhidos cobertos uns tambem de gomma e pennas, outros de gomma e cinza. Entregou-lhe a maça o homem, que nas mãos a tinha. Mas entreveiu então o proprio Monguba-Bussu, e tomando elle mesmo a maça, com mui estravagantes gestos a agitou em todos os sentidos, passando-a e repassando-a por entre as pernas e por sobre a cabeça, até que de novo a entregou ao sacrificador, que adeantando-se então para a sua victima, assim lhe disse:

— Olha, aqui estou eu, que vou matar-te, porque tu e o teu povo immolastes muitos dos nossos irmãos, e os haveis devorado.

Ao que tornou o outro:

— É o azar da vida; os meus amigos são muitos e hão de vingar-me.

Alçou-se a tremenda clava, tornou a descer com impeto violento, ouviu-se um som rouco, e esmigalhado o craneo jazia por terra a victima inanimada.

Logo as mulheres se atirárão sobre o corpo, quaes ferozes hienas, e arrastando-o para o fogo, ahi o escaldárão e esfolárão. A' que lhe servira de esposa tocava o primeiro boccado. Cortárão-lhe os braços rentes pelos hombros e as pernas acima do joelho, sendo os quatro membros entregues a outras tantas mulheres, que com elles dansando percorrérão toda a área. Abriu-se então o tronco. Os intestinos deixárão-se ás mulheres que depois de cozidos os comérão, e tambem a cabeça lhes coube em partilha, mas a lingua e os miolos pertencião de direito ás creanças, que se besuntárão no sangue. So o dedo pollegar foi posto de parte e preciosamente guardado, pelo muito prestimo, que tem na arte de atirar com arco, o resto alli logo se preparou, aparando as velhas a gordura em tigelas para que nada se perdesse, e lambendo os dedos n'este diabolico officio. A cada um dos principaes convivas se distribuiu uma talhada maior ou menor conforme a sua categoria, e para satisfazer a turba multa, a que não era possivel tocar parte alguma, cozeu-se o dedo grande de um pé n'um gigantesco pote, repartindo-se á discreção o caldo.

Os ossos dos braços e pernas guardárão-se para

frautas, os dentes para collares e com o craneo presenteou o auctor da festa o seu melhor amigo, para servir-lhe de taça.

Como o primeiro, se passárão os outros seis dias. Terminada a festa regressárão as differentes hordas ás suas *tabas* e Pontes voltou a Tibiuwa.

Serena ia a noite e alta no céo a lua. Estava deitado no terreiro o captivo, e triste contemplava o astro brilhante, que em cheio lhe illuminava o rôsto. Lembrava-lhe o passado, lembrávão-lhe as scenas d'outr'ora; os amigos, as antigas affeições, a filha, a finada esposa, e talvez tambem o monstro da ingratidão, que o trahira. Lembrava-lhe tudo isto, e comparava-o com o presente, via-se tão só, tão abandonado, captivo de selvagens, que já aguçavam os dentes para devoral-o, preparando deante d'elle os vasos, que devião servir para a festa, e sua alma era triste. Um unico ente tinha, que fôsse por elle. Ceçá Raynha o não deixava: com o fogo de uma paixão ardente, com o abandono de uma natureza candida e singella, despida dos refolhos e dobrez da civilisação, e na qual um affecto verdadeiro parecia ter suffocado inteiramente os ferozes instinctos, desenvolvidos pela educação, se entregava a elle a India. Sempre a seu lado, murmurava-lhe ao ouvido palavras de suave consolação e esperança, entremeadas com falas de amor, e ensinava-o

como devia haver-se com os indigenas, para captar-lhes a benevolencia e adquirir sobre elles o predominio, que uma intelligencia superior, se lhe dão tempo, nunca deixa de tomar sobre animos rudes.

— Porque assim tão attento encaras a lua? perguntou Xirimbabo· Tuguir ao seu prisioneiro.

— Dize-lhe que está ella indignada contra elle por querer comer-te, soprou a India baixinho ao ouvido d'este.

Como o branco lhe não respondesse logo, dobrou a desconfiança dos selvagens, gente, que rodeada de perpetuos perigos, é suspeitosa por natureza e necessidade.

— Estarás fazendo conjurações? insistiu Xerimbabo.

— Não, respondeu o captivo, mas parece-me que a lua, carregando o sobr'ôlho e com carrancudo aspecto, nos olha irada.

— E para onde olha ella assim?

— A lua protege os brancos, e talvez que com tão torva celha fite a tua casa, por quereres devorar um que nunca te offendeu.

Faiscárão lume os olhos do selvagem.

— É porque tu contra nós a estás conjurando.

— Eu só peço ao meu Deus que vos proteja e vos illumine para que abandoneis o execravel ha-

bito de comer carne humana, quando nem as proprias feras se devorão umas ás outras. Mas a lua olha para o occidente, accrescentou o prisioneiro, que via as cousas mal paradas, bem pode ser que ameace os Aymorés.

—Possa ella confundil-os, exclamárão os Guerens em côro.

Ainda alguns dias se passárão e chegou o tempo dos cajus, de que fazião os Indios um licor inebriante, guardando-o em cantaros enormes, enterrados até á bôcca no pavimento de suas cabanas, para consumo do anno. Antes porém de se atestarem as vasilhas havia grande festa em que corria a jorros aquelle vinho. Á noite jazia mergulhada n'um somno de chumbo a *taba* inteira: homens e mulheres, velhos e creanças, todos egualmente vencidos do poder narcotico da sua bebida favorita.

Sebastião de Pontes bebera tambem, mas bebera pouco. Amarrado a um canto do rancho do seu senhor, era elle talvez o unico que velava. Não, não era o unico. Apagou-se a fogueira, que constantemente ardia, e profundas trevas envolvérão o recinto. Sentiu o prêso que alguem se chegava a elle. punha-lhe brandamente a mão na bôcca, como recommendando-lhe que não falasse, e com uma queixada de peixe, armada de agudissimos dentes, cortava as cordas que o ligavão. A mesma mão,

que lhe pousara nos labios, lhe tomou depois a d'elle, e manso e manso o foi guiando até á porta, por onde sahírão para a área. Era Ceçá Raynha, o captivo desde muito que o sabia. O portão da entrada da *taba* debalde tentárão os dois abril-o: o unico recurso que restava era romper pela estacada, e elles o conseguírão.

Cá fora quão suave e vivificadora não soprava a aragem da noite! Era a aura da liberdade que afagava o rosto de quem ainda havia pouco jazia algemado entre barbaros anthropophagos, destinado a servir-lhes de pasto. É tão dôce a vida, quando para ella se renasce! Quem após longa e penosa enfermidade ensaia os primeiros passos ainda frouxos entre os verdores, ao ar livre, debaixo da immensa abobada dos céos, com que prazer não dilata os pulmões para aspirar as exhalações aromaticas das flôres, offerece a face ao brando bafejo dos zephyros, escuta encantado o harmonioso sussurrar da folhagem, extende olhos longos por sobre risonhas campinas até aos montes fronteiros, e sentindo expandir-se-lhe o coração ao contacto da natureza, recebe, absorve, traga por todos os poros a vida! E comtudo que é esse prazer em compensação do que deve sentir o homem, que tendo gemido compridos dias e noites eternas, manietado, acorrentado, privado do uso dos seus membros, respiran-

do um ar infecto e nauseabundo, e deante dos olhos uma morte violenta, horrivel, inevitavel, certa, de repente se vê no meio de um horisonte sem limites, sem peias os pés para correr, livres os braços para se defender, e seus os campos, as serras, os bosques e os rios!

Sebastião de Pontes e Ceçá Raynha lançárão á agua uma das muitas canôas, que alli estavam na ribeira, aladas a terra, e embarcando, entregárão-se á corrente. Scintillavão no céo innumeras estrellas, espargindo duvidosa claridade, e nas copadas comas das perobas, que bordavão o rio, ciciava a aragem da noite, solemne e mysteriosa como o espirito de Deus a percorrer a creação. Em tôrno tudo calava, só as aguas se ouviam murmurar, deslizando-se pelos seixos, ao escorregar pelas ribas, e de vez em quando vinha o ronco de uma fera ao longe quebrar o silencio.

Na canôa conversavão baixinho os dois, como receando despertar os échos dormentes da floresta.

— Amanhã, dizia a India, logo depois de erguer se o sol do seu leito salgado, teremos transposto a barra, e terra a terra remaremos para o norte.

— E chegaremos á Bahia, e serás senhora de quanto é meu, e sobretudo do meu coração, e serás minha esposa, e hei de amar-te muito, lhe res-

pondia na effusão da sua gratidão o libertado prisioneiro.

— Não, serei tua escrava, e comtanto que me ames, dar-me-hei por bem paga.

— Serás minha rainha, na minha e na tua lingua[1].

— Mas, accrescentou elle, que só agora começava a pesar os riscos da empresa e os meios de leval-a ao cabo, de que nos manteremos durante o trajecto?

— Ha por toda a costa muitas ostras; sua agua nos matará a sêde, sua carne nos saciará a fome.

— E se nos perseguirem?

— Levamos grande deanteira. Só tarde despertarão na *taba*. Depois hão de dar pela nossa falta, hão de notar uma canôa de menos, hão de lembrar-se de seguir-nos, hão de preparar-se para a viagem, que elles nenhuma emprehendem senão apercebidos para a guerra, com receio dos Aymorés, hão de chegar á barra, hão de hesitar, se tomarão para o sul ou para o norte, e tudo isto leva tempo. Depois, se estiverem para alcançar-nos, vel-os-hemos vir de longe, varamos em terra, mettemos-nos ás mattas e havemos de escapar-lhes, disse a rapariga com a confiança que o amor lhe inspirava.

[1] *Ceçá Raynha* em lingua tupy significa menina do ôlho.

— Mas, concluiu ella, forcemos a voga.

E impellido por novo esfôrço, fendeu o leve esquife as aguas, que espadanárão cortadas pela prôa e feridas pelas duas pás.

Era comtudo extremamente improvavel que lograssem evadir-se os dois aventureiros fugitivos. Por maior demora, que puzessem os Indios em perseguil-os, e perseguil-os havião, remadas por braços robustos e amestrados, depressa os alcançarião suas canôas. E ainda que se embrenhassem nos bosques os dois, com seu instincto de selvagem, com seu faro de besta fera, não tardarião a descobril-os os perseguidores. E se evitassem todos estes perigos, restavão ainda os de atravessar tantas leguas de ínvios e emmaranhados mattagaes, semeados de pantanos, cortados de impetuosas correntes, cavados de abysmos, povoados de reptis venenosos e animaes ferozes. Mas atraz ficava a morte, adeante sorria a esperança e a vida... para elle; a ella animava-a o amor, aguilhoava-a a paixão e

— Forcemos a voga, dizião ambos.

E o batel corria, fugia, voava por sobre a tôna espelhada do rio, como um golfinho, que voraz tubarão persegue.

— Forcemos a voga, dizião os dois.

E a canôa desapparecia e desappareceu quebra-

da, despedaçada, esmigalhada com tremendo choque de encontro ao tronco de uma palmeira, que jazia atravessado na corrente.

Pisados, atordoados, recobrão os dois o accôrdo enredados nas folhas gigantescas da arvore dos tropicos.

— Nademos para terra.

E ambos nadárão. Mas da margem vem avançando para elles um monstro horrendo. Reluzem-lhe ao clarão frouxo das estrellas as escamas verde negras. A enorme bôcca escancarada, deixa vêr quatro compridas filas de dentes afiados guarnecendo umas fauces rubras de sangue, profundas, insondaveis.

Gelado terror entorpece os membros do branco, que mais se não pode mover, mas

— Nada receies, lhe brada a corajosa India, e atravessando-se-lhe deante como para protegel-o, nada direita para o colossal caimão. Empunhava ella ainda a pá, que com convulsivo apêrto não largara da mão, e com certeiro bote cravou a ponta aguçada na guela do monstro já prestes a tragal-a. Com a cauda de serpente açoutou o animal as aguas e mergulhou debatendo-se horrivelmente.

— Para terra! gritou ella ao companheiro, e ganhárão ambos a pouco distante borda.

— Ainda uma vez te devo a vida, disse Pontes, abraçando a sua salvadora.

— Nada me deves, emquanto te não vires em casa.

A primeira sensação fôra a de indizivel jubilo por haver escapado a tão imminente perigo, mas pouco a pouco voltou ao fugitivo a reflexão e com ella a consciencia da posição cada vez mais terrivel em que se achava. Só, no meio do deserto, acompanhado apenas de uma pobre mulher, como escaparia aos encarniçados inimigos que não tardarião em dar-lhe caça? Á exultante alegria que no primeiro momento o possuira, succedeu o abatimento, a prostração, o desalento, e de bom grado se teria deixado cahir no lodoso terreno, que pisava, abandonando-se á sua sorte.

— Que faremos! perguntou elle afinal á sua fiel guia.

— O que fariamos se saltassemos na costa. Atravessemos este tabocal, que atraz fica a matta. Deixaremos á direita o logar, onde nasce o sol, á esquerda o sitio onde elle desapparece, e caminharemos sempre. Ha nos bosques muito mel e muitos fructos, e tambem raizes não faltão. Nunca vim para estas bandas, mas sei bem nas selvas achar o meu caminho.

Pozerão-se em marcha, mas não tardou que não

pudessem seguir ávante. As tabocas, ao principio raras, permittindo facil passagem, depressa se tornárão tão unidas, tão juntas, tão compactas, que passar por entre ellas era impossivel. Uma muralha de bronze não fôra mais impenetravel.

— Por aqui nunca romperemos, disse a India, sigamos a margem do rio, até acharmos passagem para dentro, e se a não encontrarmos antes, iremos até ás areias.

Era penosa a marcha; enterravão-se os pés no solo lamacento, e só a custo se arrancavão. Felizmente pouco andárão. Onde o rio n'uma angra pequena formava uma especie de porto, vírão um trilho aberto, que se perdia por entre o cannavial.

— Aqui temos caminho, exclamou Pontes alegremente.

A India hesitou:

— É uma picada aberta por mão de homem, pelo que deve ser frequentada de gente. Se n'ella encontrassemos alguem, não teriamos por onde fugir, nem para a direita, nem para a esquerda. Comtudo é noite ainda, vamos, porém depressa.

E os dois mettérão-se pela estreita senda, que entre duas muralhas altissimas de grossas cannas, atravessava o brejo.

Após duas horas vinha raiando o dia. Era solido e sêcco agora o terreno. Mais raras se iam tor-

nando as tabocas, e já aqui e alli apparecião arbustos; não erão arvores ainda, mas tambem já não erão gramineas. Erão uma transição entre o cannavial e o bosque, que ao longe se extendia, cobrindo a terra com manto mysterioso.

Tornou-se areento o solo, e no meio de um cômoro de areia preparara a Providencia aos dois viajantes um delicioso almôço. Um cajueiro com seus aureos fructos entre a folhagem verde-escura e rubra os estava convidando a virem sentar-se á mesa, que a natureza com mão prodiga e liberal para todos extende. Com aquelles saborosissimos pomos matárão conjuntamente a sêde e a fome, e seguírão ávante, entrando na matta.

Era uma formosa floresta aquella. Uma abobada alta, fechada, impenetravel aos raios do sol, mal deixava coar através uma claridade duvidosa. Debaixo d'aquelle docel de verdura o ar era fresco e deleitosa a sombra. Os troncos gigantescos, alguns tão grossos, que quatro homens os não abraçarião, estão assaz separados para deixar entre si franca passagem, podendo a vista mergulhar a grande distancia na meia escuridão da selva. O chão era sêcco, firme e limpo, que á perpétua sombra nem uma só planta rasteira crescia, que se enredasse nos pés do caminhante. Só das comas das arvores pendião as parasitas com suas flôres de côres vivas, varie-

gadas, e passando de tronco em tronco, por um descendo, por outro trepando, guarnecião o bosque de grinaldas e festões, como um jardim encantado ou uma decoração de theatro.

E era animada a scena. Centenares de macacos de differentes côres, tamanhos e feitios, saltavão, pulavão, guindavão-se de ramo em ramo com visagens e tregeitos, e balouçavão-se presos uns dos outros pelas caudas, acompanhando suas folias de berros atroadores, com que vínhão casar-se com selvagem harmonia os gritos das araras e dos papagaios, cuja brilhante plumagem era bella de vêr-se ao voarem aquellas aves por entre os troncos escuros.

Caminhavam ao acaso os dois fugitivos, que não podendo enxergar através da espessa ramada, que os cobria, ião caminhando sem norte.

— Ha já algumas horas que marchamos sem repouso: deves vir cançada, disse Pontes para a companheira, mas o cançado era elle, que já não podia mexer-se.

— Descança aqui um pouco, emquanto eu vou á cata d'algum sustento com que quebremos o jejum. Não devemos porém deter-nos muito, que temos a noite toda para repousar, e cumpre aproveitar o dia.

A India afastou-se, marcando bem o sitio, onde lhe ficava o companheiro, para tornar a achal-o.

Sebastião de Pontes sentou-se, encostando-se a um tronco. Não queria dormir, mas invencivel modorra se lhe apoderou dos lassos membros e sobreexcitados sentidos. Os olhos se lhe fechárão involuntariamente, confusas imagens se lhe baralhárão na mente, elle deixou-se escorregar insensivelmente, até ficar inteiramente deitado, e perdeu o accôrdo.

Pouco dormiu. Accordou rodeado de selvagens, que logo reconheceu como moradores de Tibiuwa, e á frente d'elles vinha Yba Oçu. Voltavão d'uma caçada, e o acaso por alli os conduzia. Os Indios não maltratárão o fugitivo. Não lhes era inteiramente extranho um tal ou qual sentimento de justiça, e assim como nada poupavão para preservar a liberdade emquanto a tínhão e recuperal-a depois de perdida, tambem em outros não punião a tentativa de pela fuga se libertarem do captiveiro. Contentárão-se pois de metter entre si o seu prisioneiro, sem o amarrarem, e bem vigiado obrigal-o a palmilhar outra vez o mesmo caminho.

De repente ouvírão-se brados na floresta: era Ceçá Raynha, que não achando o companheiro, por elle clamava. Logo percebérão os Indios o que seria, e Yba Oçu ordenou ao prêso que respondesse, para attrahir a outra. Pontes, receando fazer pagar á sua libertadora a dedicação, que lhe mostrara,

conservou-se mudo. O selvagem ameaçou-o com o arco, mas debalde o fez, que não lhe arrancou um som. Nem era preciso: a India avistara aquelle trôço de gente, e nem um momento duvidou de que fôsse entre ella o seu bem amado. Correu pois para elle sem curar do como seria recebida.

Os Indios nenhum mal lhe fizerão.

II

Alvorotada andava toda a *taba*, quando a ella chegou a escolta, que trazia os dois fugitivos. Fôrão estes recebidos como se a um passeio houvessem sahido. Sebastião de Pontes foi de novo amarrado, e posto no seu canto; Ceçá Raynha tornou a occupar o seu logar na casa paterna, sem que sequer a apeassem das suas funcções de desposada do prisioneiro.

Assim se passárão alguns dias, até que entre a horda rebentou uma molestia epidemica. Acontecimento vulgar era este para os selvagens, que nem por isso deixavão de o attribuir sempre a alguma causa imaginaria, de ordinario a mais innocente de todas. D'esta vez foi o prêso reputado auctor do

flagello. Esta paternidade, que lhe attribuírão, só servía porém para tornal-o temido: todos julgavão ter nas mãos d'elle a sua vida, e todos se esforçavão por captar-lhe as boas graças, para serem poupados. A restituir-lhe porém a liberdade não havia resolvel-os: fizesse elle primeiro cessar a peste e depois deixal-o-hião ir-se.

Infelizmente o mais que podia fazer o pobre prêso era, esperançoso de obter assim a sua libertação, dirigir ao céo fervorosas preces, para que cessasse aquella visitação terrivel. Bem sabia elle quão pouco havia que fiar nas promessas dos Indios, mas a esperança é a ultima companheira, que abandona o homem á borda da sepultura, e quanto mais desgraçado é este, mais ella se lhe aferra á alma.

Muitas vidas tinha já ceifado o contagio, quando prêsas d'elle cahírão tambem Xerimbabo Tuguir, o senhor de Pontes, e sua mulher.

— Branco, disse elle ao seu prêso, bem sabia eu, quando ha algum tempo conjuravas a lua, que algum infortunio nos havias de acarretar.

Tinha Pontes esquecido inteiramente a conversação a respeito da lua: agora voltou-lhe ella á memoria.

— Xerimbabo Tuguir, respondeu elle, eu sou innocente. O Deus dos christãos é um Deus de justiça, e vós todos o offendeis comendo a carne hu-

mana, e sobretudo querendo comer-me a mim, que não sou vosso inimigo. Talvez que elle vos puna.

— Tu, ou o teu Deus, para mim é o mesmo; eu sei que a minha vida está agora nas tuas mãos, mas deixa-m'a a mim e a minha mulher, e, embora seja uma grande festa, que eu perco, prometto-te que não te havemos de comer, já que isso te desgosta.

Que faria Pontes? Prometter salval-o? Era cousa, sobre que nada podia, mas obra d'elle ou da Providencia, havia de ser-lhe egualmente attribuida a morte do Indio. Se o selvagem se restabelecia, era de recear não lhe voltasse com as novas fôrças o appetite de carne humana, e se esquecesse elle da promessa, mas se succumbia ainda mais era de temer não vingassem os outros esta morte no seu supposto auctor, immolando-o logo para que ninguem mais matasse. E se o não fizessem logo, fal-o-hião porcerto mais tarde. O prêso optou pelo que mais probabilidades de salvação lhe offerecia.

— Eu não posso matar-te, disse elle ao doente, mas posso salvar-te. Primeiro has de porém chamar os teus parentes, e os moradores d'esta *taba,* e na presença d'elles declarar, que se eu te conservar a vida, ninguem deve mais pensar em devorar-me.

Sebastião de Pontes tremeu ao proferir estas palavras: era jogar a vida sobre um dado bem falli-

vel. Mas não a tinha elle perdida? E esta consideração lhe inspirou ánimo.

Reunidos á volta do doente todos os Indios varões, que se achavão então em Tibiuwa, assim lhes falou Xerimbabo Tuguir:

— O branco, que conjurou sobre nós esta peste, a que já succumbírão tantos dos nossos irmãos, prometteu não me matar. Se eu viver, tambem elle viverá, não havemos de comel-o, e procurarei outro prisioneiro, com que dar-vos uma festa; se eu morrer, fareis d'elle o que quizerdes.

Os selvagens dirigírão-se todos ao captivo, pedindo-lhe que não matasse seu senhor, mas com mais instancia ainda pedia cada um por si mesmo.

Pontes tomou as mãos do enfermo, e encarou-o fito, orando mentalmente a Deus que conservasse aquella vida, de que dependia a sua. Depois poz-lhe a mão na testa, e no coração, e occorrendo-lhe subitamente, que a melhor forma de salval-o seria baptisal o, tomou agua, e com ella borrifou o doente, fazendo o signal da cruz e proferindo a fórmula sagrada. Com a mulher do selvagem praticou a mesma cerimonia.

N'essa tarde morrérão dois filhos de Xerimbabo Tuguir, e no dia seguinte mais tres.

— Deixa-me a vida, dizia o selvagem, e não serás comido.

E o misero prisioneiro fazia-o sempre repetir a promessa, sua ultima esperança.

Não podião as velhas levar á paciencia que as privassem d'uma festa tão brilhante, como essa para que se havião preparado, e em que um branco devia ser a victima. Tambem erão estes festins antropophagos as unicas occasiões em que ellas tínhão importancia. Então se tornavão, por assim dizer, as rainhas da festa. Todas as noites tínhão algum sonho fatidico, que ameaçava as maiores calamidades, se não se immolava aquelle prisioneiro, e todas as manhãs o contavão em pleno auditorio. Mas o captivo era propriedade de Xerimbabo Tuguir, e ninguem, se não elle, podia dispor da sua vida: ora o selvagem, que sabia arrostar a morte no campo da batalha, temia-a no campo da dôr, como succede a muitos heroes, e julgava que só o branco podia livral-o d'ella.

E Xerimbabo melhorou, e sua mulher melhorou tambem. Deus se amerceara do misero captivo: o contagio declinou rapidamente e cessárão as victimas.

Desde essa épocha adquiriu Sebastião de Pontes entre os Indios sempre crescente importancia. Vigiavão-no muito de perto, é verdade, mas já o não tínhão amarrado: elle acompanhava-os nas suas caçadas, dirigia os trabalhos do campo incumbidos

ás mulheres, e aproveitando todas as occasiões de falar-lhes á imaginação, sabia tirar partido das superstições d'aquelle rude gentio, e quasi principiava a dominal-o. Mas os Indios conservavão-no sempre como seu prisioneiro: temião-no, começavão talvez a estimal-o. e a reconhecer-lhe algum prestimo, e cada vez se mostravão menos dispostos a deixal-o partir.

Passara-se a noite alegremente entre copiosas libações de *kaawy,* dansas e folgares. Seguiu-se o repousar, que foi dôce e profundo, mas tremendo o despertar. Amanheceu Tibiuwa cercada de um bando de Aymorés em fôrça superior á dos sitiados.

Corrérão os guerreiros guerens á estacada, mas era quasi desesperada a defesa.

Sebastião de Pontes assumiu o commando, sem que ninguem lh'o confiasse, e os que erão senhores d'elle voluntariamente se curvárão á superioridade da intelligencia. Havia elle notado que marchando ao combate, munião-se os Indios de mui poucas frechas, fiados nas que lhe enviavão os contrarios, e que elles apanhavão, servindo-se d'ellas como proprias. N'esta observação fundou o seu plano de defesa, recommendando aos seus que não disparassem um unico tiro. tratando só de abrigar-se dos inimigos por detraz da estacada.

Rompérão os Aymorés o ataque com uma nuvem

de settas, que nenhum damno causárão aos de dentro.

Nem um só projectil lhes enviárão estes em troca. Segunda e terceira descarga tiverão egual exito. Com extranha imprudencia despedírão os sitiantes até á ultima frecha, e depois desarmados arremettérão para a paliçada, julgando talvez que ninguem ousava resistir-lhes. Por detraz porém os aguardavão a pé firme os sitiados, tendo cada um sua setta embebida no arco. Recommendara-lhes Pontes que deixassem approximar bem o inimigo, e escolhendo cada um o seu adversario, lhe apontasse direito ao peito e esperasse o signal de atirar. Mal viu os assaltantes tão perto, que quasi impossivel fôra perder-se um só tiro, apitou Pontes, e despedidas com certeiras miras não errárão as frechas os seus alvos.

Muitos Aymorés mordérão a terra, e fazendo uma vigorosa sortida cahírão os Guerens sobre os outros, que faltando-lhes armas com que defender-se, depressa se dispersárão, pondo-se em debandada fuga. Se o capitão christão havia podido dar aos seus ferozes soldados a victoria, não pôde refreal-os no abuso d'ella: terrivel foi a carnificina, pavorosa a matança.

Não erão os Aymorés para desanimar com uma derrota, antes excitou esta n'aquelles animos indo-

mitos o desejo da vingança. Não tardou a saber-se pois que andavão elles reunindo uma fôrça extraordinaria, com que exterminar os seus inimigos. Ao ouvir-lhes dos formidaveis aprestos até o mesmo Monguba Bussu tremeu, expedindo logo mensageiros a todas as hordas sujeitas ou alliadas, para que se apercebessem para a guerra.

Tambem os guerreiros de Tibiuwa, de todas as *tabas* a mais ameaçada, se preparárão para um combate, em que se ia decidir da sorte de duas nações. Os velhos, que não podião já manejar as armas, exhortavão os moços, fazendo-lhes longos e enthusiasticos discursos, sempre escutados com a maior attenção.

Sentando-se na rede, a que o prendia o pêso de cento e vinte invernos, exclamava Teju Cataca, o avô de Xerimbabo Tuguir:

— Que! É este o exemplo, que os nossos paes nos deixárão, esses que sahião e conquistavão, matavão e devoravão? Deixaremos os inimigos, que antes não podião supportar-nos a vista, virem agora bater-nos ás portas, e trazer-nos a guerra a casa? Não, não, valentes Guerens, saiamos, combatamos, matemos, comamos!

E n'este estylo era elle capaz de arengar horas inteiras ao paciente povo. Mas Teju Cataca era mui acatado e respeitado de todos, e sobre elle tinha

um imperio quasi absoluto, cousa raras vezes vista entre os selvagens, Ceçá Raynha, sua joven e formosa bisneta, encanto dos seus velhos dias. Queria pois o ancião bem ao prisioneiro branco, e a favor d'elle empregava a sua influencia.

Vierão agora a Tibiuwa os *pagés* ou sacerdotes, que todos os annos fazião a roda das aldeias, mandando aviso adeante para que lhes preparassem os caminhos. Antes da chegada d'elles, corrião as mulheres duas a duas todas as casas, confessando os delictos commettidos contra seus maridos, e pedindo perdão e esquecimento. Com cantos e dansas fôrão recebidos os *pagés*. Limpou-se a casa em que se devia celebrar a cerimonia, a que elles vínhão, retirárão-se as mulheres e as creanças, e os homens trouxerão ornados de pennas escarlates os seus *maracás* para receberem o dom da palavra, e de predizer futuros.

Sentárão-se os *pagés* no tôpo do recinto, fincando na terra deante de si os seus proprios *maracás*; perto d'estes ia cada qual arvorar o seu, depondo ao mesmo tempo algum presente aos pés d'aquelles charlatães. Concluida esta parte essencial, tomárão os *pagés* compridas cannas, e com *petum* se pozerão a fumigar os oraculos; levando-os depois á bôcca mandárão-n'os que falassem. Voz aguda e fraca, a do espirito sem duvida, partiu dos cabaços,

e esta voz mandava aos selvagens que marchassem impavidos á guerra, que era d'elles a victoria e serião innumeros os prisioneiros.

Acabado o vaticinio, retomou cada Indio o seu *maracá*, e estreitando-o contra o peito, chamando-o caro filhinho, foi cuidadosamente repol-o no seu logar.

Na noite, que a este dia se seguiu, travárão larga conversação Teju Cataca e dois *pagés*, que entre os da sua classe passavão por maioraes. O que n'ella se passou ninguem o soube, só sim que se tratou do prisioneiro branco.

No dia immediato houve grande cerimonia. Toda a população se reuniu na area, e dividida depois em tres classes, recolhérão-se os homens com os *pagés* a uma casa, as mulheres a outra, e as creanças a terceira. Sebastião de Pontes ficou com as mulheres.

Passado breve espaço rompeu da casa, em que estavão os homens, um canto de *he-he he-he,* que as mulheres acompanhárão, e as creanças repetírão. Moderado ao principio, foi o canto subindo de ponto, subindo sempre até tornar-se um grito infernal, prolongado e terrivel. E todos dansavão, ou saltavão, cada classe em sua casa, com o peito arquejante e coberta de espuma a bôcca. Era um uivar de possessos, até que muitos cahírão por terra ex-

tenuados. Fez-se silencio afinal, e após curta pausa, erguérão os homens novo canto, mas este nas mais dôces e melodiosas toadas.

Estavão os selvagens varões dispostos em tres circulos contiguos um ao outro. Inclinados para deante, o braço direito apoiado no quadril, e o esquerdo pendente, agitavão a perna direita, dansando e cantando n'esta attitude, batendo de vez em quando com o pé direito no chão, e cuspindo no pavimento. E o canto era delicioso e suave. No meio de cada centro estavão tres ou quatro *pagés*, cada qual com o seu *macará* n'uma mão, e na outra um cachimbo ou antes canna ôca com *petum*, e todos matraqueavão com os seus oraculos, e sopravão o fumo sobre os Indios, dizendo: «Recebei o espirito do valor para que extermineis os vossos inimigos.» Duas horas inteiras durou isto. O canto commemorava os finados, que os selvagens choravão, exprimindo comtudo a esperança de irem ainda exultar e dansar com elles quando a seu turno transpozessem a serra, e terminou por um grito de vingança contra os inimigos, que o *macará* declarara serião brevemente vencidos e devorados.

Depois fechárão os Indios todos um só circulo. Dentro d'este formárão outro mais pequeno os *pagés*, e no centro ficou um dos taes bonzos. Arvorou este o seu *macará*, e approximou os labios: to-

dos se inclinárão em profundo silencio, e soou em voz flautada o oraculo final: «Victoria! Victoria, valentes Guerens. O espirito do *macará*, a quem apraz a carne e o sangue dos inimigos, vos promette o triumpho. Vencereis os terriveis Aymorés, se for vosso capitão o prisioneiro branco.»

Sebastião de Pontes foi pois reconhecido cacique de Tibiuwa para a guerra com os Aymorés, e desde logo tratou de organisar e disciplinar até onde era possivel as suas fôrças.

Não tardárão a chegar novas da approximação do inimigo. Monguba Bussu sahiu a campo, e a todas as hordas mandou ordem de se irem reunir a elle. Salvador poz-se pois em marcha para o sitio aprazado, calculando as cousas de modo que chegasse ao campo da batalha depois de travado o conflicto, afim de poder obrar como fôrça de reserva, previdencia, que os selvagens desconhecião, e dicidir da sorte da peleja no momento opportuno. A um dia de jornada do logar do seu destino soube porém por um Indio extraviado, que ao passar um desfiladeiro fôra Monguba Bussu morto ás frechadas por um trôço de Aymorés postos de emboscada, achando-se com esta perda desanimados os Guerens e prestes a debandar. Ouvido isto, forçou Pontes a marcha, a vêr se chegava a tempo de evitar uma dispersão, que a todos seria fatal.

Achou em perfeita anarchia o acampamento dos alliados. Os differentes caciques não se entendião, não havia quem os dirigisse, e se o inimigo investisse n'este momento, infallivel, inevitavel era a derrota. Pontes convocou-os a uma especie de conselho, pintou-lhes o estado das cousas, fel-os vêr como sem união era impossivel dar batalha, e se se separavão seria cada qual a seu turno victima dos implacaveis Aymorés, e tão bem soube convencel-os, que todos lhe promettérão obediencia durante o combate.

E era tempo. No dia seguinte apparecérão em innumeravel multidão os Aymorés. Na Bahia tinha Pontes guerreado muito com os selvagens, e sabia que morto o cacique sempre elles se retiravão, embora já tivessem segura a victoria. Formou pois tres corpos distinctos dos melhores frecheiros de Tibiuwa, dando-lhes por unica missão atirar aos caciques contrarios, e á volta de si reuniu como uma guarda de corpo os guerreiros mais valentes da sua taba cobertos de escudos de pelles de anta e armados de *macanas*, que erão umas folhas de pau de cinco a seis pés de comprimento, afiadas de ambos os lados, e terminando n'uma especie de pá d'um pé de largura. Esta arma, feita do pau ferro do Brazil, era terrivel como os machados de batalha dos antigos cavalleiros e bem mais formidavel do que a espada.

Avançavão os Aymorés em desordenada turba, e tudo estava em resistir-lhes ao primeiro impeto. Pontes extendeu o seu exercito ao longo das fraldas d'um outeiro, para que não podesse facilmente recuar, postando os seus corpos de atiradores em eminencias, d'onde melhor podessem fazer seus tiros. Foi terrivel a investida, cruzavão-se no ar as settas, e os gritos dos combatentes e dos moribundos tornavão mais horrenda a confusão da batalha. A cada momento cahia um cacique dos Aymorés, e isso os demorava na carga, mas assim mesmo avançavão sempre, ameaçando já envolver os Guerens e esmagal-os com a superioridade do numero. Então, no momento decisivo, poz-se Pontes á frente da sua guarda armada de *macanas*, e animando-a com a voz e com o exemplo, carregou o inimigo, arremettendo para o logar onde via o principal dos caciques contrarios, o commandante em chefe da batalha. Deante d'aquelle corpo compacto de destemidos guerreiros, tudo cedeu, abrindo caminho; em breve alcançou o capitão branco o caudilho dos Aymorés, e com a propria mão o derribou. O pavor se apoderou dos que estando mais proximos o vírão cahir; fugírão, outros os imitárão, nem tardou a achar-se em fuga toda a nação dos Aymorés.

Esta batalha decidira da sorte dos Guerens, e

tambem da de Sebastião de Pontes. De prisioneiro e captivo votado á morte, destinado a ser o *kaawy-pepike* da festa dos seus apresadores, como quem dissesse o porco de S. Martinho, o perú do natal, ou o cordeiro da paschoa, via-se elle agora cacique não já de Tibiuwa sómente, mas de todas as hordas circumvizinhas, que, cedendo ao ascendente da superior intelligencia, respeitavão n'elle o seu chefe commum.

Grato aos beneficios, que lhe devia, tomou Sebastião de Pontes Ceçá Raynha por sua unica mulher. Depois começou a policiar d'alguma forma aquelles selvagens. Principiou a fazer plantações, em que obrigava a trabalhar os escravos, isto é, os prisioneiros, mostrando assim aos Indios, que se podia tirar d'elles maior vantagem, do que comel-os; ás mulheres e ás creanças tambem deu occupações accommodadas ás suas fôrças, e aos homens livres deixou a guerra, a caça, e a pesca, industriando-os quanto pôde n'estes exercicios. Depressa conhecérão os selvagens os commodos d'esta vida melhorada, vendo-se cada vez mais exemptos de privações, e sobre tudo cada vez mais fortes pela sua organisação para poderem zombar de todo o inimigo. As casas melhorárão de construcção. Cada povoação se cercou não já d'uma simples estacada, mas de verdadeiras trincheiras

com seus fossos, e Tibiuwa tornou-se a capital d'aquella republica ou antes monarchia, pois que o gentio costumava dar a Sebastião de Pontes o nome de

REI DO BRAZIL

Salvador Cuenco recolhera-se d'esse passeio, em que vendera aos Indios anthropophagos seu futuro sogro, seu bemfeitor, seu pae, o homem que desde pequenino o tratara por filho, a elle orphão, pobre, desvalido, sem protecção nem amparo. Trazia algumas feridas mui ligeiras, e disse que, fugindo de Indios bravos, havia elle sido ferido, e Sebastião de Pontes morto. Reuniu todos os escravos do engenho, para dar caça aos selvagens, se ainda fôsse possivel alcançal-os, se não para ao menos trazer para casa o corpo do assassinado.

A filha d'este quiz por fôrça ser da partida, que ia em busca do pae: um como presentimento, ou a voz da natureza, lhe dizia, que elle vivia ainda. Era uma môça pallida e trigueira, e por extranha antinomia chamava-se Rosa Candida. Baixa e franzina, tinha as feições pouco regulares, mas n'ellas um não sei que suave e sympathico, que captivava as almas bem formadas. Sobre todo o seu ser se via derramada uma dôce melancholia resignada, como se a joven fôsse victima de intenso mas

desconhecido soffrer, pois que o pae a idolatrava, todos lhe querião bem, e causas de padecimento ninguem n'ella as podia adivinhar. O coração era o de um anjo.

Salvador Cuenco era em tudo o contraste da sua futura noiva. De aspecto varonil e verdadeiramente bello, tinha o coração negro e refalsado, posto que com dissimulação pasmosa em tão verdes annos, soubesse admiravelmente disfarçal-o. Muitas vezes se teem visto caracteres inteiramente oppostos ligados pelos vinculos do amor, mas aqui só a meio se notava aquelle caso. Rosa Candida amava com todas as veras da sua alma o esposo, que seu pae lhe destinava: Salvador Cuenco sentia uma aversão invencivel, um odio entranhavel á filha do seu bemfeitor. E tanto a abhorrecia, que só para não se vêr obrigado a desposal-a ou renunciar a fortuna, que desde muito se costumara a olhar como sua, entregara o pae a uma morte cruel.

A expedição frustrou-se quanto ao seu fim principal, nem o corpo de Sebastião de Pontes appareceu, nem o rasto sequer dos Indios, mas não foi inteiramente sem resultado. Rosa Candida perdeu-se, perdeu-se incomprehensivelmente: ninguem da partida soube dizer como, ninguem nunca jámais tornou a vêl-a.

Sebastião Cuenco, o novo senhor de dois enge-

nhos, sahira a cavallo a vêr uma plantação distante. Ia só. Ao atravessar uma selva viu vir correndo-lhe ao encontro um escravo seu, que andava caçando.

— O senhor vive, o senhor vive! gritava este já de longe.

— Pois que! Havia dicto alguem que eu era morto? perguntou Cuenco estupefacto.

— Não é o senhor moço, não, é o senhor velho, o senhor Sebastião.

O joven scelerado enfiou, tornando-se pallido de raiva e de susto.

— Como o sabes? perguntou.

— Uns Indios, que topei na serra, m'o disserão.

— E onde está elle?

— Lá para as bandas do Cayru, entre o gentio guerem de quem é mui temido e respeitado. Chamão-no o Rei do Brazil.

— E quem encontraste afóra mim desde que soubeste essa nova?

— Ninguem.

— A ninguem pois a contaste ainda?

— Não, senhor.

— De Deus foi isso! exclamou Cuenco, e tirando do arção da sella uma pistola, extirou morto o escravo.

D'alli foi direito ter com o governador, a revelar

lhe que Sebastião de Pontes estava no Cayru, onde á frente de muitos milhares de Indios se intitulava Rei do Brazil e senhor independente, preparando-se talvez para invadir a Bahia. O perigo era grande e indispensavel a prisão de Pontes, nem o governador hesitou senão quanto ao modo de effectual-a: se enviando tropas, que tornassem impossivel a resistencia, se por um simples official, fiando-se no prestigio da auctoridade. O primeiro partido seria o mais seguro, se houvesse soldados para mandar: optou-se pois pelo segundo, devendo a pessoa encarregada de realisar a prisão, no caso de a não poder levar a effeito, observar ao menos as fôrças e disposições do inimigo.

Sebastião de Pontes voltara d'uma expedição brilhante, de uma entrada no sertão, d'onde trazia muitos centos de escravos, que não era elle n'este particular mais escrupuloso do que os homens do seu seculo. Nos campos contiguos a Tibiuwa passava elle revista ás suas tropas vencedoras, já meio disciplinadas á fôrça de perseverança e geito. Para cima de tres mil guerreiros se extendião em filas, todos armados de *macanas*, arcos e settas, e escudos de pelles. Innumeraveis enxames de mulheres, creanças e velhos assistião áquelle espectaculo grandioso. O general, o Rei do Brazil, como lhe chamavão, estava rodeado de caciques, cobertos

de pennas multicôres. Era um estado-maior brilhante.

De repente viu elle chegar uma partida dos seus Indios conduzindo no centro manietado um homem branco todo trajado de preto e doze Tupinambás. Os Guerens apresentárão ao seu chefe os prisioneiros, que havião apprehendido n'um batel vindo da Bahia. Pontes mandou desamarrar o homem branco. Adeantou-se este então, e inclinando-se tirou do bolço um papel, que silencioso entregou áquelle. Desdobrou-o Pontes e empallideceu: era uma ordem de prisão em nome d'el-rei assignada pelo governador general.

Na alma de Pontes se travou uma lucta: á frente de seus Indios, cujo numero lhe era facil duplicar e mesmo quadruplicar, podia elle zombar de todos os esforços da Bahia. Se as suas fortificações não erão para resistir a um assedio regular, tambem não erão para ser levadas de um golpe, e antes de lá chegarem tinha elle mil meios de destruir os invasores n'aquelles labyrinthos de aguas bordadas de emmaranhadas selvas. Mas a ordem vinha em nome d'el-rei, e a lealdade não deixou campo a outro sentimento.

Pontes concluiu a revista e mandou debandar as tropas: o povo dispersou-se. Nem todos os Indios toleravão de boa vontade o imperio do branco; al-

guns havia, que julgando poder fazer o que o vião praticar, desejavão descartar-se d'elle, para governarem a seu turno. D'entre estes chamou Pontes alguns, certo de que longe de procurarem impedir-lhe a partida lh'a facilitarião.

— Todos nós somos vassallos d'el-rei de Portugal, lhes disse. Elle manda-me chamar á Bahia a serviço seu; cumpre obedecer, mas em breve serei outra vez comvosco. Governae vós entretanto e provede a que tudo se conserve no mesmo estado até á minha volta.

E embarcou no batel com o homem de preto e os Indios Tupinambás. Os Guerens acompanhárão-no até á barra do morro de S. Paulo.

Chegado á Bahia, mandou o homem de preto atracar a bordo de uma caravela que estava já de verga d'alto prestes a seguir viagem. Alli foi Pontes posto a ferros.

— Porque me não lévão já á presença do governador? perguntou elle.

— É inutil, lhe respondérão; vamos dar á véla para o reino.

— Deixem-me antes vêr minha filha! clamou o triste.

— Não ha ordem.

D'ahi a algumas horas chegavão os despachos do governador; a caravela suspendeu ferro, largou o

panno todo, sahiu a barra e fez-se ao mar. Com olhos annuviados por mal contidas lagrimas contemplava o misero as costas, que lhe fugiam e onde lhe ficava tudo.

Chegado a Lisboa, foi Sebastião de Pontes conduzido directamente de bordo para o Limoeiro. Alli o mettérão n'uma escura e humida enxovia e... ninguem mais falou n'elle, ninguem mais d'elle se lembrou.

Vendo que seu marido não voltava, decidiu-se Ceçá Raynha a ir por terra á Bahia a saber novas d'elle. Sósinha atravessou mattagaes, vadeou pantanos, cruzou a nado caudalosos rios e esteve mil vezes a ponto de perecer, mas afinal chegou á cidade. Alli vagava errante pelas ruas d'aquelle mundo desconhecido, até que se resolveu a perguntar por Sebastião de Pontes a um homem que encontrou.

— Segue-me, lhe disse o homem, e atraz de si a levou para casa. Chegado alli, chamou um dos seus famulos:

— Leva esta India para o meu engenho, é uma escrava que comprei.

Doze annos jazeu Sebastião de Pontes no Limoeiro, até que afinal d'alli o tirárão para — envôlto n'um sacco o levarem á sepultura, ás costas de dois homens.

O pobre sahimento encontrou uma luzida cavalgada de senhores, escudeiros e pagens, e á frente, montando um cavallo fogoso preto de azeviche sem mahcha alguma, vinha um que pelas custosas galas que trajava, de ouro, velludos e sedas, parecia ser de todos o principal. Comparando o proprio fasto, e o brilho e riqueza do seu sequito com a miseria, que alli ia levada a repousar no ultimo jazigo, refreou este o insoffrido ginete, e por distracção ou passatempo perguntou quem tão só e pobremente assim dava o ultimo caminho.

— É um triste prêso do Limoeiro, senhor, que levamos a enterrar.

— Como se chamava?

— Ninguem o conhece; o carcereiro o lançou no registo com o nome de Sebastião de Pontes.

Como se um raio lhe houvesse cahido aos pés ficou o cavalleiro assombrado e pallido. Quiçá mais pallido ainda que o morto, que levavão no sacco. Os olhos parecérão saltar-lhe das orbitas, cravados fitos no cadaver, e nas feições desfiguradas se lhe divisárão umas contracções horriveis. Foi um momento, um momento só, mas um momento, que devia resumir uma eternidade de infernaes tormentos. Depois, tomando nos dentes o freio, partiu o negro corcel em rabida desfilada como apostado com o vento. Talvez o cavalleiro involuntaria, in-

sensivelmente houvesse enterrado os acicates na barriga do indomavel bruto, talvez, mas os pagens affirmárão ter visto uma legião de espiritos fustigar, aguilhoar, incitar a cada vez mais furiosa carreira, o animal, se é que animal era aquelle bicho tão descommunal, tão valente, tão negro.

Galgando muros e vallados, rompendo selvas, atravessando fojos e arroios, saltando pedras, sem que nada, nada podesse retel-o, ou desvial-o do curso que levava, correu o ginete direito ao rio. Alta, despenhada era alli a ribeira, e por baixo redemoínhavão escuras, pavorosas as aguas do Tejo. Cavallo e cavalleiro precipitárão-se na voragem. O abysmo os tragou, e nunca mais os restituiu.

Toda essa tarde e na manhã seguinte dobrárão os sinos nas egrejas de Lisboa. A velha Sé cobriu-se de pannos negros, celebrárão-se á luz de mil tochas pomposas exequias á volta de uma eça magnifica, mas sobre ella descançava um ataúde vazio. Ao lado da valla, em que jazia Sebastião de Pontes sem uma cruz de pau sequer á cabeceira, ergueu-se um soberbo mausoléo de marmore e bronze; sobre uma lapide brilhante escreveu-se com lettras de ouro — Salvador Cuenco — mas debaixo da pedra sepulcral nenhum cadaver dormia o somno eterno.

Muito tempo não ficou vazio o logar, que Sebastião de Pontes occupara no Limoeiro. Brevemente lhe tomou posse da triste herança outro desgraçado. Entre a palha meia podre, que servira de cama ao seu antecessor, encontrou elle um papel dobrado, e um dia de verão bem claro, em que o sol no zenith lhe enviou alguma claridade mais viva através dos grossos varões da sua prisão subterranea, pôde o triste lêr estas tristes linhas:

«Aqui, entre estas muralhas negras e nuas, a resudar perpetua humidade; sobre este chão frio impregnado de agua, sem uma restea de sol para aquecel-o, sem a vista de um palmo de céo para consolar-lhe a alma, aqui, tendo por unicas alfaias um molho de palha e uma bilha nem sempre cheia, e comendo o negro pão da misericordia, vive ha onze annos, e exhalará o ultimo suspiro o senhor de tres engenhos, aquelle a quem os Indios do Cayru chamavão o Rei do Brazil, e que podera sel-o — Sebastião de Pontes.

«O auctor de todos os meus males foi uma vibora, que acalentei ao seio, um orphão que criei como filho, a quem dava quanto tinha, mas... o céo é justo. Sirvão-me de expiação dos crimes os soffrimentos n'este mundo, e possa Deus amercear-se de mim no outro.

«A ti, quem quer que fôres, que me succederes

n'este logar de miseria, farei a minha confissão: possão as minhas máguas servir de lenitivo ás tuas, e se tiveres crimes, como eu, chora-os como eu os choro[1].

«Eu era bateleiro na Bahia. Uma tarde, era quasi noite, appareceu-me um homem para que eu o levasse para bordo d'uma nau, que de madrugada sahia para o reino com a armada d'aquelle anno. Trazia uma creança com dois annos escassos, e dois saccos pesados, que um escravo lhe carretava. Tomou os saccos, despediu o escravo, e depositou-os no fundo do meu batel. Ao assental-os sobre a tábua eu senti que era dinheiro, oh! muito dinheiro sem duvida. Remei para o largo.

«Veiu-me então uma tentação do demonio. Aquelle dinheiro podia ser meu, e eu com elle dar principio a uma fortuna de principe. Para isso que era preciso? Matar aquelle homem. A nau daria á vela antes do romper d'alva; ninguem saberia se ella levava um passageiro de menos, e eu seria feliz. Deu-me uma vertigem, foi uma allucinação do inferno, e durante ella o rêmo ergueu-se nas minhas mãos, cahiu, e, a meus pés, rodou um cadaver. Tomei aquelle corpo ensanguentado e arrojei-o ao

[1] D'este papel ponho aqui sómente o que os leitores ainda não conhecem da historia.

mar. O menino chorava e chamava seu pae; eu não o via nem o ouvia.

«Remei para uma praia deserta: tomei o menino e os dois saccos de dinheiro, entreguei o batel ás ondas e metti-me pela terra dentro.

«E aquelle dinheiro fructificou nas minhas mãos: tornei-me rico, muito rico. Não abandonei a creança, que eu mesmo tornara orphã. Criei aquelle menino, e n'elle criei o instrumento do meu merecido castigo. Mais tarde quiz unil-o a uma filha, que tive, legitimando n'ella a fortuna, que d'elle me viera. Não o quiz o céo. Os bens que eu possui, não sei em que mãos párão, minha filha não sei se é morta se é viva, minha segunda mulher, que eu tive entre os Indios e que tanto me amava, ignoro a sua sorte, mas — a origem da minha fortuna fôra má, não podia o fim ser bom: eu perdôo aos que me offendérão, assim Deus me perdôe.» [1]

[1] Talvez alguns leitores desejem saber o que em tudo isto ha historico e verdadeiro. Quanto ao *historico* posso satisfazel-os, quanto ao *ve dadeiro* não. Em primeiro logar é rigorosamente historico tudo o que se diz a respeito dos costumes dos selvagens; agora pelo que tange a Sebastião de Pontes, transcreverei o que d'elle nos conta Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão no *Novo Orbe Seraphico:*

«.....a estes (Tupyns) do Cayru sobrevierão com os Aymorés dos Ilhéos outros seus parentes, tambem Tapuyas sel-

vagens, chamados Guerens; e erão os que possuião as terras do Cayru ao tempo, que n'ellas entrárão os nossos Portuguezes, que foi logo que por elles foi povoada a parte da Bahia. D'esta passou para as terras do Cayru um Sebastião de Pontes, de posses e cabedaes, deixando-nos na Bahia fabricados já dous engenhos, e com outros Portuguezes mais foi escolher por morada e vivenda as terras que n'aquelle paiz rega e fertiliza um dos seu principaes rios chamado Uba; e n'ellas fabricou o terceiro engenho, domesticando muitos dos naturaes Tapuyas ao seu mando e serviço, fazendo-se na terra sobre poderoso, insolente. Por esta desordem foi accusado na côrte, e entre os crimes, que lhe imputárão os offendidos, foi um nomearem-no por Rei ou Regulo do Brazil, pelo que foi levado ao reino, e do Limoeiro, sem se falar mais n'elle, depois de muitos annos foi levado á sepultura, com o custo só de um tostão, diz o que nos dá esta noticia.»

(N. do auctor)

A ROMARIA[1]

A um quarto de legua para o poente da antiga e nobre villa de Barcellos, eleva-se uma montanha que, posto não seja de mais de que mediana altura, domina comtudo todas as eminencias circumvizinhas. Do cimo d'aquelle cume não se avistão como do alto do Bussaco, terras de sete bispados, mas descortinão-se mil risonhos valles da fertilissima provincia do Minho, umas poucas de villas e sem numero de aldeias, e pode seguir-se com a vista o tortuoso curso do poetico Cávado até ir morrer no Oceano entre Fão e Espozende, collocados como monumentos á borda do seu tumulo.

[1] Folhetim do *Jornal do Commercio* de 3 de abril de 1855.

A corôa forma um terraço, onde sob a invocação de Nossa Senhora da Fanqueira está erecta uma capella, cujo adro cercado por um parapeito de quatro a cinco palmos de altura occupa todo o terrapleno, de limitadissima extensão. A meia encosta, para o lado da estrada que vem de Barcellos, está ainda bem conservado um ex-convento de frades, para o qual sobe da povoação, que fica do mesmo lado na fralda do monte, um caminho largo, calçado, aberto em ziguezague, e ao longo do qual se encóntrão capellinhas representando os passos do Senhor.

Por todos aquelles arredores é a Senhora da Fanqueira uma Santa de muita devoção, mórmente para as môças solteiras. É crença geral que toda aquella que do adro da capella atirar uma pedrinha para cima do parapeito na direcção de uns penedos que ficão no declivio do monte que olha para o mar, casa dentro de anno e dia. Já se vê quão concorrida deve ser a romaria que todos os annos para alli se faz, não direi em que dia, porque já me não lembro, e prezo tanto a exactidão que prefiro confessar a minha ignorancia a commetter um erro de data; mas sei que é durante a primavera. Excusado é tambem dizer que não ha rapariga que receie a fadiga de tão aturada subida, e mais do que uma solteirona com os seus quarenta janeiros

ás costas vi eu trepar a muito custo a difficil encosta do convento para cima, e chegada ao alto atirar disfarçadamente, julgando que ninguem a observava, a sua 26.ª pedrinha, talvez com a mesma fé com que arremeçara a primeira outros tantos annos antes.

Corria o anno de 1848, e era o dia da romaria. A estrada de Barcellos ia cheia de povo. Entre outros ranchos notava-se um, composto de tres senhoras montadas em jumentos, dois homens a pé e tres creados tambem a pé com cestos á cabeça. Das cavalleiras uma era joven e podia passar por bonita, as outras duas érão já matronas. A môça chamava-se Mariquinhas, e uma das velhas gostava que a chamassem D. Anna; mas, coitada! poucas vezes tinha esse gôsto, pois que pelo menos as vizinhas, que são sempre a gente mais invejosa do mundo, nunca a chamavão senão a Sera Anninhas.

A outra gosava sem contestação do tratamento de D. Genoveva, pois era de uma antiga familia de escrivães que se tínhão tornado hereditarios. Dos homens, um chamava-se Lourenço, era moço, bem parecido, e pretendente á mão de Mariquinhas; o outro, tio d'esta, era o sr. Monsão, velhote dos seus 63 annos, magro, baixo e têso. Tinha ganho no Brazil umas pataquinhas bem boas, mas tinha-

lhes tambem muito apêgo, e era geralmente conhecido pelo pseudonymo de Fona.

Professava extrema affeição á sobrinha, de quem era tambem padrinho, mas, segundo elle proprio dizia, nunca lhe dera um lenço para que ella não conhecesse o amor que elle lhe tinha. Vivia com a irmã D. Anna e outro irmão mais moço, mas embora estes tivessem tambem sua fortuna independente, arrogava-se sobre elles imperio absoluto, e todos o consideravão como chefe da familia e dono da casa.

Era elle pois quem dispunha da mão da sobrinha, mas imbuido todo, de boa fé ou por velhacaria, em idéas de beatices e devoção, havia já declarado que nunca a daria a um estudante de Coimbra, que todos érão pedreiros livres. Ora, Lourenço infelizmente era estudante de Coimbra, e assim não estava a sua pretenção lá muito bem parada.

Mariquinhas pela sua parte tinha seu boccado de inclinação por elle, e se nenhum obstaculo se oppuzesse á sua mútua união, têl-a-hia visto com satisfação, mas o amor não era ainda tal, que vencendo a sua natural apathia, a obrigasse a dar para esse fim o menor passo, mórmente junto ao tio, deante do qual ella só sabia tremer.

A estrada, se tal nome merece um caminho cheio de barrancos que em muitas partes não tinha duas

braças de largura, era má, mesmo em tempo de prolongada sêcca, e como chovera dois dias antes, tornara-se pessima. Succedeu pois o que só era para admirar não ter succedido já dez vezes, e o burro em que Mariquinhas ia montada, vadeando um atoleiro, ficou espetado até á barriga, vendo-se a cavalleira, que ia sentada de lado n'umas andilhas, obrigada a extender as pernas horisontalmente para não molhar os pésinhos.

Precipitou-se Lourenço logo por sobre umas pedras sôltas, que se divisavão sobre a agua, para tomar Mariquinhas nos braços e safal-a d'alli, mas achava-se ainda a meia braça de distancia, quando o velho Fona com voz de trovão lhe grita enfurecido que não toque na sobrinha. Pára o pobre moço aturdido, e só por um milagre de equilibrio se sustém em cima da pedra, que lhe balança sob os pés.

D. Anna toda aterrada teve o inaudito arrôjo de fazer reflexões a uma ordem do irmão, e observar-lhe que a menina podia cahir dentro d'agua ao menor movimento da cavalgadura, e succeder alguma desgraça, se a não punhão quanto antes em sêcco; mas a unica resposta que obteve foi um redondo — cala a bôcca —, que logo a fez metter a viola no sacco.

Então chama o velho as creadas, fal-as arrear os cestos, e manda-as ir buscar sua ama. Obede-

cem estas, e dispõem-se a metter-se no atoleiro, arregaçando as saias; mas ao perceber-lhe o intento, grita-lhes aquelle que não sejam desaforadas, e que entrem na agua sem se descomporem. A isto porém recusão-se as raparigas peremptoriamente, pois não querem apparecer na romaria com as saias, que são guarnecidas de renda, barradas de lama.

É inutil dizer que entretanto se conservava o jumento perfeitamente immovel, pescoço extendido e orelhas cahidas; mas a Mariquinhas principiou quasi a chorar e a clamar que não podia mais suster as pernas horisontaes. Via-se o pobre Fona em apuros, suava grossas gôttas, e ia quasi maldizer todas as romarias, quando felizmente se lembrou que são ellas actos religiosos. Ainda bem, porém, que entre confiar a sobrinha aos braços de um rapaz, e que de mais a mais era estudante, e consentir no escandalo de erguerem as creadas deante de tantos olhos os vestidos até á altura necessaria para os não molharem, que era pouco mais ou menos a da barriga do burrico, occorreu-lhe um meio termo.

Passava casualmente um camponez já ancião mas ainda vigoroso, a quem elle chamou, propondo-lhe tirar a sobrinha do atoleiro. O sujeito, que logo percebeu que precisavão d'elle, pretextou as

suas calças brancas engommadas, e exigiu um pinto, isto é, 480 réis, pela empresa. O Fona não queria dar mais que 120 réis; passado um bom quarto de hora em ajustes, chegárão ambas as partes a um accôrdo mediante a esportula de 240 réis.

Metteu o laponio mãos á obra, suspendeu Mariquinhas, não sem ter de sujeitar-se a innumeras prescripções quanto ao modo de haver-se sem offender a moral, e pôl-a sã e salva em terra firme. Mas o diabo, que em tudo se ha de metter, tinha feito das suas, e para indemnisar Lourenço da quebra que soffrêra, prendeu n'uma fivella do albardão uma ponta do vestido da môça, e ao ser esta erguida pelo aldeão, mostrou aos olhos do estatico mancebo até acima da liga uma perna feita ao tôrno. Caso inaudito, porém, essa liga era, nem sei como o diga, uma fita de nastro.

É sabido que ainda que a uma môça (se fôr velha peor) dêem oito compridos dias para vestir-se, sempre por fim lhe vem a faltar o tempo, e ella com razão se queixa de a terem obrigado a arranjar-se á pressa. Foi o que succedêra a Mariquinhas. Tinha ella já de vespera feito alguns preparativos para o vestuario, e n'elles continuara desde que se levantou no dia da festa; infelizmente, porém, não se lembrou das ligas a tempo, e fôsse como fôsse, na occasião da partida ainda não tinha senão uma,

e antes do que fazer esperar o tio, que já por duas vezes perguntara se não estavão promptas, tomou a primeira cousa que lhe veiu á mão, e segurou a meia.

O jumento, alliviado da carga, deixou-se tirar da lama, fazendo alguns esforços não para sahir, mas para conservar-se na posição que parecia occupar com gôsto; Mariquinhas montou de novo, e a marcha continuou. A môça porém ia preoccupada. Bem percebêra ella o que tinha succedido, e estava toda confusa e envergonhada, não da perna, pois bem sabia que não havia motivo para isso, mas da liga.

Que diria Lourenço, e que idéa ficaria fazendo? Santo Deus, uma fita de nastro! Se ella ao menos pudesse contar-lhe o caso, que era tão simples, explicar-lhe como tudo se havia passado! Mas como encetar semelhante conversação? Veiu-lhe á mente buscar modos de mostrar a outra liga, que era de brilhante seda azul clara bordada a matiz, e assim contrabalançar o effeito, mas o expediente era por demais complicado para uma boçal provinciana, e ella abandonou a idéa por inexequivel.

Não restava, pois, senão um meio: era preciso casar com Lourenço, que depois todas as explicações serião possiveis. Os maiores successos n'este mundo desfião-se quasi sempre de factos bem mes-

quinhos e até ridiculos. Assim déra o acaso a Lourenço em logar de um frouxo auxiliar nas suas pretenções matrimoniaes, uma alliada a todo o transe, prestes até a arrastar as iras do terrivel tio, se tão sobrehumano sacrificio fôsse preciso. Tudo já se lhe antolhava facil, comtanto que o mancebo não continuasse a ficar persuadido que ella era capaz de usar de ligas de fita de nastro.

Cumpre porém declarar uma cousa: Mariquinhas inquietava-se com uma chimera, e as suas preoccupações nenhum fundamento tinhão. Lourenço, façamos-lhe essa justiça, nem sequer déra pela liga. Absorto na admiração da natureza, escasseara-lhe o tempo para prestar attenção ao artefacto, e longe estava elle de presumir o que se passava no espirito da sua querida.

A caravana chegou porfim ao arraial. Celebrava-se uma festa christã, mas, ao que parecia, era o deus Baccho que a ella presidia, tão grande era o numero de pipas que triumphavão sobre carros asseados, tão ornadas estavão ellas de ramos e de flôres. De taboleiros e mesas de dôces tambem não havia falta, e por detraz d'ellas estavão lindas vendedoras attrahindo os compradores mais com a frescura de seus rostos e brilho de seus olhos, do que com o alvo de suas cavaquinhas e fulgor do seu pão-de-ló. Não menos abundava o peixe frito,

parte ainda a chiar nas frigideiras, e parte empilhado em postas dentro de enormes pratos. Em espêtos de páu voltavão sobre o fogo as classicas espetadas.

Com a cabeça imprensada entre gigantescos collarinhos bordados que lhes sahião pelos cantos dos olhos fora, estavão os Maneis encostados a seus compridos páus, com que de vez em quando rabiscavão a areia, conversando a tres varas de distancia com as suas Marias carregadas de cordões de ouro e corações de filagrana. Alguns mais poeticos servião-se da linguagem das musas, e ao som da viola soltavão seus suspiros em endeixas, a que não era raro vêr a bella requestada responder no mesmo tom, cantado ao desafio. Então vião-se os dois logo rodeados de numerosos espectadores que com bravos e palmas celebravão algum conceito que mais lhe cahia no gôtto.

Entre a turba passeavão, como o pavão entre gallinhas, algumas amazonas de chicote na mão, chapéo redondo guarnecido de fitas, e o peito desde o pescoço até á cintura coberto de cordões de ouro de todas as grossuras.

Era um povo que se divertia, cada um a seu modo, folgava e ria, alegrando-se da sua vida, e o seu jubilo era um hymno de graças ao Senhor, que quer a felicidade de suas creaturas.

O Fona dirigiu-se direito á egreja, a cuja porta fez apear a parte montada do seu rancho, e depois entrárão para fazerem oração. Já todos tínhão concluido as suas devoções, mas ninguem se atrevia a levantar-se, sem que aquelle désse o signal. O velho porém parecia haver esquecido o mundo, e querer permanecer alli até ao dia de juizo, quando felizmente para todos se dirigiu a elles o abbade de S. Gallo, convidando-os a sahirem e subirem juntos até ao convento.

Orçava o abbade pelos 40, era gordo e baixo, e na extensão da palavra o que se pode dizer um bom homem. Não era talvez demasiadamente austero nas suas penitencias, mas tambem não dava escandalo aos seus freguezes, que amava sinceramente, e aos quaes fazia o bem que podia. Viera á festa prégar o sermão da manhã, e trouxera comsigo a afilhada, uma orphã que tinha em casa por muita caridade, e que era uma moreninha roliça e bem feita, de olhos pretos e buliçosos.

Encorporados os dois ranchos, subírão juntos a ladeira, parando deante de todas as capellinhas dos Passos, até chegarem ao convento. Alli dirigírão-se ao antigo refeitorio, cujas longas mesas ainda existião em perfeito estado, e sobre uma d'ellas extendérão as creadas alva toalha, despejando-lhe por cima o conteúdo dos cestos.

O abbade, grande amigo do Fona, não se fez muito rogado, sentou-se á mesa e mais a afilhada, e apesar de ter jantado por conta dos festeiros, não deixou de fazer honra á merenda, particularmente á parte liquida da mesma. Os cestos tínhão sido providos por D. Anna, senão com delicadeza ao menos com abundancia, segundo o velho uso.

Digão o que quizerem: para expandir os corações e abrir a alma á alegria não ha como o vinho. A conversação animou-se, o proprio Fona perdeu alguma cousa da sua austeridade, contou talvez pela millesima vez a sua historia do creado Lazarilho, que nunca deixava de repetir quando se achava de bom humor, e até nem reparou na troca de alguns signaesinhos de intelligencia entre a sobrinha e Lourenço. O bom do abbade poz-se a discutir a belleza da creatura, em honra do Creador, emittiu a tal respeito a sua opinião, aliás de muito pêso, e findou por declarar que se louvava inteiramente no voto de J. Nevisanus na *Sylva Nuptialis*, e com voz alegre começou effectivamente a declamar os seguintes versos do auctor que citara:

Tringinta hæc, habeat, quæ vult formosa vocar!
Fœmina: sic Helenam fama fuisse refert.
Alba tria, et tolidem nigra, et tria rubra puella:
Tres habeat longas, tres totidemque breves:

Tres crassas, totidem graciles; tria strica, tot ampla;
Sint ibidem lata, sint quoque parva tria;
Alba cutis; nivei dentes; flavique capilli;
Nigri oculi, cunnus, nigra supercilia;
Cabia, genae, ungues rubri; sit corpore longa,
Et longi crines; sit quoque longa manus;
Sintque breves dentes, auris, pes; pectora lata,
Et clunes, distent ipsa supercilla;
Cunnus et os strictum, strigunt ubi singula stricta:
Sint coxae et cullus, vulvaque turgidula;
Subtiles digit, crines et labia puellis;
Parvus sit nasus, parva mamilla, caput.

Ao passo que recitava, piscava o ratão do abbade os olhos maliciosamente para a afilhada, como se estivesse bem informado ácêrca d'aquelles dos requisitos do sr. Nevisanus, que não era possivel confrontar á primeira vista.

Infeliz ou felizmente apenas Lourenço tinha seus laivos de latim, e assim foi a rhetorica absolutamente perdida para os de mais, o que comtudo não obstou a que todos applaudissem e dessem razão ao padre.

Tudo tem fim n'este mundo de vicissitudes, e aquella merenda tambem o teve. Lourenço propoz a subida ao cume do monte, onde está a capella, mas o Fona abanou a cabeça, e D. Anna e D. Genoveva declarárão que isso era bom para as rapa-

rigas, mas não para ellas. Veiu então Mariquinhas em auxilio do seu bem-amado e ponderou que tinha que cumprir lá no alto uma promessa á Senhora da Fanqueira.

Uma promessa é cousa sagrada, e o Fona não podia já recusar-se, mórmente tendo-se offerecido o abbade com sua afilhada a acompanhar Mariquinhas até á capella, escusando assim o tio de incommodar-se. Este hesitou, mas por um lado tão sufficiente garantia de moralidade lhe parecia a companhia de um reverendissimo, e por outro tão penoso se lhe antolhava subir uma encosta d'aquellas com a barriga cheia, que o homem resolveu-se a ficar, deixando partir a sobrinha. É inutil dizer que Lourenço tambem tinha que rezar na capellinha da Santa.

Chegados os quatro ao adro, que estava cheio de povo, ninguem mais se lembrou de promessas, e o bom do abbade, que anticipadamente sabia muito bem o que devia pensar de tanta devoção, poz-se a conversar com dois lavradores, e deixou em plena liberdade a mocidade. Esta porém nunca faz cousa boa.

Sentárão-se os tres no parapeito do adro, e ao principio pareceu-lhes a franqueza que lhes davão, o suprasummo da felicidade, mas bem depressa já isto não bastava, e era preciso alguma cousa mais.

A encosta do monte para o lado do mar era ingreme, pedregosa e nenhum trilho para ella havia. Lembrou-se Lourenço que seria agradavel descel-a sustendo com cada mão uma das duas môças, qual d'ellas mais galante, e mal o pensou, propoz logo a descida por alli até um carreiro que rodeava a montanha na altura do convento, onde ia dar.

A empresa não era talvez sem risco; mas a juventude é atrevida e gosta dos perigos. A afilhada, sabendo que podia contar com a condescendencia do padrinho abbade, nenhuma difficuldade oppoz, e Mariquinhas objectou primeiramente com o tio; mas depois, ou fôsse que novamente lhe occorresse o primeiro projecto de justificação da liga, a cuja execução bem podia aquella descida dar facilmente occasião, ou fôsse simplesmente que o sangue dos dezoito annos lhe fervesse nas veias, acabou por deixar o caso só dependente do consentimento do padre.

Consultou-se este, cujo bom coração, sempre propenso a dar prazer á mocidade, desde logo o persuadiu a annuir. Parecendo-lhe porém menos prudente arriscar por tal despinhadeiro o seu corpo assás pesado, disse que desceria pelo caminho ordinario, e que iria reunir-se aos tres no carreiro em baixo, para entrarem juntos no convento, onde os esperava o resmunguento velho, a quem, entre

parenthesis, não se lhe dava de pregar uma peça innocente.

Lourenço pouco faltou que não se lançasse ao pescoço do santo homem, e quem sabe se Mariquinhas teria tambem desejos de fazer o mesmo. Seguírão os tres pelo monte abaixo, e o padre ficou olhando-os do alto, recordando-se porventura do seu bom tempo. A meio caminho havia uns enormes penedos, pelo lado de baixo dos quaes formava a terra um pequeno terraço. O sitio convidava a descançar e a contemplar por um pouco a bella paizagem; demais não era tarde para voltar ao convento, e tão feliz occasião não tornaria porcerto a offerecer-se tão cedo. O trio sentou-se.

Teria decorrido quando muito um quarto de hora, quando se ouviu grande algazarra e vozeria. Dizendo ouviu-se refiro-me á afilhada, porque Mariquinhas e Lourenço tão embevecidos estavão que nada tínhão ouvido. A môça porém, còm quem se não davão os mesmos motivos de distracção, levantou os olhos e por entre a abertura que entre si deixavão dois d'aquelles grandes calháus, viu no adro agitarem-se páus pelo ar, e oh! surpresa e terror, um momento depois o velho Fona, ligeiro como uma corça, galgar o parapeito e enfiar pelo monte abaixo com a velocidade da pedra despedida de uma funda.

O que primeiro lembra em taes apêrtos é esconder-se. A môça advertiu do perigo a Mariquinhas, e, sem dar-lhe tempo a reflexionar, arrastou-a comsigo por entre os penedos, que formavão uma especie de gruta, e ambas sumírão-se o melhor que pudérão. Ficou Lourenço indeciso, se deveria seguil-as, mas depois pensou que melhor era ficar de fora para protegel-as e vedar a entrada.

Havia alli uma tôsca cruz de madeira, como infelizmente se encóntrão a miudo aos lados das estradas e nos logares ermos por toda a peninsula hespanhola, e que denótão que alli expirou uma creatura humana victima do punhal ou do bacamarte. Lourenço ajoelhou deante d'aquelle madeiro, e pareceu extatico na sua devoção. Mal assim se prostrára quando assumou todo esbaforido o Fona, rodeando os penhascos, e buscando atraz d'elles refugio contra a safa rascada que ia lá por cima.

Não ficou o velho pouco admirado de encontrar alli Lourenço, e ainda mais de o vêr entregue a um fervor religioso de que sempre o julgára incapaz. Este então explicou-lhe que n'aquelle mesmo sitio tinha sido assassinado um parente seu, e que achando-se tão perto não quizera perder a occasião de vir alli, como frequentemente fazia, rezar-lhe um padre-nosso pela alma.

O Fona louvou muito a acção, e em seguida con-

tou o perigo de que escapára; perguntou pela sobrinha, e propôz tornarem a subir ambos para buscal-a, mórmente parecendo ter-se já acalmado a desordem. Lourenço porém fez-lhe vêr que o outeiro para aquelle lado era

Mais facil de descer do que subir,

que a menina ficára dentro da egreja, onde ninguem se atreveria a entrar com violencia, e que o abbade, que lá tinha tambem a afilhada, não era homem para abandonal-as.

Assim propoz a seu turno seguir pelo carreiro para o convento, e se alli não achasse ainda o padre, subir-lhe então ao encontro pelo caminho trilhado. Olhou o Fona para tão escarpado declive, admirou-se como se tinha atrevido a descer para aquelle terreno que nem a cabras offerecia seguro piso, benzeu-se tres vezes, considerando que só por milagre tinha podido chegar a salvamento, principalmente com a carreira que trouxera, e reconhecendo a quasi impossibilidade de uma ascenção por alli, acceitou o conselho, e seguiu para o convento.

Eis porém como se explica a subita apparição do Fona.

Vira elle partir a sobrinha, mas ficára um tanto

inquieto, mórmente por têl-a Lourenço acompanhado. Procurou tranquillisar se com a idéa da presença do abbade, mas nem por isso socegava. Encetou uma conversa com D. Genoveva e outro sujeito, que alli estava (com a irmã nunca elle se dignava conversar, só lhe dava ordens), mas o pensamento fugia-lhe sempre atraz da sobrinha. Afinal não pôde mais conter-se e largou pela encosta acima em busca d'ella.

Não sem algum custo, e maldizendo a obrigação de guardar raparigas, chegou ao adro, avistou o abbade só, e logo se dirigiu a elle perguntando-lhe pela sobrinha. Não ficou este pouco atrapalhado com tão inesperada presença, e sobretudo com a tal perguntinha, a que não era muito facil achar resposta: um incidente porém veiu tiral-o do embaraço.

Produzira o vinho o seu resultado natural e costumado: dois páus levantárão-se simultaneamente e entrechocárão-se no ar. O som que elles derão foi como um signal esperado; mais de sessenta bordões zunírão immediatamente, e rompeu a indefectivel pancadaria, começando logo a cahir basta e de crear bicho. O Fona, egoista como todos os da sua classe, apenas tal viu, não esperou mais pela resposta á sua pergunta, e já vimos com que agilidade estupenda elle despediu pelo monte abaixo.

O abbade, que não era dos mais medrosos, que sabia que a cousa não era com elle, e que além d'isso se conhecia muito capaz de, em caso de necessidade, parar na grossa bengala qualquer paulada perdida que viesse sem sobrescripto, deixou-se ficar, e sómente se inquietou com a direcção que levava o velho.

Quando viu porfim que este surgia detraz dos penedos, seguindo adeante acompanhado só de Lourenço, adivinhou o que se tinha passado, e o que lhe cumpria fazer. Fiando das suas pernas de 40 annos o querido corpanzil poz-se a descer a encosta com todas as precauções sim, mas animado do zêlo de tirar de apertos os pobres amantes, e tambem um pouco a si proprio, pois achava-se um tanto compromettido com a aventura.

A descida operou-se sem accidente, e elle foi achar as duas môças tremendo, e sem saberem a que santa se encommendarião, vendo-se assim abandonadas. Tranquillisou-as, disse-lhes que o acompanhassem, e tomou com ellas a direcção do convento, onde chegou quasi ao mesmo tempo que o Fona, a quem contou que tínhão descido por aquelle caminho, por ser o mais curto, e para evitarem algum mau encontro com qualquer páu alçado. O velho enguliu-a, ou pareceu engulil-a com facilidade, e Lourenço não pôde agradecer ao hon-

rado abbade a caridosa mentira senão com os olhos, mas procurou pôr nesse olhar todo o fogo da sua gratidão.

O acto de piedade que vira praticar a Lourenço causára no animo do velho Monção profunda impressão a favor do mancebo. Mariquinhas, levada sempre da idéa fixa de rehabilitar-se na opinião do seu amante, na qual se julgava mui prejudicada pelo desastrado caso da liga, e instigada tambem pelo amor que cada vez mais ia sentindo, provocado pelos proprios esforços que ella empregava em todo este negocio, lançou mão de todos os recursos da astucia feminina, que ainda nas mais inexpertas vae sempre longe.

O bom do abbade, que realmente queria bem aos dois namorados, e via que as cousas estavão sufficientemente adeantadas, tambem fez o que pôde, e elle não deixava de ter sua influencia no animo do velho. Tudo isto junto fez com que este não só consentisse no casamento, mas até exigisse que se fizesse desde logo, e antes de Lourenço ir concluir o seu quinto anno universitario.

Esta ultima circumstancia fez o mancebo suspeitar que talvez o tio por occasião da aventura do monte lubrigasse alguma ponta do vestido da so-

brinha, e evitando o escandalo como homem prudente, resolvesse logo deixar fazer uma cousa que, apesar de toda a sua vigilancia, podia muito bem, á vista dos precedentes, de um momento para o outro tornar-se necessaria.

Fôsse como fôsse, um mez depois da romaria (d'esta vez, pelo menos, fizera a santa o milagre) deitava o abbade de S. Gallo aos dois noivos as bençãos da Egreja, e Lourenço reconhecido contava-lhe no outro dia cheio de contentamento que a sua escolhida reunia effectivamente todos os trinta dotes que Nevisanus exige na mulher.

UM BAILE DE MASCARAS[1]

Cahira a noite sombria e pesada sobre a velha cidade de Lubec. Os dourados globos que corôão as esguias grimpas das torres ainda de quando em quando reflectião frouxamente algum raio esquecido do fugitivo dia; mas nas estreitas e tortuosas ruas reinava já completa escuridão, apenas combatida pelos lampeões que então principiavão a accender-se. Minha alma era triste, meu coração oppresso. Havia tres dias com tres noites que eu, chegado á cidade Hanseatica, a percorria em todos os sentidos, consultando uma por uma as estreitas janellas

[1] Folhetim do *Jornal do Commercio* de 26 de outubro de 1856.

d'aquellas fileiras de casas ponteagudas, côr do tijolo de que são fabricadas, interrogando quantos encontrava, pesquizando quantos logares me erão accessiveis, em procura de alguem.

Era de noite, e quem de qualquer das extremidades de Koenigsstrasse alongasse a vista pela extensão da rua, aliás não muito consideravel, notava um ponto luminoso que, partindo de um lado com maior intensidade, ia até ás casas fronteiras, subindo até certa altura. Partião das portas envidraçadas de uma loja de modista aquelles raios de luz que envergonhavão a illuminação publica, não muito brilhante n'aquella épocha, e os vultos, que atravessavão a zona privilegiada, distinguião-se de muito mais longe.

De repente assomão n'aquelle fóco radioso, e desapparecem mesmo no seu centro, duas formas femininas; uma das quaes, ah! impossivel era enganar-me apesar da distancia, o que os olhos não alcanção presente-o o coração, pelo menos em certa edade, uma das quaes devia ser ella. Receoso que a visão se desfizesse como uma sombra na tela phantasmagorica, corro quanto as pernas dão, entro no armazem da modista e acho-o deserto. O sangue se me gelou nas veias. Com a reflexão, porém, voltou a esperança. Não podia ella haver entrado para os salões particulares? Cravados os

olhos nas portas que communicavão com o interior do edificio, aguardei uma longa, longa meia hora; nunca o tempo me pareceu tão vagaroso, e comtudo o temor de um desengano quasi me fazia arrepender de desejar apressurar-lhe o curso.

Afinal julguei vêr através dos vidros um rosto conhecido para mim voltado; sendo porém a illuminação da loja em que eu estava mais forte do que a de dentro, mal se podia para alli distinguir cousa alguma. Mais cinco minutos decorrérão, abriu-se uma porta, e seguida de uma respeitavel matrona appareceu-me uma forma angelica de peregrina formosura. Era ella, acabara a incerteza, era ella que eu procurava com tanto afan, era ella radiante de belleza, mocidade e ventura. Mãe e filha, ao passar por mim, me cortejárão, aquella com grave cerimonial, esta com um sorriso, em que se abria para mim um céo de ineffaveis delicias. Apertei a mão primeiro á dona, e depois á donzella, mas ao deixar, bem a meu pesar, a d'esta, conheci que na minha ficára um papelinho.

Era uma folha arrancada da carteira, e n'ella escriptas a lapis, se lião estas palavras: «Móro junto á Porta do Holstein, n.º 42.» Ella propria me indicava a sua morada; inutil era pois seguil-a: fiquei. «Sabbado vou ao baile de mascaras, e lá espero vêr-te. Para me conheceres, a costureira que te

mostre o meu traje, e tu leva no peito esquerdo um laço verde e branco».

Hedviges Kosen foi o meu primeiro amor. Orphão de um honrado militar, vivia ella em Altona só com sua mãe. Alli a conheci, mas sem frequentar nunca a sua casa; alli nos amamos, como se ama em tão verdes annos; eu era quasi uma creança e ella contava mais um anno do que eu, mas seu espirito era infantil ainda, e tal era tambem o nosso amor, risonho e alegre como um sonho de ventura.

Ella porém muitas vezes lhe emprestava uma leve tintura de melancholia. Fôra sob a enorme tilia que assombra o tumulo da Klopstock que pela primeira vez nos avistámos, e desta circumstancia fortuita tirava funestos agouros aquella imaginação allemã, tão facilmente impressionavel por presagios e secretas advertencias do destino, tão propensa a crêr na influencia mysteriosa com que seres invisiveis regulão a nossa sorte. Quem não sabe que a Allemanha é o paiz das lendas. «A primeira flôr do nosso amor nasceu sobre um sepulcro, me dizia ella; sobre a campa, porém, só florescem goivos e saudades, e verás que ha de ser entretecida com essas tristes flôres a capella que o fado nos destina».

Cedendo ás repetidas instancias de uma irmã edosa, rica e sem filhos, resolveu a mãe de Hed-

viges ir viver com ella em Lubec, e para lá partiu effectivamente com a filha, separando-me do unico ente que não me parecia extranho na terra extrangeira. Não era eu então porcerto livre nas minhas acções; mas amava, e, pouco importa como, um mez depois trocava eu tambem as margens do Elba pelas do Trava. Desejando causar uma surpresa, nada a tal respeito escrevi; parti, e só quando cheguei me occorreu que nem sequer sabia em que rua devia procurar aquella que alli me levava. Maldisse o meu estouvamento de rapaz, mas a cidade não era grande, principiei a procurar; erão, porém outras tantas horas, outros tantos dias perdidos.

Porfim achára-a, um feliz acaso m'a deparára, e apenas pela terceira vez envolvessem as sombras a antiga cidade em seu propicio manto, principiaria para mim uma noite de amor e de ventura. Mas essa noite não queria chegar nunca, e para poder saltar por cima das poucas horas que d'ella me separavão, quanto não daria eu com essa funesta impaciencia, com que quizeramos desfazer-nos do mais precioso que temos, e que nunca mais haveremos a nós depois de perdido, d'essa migalha de tempo que a natureza nos mediu avara, e nós esbanjamos prodigos. E porque tanta ancia de arrojarmos de nós o fardo do presente? Se soubesse-

mos ao menos o que nos trará o momento que tanto nos tarda, e que um Deus piedoso encobre com o impenetravel véo do futuro! Não ha porém prazo que se não cumpra, e aquelles tres dias tambem passárão.

Eram 11 horas da noite e havia tres que eu estava no baile. Debalde prescrutavão meus olhos a multidão, Hedviges não estava entre ella. De repente, seria realidade ou allucinação? no meio do turbilhão de valsantes que remoinhavão como um bando de possessos, ou como bruxas em congresso nocturno, girava abraçada com um Armenio uma Moura gentil e donairosa. Sobre sua camisa alva de neve e azul celeste com botões de perolas fechava uma jaquetinha côr de canario sotoposta a outra escarlate com bordados de ouro. Abaixo d'uma saia branca listrada de encarnado e de estofo vaporoso, mas impenetravel á vista pela amplidão de dobras sobre dobras, descião largas calças côr de laranja apertadas nos tornozelos por braceletes de ouro, eguaes aos que cingião os braços. As tranças estavão entremeiadas de perolas e luzente pedraria. O véo passado em volta da fronte vinha prender na cintura com um fecho de rubís. Era a Haidé de lord Byron, mais graciosa, se é possivel, do que a sonhara o poeta.

Com demasiado cuidado havia eu examinado o

vestuario para poder enganar-me; não havia um laço, um bordado, um ornato que eu não reconhecesse, mas como apparecêra Hedviges alli tão inopinadamente, como se misturara entre as valsantes, sem vêr-me primeiro, e sobretudo como volteava tão ligeira assim mollemente reclinada sobre o braço d'aquelle homem, ella, que tinha em horror taes dansas, em que a virgem sempre perde pelo menos o perfume da sua pureza, como a borboleta o matizado pó das azas, em que o halito da donzella offegante se confunde com o do primeiro libertino, a quem apraz enlaçal-a pela cintura e fazel-a girar em tôrno de si n'esse amplexo intimo em que os joelhos se tócão como ao acaso, as mãos se apértão, se apálpão contornos, e as vistas se mergúlhão em seios palpitantes de agitação e prazer?

E eu via-me obrigado a assistir impassivel áquelle espectaculo, que me fazia ferver no peito sentimentos até então desconhecidos: era rapido ciume que de mim se apoderara. Tudo porém tem seu termo, e tambem o teve aquelle tormento de Tantalo, além do qual me parecia que nenhum outro poderia ir. Ai! quanto me enganava. Cessou a valsa, e os grupos misturárão-se em variegada confusão.

A Moura passeava pelo braço do Armenio.

Deante d'ella passava eu e repassava; bem visi-

vel era sobre o meu peito o laço verde e branco, eu até apontava para elle, e comtudo da parte d'ella nem o menor signal de intelligencia, o menor reparo, nada, absolutamente nada. Absorvida em conversação intima com o seu companheiro, tudo o mais lhe parecia extranho, ao passo que todos só para ella tinhão olhos, e lhe abrião caminho na sua passagem, ou pelo menos assim se me afigurava a mim, a quem isto succedia.

Cançado de esperar, corrido até do papel que representava, dirigi-me porfim a ella, e com a morte no coração e o tremor nos labios pedi-lhe uma contradansa. «Já tenho par», me respondeu com voz contrafeita. «Para todas? — Para todas.»

Nada mais tinha eu pois que fazer no baile, e a não ser esse prazer acerbo que encontramos em beber até ás fezes o calix da amargura, essa triste curiosidade de saber até onde chegará a nossa desventura, tél-o-hia deixado desde logo. Não podendo porém supportar o tumulto que ia em redor de mim, os guinchos das mascaras parecião-me gargalhadas de demonios que exultavão com a minha desgraça, procurei algum recanto escuro onde achasse alguns momentos de solidão. Já os sons da orchestra atordoavão, já as dansas se travavão de novo, quando entrei n'um gabinete frouxamente allumiado, e, ao que parecia, deserto. Deixei-me

cahir na primeira cadeira junto á porta, e cruzando os braços sobre o peito, fitos os olhos no chão, cahi n'esse marasmo, n'essa quasi suspensão de vida, em que a alma não pensa, ou antes não ousa fixar um só dos pensamentos que em confuso turbilhão esvoação pelo cerebro, conscia de que a qualquer d'elles, retido por um segundo que fôsse, corresponderia uma dôr mortal.

Não sei quanto tempo assim premaneceria; fui porém despertado pelo roçar de um vestido: érão elles, ainda elles, elles que alli tínhão estado sem que eu désse por isso, e que ao sahír agora, passavão ao pé de mim. Os olhos do Armenio dardejavão raios através da mascara, e era evidente que a minha presença alli o incommodara: ella nem sequer me encarara.

Por instantes fiquei perplexo e attonito, esmagado sob o pêso de tanta affronta, pois já não podia duvidar que se burlavão de mim; depois segui-os. Tínhão desapparecido. Longo tempo os procurei por entre a multidão. Se a sua vista era para mim um supplicio, não os vêr, pensar que estarião talvez a sós onde ninguem os perturbaria, era o inferno. Afinal avistei-os, ainda juntos, ainda de braços enlaçados, ainda absorvidos em interminaveis práticas. Aquelle maldicto Armenio era o meu pesadelo. Prestei-lhe mais attenção, emquanto me es-

forçava por alcançal os ambos. Aquella estatura, aquelle andar, aquelle collo bronzeado, sobre que cahião compridos cabellos de azeviche, não me era desconhecido. Não havia que hesitar, era D. José de la Rosa, o filho das Asturias. O que da parte de outro não seria talvez mais do que o aproveitamento de uma boa fortuna, praticado por elle era uma perfidia. «Ya volveremos a vernos, D. José», lhe disse, collocando-me deante d'elle, no seu idioma nacional, para não ser entendido pela Moura. Cuando le guste, caballero, pero por aora no sea cargoso», me respondeu com todo o desplante hespanhol. «Que!»... e ia retorquir lhe uma insolencia, mas separou-nos a multidão, que violentamente se empurrava, para abrir campo ás dansas, e eu perdi-o de vista.

Aquella atmosphera principiava a suffocar, sahi á rua para respirar livremente. A noite estava serena e limpida, milhões de estrellas fulguravão no esvahido azul do céo do norte. Cedendo á calma da natureza, ou talvez a algum presentimento mysterioso, ao cravar os olhos na abobada diaphana, pouco e pouco a raiva e o ciume se transformárão em suave melancholia. Não pensava já na insolencia de um rival preferido, mas no cruel desengano, na perda de illusões tão carinhosamente afagadas, na quebra de juramentos tão solemnemente feitos

e que devião durar por toda a eternidade. Aos dezeseis annos cremos tão facilmente na eternidade das cousas!

Seguindo o curso das minhas tristes idéas, acheime sem saber como deante da casa de Hedviges, por onde depois do nosso feliz encontro tantas vezes passara, mas sem uma só lograr vêr aquelle querido rosto. Triste e sombria estava a fachada do vasto edificio. Através de uma unica janella do terceiro andar deixavão as portas entre-abertas perceber o clarão de uma luz; de uma luz não, devião ser muitas, devia ser uma cousa extranha, pois aquelle reverbero intenso, mas amarellado, nada tinha de natural. Indizivel anciedade se apoderou de mim, um violento desejo de subir áquelle quarto, que era talvez o d'ella. Este desejo foi subindo de violento até tornar-se irresistivel. A porta, cousa inexplicavel, estava áquellas horas apenas meio encostada, deixando ainda uma larga fresta. Penetro no corredor escuro, encontro tenteando uma escada tambem escura, subo só ao terceiro ou quarto lanço, principio a entrever luz, continúo a subir; por toda a parte, o silencio do sepulcro; entro n'uma sala onde reina dubia claridade, passo outra, o cheiro de cêra ardendo já se torna por demais distincto, levanto um reposteiro e não sei como resisti ao inesperado abalo.

A sala estava forrada de preto e no centro sobre um estrado elevava-se um ataúde cercado de tochas. Fria e insensivel alli jazia uma donzella ainda gentil; era ella, que eu buscára no bulicio da festa debaixo de um frivolo disfarce, e que devia encontrar na solidão de uma sala mortuaria debaixo da horrivel verdade da mortalha; era Hedviges, ceifada na flôr da edade, e que eu ainda tres dias antes havia visto tão cheia de vida, tão esperançosa no futuro!

Sentindo proxima a hora fatal, tinha ella confessado á mãe o seu amor, e pedido para vêr-me. A proximidade da morte santifica todos os sentimentos que a natureza não condemna, e ante ella cálão-se as considerações humanas. Tínhão-me procurado, mas onde achar-me? A mesma imprevidencia que antes nos separara, continuava a fazer-nos suas victimas, e o acaso, que uma vez nos servira, não nos acudiu segunda. Em inuteis indagações passou-se o tempo que não pára, e o derradeiro grão de areia precipitou-se na fatal ampulheta. Estava escripto que ella adormeceria na eternidade, sem que eu recolhesse o seu ultimo suspiro, embora talvez fôsse meu o seu ultimo pensamento.

A fronte tinha-a ella cingida por uma corôa de rosas brancas, e aos pés tinha essa grinalda de goivos e saudades de que tantas vezes me falara.

Era quanto d'ella me restava, tomei-a, e por muitos annos a guardei como uma preciosidade, como a unica reliquia do meu primeiro amor, até que um acontecimento inaudito... mas a esse respeito talvez falarei outra vez.

Quanto ao traje da Moura, escusado é dizer ainda que a mãe de Hedviges, sem sciencia d'esta, o emprestara a uma parenta, vendo que a filha não poderia servir-se d'elle. Longe estavão ainda então todos de recear o triste desfecho de tão subita enfermidade.

A PENITENCIA[1]

—Sim, apesar de haver-te empenhado a minha fé e a minha palavra, vens achar-me casada; mas se soubesses como fui illudida, vergonhosamente enganada, e até violentada, não me lançarias em rosto este casamento que destruiu para sempre a minha ventura possivel, condemnando toda a recordação do passado, envenenando todo o gôso do presente, e matando toda a esperança no futuro.

—Foi então para contar-me essa historia que, rompendo um silencio de dezoito mezes, me escrevestes que volvesse a estes sitios, outr'ora tão gratos, porque necessitavas falar-me?

[1] Folhetim do *Jornal do Commercio* de 15 de novembro de 1856.

—Que queres! A cruz que tomei sobre meus hombros, ou antes que me impuzerão, máu grado meu, tornou-se em demasia pesada; nem deveres, que não contrahi espontaneamente, podem ser para mim sagrados. Antes porém escuta, ouve a singella narração do trama infernal, e talvez que depois em logar de repellires a amante desleal, chores a triste victima immolada ante o altar da cobiça.

Os designios de minha familia não te erão occultos. Muito bem sabes que desde que pediu a minha mão esse barão quadragenario, a quem o demonio inspirou o mais louco amor por mim, todos invidárão seus esforços para impôr-me tão odiosa alliança. A nossa mútua inclinação até então tolerada, foi desde esse momento combatida, tornando-se por isso mesmo mais intima; nem podes ter esquecido como a tudo resisti; como, quanto mais de ti me afastavão, mais para ti eu me chegava; como tudo affrontava, a colera de meus paes e a maledicencia do mundo, para gosar comtigo alguns momentos de dôces colloquios, que tão severamente me erão vedados. Se eu te tivesse sabido sempre perto de mim, podendo vêr-te de quando em quando, e embora arrostando perigos, alguma vez ter-te a meu lado, nunca teria succumbido, oh! nunca!

«Tu porém concluiste os teus estudos, e chegou o tempo em que forçoso te foi deixar a universidade. Partiste para a tua cidade natal, e a minha familia, como se a tua partida a desassombrasse, e outra cousa não esperasse, principiou desde logo a pôr em obra o seu plano para obrigar-me a acceitar as riquezas e o nome do barão, á custa dos meus mais caros sentimentos. Levárão-me para uma aldeola d'aqui sete leguas, e com tanta precaução se houverão que só no caminho soube o destino que seguiamos, e impossivel me foi prevenir-te. Uma vez que nem aqui nem lá me era dado vêr-te, indifferente era para mim qualquer logar; mas qual não foi a minha desesperação, quando ao chegarmos conheci que o fim a que se havião proposto fôra cortar-me todos os meios de corresponder-me comtigo! Com effeito alli não havia correio, e tão de perto me vigiavão que nunca pude achar um proprio que se encarregasse de uma carta para ti.»

—Pobre Emilia, e eu que só accusava a tua leviandade.

—Leviana eu? Não, não foi sem combates, sem desesperada resistencia, que cedi. Todos os meios lhes erão bons, a persuasão, as ameaças, o rigor. Loucura seria querer pintar-te quanto soffri; se no coração não encontras um como presenti-

mento d'essas torturas horriveis, por melhor que t'as descrevesse não as comprehenderias. Invocárão até os meus sentimentos, os meus deveres de filha. Meu pae devia muito ao barão, devia-lhe talvez a vida, e annuindo a seus votos não fazia eu mais do que pagar uma dívida de gratidão, dívida sagrada.

«Vacillei, sentia-me quasi com fôrças para esse sacrificio sublime; a idéa de pôr á disposição do auctor de meus dias todo o meu porvir em trôco da existencia que d'elle recebêra, longe de amedrontar-me, seduzia-me, e eu talvez lhe tivesse cedido voluntariamente se uma duvida bem penosa ao coração de uma filha m'o não estorvasse. Eu via empregar tanto ardor em conseguir este enlace que me era talvez lícito recear não fôsse um ardil aquella dívida a pagar. Deus me perdôe se a minha duvida offende o respeito filial.

«O barão estava n'uma quinta proxima. Vinha vêr-me todos os dias; mas fôrça é dizel-o, a sua conducta para commigo era sempre cheia de respeito e consideração, e elle parecia até ignorar os tormentos que por sua causa me fazião passar. Muitas vezes tive tentações de revelar-lh'os, e appellar para a sua generosidade, mas nunca me deixavão a sós com elle. Parecia amar-me sinceramente, e a repugnancia que eu lhe não occultava, affligia-o

profundamente. Dizem que na edade d'elle frequentemente um desejo contrariado se torna idéa fixa, delirio, e absorve todas as faculdades, exgottando rapidamente as fontes da vida, até de todo seccal-as.

«Fôsse como fôsse, o barão emmagrecia a olhos vistos e definhava até que não pôde mais erguer-se da cama. Dentro em poucos dias estava ás portas da morte, e o medico declarou positivamente que impossivel era salval-o, e que poucas horas lhe restavão de vida.

«Redobrárão então as instancias da minha familia, a que eu agora de mais a mais não tinha já fundamento razoavel a oppôr, e a que resistia quasi só por instincto. Era apenas por curtos momentos que eu assumia o titulo nominal de esposa para trocal-o bem depressa pelo de viuva, e com tão pequeno sacrificio consolava um moribundo, que tinha sido talvez o salvador de meu pae, adoçava-lhe os ultimos momentos, e evitava pela minha parte a calumnia e os motejos, assegurando a minha reputação, aliás mui compromettida, pois que o barão havia testado instituindo-me sua unica e universal herdeira. Esta rica herança, havida de um extranho, não podia deixar de tornar-se altamente suspeita aos olhos do mundo, que invejoso e maldizente a consideraria como uma indemnisação, como o preço com que um peccador timorato

queria ao expirar resgatar a sua culpa e pagar a minha deshonra. Debalde tentarei repetir-te todas as razões que allegárão, todos os argumentos a que recorrérão, todos os sentimentos para que appellárão; não os reti na memoria, quasi os não comprehendi, tal era o meu estado. Minha alma estava anniquilada; pensava em ti, procurava armas com que defender-me, e nenhumas achava.

«Deixei-me arrastar até ao leito do barão, indecisa ainda do que faria. Mas elle ao avistar-me mostrou no olhar uma alegria que contrastava tanto com o aspecto cadaverico do seu rosto desfallecido, das suas macilentas faces; seu estado era evidentemente tão desesperado; supplicou-me tão humildemente que, vencendo a minha repugnancia, consentisse em uma cerimonia, cujo unico effeito seria morrer elle em paz, com a consciencia tranquilla de que deixando-me a sua fortuna não me fazia um dom funesto, que pudesse tornar-me desgraçada; os desejos de um ente prestes a comparecer na presença do Creador tem tanta solemnidade, que cedi. Fiz mal, a minha fraqueza merece talvez o teu desprêzo, mas o que posso afiançar-te é que ao celebrar-se esse mal agourado consorcio em artigo de morte, meu coração estava tão opprimido, que julguei não chegaria a vêr o fim da cerimonia, e que minha alma precederia a do barão

quasi agonisante n'essa estrada que mais cedo ou mais tarde temos de trilhar.»

—Não, não mereces o meu desprêzo, nem eu já te condemno, antes o faria se de outra forma procedêras. Submetter-nos ao destino é já agora o que nos resta.

— Obrigada, oh! obrigada por essa generosa absolvição, que me tira de sobre o peito um pêso enorme. Ouve porém o pouco que tenho ainda a relatar, para de uma vez pôr termo a esta penosa narração.

«A doença do barão provinha exclusivamente do desejo insensato que o agitava, e satisfeito este voltou a vontade de viver, e com ella tambem a vida. Operou-se uma crise favoravel, e o moribundo recuperou a saude. Eu fôra talvez victima de um odioso estratagema, de uma comedia infame primorosamente representada. Comtudo o proceder posterior do barão tem sido tão delicado, tão generoso mesmo, que hesito em accusal-o de uma indignidade que o excesso do amor não seria bastante para attenuar, e hoje estou convencida que ao menos da parte d'elle houve boa fé, ainda que minha familia, e sobretudo o medico, que tão seguro de si se mostrava, não são porcerto inteiramente exemptos de culpa.

«Eu via restabelecer-se o barão como um phan-

tasma que surgia do jazigo, cingindo-me com seus descarnados braços para sepultar-me comsigo na noite eterna do tumulo; via o meu porvir irremediavelmente encadeado ao d'aquelle homem, e separado do teu; e já de antemão provava o martyrio incessante a que um marido edoso, ciumento e desconfiado sujeita sua esposa joven, impondo-lhe de contínuo a sua presença aborrecida, de contínuo flagellando-a com perpetuas recriminações, arguindo-a de não commettidas faltas, e invejando-lhe até o triste refugio da solidão e do silencio. N'isto porém me enganava, e em honra da verdade, que nunca soube disfarçar, devo dizer que nunca houve homem mais nobre, mais generoso, mais terno mesmo.

«Longe de tornar-me sua escrava, deixa-me a mais ampla liberdade; longe de vedar-me as distracções, é elle proprio que m'as procura; longe de prohibir-me os enfeites e os adornos como indicios de galanteio e garridice, gosta de cobrir-me com as galas mais ricas de estofos e pedras preciosas. Em trôco nunca exigiu de mim a minima condescendencia, e o mais leve signal de apreço pelos seus desvelos parece transportal-o de prazer. Meu coração porém havia muito que pertencia a outro; e elle, desesperando de derreter á fôrça de extremos o gêlo da minha indifferença, acceitou uma le-

gação em paiz extrangeiro, e para lá partiu ha dois mezes. Desconfio mesmo que o fez para livrar-me da sua presença, que bem vê me envenena a vida, e esperar a morte em outros climas.

«Deixei-o partir na firme tenção de nunca violar a fé que lhe jurei, embora na esperança de que por pouco tempo me prenderia o juramento, mas o meu amor é mais forte do que eu. Todo o luxo de que me rodeio, e que ao principio me serviu de distracção, se me tornou odioso; o meu palacio parece-me estreito carcere, e o matto e as giestas preferiveis a todas as flôres e arbustos dos meus jardins. Anhelava pela amplidão dos campos e sobretudo havia no meu coração um vácuo, que era preciso preencher ou morrer. Não tive valor para a ultima alternativa. Com vinte annos apenas renunciar a toda a idéa de ventura, vêr esvahir-se a minha mocidade em desejos nunca satisfeitos, antever a felicidade e jámais proval-a, é mais do que posso supportar.»

Acabava o sol de esconder-se por detraz do horisonte, deixando após si uma larga facha de fogo, perola, rubí e côr de laranja em infinitas graduações. No céo apenas vagavão orladas de purpura algumas nuvens leves e transparentes. Sobre uma ligeira eminencia, sentados na raiz de um gigantesco carvalho, estavão uma mulher joven ainda e um

mancebo. Avistava-se d'alli para o lado do norte uma planicie de extensos olivaes, cortada por um sem numero de outeiros em linhas irregulares. Pelo valle e nas encostas branquejavão d'entre pomares casas como semeadas ao acaso. Algumas apenas se deixavão adivinhar pelo fumo pardacento que se elevava sobre os ramos, mas as partes que ficavão visiveis, com seus telhados vermelhos, destacávão-se vivamente do verde-escuro das laranjeiras e loureiros. Para o poente avistavão-se alguns edificios da cidade academica, edificada em amphitheatro, e sobre elles assomava a torre quadrangular da universidade. Bordado por salgueiros e cannaviaes, e lambendo a fulva areia, serpenteava a leste e ao sul um rio de prata, reflectindo, ao sumir-se detraz das collinas ao occidente, em côr de sangue, o horisonte abrazado. O sôpro perfumado da tarde sussurrava brandamente nas folhas das arvores como a longinqua harmonia das harpas coleas, e no céo uma unica estrella vigiava como a susto a retirada do sol, como a donzella espreita por detraz das vidraças a sahida do austero pae, para depois chamar as irmãs e mostrarem-se á janella.

Era a hora em que os anjos descião outr'ora a visitar as filhas de Eva, e alterada a sua essencia pelo contacto terrestre, debalde ensaiavão a fôrça

das azas que já não podião desprendel-os da terra a que os ligava o pêso da culpa.

Concluira a dama a sua narração, e o mancebo permaneceu mudo, fitando o espaço. Via-se que n'elle travavão sentimentos oppostos uma lucta violenta. Por alguns minutos reinou entre ambos o silencio, mas o joven, fazendo sobre si um esfôrço extremo, rompeu-o afinal:

—Tens razão; teu marido, abandonando-te, quiz restituir-te a liberdade que fraudulentamente te havião roubado. E elle reconheceu finalmente que a mulher se não pode guardar como o avarento aferrolha nos seus cofres um brilhante sem gosal-o nem deixar que outros o gosem. Comtudo agora que nada parece oppôr-se mais á nossa felicidade, é bem duro renunciar a ella; renunciar não, isso fôra demasiado, mas adial-a ainda por algum tempo. Um dever imperioso assim o exige, um dever que quasi condemna até este prazer que sinto em verte, sem ousar sequer tocar a tua mão. Oh! é bem singular o meu destino! Prende-me um voto.

«Cahindo de um cavallo desloquei uma perna. Não se tratava de amputal-a, mas os medicos desesperavão que eu pudesse nunca mais servir-me d'ella. A idéa de ficar aleijado todo o resto da vida aterrava-me, e na minha angustia fiz á Mãe de Deus a promessa de que durante um anno inteiro me abste-

ria de todo o gôso dos sentidos, por mais innocente que fôsse. Recuperei a saude e o vigor, e grato a tão grande beneficio não me tem parecido muito longas as dez luas que já passei em tão austera penitencia; aonde irei eu porém agora buscar fôrças para aguardar o complemento d'estes dois mezes, ou antes seculos, que me separão da maior ventura que é dado gosar n'este mundo?»

A môça não pareceu muito edificada com tanto escrupulo religioso, mas o mancebo continuou:

— Ha um unico meio, não de remover inteiramente, mas de abreviar este estôrvo. A penitencia feita por dois cumpre-se em metade do tempo; quererás tu dividil-a commigo, e reduzir a um mez tão cruel espera?

— E ainda podes perguntal-o! lhe tornou ella.

— Bem sei de quanto extremo é capaz o teu amor, proseguiu elle, mas não devo occultar-te que o voto é rigoroso. Só posso alimentar-me com pão e agua e alguns legumes e apenas duas vezes ao dia; durmo sobre tábuas, tenho que dizer diariamente muitas orações, evitar tudo quanto possa causar-me prazer, e sobretudo não me entregar um só momento á ociosidade. Terás valor para tanto?

— Repito, ainda m'o perguntas? replicou a joven.

«Mas, continuou ella, tambem tenho que exigir. Vou lançar-me toda nos teus braços, e não contente com isso, sujeitas-me ainda a uma rude penitencia. Quero pois uma prova irrecusavel do teu affecto. Não é que eu duvide d'elle, ou tenha ciumes do sepulcro, mas o culto externo fortifica a fé da alma, e para cumprir o preceito que me impões, preciso ter sempre um signal visivel de que sou eu quem mais prezas sobre a terra.»

—Dize o que de mim exiges, e serás satisfeita.

— Recordas-te de uma d'essas bellas noites que passámos no terrado da casa de meus paes, rodeados de flôres que embalsamavão a atmosphera? Não havia lua, e as estrellas fulguravão trémulas, como o bruxulear de uma lampada; a aragem tepida do norte parecia o espirito de Deus percorrendo a creação. Não longe de nós, d'entre os ramos de um cypreste, entoava maviosos canticos um rouxinol. Seus sons érão tão dôces, seus queixumes tão brandos, tão suaves os seus trinados, como se o cantor chorasse a morte da alada companheira. Aquelle carpir tão triste despertou em ti lembranças do passado, e disseste-me que para ti era como se pela voz d'aquella ave te falasse d'além tumulo uma alma que o Céo chamára a si havia muitos annos, e de cuja peregrinação sobre

a terra te restava uma unica reliquia. Pois bem, não exijo que d'ella te prives para sempre, mas confia-m'a até que expire este mez de privação.»

— Na verdade, Emilia, respondeu o môço, que maior prova de illimitado affecto de mim não podias exigir; mas assim mesmo têl-a-has.

Tirou do seio uma como grinalda, cujas folhas e hastes sêccas e mirradas impossivel era reconhecer a que flôres havião pertencido, e entregou a á joven, não sem um suspiro.

Ambos se separárão.

N'essa mesma noite trabalhou Emilia com suas creadas em serão até depois das onze horas, e sem ter tomado alimento algum deitou-se vestida sobre umas tábuas. No dia seguinte procurou com a idéa dos prazeres que a esperavão, adoçar a desagradavel tarefa que se impuzera de talhar e coser camisas para o hospital.

Assim decorrérão alguns dias, e já desapparecêra o rosado das faces abatidas, já os vestidos outr'ora tão justos dansavão agora folgados no corpo. Então appareceu o mancebo e exhortou-a a perseverar, acenando-lhe ao longe com o premio de tantas privações.

Aos quinze dias estava Emilia extremamente debilitada, e via-se obrigada a sobrecarregar-se de roupa para concentrar no corpo o calor que o parco

alimento não podia compensar. Animou-a uma segunda visita do amante.

Mais alguns dias e já a misera não podia têr-se em pé, vendo-se forçada a ficar na cama, que pela sua qualidade comtudo lhe não servia de grande allivio. Contava ella no fim da semana com a visita d'aquelle por quem tanto soffria, mas elle não appareceu.

Por outro lado porém preparava-se a sua regeneração moral. Se o corpo desfallecia, triumphava o espirito, ao passo que succumbia a materia. Já as cousas se lhe apresentavão debaixo de outro aspecto. Ella reconheceu que nem o fim que o barão tivera em vista desposando-a quando se julgava ás bordas da sepultura, nem o seu proceder posterior, a auctorisavão a enxovalhar-lhe o nome, e tornal-o o ludibrio do mundo; reconheceu que por fim ainda quando o facto de ter consentido no casamento debaixo de um falso supposto lhe permittisse esquecer os deveres para com seu marido, nunca lhe seria lícito esquecer o que devia a si propria e á sua dignidade de mulher.

Assim, quando poucos dias antes de espirar o mez, tornou o mancebo a ir vêl-a, recebeu-o ella com um sorriso, em que havia pelo menos tanta gratidão como amor, dizendo-lhe:

—Desnecessario é exhortar-me a cumprir o resto

da penitencia, pois observal-a-hei á risca até ao seu fim, já bem proximo. Tens uma alma nobre, um coração generoso. Desprezando o teu proprio interesse, levaste-me pela vereda do engano ao conhecimento da verdade. Vou escrever a meu marido, pedir-lhe que volte a sua casa, na certeza de encontrar já em mim uma esposa carinhosa e fiel. Para com elle cumprirei lealmente até á morte os meus deveres, e tu serás sempre o nosso melhor amigo. Deixa-me porém a crença em todo o merito de teu proceder, e para que eu nunca duvide se a tibieza da tua affeição tornaria facil a tua conducta, permitte que conserve a grinalda que me deu fôrças para vencer.

— Conserva-a muito embora, e se algum dia vacillares na tua nobre resolução, possa ella inspirar-te novo ánimo, trazendo-te á memoria que offendes não só o esposo, mas tambem áquelle que, amando-te com todas as véras da alma, tudo sacrificou para que não te desviasses da senda da virtude. As feridas do coração, porém, nunca cicatrizão, e em tempo nenhum é permittido tocal-as de novo, sem fazel-as sangrar. Adeus, pois, e adeus para sempre.

Vinte dias depois, encostado ao mastro da gata de uma barca que fendia as vagas impellida pelo sôpro do nordeste, via-se um mancebo contemplan-

do com olhos tristes os montes da sua patria, que rapidamente lhe fugião. Depois que os mais altos pincaros desapparecérão tambem em nebulosa distancia, passou a mão pela testa, como para banir importunos pensamentos, e desceu á camara. Em outro hemispherio ia elle procurar esquecer os seus primeiros e ultimos amores de rapaz.

O DESERTOR[1]

Alta ia a noite, e placida e serena brilhava no céo a lua, como uma ilha afortunada no meio do oceano.

Nunca pude comprehender a reputação que a velha Diana, chrismada pela eschola romantica em sol das noites, com mais alguns sobrenomes de egual fôrça, tem sabido grangear-se entre os poetas e namorados, entes correlativos, porquanto todo o poeta ha de ser namorado, e todo o namorado é poeta, pois que se não poetisar ao menos o objectivo do seu culto, bem depressa deixará de ser o que é. Mas de que proveito lhes serve a lua? Es-

[1] *Revista Popular* (1859).

preita-os ella descaradamente, e desmentindo a discreção que tanto lhe gábão, aponta-os aos curiosos, e na falta de racionaes obriga os cães a ladrar-lhes. E vão lá acreditar no bom senso d'essa gente. Ao menos os ratoneiros, egualmente interessados em esconder-se, mostrão mais logica; d'esses não consta que tenhão em grande veneração a tal lanterna ou alampada do céo.

Brilhava, pois, a lua e via muito bem, alumiando-o de chapa um vulto que, posto de pé junto de uma casa, parecia contemplar-lhe a fachada de mediana apparencia. E tanto o via que lhe fazia reluzir um boné militar, e por baixo de um grande capote escuro a ponta de ferro de uma baínha de espada. Tambem é provavel que ella bem visse, debruçado no peitoril de uma das janellas d'aquella casa, um meio corpo coroado por uma cabeça envôlta em madeixas que quasi toda a encobrião. Tudo isto via a bisbilhoteira, mas a rua estava deserta, e ella, na falta de passeantes, e até de cães a quem denunciasse o caso, calava-se. Agora, se tambem escutava, é mais do que sei dizer, mas o que é certo é que os dois vultos, ou antes, o vulto e o meio vulto, falavão.

— É pois esta decididamente a ultima vez que nos falamos, e porventura tambem que nos vemos? dizia o de baixo.

— Ámanhã por estas horas estará consummado o sacrificio, lhe respondião de cima.

— E ter-me-has tambem esquecido, não é assim, Lidia?

— Serei fiel aos meus deveres, mas esquecer-te, nunca te esquecerei. Bem sabes, pois mais de uma vez t'o tenho dicto, que meu pae, ligado não sei porque laços a esse homem que é hoje meu tutor, fez-me jurar sobre seu leito de morte, que eu em tude obedeceria ao Sr. Pedroso, a quem me legava por pupilla, e, sobre tudo, que acceitaria o esposo de sua escolha. Só assim poderia, dizia elle, pagar a immensa dívida, e se a não pagasse nem debaixo da lousa encontraria descanço. Quem poderá negar o ultimo desejo de um pae que se idolatra e que está prestes a finar-se? Jurei pois, e o meu juramento, hei de cumpril-o embora me custe a vida, e o que é mais ainda o teu amor.

— Louco voto! Insensato juramento! E podes tu reputar-te prêsa por uma promessa irreflectida, cujo alcance desconhecias, e isso quando o teu tutor é o primeiro que abusa da tua fraqueza, e quando o esposo da sua escolha que te impõe, é elle proprio, aquelle velho sordido e asqueroso?

— O meu tutor é um pouco avaro, mas o seu coração é bom, e estima-me do fundo d'alma. Demais, uma vez que não és tu, que me importa

quem vae ser, não digo o meu esposo, mas o meu senhor?

— Ah! Lidia, Lidia, sei, e loucura fôra duvidal-o que não é por falta de amor que me abandonas, mas é uma chimera isso a que sacrificas a minha e a tua ventura. Do céo te verá teu proprio pae com magua cumprir o fatal juramento que mil vezes se haverá arrependido de haver-te arrancado. Podes tu comprehender o que é uma vida inteira ligada áquelle homem que talvez só te despose para não entregar a outrem a tua legitima? Deus não abençôa uma união contra a natureza. Oh! reflecte, emquanto é tempo, no abysmo de miseria que vaes cavar com tuas mãos, para depois o encheres com lagrimas de sangue! Vem, vem, sê minha antes.

— Lagrimas de sangue, cem annos que eu viva, não chorarei mais do que as que já hei vertido. Mas ser tua ah! só com o consentimento do meu tutor o poderia ser. Céos! elle anda de pé, é a terceira ronda que faz esta noite pela casa. Adeus, Eduardo, e adeus para sempre.

— Ou até que o teu tutor consinta no nosso hymineu, respondeu este com amargo sorriso.

Mas já a janella estava fechada, e ninguem o escutava.

Através das frestas de todas as portas se viu bri-

lhar uma claridade, sentindo-se logo um como apalpar de ferrolhos. Era o velho que se assegurava se estavão bem guardadas todas as brechas por onde poderião dar-lhe assalto á burra.

O vulto da rua encostou-se á casa fronteira, fitou os olhos n'aquellas paredes que encerravão quanto para elle havia de precioso no mundo, e ainda o primeiro arrebol da madrugada o veiu encontrar immovel e extatico na mesma postura.

A sala do velho Pedroso está illuminada com desusada profusão. Em pesados e massiços castiçaes de prata ardem vélas de sêbo. O proprio dono da casa enverga uma casaca completamente nova, pois, durante os quarenta e dois annos da sua existencia, serve agora apenas pela terceira vez. As calças já teem perdido muito do primitivo lustre, mas, pelo menos de noite, não móstrão ainda o fio. O collete é entre branco e amarello, a gravata alva de neve, e a camisa, de gigantescos folhos, não apresenta um unico pingo de rapé.

Sentados junto do amphitryão estão tres outros jarretas do mesmo jaez, pouco mais ou menos. Em cima de uma mesa vêem-se, cousa pasmosa n'aquella casa, sobre uma enorme salva de prata, duas garrafas. Uma d'essas garrafas está meia d'agua, e a outra contém, quando muito, dois dedos de vinho,

apesar de se não notar em nenhum dos copos, que tambem alli estão, o menor residuo

Do licor que Noé mostrou ás gentes.

Já não ha que duvidar; de alguma solemnidade extraordinaria se trata, de alguma festa de arromba. De facto, eis alli no fundo da sala uma banqueta erguida á guiza de altar; sobre ella ardem seis vélas de cêra deante de um crucifixo, e a ella se encosta um venerando sacerdote revestido de sobrepeliz. Ao lado está um acolyto.

— Homem, a sua noiva já vae tardando, sr. Pedroso, disse para o dono da casa um dos hospedes.

— Lidia de modo nenhum quiz consentir que eu chamasse quem a ajudasse a vertir-se. Está lá em cima só, e ter-se-ha visto embaraçada. Não admira que tarde um pouco.

— O caso é que os sessenta mil cruzados da legitima por fim de contas sempre lhe ficam em casa, não é?...

— Mas com effeito, atalhou o sr. Pedroso mais que depressa, não se deve fazer esperar assim toda a gente. São dez horas da noite. Se eu tivesse por quem a mandar chamar!... Mas eu mesmo vou!

E ergueu-se. N'esse momento retumbárão á porta

da rua, fechada por precaução, dois rijos golpes, como dados com coronha de espingarda.

—Quem é? perguntou o velho com voz sumida e trémula que mal se ouvia mesmo dentro da sala.

Todos se erguérão, olhando-se espavoridos.

Repetírão-se os golpes á porta com dobrado estrondo, fazendo estremecer a casa. Quem batia não estava evidentemente disposto a esperar.

O velho abriu, tremendo, a janella, e olhou para a rua; mas, ao vêr reluzir baionetas, cahiu-lhe a alma aos pés, e o pouco sangue que lhe restava, se lhe gelou nas veias.

—Meus senhores, que querem? perguntou elle baixinho, como quem receia offender o tympano delicado de um potentado.

—Da parte d'el-rei, ábrão, e já, ou vae dentro, respondeu-lhe uma voz de trovão.

—Jesus, Maria! clamou o dono da casa, e fechando cautelosamente a janella, tomou uma véla que tirou do castiçal, talvez para não excitar a cobiça dos soldados, e desceu a escada pouco mais ou menos com a mesma vontade com que subiria os degráus da fôrca. Chegado á porta, quiz ainda parlamentar através da fechadura, mas a ameaça de arrombar, apoiada com duas coronhadas, que fizerão ranger as barras e chapas de ferro, não lhe permittiu mais hesitações. Lá foi correndo os pesa-

dos ferrolhos (cada um que cedia era um dente que lhe arrancavão) e abriu de manso até deixar uma fresta de palmo, mas um forte encontrão fez ir a porta resaltar de encontro á parede, e por uma unha negra não o deitou por terra.

O commandante da escolta ordenou com voz breve a dois soldados que guardassem a porta, e seguido de outros dois, erão quatro ao todo, enfiou pela escada, levando o misero Pedroso adeante de si. Assim chegárão á sala, ficando os soldados da parte de fora. O militar abriu o capote, e deixou vêr uma cara de arremetter, vermelha e barbuda, banda, espada e divisas de major.

—Ah! temos festa por aqui ao que parece, disse elle; pouco importa! Onde está o desertor, sr. Pedroso?

—O desertor! Um desertor em minha casa?! exclamou o velho, tremendo como varas verdes.

—Vamos, não se faça de novas! Estou muito bem informado de que vm. occulta um desertor aqui em casa. Venha elle, pois, ou passo a dar busca.

—Por todos os santos do paraiso juro, sr. coronel...

—Major, major apenas. Basta. Em tal caso eu mesmo vou procural-o. Soldados, não me deixeis aquelle maroto arredar pé d'esta sala, nem sahir

d'aqui ninguem nem mesmo alli o reverendissimo. Em tempo de guerra suspendem-se as immunidades ecclesiasticas. E sahiu.

— Senhor, senhor, aonde vae? Pelo menos deixe-me ir tambem, olhe que está tudo aberto... lá em cima está a minha noiva sósinha... O desgraçado velho, louco de angustia, quiz barafustar pela porta fora em seguimento do major, mas, deante dos soldados que immoveis nem pestanejavão, estacou, recuou, e atirou-se porfim para cima de uma cadeira, mais morto do que vivo.

Passárão-se cêrca de dez minutos em ancias mortaes para o infeliz Pedroso, inquietação e receio para todos, quando torna a assomar á porta da sala o major, segurando pelo braço

Oh! que não sei de nojo como o conte

um soldado. Pelo menos de soldado erão a jaqueta e as calças, que vestia, o bonnet, cuja pala lhe cobria metade do rosto e os enormes bigodes ruivos e pêra da mesma côr, que lhe cobrião a outra metade.

— Então que diz a isto, sr. Pedroso, ainda negará que tinha este birbante escondido em casa?

— Ah! sr. official, quem tal diria! Um semelhante barbaças em minha casa sem o eu saber, quau-

do não ha dia em que eu não reviste mais do que uma vez todos os cantos! Mulheres, mulheres! Leve-o, leve-o pelo amor de Deus, e castigue-m'o bem, para que não volte cá. Mas sempre seria bom vêr primeiro se elle não terá por ahi alguma cousa escondida nos bolços.

—Que o castigue bem, diz vm.? Oh! descance que ficará ensinado por uma vez. E outro tanto lhe succederá a vm. tambem. Vamos, avie-se, meia volta á direita, marche.

—Eu marchar? Pois em que delinqui? Que me querem fazer?

—O que lhe queremos fazer? Nada mais simples. Estamos em tempo de guerra, e a cidade acha-se debaixo da lei marcial. Vm. occultou um desertor em sua casa, portanto acompanha-nos; ámanhã ás dez horas reune-se o conselho de guerra, antes do meio dia fica vm. julgado, ás duas tem seis balas no corpo, e as horas, em que estará na eternidade dependem da distancia que houver, e da velocidade que levar. A esse respeito nada lhe sei dizer, é jornada que nunca fiz.

—Misericordia sr. brigadeiro, veja V. Ex.ª que estou innocente! Juro que eu de nada sabia!

—De nada sabia? Vá contar essa a papalvos. Vamos, despache-se, ou mando-o levar á fôrça.

—Misericordia, morrer tão moço!

— Ora morrer! muitos até desejão a morte, e ainda ninguem se queixou de ter morrido.

—Mas se eu agora mesmo vou casar-me.

—Casar-se? talvez com uma rapariga, em cujo quarto dei com aquelle patife? Não lhe gabo o gôsto, apesar d'ella não ter máus bigodes. Mas deixe esse cuidado a quem tiver mais vagar, e tempo de que dispor. Ella, cá fica e arranjar-se-ha como puder. Marche, marche! Nada de choradeiras, disse o major, e ia lançar a mão ao braço do afflicto velho para o fazer andar.

—Misericordia sr. general, misericordia, bradou este, e louco de terror ia atirar-se de joelhos, quando lhe lembrárão ainda a tempo as calças que estavão em muito bom uso. Susteve-se e ficou de cócaras.

N'este momento entrou na sala outro militar com divisas de tenente. Era alto e bem feito, e no seu rosto nobre e intelligente brilhava o primeiro viço da mocidade.

—Meu major, disse elle para o outro, sabe que ainda ha pouco lhe salvei a vida, e que portanto m'a deve. Vida por vida peço-lhe a d'este honrado homem, que é o tutor da minha noiva.

—Da tua noiva? retorquiu o major. Era então para ti que se apromptava esta festa e que está aqui este padre!

— Exactamente.

— Como para elle? balbuciou o velho.

— Cale-se, homem, cale-se, não vê que o quero salvar? soprou-lhe o tenente mysteriosamente ao ouvido.

— Sim, mas... resmungou aquelle ainda.

— Impossivel! respondeu o major. Isso me comprometteria horrivelmente.

— E calculei eu primeiramente se iria comprometter-me, quando o fui arrancar das unhas do inimigo, meu major?

— Tens razão, tenente. Pois abafe-se o negocio, e já que se trata de casorio, assistamos todos a elle.

— Mande chamar a sr.ª D. Lidia, sr. Pedroso, disse para este o tenente.

— Nada, nada, clamou o velho, que tivera tempo de reflectir, vou chamal-a mas é para casar commigo!

— Em tal caso dou o dicto por não dicto, marche, marche, que não tenho tempo para perder, berrou o major.

— Homem, salve-se a vida, e leve a breca a rapariga, disse para o amphitryão um dos jarretas.

— Quero salvar uma e outra, retrocou aquelle.

— Lembre-se ao menos que ella tinha o desertor escondido no quarto, insistiu este.

— Que importa, tornou aquelle e accrescentou lá para os seus botões, pelo menos a legitima não lhe levou elle decerto.

— Marche, marche, troou o major.

O velho usurario luctava evidentemente entre o amor á vida e a invencivel aversão a largar a legitima da sua pupilla. Erão dois males egualmente grandes, mas o segundo era certo se elle consentia no casamento, e contra o primeiro podia talvez ainda achar-se remedio. O genio da avareza illuminou-lhe o espirito, e elle optou por este.

— É uma violencia atroz, inaudita que me fazem, exclamou. Obrigão-me a abandonar a minha casa de noite, quando os ladrões formígão por toda a parte. É que os militares não sabem o que é ter casa. Mas o governador da praça me fará justiça. Elle conhece-me bem e sabe que era mais facil virar-se o mundo de pernas para o ar do que abrir eu a minha porta a um desertor, ainda que viesse perseguido como um negro fugido. Quanto ao sr. tenente, se tem tanta vontade de casar-se, que se case lá com o tal seu desertor.

— Casares-te com o desertor? Que te parece a lembrança, tenente? disse o major. Pela minha parte acho-a aproveitavel. Estas vélas não se hão de ter accendido para nada, nem este padre ter aqui vindo debalde. Estava escripto que devia ha

ver aqui um casamento; casa-te pois, e não tenhas medo aos bigodes da noiva.

—Se o sr. Pedroso quizer ser nosso padrinho... disse rindo o noivo em perspectiva.

—Com todo o gôsto, meu commandante, respondeu o velhote.

O tenente tomou o desertor pela mão, e lá fôrão ambos ajoelhar deante do padre, que estava de pé junto do altar. Qual não foi porém o espanto, o terror e o assombro do usurario e dos seus tres hospedes ao verem o cura de Santo Estevão, esse venerando varão que toda a cidade acatava, cujas cãs a todos incutião respeito, e as virtudes admiração, abrir o ritual, ler as orações do estylo, praticar todas as cerimonias proprias do acto, que se arremedava, e depois proferir sobre aquelle par extranho as palavras sacramentaes, que n'aquella occasião parecião uma impia profanação, uma blasphemia horrivel!

A palavra sacrilegio, pairava nos labios de todos; mas quem poderá pintar a raiva, a confusão e o desespero do usurario quando erguendo-se o desertor, e voltando-se a meio para os que estavão na sala viu que elle havia perdido os bigodes e a pêra, e desaffrontado o rosto do enorme boné militar pelas mãos do feliz tenente, se tornárão bem patentes as feições de Lidia?

Logo o celebrante, desdobrando um papel, leu em voz alta uma provisão do bispo diocesano, que permittia o casamento do tenente Eduardo Borges com Lidia de Carvalhaes a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer egreja ou oratorio particular. Tudo estava em regra, nem a dispensa de pregões faltava.

Não havia logar para reclamação, nem protesto, e o desgraçado velho tinha servido de testemunha ao casamento da sua Lidia com outro que lhe roubava assim aquella legitima que elle ha tantos annos se costumára a olhar como sua, e que adorava como parte da sua alma.

—Pois que a noiva depoz os bigodes, que lhe não pertencião, disse rindo o major, deporei eu egualmente a banda, espada e divisas que me não pertencem, e voltarei a ser o honrado camarada do sr. tenente, a quem Deus dê larga vida e muita felicidade. Agora, sr. Pedroso, talvez mais facilmente reconheça em mim o portador que trouxe da costureira os vestidos do noivado, e a quem tão cruelmente recusou dois vintens para matar o bicho! É que me parece que não está achando aquelle vestuario muito do seu gôsto, olhe.

O triste não via nem ouvia.

O ERMITÃO [1]

Era leite o mar, e, como uma saphira immensa e diaphana, se extendia sobre elle a abobada celeste. No occidente se reclinava o sol n'um leito de purpura. Com as pardas velas, namorando as auras, se deslizava um brigue sobre a espelhada superficie das aguas, como alvo cysne a boiar mollemente no meio d'um lago.

Sentados juntos n'um banco em cima do tombadilho, dois jovens, um mancebo e uma môça, fitavão, entrelaçadas as mãos, um ponto cada vez menos distincto na extrema orla oriental do horisonte.

[1] *Revista Popular* (1859).

—Só agora, que aquellas altas costas nos vão fugindo da vista, me considero livre e senhor do meu thesouro; de ti, Constança, minha muito amada. E comtudo aquellas costas, para longe das quaes nos não impellem assaz ligeiros os ventos, são as da minha e da tua patria, que tão cara nos era. Alli sobre a relva sempre verde, e entre flôres d'uma perpetua primavera, nos passárão serenos e venturosos os dias da infancia. Alli sonhavamos um futuro de delicias, dourado e variegado de mil brilhantes côres, através do prisma de nossos verdes annos. Mentirosa esperança, enganosa phantasia! Bem depressa devia o sôpro da realidade derribar todos esses castellos, construidos de illusões cimentadas pelo amor. Deante de nós viamos o céo, e o destino nos preparava o inferno. Não, para vivermos separados no nosso solo natal, vamos viver unidos sob climas extranhos, e quando encostarmos cançados a cabeça, batida dos tormentos da vida, não nos negará a terra extrangeira o ultimo jazigo.

—Ainda agora respiravas só venturas e felicidade, e procuravas dissipar a tristeza, que dizias me annuviava a fronte, e já tu mesmo és triste. Mas fala-me, fala-me antes na morte, e oxalá ella viesse, porque, vês tu, embora o nosso amor nos prepare um leito de perennes rosas, através d'ellas me pun-

girão sempre espinhos agudos, e esses espinhos serão os remorsos. Que me importa a patria, que me havião reduzido aos limites de uma sella, que me importa a familia, que me excluira do seu seio, tudo isso, e mil vezes mais, por ti dera, mas eu deixei por ti—horror! horror!—deixei o meu Deus, o meu Creador.

—Sempre essa idéa! Como se Deus exigisse o sacrificio de todos os gôsos do mundo, como se com mão tão larga houvesse enchido a terra de tantos bens, só para que as suas creaturas d'elles se privassem; como se, para alcançar o céo, fôra mistér fazer d'este mundo um inferno. Se tua familia, por um capricho, por um fanatismo inconcebivel, ou por algum motivo occulto, quiz sepultar-te viva dentro dos muros d'um claustro, não acceita Deus um sacrificio violento, nem um coração, que constrangido se lhe offerece. Quebrando os grilhões, com que pretendião algemar-te, não te rebellaste contra o Creador, que não inveja a felicidade da creatura, mas forraste-te á tyrannia d'um pae, que immolava sua filha nem eu sei a que.

—E era hoje, que eu devia proferir os votos indissoluveis, que, desprendendo-me para sempre do mundo, devião consagrar-me ao céo por toda a eternidade.

—Sim, era hoje, tornou o mancebo, que esses

cabellos tão bellos devião cahir ante as aras d'um Deus que se não esmerou em fazer tão formosas as creaturas, para que lh'as desfeassem. Era hoje, que um ente cheio de vida e de esperança, devia ser envôlto em mortalha esteril. Tão joven, tão bella, tão mimosa de carinhos e querida de affagos — oh! fôra pena. Mas o amor soube quebrar as grades do carcere, e roubar a victima aos seus algozes, na propria noite, que precedia o dia do sacrificio. Agora vogamos livres sobre o livre oceano — és minha, sou teu, que importa o resto!

Como o lirio, queimado pelo ardor do sol, deixa pender o calix sobre a haste alquebrada, inclinava a donzella a cabeça sobre o collo de alabastro, e seus olhos fitavão o convés do barco.

Debalde lhe passára o mancebo o braço em tôrno da cintura esbelta, e procurava animal-a com meigas falas de amor e de esperança, um pêso enorme parecia anciar-lhe o peito, e opprimir-lhe o coração.

— Sabes tu, Constança, que trouxe para ti uma harpa, esse instrumento de que tanto gostavas, e que tão docemente tocavas antes de ir para o convento? E com quanto prazer te escutava eu, enlevado nas melancholicas melodias de teu tanger suave! Queres que vá buscar-t'a, para que cantes algum villancete dos muitos, que sabes, agora que

o céo e o mar estão tão calmos, e que tão tépida nos bafeja a aragem do crepusculo?

— Sim, vae, Alberto, vae, respondeu a joven, como despertando.

Alberto desceu á camara, e, passados breves instantes, tornou a apparecer, trazendo uma harpa simples, mas elegante, que entregou a Constança. Esta, olhando-o com indefinivel ternura:

— Obrigada, meu muito querido, lhe disse, obrigada por esta prova de amor e por te haveres lembrado de trazer-me este instrumento, outr'ora as minhas delicias, e que eu hoje talvez já nem saiba dedilhar. Minha harpa querida, ha um anno que te não vejo.

Depois preludiou, tirando alguns sons meigos e maviosos, percorreu as cordas com mão firme e amestrada, e perguntou:

— Que queres que te cante? Vou cantar aquella canção hespanhola, de que tanto gostavas, e que todas as noites me fazias repetir.

— É que aquelles sons castelhanos, aquelle accento extrangeiro, soavão tão bem em teus labios! Mas a lettra e a musica são tão tristes, que vão augmentar-te a tristeza.

— Por isso mesmo quádrão com a minha disposição de espirito. Quem quererá rir, quando a alma pede o pranto!

Tocou ella alguns compassos de introducção, e depois entoou com voz languida e pausada:

En el hado nasci tan funesto,
Que a perpétuo dolor me condena;
Aqui dentro yo sinto una pena,
Que mil males me hace sufrir.

A la muerte yo llamo e no viene,
Solitária a llorar me retiro,
Me perguntan que tengo, suspiro,
Y respondo: — yo quiero morir.

Esta pena que el alma padece,
Es tan grande, tan fuerte, tan viva,
Que de libre me hizo cautiva,
Y mil males me hace sufrir.

Aborresco lo que antes amava;
Solitária a llorar me retiro.
Me perguntan que tengo, suspiro,
Y respondo: — yo quiero morir.

Toda a tripulação se apinhára em tôrno da cantora, escutando-a em religioso silencio. As velas pendião frouxas das vergas, batendo de encontro aos mastros com os balanços do navio. Não se sentia a menor aragem, o ar era quente e abafado, e comtudo principiava o mar a agitar-se, e a rolar vagas cada vez mais grossas.

O capitão percorreu com os olhos o horisonte, e notou na sua extremidade, do lado de terra, uma nuvem pequena, mas negra, negra como o carvão. Qualquer, que não fôsse maritimo, não teria reparado n'ella, mas o capitão mandou logo recolher os cutellos, que ião todos largos, ferrar todo o panno, e metter as gaveas nos segundos rizes. A manobra depressa se executou, comtudo, quando chegou a concluir-se, já a nuvem, tal era a rapidez da marcha que trazia, tinha abrangido todo o horisonte. Um céo de chumbo parecia pesar sobre todos; o mar era tinta, e o ar, quente e condensado, mal se podia respirar. E o oceano a rolar vagas sobre vagas, cada vez mais grossas e cavadas, e o vento era nenhum. A noite se fechara de todo.

O relogio da camara deu agora mesmo dez horas. Os dois jovens conservavão-se ainda em cima do tombadilho. Constança, presentindo instinctivamente uma terrivel tempestade, não tinha querido descer á camara. Parece-nos que, vendo o perigo, melhor o evitaremos. De repente, como se, aberto um antro, rebentassem d'uma só vez milhares de espiritos infernaes, uivou o vento raivoso nas vergas e cordoalha; fez-se em tiras a vela de estaes, e o brigue adornou todo a estibordo, enchendo-se de agua o convés. Um clarão sulfureo illuminou a noite, um medonho estampido troou sobre o na-

vio, e o mar, como um leão ferido, encapellou-se mais furioso, e tomando o brigue, ora o mergulhava n'um abysmo tal, que se receava que a quilha roçasse o leito do oceano, ora o erguia tão alto, que se temia, que faltando de repente a onda, se desfizesse o casco com a violencia da queda. As mais profundas trevas alternavão com a claridade do dia; os raios cruzavão-se no espaço, traçando mil linhas phantasticas, como um fogo de artificio; o trovão roncava amiudado e pavoroso, como o ribombar dos canhões em dia de batalha.

Uma luz mais vivissima, que como settas se introduz pelos olhos, a todos cega; um choque electrico a todos paralysa; ouve-se no céo um urro, um berro, como de innumeras feras, e no navio um estalar de madeiras, como se todo elle se fizesse em pedaços. Quando a tripulação pôde de novo abrir os olhos, tinha desapparecido toda a parte do mastro grande do cesto da gavea para cima, e o mastro da prôa ardia em labareda. Fogo! fogo! soou por toda a parte, e todos correm a atalhar o incendio, conseguindo-o bem depressa. Mas o navio jogava mais pesado, apesar de alliviado de quasi toda a mastreação. O capitão mandou examinar a bomba. Jorrou ella em abundancia. Applicada a sonda, encontrárão-se no porão tres palmos de agua.

O navio arfava, como um cavallo cançado, a luctar com as ondas. Todos os braços cahírão sobre as bombas e os baldes: perdidos esforços! Por fora o mar, desfeito em montanhas, ameaçava engolir o barco, por dentro a agua subia, subia, crescendo de minuto para minuto. Então o desespêro se apoderou da tripulação.

— Safa a lancha, ao mar, ao mar, bradárão todos.

N'um momento estava a lancha limpa, arrastada para a amurada, e posta a nado. Um vagalhão a arremessou de encontro ao costado do brigue, desfazendo-a como se quebra uma noz. Então arreárão o escaler, e dois marinheiros mais apressados logo saltárão dentro; mas apenas a quilha tocou a agua, apoderou-se o mar da embarcação, e. rompendo as amarras, atirou-a longe, longe, que nunca mais se viu. O navio afunda-se a olhos vistos, e dentro nem um esquife havia, de que fiar a vida.

Alberto não perdeu de todo o accôrdo na hora do perigo. A uma prancha, d'entre muitas, que alli jazião, ligou solidamente a sua amada e dizendo: «Ao menos morreremos juntos», dispunha-se para amarrar-se a si proprio ao mesmo madeiro. Uma onda enorme varreu o convés. Atordoado pelo embate, tornou o mancebo a abrir os olhos, e já não viu Constança. Louco, allucinado, lançou-se ao mar na

mesma direcção, que levara a onda. Era tempo. O navio, com um urro abafado, sumiu-se nas profundezas; em tôrno espadanárão as aguas; depois o oceano rolou por cima as suas vagas, e nada mais se viu. Tudo era silencio, escuridão e trevas.

Por um tortuoso atalho, ora coberto de espessa folhagem, ora torneando árida penedia, subia um peregrino a ingreme encosta d'um outeiro. Trajava comprida sotaina de burel escuro, que uma corda lhe cingia em volta da cintura, e um chapéo de abas largas. Arrimado a nodoso bordão, apoiava n'elle mal seguros passos, e a barba espessa e encanecida lhe descia sobre o peito. Não sem ter parado por mais do que uma vez, para soltar do peito um como queixume, e respirar a largos sorvos o ar embalsamado da tarde, chegou o romeiro ao cume.

D'alli alongou os olhos por sobre o panorama, que se lhe offerecia á vista.

Separada d'aquella, sobre que elle se achava, por um valle pouco fundo, se erguia a cem braças de distancia outra eminencia, coroada por um vasto edificio, que era visivelmente um convento. Por todos os lados se erguião outeiros, que com declivios

mais ou menos suaves, ião todos morrer n'uma praia de areia, semeada de penedos enormes. Por detraz se espelhava o mar, sereno e manso, tremulando ao rôxo reflexo do sol no occaso.

O ancião desceu ao valle e dirigiu-se para o mosteiro. Atravessou um regato, perdeu-se entre um pinhal e foi dar de encontro aos altos muros da cêrca. Não sabendo, se tomaria para a direita, se para a esquerda, sentou-se indeciso a repousar n'uma pedra; que de longe vinha o romeiro, bem o indicavão as alpercatas gastas do caminho, e o habito coberto de poeira. Talvez já n'aquelle mesmo dia tivesse palmilhado bem compridas leguas! Mas onde ia elle só e por aquelles ermos? Apoiou os cotovellos nos joelhos, enterrou a barba nas mãos, fitou o chão, e perdeu-se em vago scismar. Quantas recordações de já remotos dias lhe não passarião pela mente!!

Mas, por mais profundo que fôsse o seu sonhar, despertou de repente ao ferirem-lhe os ouvidos uns sons, como a tímida lebre accorda sobresaltada e espavorida ao ouvir leve ruido. Uma voz, que perdêra já o timbre juvenil, e o metal argentino, que só dá a mocidade, mas que soava ainda meiga e maviosa, entoava por detraz do muro da cêrca uma cançoneta simples e melancholica, cuja lettra dizia:

En el hado naci tan funesto,
Que a perpétuo dolor me condena;
Aqui dentro yo sinto una pena,
Que mil males me hace sufrir, etc.

Uma nuvem passou por deante dos olhos ao romeiro; uma vertigem se apoderou d'elle, e, para não cahir, apesar de sentado, teve de agarrar-se com fôrça ás proximas pedras. Que recordação de sonhadas delicias e de horrores mais que reaes, não despertava n'elle aquella voz e aquella cantilena! Agora, como quando elle a ouvira, pela ultima vez, era essa hora de dubia claridade em que *já não é dia, nem tão pouco é noite ainda.* Quantas scenas passadas, quantos annos decorridos não tornou elle a viver n'aquelle momento, n'esse viver intenso da alma, que abrange seculos n'um só instante! Mas seria a cantora a mesma? Não lhe havia a mão de Deus preparado, nas areias do fundo do mar, o leito do seu eterno repouso? Não lhe servião de perpetuo sudario as humidas ondas do oceano?

Immovel, absorto permaneceu o peregrino; mas bem depressa vehemente desejo o ganhou de vêr com os olhos do corpo, o que tão distinctamente via com os da alma. Elle não duvidava, mas tambem não era certo.

Apesar do cançaço, das fadigas e dos annos, su-

biu a uma arvore encostada ao muro, mergulhou a vista para dentro da cêrca, e logo se ouvírão dois gritos successivos: Constança! — Alberto! Apesar das rugas, com que o tempo e o mundo lhes havião sulcado os rôstos, ambos se conhecérão: o que os olhos não podião enxergar, adivinhou-o o coração.

— Constança, tu vives, e ha quarenta annos, que te choro morta!

— Outros tantos ha, que te pranteio!

— E como lograste salvar-te? Qual tem sido o teu viver?

— A minha historia é curta. Sustentada pela prancha, a que me havias ligado, fui na manhã seguinte recolhida por uma lancha de pescadores, que me tornou a trazer á terra natal. O que tanta aversão me inspirava, quando me lavrava no peito uma paixão profana, tornou-se alvo de meus mais ardentes desejos então, que eu te cria morto. Em logar, porém, de volver para o mesmo convento, preferi este, por mais ermo, e por se avistar d'aqui o mar, em que te suppunha sepultado.

— A minha historia se parece com a tua, com a differença, porém, que tu te acolheste logo a porto seguro, e eu tenho luctado até agora no procelloso mar da vida. Quando a onda te arrebatou, lancei-me após ti, mas debalde te busquei entre vagas,

que erão montanhas, e trevas, que se apalpavão. Quando, cançado e rendido, me sentia prestes a desfallecer, e ia já deixar-me tragar pelas aguas, o acaso ou a Providencia me deparou um destrôço do navio. D'elle me soccorri. Quando raiou a aurora, já a tempestade havia serenado, e perto de mim vogava uma galera, que me recolheu. O capitão, movido de meus rogos, vencido de meus ais, todo o dia cruzou n'aquellas alturas, em busca tua. Nem um ente vivo, nem o menor fragmento do sossobrado brigue se tornou jámais a vêr. O insaciavel elemento tudo havia sorvido. Ao cahir da noite seguimos nossa derrota. O navio ia para a India, mas que me importavão as praias, a que me arrojava o destino? Para que contar-te, o que hei passado, em quarenta annos de rude combater e de duro soffrimento? Vi muitas terras, muitos povos, o homem em toda a parte é o mesmo. A alma, que devia completar a minha, o céo a havia tornado a chamar a si; eu vivia no mundo errante e tanto mais só, quanto mais densa me cercava a multidão. Farto de soffrer, cançado de luctar, e rico de desenganos, vinha eu buscar na patria uma pedra, sobre que reclinar a cabeça, e um logar, onde cavar a sepultura, em que breve irei repousar.

— Imperscrutaveis são os destinos da Providencia.

— Oh! e pensar que depois de tanto tempo de amargo padecer, te encontro de novo, para outra vez perder-te! Mas porque, anticipando as delicias do paraiso, não viveremos juntos os poucos momentos, que ainda nos restão na terra? exclamou Alberto.

— Insensato! tornou Constança. Já uma vez ousaste disputar-me ao Senhor, e sua mão poderosa arrancou-me d'entre teus debeis braços, e restituiu-me ao altar, que eu nunca devera ter abandonado. E tu queres ainda, louco, entrar na liça com o teu Deus, e roubar ao seu santuario uma virgem, que Elle se dignou reclamar, já uma vez roubada! Oh! não, não percamos, assim n'um momento, o fructo de quarenta annos de penitencias e jejuns. Já tocamos quasi a meta da nossa peregrinação, e o que tivermos aqui semeado em privações, além o colheremos em glorias.

— Tens razão. Continue a esperança do céo a aquecer o cahir da tarde da vida na terra. Mas ao menos possa eu ainda uma vez, uma vez unica, e nunca jámais sentir o teu coração palpitar de encontro ao meu. Quarenta annos já passados, sem provar um só prazer, e o resto que nos faltar vivido em penitencia e jejuns, poderão bem resgatar esta unica fraqueza d'um momento. Um instante de felicidade ainda, e sacrifique-se tudo ao céo.

— Não, oh! não! bradou a freira, mas o seu coração dizia baixinho: sim, oh! sim!

O romeiro deitou as mãos ao cimo do muro; firmou n'elle um joelho, e ia puxar a si o outro, quando do alto da torre do mosteiro troou lenta, sonora e majestosa a voz d'um sino.

— Ave, Maria! orou a freira.

— Santissima Trindade, murmurou o peregrino.

— Aquelle sino, me chama ás preces da tarde. Adeus, Alberto, disse Constança, e perdeu-se por entre as arvores da cêrca.

— Aquelle sino salvou-me talvez a alma, disse o romeiro; desceu do muro, e em logar de ir pedir pousada na hospedaria do convento, foi procurar agazalho na primeira cabana que encontrou.

Sobre a eminencia, d'onde Alberto avistara primeiro o convento, ergueu-se em poucos dias uma modesta ermida. Tinha ella uma unica janella, mas essa ficava exactamente em frente ao mosteiro.

Para alli foi residir o romeiro, e, a não ser para assistir ao officio divino, nunca mais atravessou o valle, que o separava do convento. Mas no mosteiro havia uma janella, cuja luz, todas as noites, era a ultima a extinguir-se, e logo depois se apagava tambem a da ermida. Todas as manhãs, ao romper da alva, apparecia áquella janella uma freira, agitava um lenço branco na direcção da ermida, permane-

cia alli por espaço de um quarto de hora, tornava a agitar o lenço, e desapparecia até ao dia seguinte. Quando a freira se mostrava, já á janella da ermida estava um rôsto pallido, magro e macerado, e um braço correspondia com egual acêno ao seu acêno.

Uma madrugada veiu a freira, como de costume, á janella. A' da ermida lá estava o rôsto pallido e descarnado, mas o braço não respondeu ao seu acêno. Ao retirar-se, passado o quarto de hora, tornou a acenar, mas do lado da ermida a mesma immobilidade.

Ao passar para o monte com o seu rebanho, um pastor saudou o ermitão, que estava á sua janella, mas este não lhe lançou a sua benção, como sempre costumava. Pela volta da tarde volveu a passar o pegureiro. O ermitão alli estava ainda; o queixo apoiado n'uma das mãos, os olhos fixos, baços, pregados no convento. O pastor dirigiu-lhe a palavra, mas vendo que nenhuma resposta obtinha, ousou afinal tocar-lhe de leve no braço.

Por terra rodou um cadaver.

cidade sitiada. Pelas cavernas dos rochedos, que lhe fórmão a base, e que as ondas salitrosas teem minado no continuo embate de sessenta seculos, se introduz o mar, rugindo rouco e abafado uma triste nenia. Ouvido em distancia, é como se o oceano entoasse um responso de finados. Na cidade não brilha uma luz, nem se vê o clarão d'um unico fogo. Toda ella é indefinivel massa de indistinctas formas. A victima prepara-se para o sacrificio: ámanhã se dará o assalto, os sitiados o não ignórão.

Tambem no campo reina silencio profundo. Só de quarto em quarto de hora se ouve uma voz forte e grossa bradar: «Sentinella, álerta». «Álerta está», lhe respondem de mais longe. «Passe palavra», torna a primeira, e como de écho em écho, se vae o grito repetindo de posto em posto, á volta de toda a linha.

O plano do assalto está traçado, as ordens estão dadas, o general dorme, só as vigias vélão. Quando o general dorme, porque não dormirá o arraial? É talvez o ultimo somno, que terá seu despertar, mas que importa? Hoje ou ámanhã, aqui ou alli, d'este modo ou d'aquelle, no campo da batalha, ou no leito da dôr, a differença é nenhuma, tudo é morrer, e ao tributo da humanidade ninguem se forra.

To die — to sleep —
To sleep! perchance to dream; ay, there's the rub,

que isto de não saber no somno da morte, que sonhos sonharemos, bem basta para deter-nos, e tornar tão vivedoura a miseria.

Todos dormem, mas o capitão Rogero, o capitão cavalleiro, como o chamão os seus irmãos d'armas, debalde busca conciliar o somno. Ámanhã carecerá de todas as suas fôrças, para mais do que um valente feito, mas essa bemfazeja imagem da morte, que nos infunde novo vigor e frescura nos lassos membros, e que, cousa mais preciosa ainda, nos faz esquecer por momentos os males d'esta tão trabalhada vida, não lhe quer descer sobre as palpebras. O uniforme o suffoca, a cama são espinhos, e comtudo tem elle dormido já debaixo de um céo mais inclemente, sobre um leito mais duro. Mas, nem a morte, nem sua irmã, o somno, obedecem á nossa voz: quanto mais por ellas bradamos, menos veem.

Não podendo dormir, o capitão se ergue: a fresquidão da noite deve fazer-lhe bem, e talvez lhe acalme os sentidos. Quantos d'esses bravos, que ahi jazem nos braços do somno, jazerão bem mais frios nos da morte, dentro em poucas horas, tanto mais felizes, quanto mais insensiveis. Comtudo, elles ámão a vida, ámão a luz do sol, tão bella e

brilhante, ámão um pae, uma mãe, uma irmã, uma esposa, ou uns filhinhos tenros, que sem elles ficarião ao desamparo, ámão tudo isso e vão ámanhã bater-se, vão á voz d'um chefe, que não lhes é nada, arrostar a morte entre a metralha e a ardente saraiva de balas! Mas, inflamma-os o amor da patria, pelejão elles em defesa dos seus lares e dos seus penates? Não; a lucta, que vão travar, é uma lucta fratricida, por detraz d'aquellas trincheiras, ao abrigo d'aquelles baluartes estão seus irmãos, seus parentes, seus amigos, seus concidadãos. Elles vão bater-se, sem saber por que, mas hão de bater-se brava e destemidamente, por isso dormem tão tranquillos.

Rogero atravessa essas fileiras de valentes adormecidos, e ao vêr tantos mancebos, cheios de vida, vigor e saude, que ámanhã serão cadaveres, o coração se lhe confrange. Sente por elles, o que não sente por si, pois que é mais a morte, do que a gloria, que busca nos combates; bem sabe elle, que nas guerras civís, menos do que louros se colhem cyprestes. Chegado á borda do mar, cruza o capitão os braços, e deixando pender a fronte, vae marchando por essa orla de areia, que as ondas retirando-se abandonárão.

Quantas lembranças, quantas recordações de passados tempos lhe não esvoaçárão pela mente!

—E' pois á morte, que eu me encaminho, á morte contando apenas trinta primaveras? disse. Tambem de que me serve a vida? Para arrastar ainda, durante annos, sobre esta terra deserta e erma, uma existencia pesada, inutil, quando

haeret lateri lethalis arundo?

«Comtudo, nem sempre assim foi. Ha um mez apenas, que bem outro se me figurava o mundo. Então tudo me sorria, tudo em mim era esperança, e toda a natureza revestia d'ella a côr verde alegre. Quão mudado é tudo, em tão pouco tempo! Maria, Maria, triste victima immolada por barbaros assassinos, por verdugos desalmados, é que tu eras tudo para mim n'esta vida. Anjo de candura e innocencia, e pôde haver um monstro de forma humana, que embebesse em teu seio um ferro homicida! Horror! Horror! E' essa a maldicção lançada pelo Eterno contra as guerras de irmãos; gérão ellas crimes, ante os quaes recua a natureza espavorida.

«Horda de esfaimados janizaros, tão cobardes, quão malvados, são essas as vossas proezas? Atacastes uma habitação isolada e sem defesa, saqueastel-a, queimastel-a, assassinastes uma familia, que nada tinha com as vossas guerras. Nada ha pois sagrado n'esta negregada terra? Um venerando

ancião, uma matrona virtuosa, e—uma pomba sem fel, uma donzella meiga, pura e bella!

«Oh! meus dias de amor, meus dias de felicidade, onde vos sumistes, para não mais volverdes? Minhas esperanças, quem vos calcou no sepulcro? Sonhos de ventura, que eu sonhei n'aquelle valle ameno, n'aquella mansão de delicias, n'aquella quinta solitaria, mas que para mim valia o mundo, pois que n'ella habitava a minha amada, sonhos do paraiso, quem tão depressa vos desfez? E eu, que ainda na vespera da minha partida, gravei no gigantesco carvalho, que assombra a entrada, aquelles dois versos do poeta latino:

> Vos eritis nostræ portus requiesque senectæ,
> Si juris fuerint otia nostra sui.

«Pobres toupeiras, que somos, vís bichos da terra, que não enxergamos uma pollegada adeante de nós, e mettemos em nossos calculos dezenas e dezenas de annos, quando o momento, que vae seguir-se áquelle, em que respiramos, talvez nem seja nosso!

«Nada pois me resta, que fazer debaixo d'aquelle céo tão brilhante, que nos cobre? Oh! sim, sim, resta a — vingança, a vingança, esse derradeiro desabafo do opprimido, que a Providencia parece estar dispondo como unico lenitivo a meus males.

Os assassinos, por ignobeis e obscuros, escondem-se nas trevas do seu nada, mas o seu chefe, o seu vil, o seu infame chefe, o coronel Monrocha, está alli (e apontou com mão convulsa para a cidade), está alli, commanda a bateria de S. Telmo, e serei eu, sim eu, quem hei de assaltal-a. O coronel esteve presente no logar do crime, assistiu talvez á sua perpetração, foi talvez... maldicção, maldicção! Oh! resvalem de meu peito as balas, marche eu incolume entre pelouros, até chegar junto d'elle, até fazel-o rojar a meus pés, despedaçal-o, trincar-lhe o coração, e depois — depois quero morrer.

«Tu, meu Deus, perdoaste aos que Te offendérão! Mas Tu és Deus, e eu uma fraca creatura. Nem as leis da guerra me permittem poupal-o, nem eu o pouparei. Seja eu na terra o instrumento da Tua justiça, e tranquillo e cheio de confiança comparecerei na Tua presença. Minha vida é pura, minha consciencia não me accusa. Recebe-me, oh! Deus, na Tua gloria, e une-me áquella, de quem na vida me separaste. No ardor da batalha, fulminado talvez por uma morte rapida, quiçá me não reste tempo para dirigir-Te uma ultima oração; mas aqui sob essa abobada brilhante, que serve de estrado ao Teu throno, n'esta hora solemne, no silencio da noite, elevo a Ti o pensamento, e nas Tuas mãos encommendo o meu espirito.»

O mancebo ajoelhou, seus labios emmudecérão, mas sua alma proferiu uma oração ardente. O Eterno não fez ouvir nos céos o seu trovão, mas do lado da cidade brilhou um relampago, soou um estampido, e aos ouvidos de Rogero zuniu uma bala, que repercutida d'um penhasco, de encontro ao qual foi bater junto ao mar, veiu outra vez cahir já fria e sem fôrça sobre a areia, um palmo adeante do capitão. Levantou este os olhos, viu que, sem o saber, se achava apenas a cem braças da bateria de S. Telmo, ergueu-se, e vagarosamente se encaminhou para o campo.

Já as trevas da noite se vão resolvendo n'essa penumbra mysteriosa, que precede o arrebol. Rareião as estrellas, e ao oriente vae aclarando o céo, destacando-se mais vivamente os negros cimos dos montes. Por toda a linha dos sitiantes sôão os clarins, estrugem as trombetas, rúfão os tambores. Erguem-se soldados, enfreião-se cavallos, envérgão-se correames, cingem-se espadas. Musicas marciaes saudão a alvorada.

Já a aurora roxeia o horisonte. Lá se distinguem as baterias da cidade, as trincheiras, e por detraz as torres e os telhados das casas, votadas ao exterminio. Rompe a canhonada, respondem os da praça, e balas após balas, lá vão, lá veem, crúzão-

se nos ares, espálhão a destruição e a morte. Rebéntão as granadas, estourão as bombas, e nuvens de fumo e caliça escurecem a vista.

Surgiu o sol. Os batalhões estão formados, as armas carregadas, as baionetas caladas. A cavallaria está montada, mas as espadas estão na baínha. Vae principiar o assalto: deu-se o signal, abálão-se as tropas, o canhão é mudo.

Defronte da bateria de S. Telmo estão quatrocentos homens; commanda-os um tenente-coronel, e entre os capitães está Rogero. O grosso do exercito está deante do baluarte da Victoria; alli se travará o rijo da peleja, é aquella a bateria, que o general sitiante quer tomar, para penetrar na cidade. Mas todas as outras serão assaltadas ao mesmo tempo com simulados ataques, para distrahir as fôrças dos cercados. Comtudo, para que na ficção haja mais verdade, deixa-se ignorar o plano aos differentes commandantes; cada um pensa que tem de levar á fôrça a bateria, deante da qual o collocárão. Jógão-se mais algumas centenas de vidas, mas que importa, se talvez assim se tome a praça!

Deu-se o signal, e contra a bateria de S. Telmo márchão a passo de carga quatrocentos bravos em fileiras cerradas. Avanção até curta distancia do forte, que parece abandonado, tão mudo e quieto

se conserva. Não cae um unico tiro, não se ouve uma voz. «Elles entrégão-se, a victoria é nossa, ávante, ávante!» brada o commandante. Mas n'esse momento uma cinta de fogo percorre toda a frente da bateria, ouve-se um urro prolongado, a metralha varre o campo, e metade do pequeno exercito estorce-se pelo chão nas agonias da morte. As fileiras estão rôtas, o soldado não vê a seu lado o camarada, o terror se apodera de todos, que tambem os valentes sabem tremer, e em desordenada fuga e com dobrada velocidade, tórnão a percorrer o espaço, ainda ha pouco atravessado, os que o podem fazer. E era um ataque simulado!

Rogero olha em tôrno de si; é elle o unico, que está de pé no campo: o chão está alastrado de cadaveres. Tira a bandeira das mãos do alferes, que moribundo ainda a segurava, e entregando-a expira, e corre após os seus companheiros d'armas. O tenente-coronel lá ficou entre os mortos, Rogero é agora o chefe. Fala aos soldados em nome da honra e do brio, mostra-lhes a bandeira, que havião abandonado, exhorta-os, commove-os, infiltra-lhes um pouco do seu espirito, e elles, cedendo á palavra e ao exemplo, obedecem e fórmão-se de novo. Serião apenas duzentos. Elle extende-os n'uma longa linha, deixa amplo intervallo de homem a homem, para que a metralha não ache um corpo compacto,

em que empregar-se, e agitando nas proprias mãos a bandeira, ordena-lhes que o sígão, e sem curar se o fazem ou não, avança correndo para as bôccas das peças inimigas.

E os soldados seguírão o seu capitão. De novo se cinge de chammas a fortaleza; a metralha cae basta e ardente, e mais de que uma victima vae juntar-se ás precedentes; a fusilaria espalha um chuveiro de balas, mas foi uma unica descarga. Já os assaltantes estão junto ao fôsso, já o transpõem, já sobem o talude, já gálgão o parapeito, descarregando então pela primeira vez e á queima-roupa as suas armas. Sáltão dentro de baioneta calada, e quem não fugiu, rendeu-se.

Rogero fôra o primeiro que vencera a trincheira, e derribando a bandeira que alli achou, hasteou a sua propria.

Em pé sobre o parapeito da trincheira, com uma mão fincando a haste da bandeira, com a outra apontando para a cidade, o mancebo era bello de vêr-se. A barretina levara-lh'a o impeto da carreira, e o vento agitava-lhe os longos cabellos, dourados pelos raios matutinos do sol. Suas faces animadas luzião com vivo encarnado, seus olhos fulguravão de ardor marcial. Sua figura alta e varonil destacava-se no fundo d'um céo, incendiado pelo nascente astro do dia.

O coronel Monrocha não estava alli, e diminuto era o numero dos defensores; o capitão quasi córou da sua victoria. Quiz comtudo aproveital-a, e lançar-se na cidade com a sua gente, mas esta recusou seguil-o. Com menos de duzentos homens invadir uma praça, cuja guarnição se contava por milhares, só um louco poderia de tal lembrar-se. Não podendo fazer mais, mandou voltar a artilharia e assestal-a contra a cidade.

Mal principiavão a mover-se as pesadas peças, quando os vencedores vêem avançar contra elles, do lado da praça, uma fôrça de oitocentos homens pelo menos. Á sua frente vinha o commandante da bateria, o coronel Monrocha.

Ao commandante da praça não escapara o plano do general sitiante. Viu a sua bateria da Victoria ameaçada pelo grosso do exercito inimigo, e concentrou n'ella tambem as suas fôrças, desguarnecendo as outras, contra as quaes não receava ataques serios. Vendo, porém, tomada a de S. Telmo, mandou logo fôrça sufficiente desalojar d'alli o inimigo, antes que este engrossasse.

Rogero viu avançar contra elle o coronel, e sobranceiro ao temor, pulou-lhe o coração de alegria. Prohibiu aos seus que fizessem fogo, com receio de que alguma bala lhe roubasse a sua victima predestinada, e apenas oppoz ao inimigo uma muralha

de baionetas. Mas o forte nenhuma obra tinha para o lado da cidade, que resguardasse os seus defensores; como havião estes de resistir, sendo um contra quatro? Com effeito, bem depressa fôrão rechassados, levados de roldão contra o parapeito do lado do campo, d'elle precipitados, e de envôlta o capitão. Lá vão elles outra vez em debandada, buscando as proprias trincheiras.

Rogero os segue, mas lentamente. No peito lhe fervem em cachão a raiva e o furor, a sua esperança está perdida. Vontade tinha elle de subir de novo á bateria e cravar-se nas pontas das baionetas, mas apressar o passo, indo em retirada, não o faria elle, ainda que se tratasse de evitar a mais affrontosa morte. Quizera ao menos vêr chover sobre si as balas, mas nem um só tiro contra elle se disparou: o coronel não fazia fogo a um inimigo, que fugia.

Entretanto, vira o general dos sitiantes tomada a bateria de S. Telmo. Penetrar por alli, ou por outra qualquer parte, na cidade, era indifferente: quiz aproveitar o que o acaso lhe dava. Os seus ajudantes havião voado, e já seis regimentos avançavão a marche-marche sobre a tomada e perdida bateria. De encontro a elles vão esbarrar os fugitivos.

Ao vêl-os cobra Rogero novo alento, renascem-

lhe as esperanças; com elles corre outra vez ao assalto. Metralhas, balas, baionetas, nada detem os assaltantes furiosos, que não querem deixar escapar-lhe das mãos a victoria, que havião julgado segura, e a bateria é retomada. Debalde fez Monrocha prodigios de valor, o fado foi mais forte do que elle.

O commandante da praça de novo tira fôrças da bateria da Victoria, para soccorrer a de S. Telmo, mas perde aquella, e não salva esta. O inimigo penetra por dois lados na cidade, e a sua cavallaria invade as ruas, os sitiados afrouxão, desanimão, cedem, e a praça é tomada.

Está entrada a cidade. Pelas ruas e praças retumbão os brados da victoria e os cantos alegres dos soldados; pelas abobadas e corredores dos hospitaes echoão os gemidos dos feridos e os gritos dos operados. Comboios tristes de moribundos, em macas ensanguentadas, encóntrão-se com magotes, ébrios de vinho e de triumpho. O general prohibiu severamente o saque e as violencias, mas com o seu sangue, ou com o dos seus camaradas, comprou o soldado o direito á rapina e aos desacatos.

Outra vez é noite. Todos os postos estão guardados, e patrulhas dobradas percorrem a cidade.

Seguido de quatro soldados, ronda Rogero a cavallo fora dos muros. Á excitação do espirito succedêra profundo abatimento: elle nem havia encontrado o inimigo, cuja morte jurara, nem uma bala piedosa, que o livrasse do fardo da existencia. O anjo das batalhas o cobrira com o seu escudo, e nem o chumbo, nem o ferro, nem o estilhaço o havião tocado.

Ao dobrar uma volta do caminho, esbarra o capitão com um homem a cavallo, que seguia um atalho. Amplo capote o envolvia, e as largas abas do chapéo lhe encobrião o rôsto. Trinta passos mais adeante caminhava uma liteira com as cortinas cerradas, e escoltada por um unico arrieiro.

— Faça alto! bradou o capitão, e o cavalleiro estacou. A liteira continuava a seguir, mas novo grito a fez parar.

— Quem vae lá? perguntou Rogero.

— N'aquella liteira duas senhoras se retírão d'uma cidade entregue a uma soldadesca desenfreada. Eu sou a sua unica escolta. Qual será o official, que quererá detel-as, ou detendo-me deixal-as abandonadas, alta noite, n'uma estrada infestada de gente em armas?

— O dever e a disciplina antes que tudo, tornou o capitão. O seu passe?

— Não o tenho.

— É meu prisioneiro.

— Commandante, escute-me. Um soldado valente, um official de brio, não faz guerra a mulheres. Sou seu prisioneiro, mas deixe-me pôr aquellas senhoras em logar de segurança, e ámanhã antes de posto o sol, eu virei entregar-me nas suas mãos. Dou-lhe sobre isso a minha palavra de honra, e para que d'ella não duvide, eu sou o coronel Monrocha.

Rogero tornou-se livido, e um calafrio lhe percorreu todo o corpo. Houve um momento de silencio, e depois:

— Ah! tu és o coronel Monrocha? exclamou. Pois a mim chamão-me Rogero Amando de Sinfães Marvão, e se este nome nada te diz, esta espada te dirá o resto. Nada receies do piquete que me acompanha: a nossa contenda é pessoal; defende-te!

Os olhos do coronel lampejárão nas trévas: levou a mão á espada, e sacou-a até meio; depois, como fazendo violencia a si proprio, deixou-a cahir outra vez na baínha.

— Preciso primeiro dizer duas palavras áquellas senhoras, e depois decidirá a sorte das armas. Disse, e dando de rédea dirigiu-se á liteira, abriu as cortinas, e proferiu para dentro estas palavras: «Deixo-as, mas ficão em bôas mãos».

O capitão nem um momento pensou em deter o coronel, que havia ganho todos os postos á ponta de espada, e tendo visto mil vezes de perto a morte, era superior ao medo, e incapaz da menor cobardia. Mas Monrocha, apenas falou para dentro da liteira, cravou as esporas no cavallo, e lançou-o pela estrada fora, a devorar o espaço. Surpreso, attonito permaneceu Rogero alguns segundos, depois, gritando aos soldados, que guardassem a liteira, atirou-se em seguimento do adversario, que lhe fugia.

O coronel bem sabia, que podia fiar-se no seu ginete: cada arranco d'este mettia maior intervallo entre elle e o seu perseguidor. Bem depressa conheceu o capitão, que a sua prêsa lhe escapava, e que impossivel lhe era alcançal-a. Então, louco de raiva e allucinado pela sêde da vingança, praticou uma acção, que a sangue frio não fizera. Tirou dos coldres uma pistola, engatilhou, apontou e desfechou-a sobre o fugitivo. Mas, ou fôsse que o impeto da carreira não permittisse ajustar a mira, ou que o proprio Rogero quizesse mais fazer um insulto ao coronel, do que dar-lhe a morte, em nada afrouxou a fuga d'este, e dentro em pouco cavallo e cavalleiro se perdérão no seio da noite.

O capitão volveu atraz vagarosamente; mil sentimentos encontrados lhe fervião no peito. As da-

mas, não podendo avaliar bem a natureza do perigo, que as ameaçava, mas inquietas e assustadas, havião-se apeado, e permanecido de pé, ao lado da liteira. Parecia-lhes que ao ar livre estavão menos á mercê dos seus inimigos. Rogero, ao approximar-se, vendo-as de pé, apeou-se egualmente; tão innata era n'elle a cortezia, que nem no maior extremo a olvidava. Acerca-se das duas senhoras, que tremião com mal disfarçado susto, reconhece-as, dois gritos simultaneos partem d'um lado e d'outro: Maria! Rogero! e em estreito abraço se entrelaçárão os dois amantes.

Muitos annos são passados desde a tomada da cidade. Por tortuosa vereda atravessa um cavalleiro um extenso olival. Seus cabellos são grisalhos, e a espessa barba alveja-lhe de neve aos obliquos raios do sol no occaso. No seu rôsto estão impressos o soffrimento e os signaes indeleveis d'uma vida trabalhada e afanosa. Vinha elle do lado da fronteira, era talvez um exilado das guerras civís, que volvia á patria, mas no pouco contentamento, que lhe transluzia no semblante, bem se deixava perceber, que elle apenas trazia de volta os destroços de um co-

ração alquebrado, uma alma curvada ao pêso da desventura. Emquanto elle comia, amassado com lagrimas, o duro pão do desterro, havião-lhe talvez no ninho seu paterno morrido uma a uma todas as affeições, e elle vinha achar o vácuo, onde deixara o amor, a esperança e a vida. Vinha respirar de novo o ar, que primeiro lhe dilatara os pulmões, rever os logares, que havião sido testemunhas dos seus brincos de creança, contemplar outra vez o céo estrellado, em que seus olhos se fitavão no vago scismar, nas indefinidas aspirações da juventude, mas a alma de tudo isso, os entes, que com elle havião compartido os mesmos gôsos e as mesmas penas, os paes, os irmãos, os parentes, os amigos, talvez o insaciavel sepulcro lh'os houvesse tragado todos. Vinha talvez achar-se a sós no meio d'uma geração, que não era a sua, mais extranho na patria, do que o fôra em terra de extrangeiro. Por isso caminhava elle tão triste e vagaroso.

Pouco a pouco se foi fechando a noite. Grossas nuvens péjão o céo, nem a chuva tardará a cahir em torrentes. O cavalleiro vae vagando ao acaso, não sabe já onde se acha, nem para onde dirigir os passos, e o que é peor, bem pouco se lhe dava d'isso. Volvia elle á patria, é verdade, mas em toda a extensão d'esta não havia um palmo de terra, que fôsse seu, nem uma creatura humana, que

com a sua volta se alegrasse. Assim foi caminhando até que avistou uma luz, e para ella se dirigiu. «Se me recolherem, alli passarei a noite tão bem como em outra qualquer parte, senão seguirei ávante, até onde Deus quizer.»

Era uma casa de bella apparencia; contiguos a ella, e d'ella visivelmente dependentes, se vião jardim, horta, pomar e terras lavradias. O cavalleiro approximou-se. Algumas janellas do primeiro e unico andar estão abertas, a sala illuminada, e ouvem-se distinctamente os sons d'um piano. A melodia é branda, suave e repassada de melancholia; a ella veiu casar-se uma voz varonil e sonora. O accento não, mas a lettra, fôsse qual fôsse o motivo, era extrangeira, e dizia assim:

Te souviens tu, Marie,
De notre enfance aux champs,
Nos jeux à la prairie,
J'avais alors quinze ans.

La danse sur l'herbette
Egayait nos loisirs,
Le temps que je regrette,
C'est le temps des plaisirs.

Te souviens tu de même
De nos transports brûlants,

Quant je t'ai dit : je t'aime,
J'avais alors vingt ans.

J'etais vif, toi coquette,
C'étaient là de beaux jours,
Le temps que je regrette,
C'est le temps des amours.

Te souviens tu des guerres,
Qui suivirent ce temps,
J'accours aux bannières,
J'avais alors trente ans.

Le son de la trompette
Nous faisait tous soldats,
Le temps que je regrette,
C'est le temps des combats.

Te souviens tu, ma chère,
Des nœuds ainsi charmants
Formés par une mère,
J'avais passé trente ans.

Le bruit de cette fête
Retentit dans mon cœur,
Le temps que je regrette,
C'est le temps du bonheur.

A présent je soupire,
Tes yeux se sont baissés,
Ils ont craint de me dire,
Nos beaux jours sont passés.

Ta bouche en vain répéte
Des regrets superflus,
Le temps que je regrette,
C'est le temps qui n'est plus.

— Sim, o tempo que já lá vae, murmurou o cavalleiro. D'isso pois se compõe a triste vida humana: saudades do passado, e projectos para o futuro. E onde fica o presente, que é nada para nós e tudo para o bruto, talvez n'esse ponto mais racional do que nós? Comtudo já alguem disse:

Se o presente é nosso, emquanto á morte
Cabe o passado, e o futuro á sorte.

Razão, memoria, previdencia, sereis vós tão preciosos dotes? Mas emfim, ao menos curemos alguma cousa do presente: a chuva aperta, vejamos se nos abrem. E bateu.

— Quem é? perguntárão de dentro.

— Um passageiro que pede agazalho.

Longe da cidade ainda se exerce a hospitalidade: a porta abriu-se, um creado tomou o cavallo e pediu ao viajante, que subisse ao primeiro andar, para falar com o dono da casa. O hospede dobrou o capote no braço, subiu a escada, achou a porta da sala aberta, e entrou. Havia alli um homem e uma senhora. Esta voltou-se; as feições do recem-chegado erão porcerto mui outras do que havião sido,

annos antes, mas a vista feminil é sobremaneira perspicaz.

— O coronel Monrocha! murmurou ella.

O coronel reconheceu a sua antiga protegida, e o ex-capitão Rogero.

Este correu-lhe ao encontro, tomou-o nos braços, apertou-o estreitamente contra o coração, e só pôde proferir:

— Coronel, perdão, perdão!

— E que tenho eu, que perdoar? perguntou Monrocha, retribuindo o abraço.

— Oh! muito, muito, e rendo infinitas graças á Providencia, que me permittiu tornar ainda a vêl-o, para pedir-lhe perdão das minhas sem-razões, e agradecer-lhe o immenso, que lhe devo.

— Ora, são contas antigas, ha muito já saldadas.

— Não, não estão saldadas, nem jámais o poderão estar. Eu pude suspeitar de assassino, e odiar como tal, aquelle, a quem devo a vida da que é hoje minha esposa, aquelle que sobrevindo, tirou-a das garras dos seus proprios soldados, arrancando-a a uma morte affrontosa, ou a uma sorte mil vezes peor, e que, se não pôde restituir-lhe á vida um misero pae, morto na defesa sagrada dos entes, que erão seus, ainda pôde conservar-lhe a mãe, e punir os auctores de tão barbaros crimes. Coronel, coronel, tudo sei, sei que levando-as com-

sigo, a mãe e a filha, d'um logar, onde para ellas não havia segurança, e onde eu as julgava sepultadas, lhes serviu do mais desvelado guarda, do mais desinteressado protector.

— E não era do meu dever reparar quanto em minhas fôrças coubesse, o mal praticado pelos meus soldados?

— Mas fez mais ainda. Para poupar o amante á sua protegida, — fugiu, fugiu pela primeira e ultima vez na sua vida, e nunca houve fuga mais generosa, nem mais cheia de gloria!

— Com a differença, de ter-me rendido o unico tiro, que levei pelas costas, murmurou o coronel lá com os seus botões.

— E esta conducta tão bella, tão nobre, tira ainda novo lustre d'uma circumstancia, que a eleva a par da mais sublime virtude. Essa circumstancia passou despercebida para Maria, mas aos olhos desvelados d'uma mãe nada se occulta. O homem, que só tinha respeito e solicitude pela mulher, que estava em seu poder, e que generoso foi elle proprio entregal-a ao seu amante, esse homem, procedendo assim, tinha de calcar no coração o sentimento mais insoffrido, esse homem — amava Maria.

— E ama-a ainda, disse baixinho Monrocha, tão baixo que ninguem o ouviu.

— Alma grande, coração de heroe!

— Não me envergonhem, tornou o coronel. Fiz apenas o meu dever, que outro talvez muito melhor tivesse desempenhado. Mas emfim, são agora felizes, vivem contentes?

— Antes de entrar, ouviu-me por acaso cantar?

— Ouvi.

— Pois n'essa canção tem a resposta. Não nos falta nem saude nem bens de fortuna, e amamo'-nos mútua e extremosamente. Mas vamos envelhecendo um ao lado do outro, e como o futuro se nos antolha monotono e sereno, e nenhumas aspirações temos, olhamos para o passado, que não volta, e choramos pelo que já lá vae. O Creador não nos deu passar segunda infancia e segunda mocidade em outras porções da nossa alma, nem remoçar e reviver em entes queridos, que de nós emanassem; estamos velhos e sós, e o céo nos recusou filhos.

— Assim, em parte nenhuma existe, pois, a felicidade perfeita! Tenho peregrinado muito, e nunca a encontrei. Esta sêde nunca farta de ventura, este nunca extincto desejar, bem claramente nos indicão, que não fômos creados para esta terra. Tirem-nos a eternidade, e a sorte humana é uma contradicção contínua.

— Mas ao menos acharemos um amigo, continuou Rogero. Coronel, sei que já lhe não resta familia; pois bem, supprão-lhe essa falta aquelles,